



Agora ele voltou. Insaciável,
apaixonado e mais errado do
que nunca. Disposto a tudo
por ela.

QUANDO EU OLHAR PRA VOCÊ

LUCY VARGAS

Autora de Cartas do Passado e Segunda Chance Para Amar

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**Quando Eu Olhar Pra Você
- 01 dos Ward –**

Lucy Vargas

Quando Eu Olhar Pra Você
Published by Luciana Vargas at Smashwords
Copyright 2014 Luciana Vargas da Silva

Este e-book é para uso pessoal. Não é permitida revenda, cópia total ou parcial deste livro sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor. Se você gostou da história, por favor, indique um link original do livro para outros leitores. Obrigada pelo apoio.

Imagem de capa sob licença de Shutterstock.

Revisão: Vânia Nunes

Smashwords Edition, License Notes

This ebook is licensed for your personal enjoyment only. This ebook may not be re-sold or given away to other people. If you would like to share this book with another person, please purchase an additional copy for each recipient. If you're reading this book and did not purchase it, or it was not purchased for your use only, then please return to Smashwords.com and purchase your own copy.

Thank you for respecting the hard work of this author.

Thank you for your respect and support.

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Conheça Outro Romance da Autora](#)

[Sobre a Autora](#)

Prólogo

Quando eu olhar pra você, não desvie o olhar.

As luzes dos cômodos foram se acendendo automaticamente conforme ela avançava, dava para acompanhar pelo barulho que os saltos altíssimos do seu scarpin faziam no piso de madeira polida. Da sala comum, Beatrice foi direto para o quarto, deixou a pequena bolsa e seguiu para o banheiro, onde parou à frente do espelho que tomava toda uma parede dupla. Suspirou ao se olhar, reparando no belo vestido de noite que usava e ouviu passos mais pesados que os seus se aproximando, o barulho do sapato era bem diferente do som oco que seus saltos produziam.

Sean entrou no aposento, ele não tinha costume de ir ao seu quarto, especialmente se não fosse convidado. Ele a observou pelo espelho, seus olhos percorrendo o reflexo de sua silhueta lentamente, mas seus olhares não se encontraram.

– Você estava tão bela que eu mal podia tirar meus olhos de você – ele disse com o mesmo tom neutro que ela já escutara antes. Ele costumava elogiá-la sempre que voltavam, mas hoje foi um pouco além do costume.

Mais uma festa, igual às outras. Ambos estavam lindos, visualmente eram um dos casais mais bonitos que alguém já havia visto. E era exatamente isso que sempre pensavam deles, a imagem era tão bem trabalhada que ninguém enxergava além dela. Nem queriam, pois ia estragar a fantasia.

Beatrice teve vontade de responder “eu sei”. Mas além de pretensioso, ela não acreditava no que ele dizia.

– Obrigada – sua voz soou mais impessoal do que a dele.

Ela ia sair da frente do espelho, mas foi surpreendida pelo toque dele. Sean havia colocado as mãos em seus braços, o toque foi quente e leve. Ele abaixou o rosto e roçou o nariz em seu ombro exposto pelo vestido de festa, ela o sentiu puxar o ar com mais força

para inalar seu cheiro, suas mãos desceram dos seus ombros até perto de seus cotovelos. Beatrice se arrepiou e chegou a fechar os olhos, seu corpo correspondia ao toque dele instantaneamente. Mas ela soltou o ar e quando ele desviou os olhos para o espelho, ela virou o rosto.

Sean deixou seus braços caírem dos lados do corpo e ela fugiu para longe dele e do espelho. Ficou de costas no fundo do cômodo, não fazia muita diferença olhá-lo. Ele só havia passado para buscá-la e agora iria deixá-la em breve. Foi o que aconteceu, em silêncio, Sean foi para o seu quarto, do outro lado da saleta comum.

Capítulo 1

*Quando eu olhar pra você, admita que também quer esse abraço.
Eu não vou soltá-la.*

O enorme carro negro avançava pelas ruas de Nova York, era noite e Beatrice apenas prestava atenção às luzes que passavam do lado de fora do vidro fumê. O celular havia tocado há cinco minutos e Nina tentava convencê-la a ir jantar com ela e algumas outras conhecidas do seu círculo social.

– Eu estou muito cansada. Trabalhei hoje e ainda tivemos aquela inauguração chata pela tarde – argumentava Beatrice, doida para dispensá-la.

Ela não estava tão cansada assim, não era do tipo mole que qualquer saidinha já voltava exausta. Nina era uma boa pessoa, apesar de ser cabeça de vento, só que estava sem ânimo para aguentar aquele grupo de mulheres. Sabia que a maioria a odiava, mas eram conhecidas de eventos. A única coisa que havia em comum entre elas era o dinheiro e a participação na sociedade.

– Ah, mas que coisa! Esse seu trabalho a tem feito perder ótimas saídas! – disse Nina ao telefone.

O Range Rover tentou fugir do trânsito e fez um tremendo zig-zag pelas ruas numeradas e quando um sinal fechou, ele parou em frente a um restaurante que Beatrice nunca havia ido. Era bonito e do tipo caro, mas nem o nome lhe chamava atenção. Ela preferia o Per Ser que, se estivesse certa sobre onde estavam, não ficava muito longe, mas não pretendia jantar lá hoje. Havia outro, mais simples, porém bem avaliado nos guias de restaurantes da cidade e com um preço similar que ela estava disposta a experimentar.

Também era provável que lá houvesse apenas turistas com um pouco mais de dinheiro para gastar. Todos os outros locais em que ia

sempre havia um conhecido qualquer, uma daquelas pessoas que a reconhecia da coluna social ou para piorar, um daqueles colunistas que faziam essas tais colunas e adoravam tirar fotos dela.

– O trânsito está péssimo, tem algum problema à frente – avisou Don, seu segurança pessoal.

– Vou andando então. Estou com fome e sem paciência – ela mesma abriu a porta. Às vezes gostava de fazer algo inesperado, só para ver o desespero dos seguranças.

Don saltou do carro imediatamente e foi atrás dela, hoje estavam com um motorista que passou para pegá-los, mas geralmente eram só os dois. Ela deu uns passos pela calçada, equilibrando-se perfeitamente no salto fino do seu sapato Jimmy Choo e ignorando Don que queria fazê-la voltar para o carro ou andar pelo canto da calçada.

Ainda com o celular colado ao ouvido, ela apertou os olhos ao ver outro segurança se aproximando. Ela o reconheceu de imediato não por se vestir de forma idêntica a Don, mas porque ela conhecia aquele homem. Era Kevin, um dos seguranças de seu marido. Ela franziu o cenho, pois eles nunca se separavam dele. Sempre havia um ou dois seguranças com ele, em geral um dirigia e o outro o acompanhava. Kevin devia estar sozinho hoje, vigiando o lado de fora, perto do carro. Isso significava que Sean estava ali.

Kevin passou por ela e apenas meneou a cabeça, fez um sinal para que Don fosse até ele. Beatrice achou estranho, estava de costas para a parede de vidro que dava para o tal restaurante que ela não conhecia. De repente, Don voltou para perto dela.

– Podemos ir agora, madame? – ele perguntou, no tom de sempre, do jeito de sempre.

Beatrice se virou para toda a luminosidade que vinha de dentro do local, era bonito, havia tanto dourado lá dentro que se não houvesse sido tão bem decorado seria demais. Estava imaginando se conheceria a pessoa que planejou o local quando viu três casais dançando, pendeu um pouco a cabeça, prestando atenção neles e sentindo inveja. Há quanto tempo não dançava?

– Madame, precisamos mesmo ir – repetiu Don.

Ela viu os dois seguranças perto dela, mas por quê? Don não era suficiente? E o que Kevin queria com ela? A menos que ela estivesse acompanhada de Sean ou fosse uma emergência, ele não devia deixar seu posto. Era a estratégia da segurança deles, sem distrações.

– Ainda não – respondeu enquanto olhava para dentro do restaurante.

Kevin parecia nervoso e ela sabia que aqueles homens eram tão bem treinados que nem suariam com uma arma apontada para a cabeça. Mas ele não era preparado para esse tipo de situação.

Beatrice já havia reconhecido o marido, não havia nada que eles pudessem fazer, ninguém que conhecesse Sean o confundiria com outra pessoa. Só precisou olhar rapidamente para saber que era ele. Ficou lá parada, o celular na mão e a bolsa pendurada no antebraço, esqueceu o xale que havia em volta dos ombros e este escorregou para o chão. Os dois seguranças abaixaram ao mesmo tempo, cada um pegou uma ponta. Ela continuava imóvel, vendo o marido ser puxado da mesa por uma mulher.

Dava para ver que eles estavam jantando juntos e a morena levantou e o puxou pela mão, insistiu e ficou de pé até ele concordar. Ele parecia estranho dançando ali na pista. Ela sabia que Sean não era o tipo que dançava com desconhecidas em um restaurante. Até nas festas que iam, ele preferia não dançar.

Porque ele não dançava com Beatrice a menos que o evento fosse um baile. A última vez que dançaram por conta própria foi na festa de aniversário da mãe dele, há quase um ano e ela nem lembrava como acabaram tão agarrados. Se ele estava dançando com aquela mulher só podia conhecê-la muito bem. Provavelmente depois da dança a levaria para um hotel caro e passariam a noite juntos. Do mesmo jeito que ele não passava com ela. Em sua agenda estava escrito que ele só voltaria à cidade amanhã, às nove.

Beatrice soltou o ar porque sentia uma dor horrível no peito, impedindo-a de respirar. Não sabia se estava mais surpresa pelo que vira ou pelo que estava sentindo. Sinceramente, um dia achou que não iria doer tanto. Ela se virou e foi voltando para o carro. Que triste coincidência descer justamente ali, em frente a um local que

antes nem havia percebido que existia. Os dois seguranças trocaram apenas um rápido olhar de entendimento, Don a acompanhou e Kevin voltou para o seu posto. Nenhum dos seguranças ia dizer uma palavra sobre isso.

O Range Rover seguiu para casa, mesmo sem Beatrice precisar pedir. Enquanto ela estava no elevador, Don já estava telefonando para Cristina dizendo para deixá-la em paz quando ela chegasse. A empregada obedeceu, mas depois ia querer saber os detalhes.

– A senhora quer alguma coisa? Não jantou ainda – perguntou Cristina, enquanto a acompanhava até a sala, geralmente ia atrás dela até o quarto e falava bastante. Mas hoje parou no caminho.

– Não, estou bem assim – Beatrice continuou andando e fechou as portas duplas do seu quarto.

Após largar sua bolsa na poltrona e parar em frente à penteadeira para se livrar dos sapatos, deitou em sua enorme cama de casal. Grande demais só pra ela. Afundou no colchão e ficou com os olhos fechados por um longo tempo. Não devia ser uma novidade, ela devia estar preparada do mesmo jeito que sempre estava pronta para tudo. Mesmo assim estava arrasada, mais do que esperava. Estava triste, sua respiração ainda parecia presa, seus olhos ardiavam e algo se quebrara dentro dela. E nem sabia exatamente o que era.

Ele não a levava para jantar se não fosse um compromisso social, também não dançava com ela. Sean mal gastava seu tempo conversando com ela. Mesmo assim, eram quatro anos de um casamento de aparências. Não era como se enganassem as outras pessoas, eles não brigavam nunca. Não viviam em um inferno. Durante o pouco tempo que estavam juntos eram estranhos um para o outro, mas extremamente agradáveis e bem educados. Ótimas companhias.

Não era assim até se casarem, antes ele era mais presente. Estava em todo lugar, fazia de tudo para encontrá-la ao ponto de ela lhe mandar respeitar sua privacidade. Logo o anel estava bem preso no dedo dela. E os diamantes agora pareciam pesar horrores. A quem ela estava querendo enganar? Agora Beatrice entendia que Sean a havia escolhido como uma peça numa joalheria e seus pais a embrulharam para presente e fizeram delivery. Eles não eram os

vilões, eram amáveis e preocupados, mas sempre davam apoio às maluquices das filhas.

– Beatrice, onde você encontrou esse rapaz? – o pai dela perguntou, escondido atrás da porta da geladeira enquanto Sean estava sentado na sala da casa dela em Baltimore, confortável e charmoso, seduzindo sua mãe e sua avó.

– É uma longa história, pai – desviou-se Beatrice, querendo sair da frente da geladeira.

– Longa é o caramba. Quero saber como um desses Wards veio parar na minha sala.

– Você sabe quem ele é? – ela franziu o cenho, achando o cúmulo ela ter precisado procurar no Google enquanto seu pai já sabia tudo.

– Beatrice! Você acha que eu sou um ignorante? Eu leio o caderno de economia todo dia – o pai voltou para o balcão gourmet e continuou cortando os legumes enquanto resmungava.

Ela sabia que era a vilã da própria vida, foi só ficar com ele uma vez e estava pronta para repetir. Sean sabia encenar bem o papel de bom partido: bonito, educado, independente e bem financeiramente. Esses são os piores. Ela devia ter saído correndo quando ainda podia. Na hora em que o viu ainda não sabia a extensão de suas contas bancárias, apenas queria saber como era estar nos seus braços. Mas até então, era só desejo por um cara que ela conheceu. Podia ser qualquer um.

De todos os homens no mundo, por que ela teve que se meter com Sean Ward?

– Eu acho bom você começar a forrar seu coraçãozinho bobo – dissera Cherry, sua irmã do meio, no dia que conheceu Sean e depois foi atrás de Beatrice para importuná-la. – Você sempre foi horrível reagindo a foras. E ele vai acabar com você assim – Cherry estalou os dedos.

Na época ele até lhe disse com seu costumeiro humor sacana: *Eu espero um pouco mais se preferir, mas eu gosto de contratos de exclusividade.* Quando chegaram as férias, o anel já estava no dedo dela. Amor à primeira vista, diziam os pais dela, divertindo-se por Beatrice, a única das três irmãs que não teve namoros longos e

fingia ter calafrios quando diziam “casamento” perto dela, ter dito sim logo de cara.

E o casamento foi uma daquelas ocasiões indescritíveis em que os convidados saem maravilhados e nem se lembram de falar mal da comida. Até porque, o serviço caríssimo tinha que proporcionar a melhor recepção da vida de alguém. Para Beatrice, a lista de convidados parecia interminável e mesmo assim foi considerada tão seleta que muita gente que se achava importante ficou despeitado por não ter recebido um convite. Contradições que só o dinheiro e a alta sociedade conseguem explicar. E o vestido, penteado e até as joias que ela usou no dia foram tão copiadas que a mãe dela ainda guardava as revistas e artigos de noivas que falavam sobre o casamento.

Na noite da festa eles partiram para uma viagem que era digna de um casal apaixonado. Mas a lua de mel foi interrompida no meio, uma “emergência de negócios”. Se ela lembrava bem, começou com um acidente numa das fábricas da família, emendou em queda na bolsa, morte de alguém e depois em reuniões intermináveis. Desde então, era assim. Até esta noite, quando ela viu que talvez ele tivesse mais brechas do que ela sabia. Essa era sua versão e a única que interessava, porque Sean estava sempre ocupado demais para se preocupar em dar a versão dele.

Nove da manhã em ponto. O elevador abriu as portas no último andar do edifício Clarence, Sean entrou em casa, parecia tudo normal. Kevin nem abria a boca e Don sequer o vira. O primeiro tinha acabado de sair do elevador no andar de baixo e o segundo estava tomando café. Os três últimos andares do Clarence, conhecidos como “o triplex” eram a casa de Sean e sua esposa. Não tinham filhos, apesar dos quatro anos juntos, sequer haviam parado para pensar no assunto. Ele assumia que ela tomava anticoncepcional, pois não se protegera nas vezes que visitou a

cama dela e ela nunca mencionou tal assunto. Ele ia completar trinta e um anos e ela chegara aos seus vinte e sete.

Sean era um Ward, no mundo dos negócios só dizer isso já explicava o que ele fazia. Também significava que ele tinha algum problema. Havia poucas famílias com tanto talento para fazer dinheiro. Os Ward eram do tipo predador e estavam em todo lugar, gerenciando tudo que você pudesse imaginar. Ele nem teve tempo de deixar o caixão do pai esfriar. Entrou na dança frenética, errou um bocado nos seus vinte e poucos anos. Depois seguiu lucrando, perdendo, lucrando mais, duplicando, acertando, errando. Mas jamais se decepcionando. Era seu jogo, ele gostava, quanto mais perigoso, melhor.

Quando ele assumiu o Grupo Ward, popularmente chamado de GW, a fama já estava feita, o jeito era gerenciá-la também. Os Ward estavam enfiados em todos os tipos de mercados, engolindo outras empresas e comprando tudo que trouxesse lucro o suficiente para valer sua compra em poucos anos.

Eles estavam no mundo todo, os inimigos diriam que estavam espalhados como pragas. Mas eles tinham um talento nato para identificar mercados em ascensão, derrubar concorrência e comprar negócios quase falidos e recuperá-los. Muitos não iam fazer tanta diferença nos bilhões movimentados por eles, mas todo mundo precisava ter um hobby ou no caso deles, um investimento de estimação.

Até hoje ninguém entendia como os Ward ainda não haviam se matado, não fazia sentido todos eles serem tão perigosos e terem água gelada correndo nas veias e, mesmo assim, não pisarem uns nos outros. Pelo contrário, se você mexesse com um Ward ia descobrir porque alguns os chamavam de pragas que estavam em todos os locais do mundo.

E cada movimento do GW era intensamente discutido nas publicações especializadas em negócios. No último ano foi um escândalo com os trinta bilhões em títulos de renda fixa do governo e de negócios internacionais. Sean já era o novo nome de muitas listas de negócios, fossem de elogios ou de críticas, não havia um

dia fácil em sua vida. Quanto mais alto iam as ações, mais problemas apareciam. E supostamente deveria ser o contrário.

O prédio que ele morava fazia parte da lista dos seus pertences. Dos imóveis residenciais, a maioria foi herdado, mas se desfizera de alguns antes da quebra do mercado imobiliário, conseguindo lucro de pelo menos vinte por cento sobre o valor da compra e usando para investir em outros que sempre seriam lucrativos, com gente vendendo suas casas ou não.

Afinal, essas pessoas se livrando de mansões enormes que pareciam elefantes brancos, sempre tinham um bom apartamento por aí onde enfiariam suas tralhas e se acostuariam longe dos grandes jardins. Ele não tinha nada contra um pouco de natureza, não tinha tempo para ir ao campo, mas no topo do triplex tinha um jardim muito bonito e até uma pequena estufa onde às vezes ele ia beber um machiatto gelado e esquecer o celular. Sua esposa podia pensar o contrário, mas ele não era nenhum robô programado para trabalho infinito.

– Eu pensei que você não estivesse na cidade – ela disse numa quinta-feira da primavera do ano passado quando entrou na estufa com uma muda de plantas e se surpreendeu ao encontrá-lo.

– Eu pensei que você não gostasse de jardinagem – ele respondeu, terminando de beber o seu café e observando-a por um minuto, mas ela se virou de costas.

E isso já resumia um bocado da relação deles.

Ser um Ward sempre significava que seria perigoso ou divertido, ou ambos. Não era só o dinheiro que valia. Rezava a lenda que o primeiro Ward chegou à Nova York em 1848, só com uma mala na mão e o dinheiro contado. Pronto para criar algo maior do que conseguiram no velho continente. Afinal, tinham que romantizar a história para o final parecer pior. E em 1940 a família tinha uma das mais belas mansões da cidade, uma conta bancária indizível, alguns negócios ilegais e muito bem acobertados, já haviam comprado metade da alta sociedade onde estavam até hoje e guardavam mais segredos do que os cofres dos bancos dos Wincross.

Os concorrentes diziam com azedume que os membros daquela família tinham o sangue verde e gelado e conseguiam lucrar com

qualquer coisa, até tragédias. E inclusive fazendo caridade. Pelas costas deles, muitas pessoas achavam que todas aquelas instituições que eles mantinham e causas que apoiavam eram só pelo bem da imagem e para deixar seus espíritos mais leves.

Como dizia a lenda, todo Ward tinha muitos pecados para expiar. Estava simplesmente no sangue, eles nunca paravam. Tinham gosto pelo que faziam, divertiam-se, sentiam-se recompensados. Seu humor perverso para os negócios chegava a ser irresistível, homens e mulheres, quase todos tinham tino para os negócios e nenhum medo de arriscar. A frieza e a incapacidade de se ater a um só objetivo era típico deles. E segundo diziam por aí, todos que entravam para a família eram contaminados.

– Bom dia – disse Cristina, bem menos efusiva do que de costume.

– Bom dia, Cristina – Sean continuou andando, mas a olhou pelo canto do olho. Não seria bom no seu ramo se não fosse um bom observador, essa sua qualidade só parecia ter algumas falhas com a esposa. Mas ele soube que tinha algo errado com Cristina.

– Minha esposa? – ele perguntou, parando em frente às portas do seu quarto e olhando para o outro lado da sala, onde ficavam as portas do quarto de Beatrice.

– Já saiu.

Só o fato de eles serem jovens e saudáveis, mas dormirem em quartos separados já era estranho o bastante. Mas os empregados diziam: *Ah, gente rica é tudo esquisita!* De fato, eles tinham aquele papo de privacidade. Mas no dia que ela chegou ao tríplice, recém-reformado, pois Sean mandara unificar os três andares apenas para eles e recebeu a notícia de que podia decorar a casa toda e especialmente a suíte do outro lado da sala do jeito que quisesse, Beatrice não achou que seria realmente separado.

Depois de resolver a tal emergência, ele voltou. Tecnicamente, ainda era lua de mel. Ficaram no mesmo quarto nos dias que se seguiram. Então ela voltou para seu último ano de faculdade e ele viajou.

– Mas você pode ir me ver às vezes – ela disse, soando tola e apaixonada.

E Sean respondeu:

– Eu irei, só não quero atrapalhar seus estudos.

O pior é que ele realmente foi, mas ela demorou a se desvincular de sua vida de universitária livre de último ano para encarar uma vida de compromisso com outra pessoa. E vivia deixando-o a ver navios. E ele não sabia lidar nem com a situação e nem com o compromisso que também era uma novidade em sua vida.

Quando não estava muito ocupada, Beatrice ia à Nova York ver a decoração do triplex e cumprir suas tarefas. Não que Sean estivesse lá, mas ela ia mesmo assim. A partir do momento que o anel estava no seu dedo e ela estava assinando outro sobrenome, sua vida mudou. Não era possível ser uma Ward e ficar escondida em casa. Se Sean não pudesse ir, ela ia. Assim que voltou da lua de mel, o assistente de Sean lhe deu documentos e pastas sobre a família e principalmente sobre os negócios de seu marido.

No primeiro ano foi tudo aprendizado, estabeleceu novos contatos, conheceu a sociedade na qual seria jogada, refez seu guarda roupa... Depois, foi se aperfeiçoando e descobriu que também podia ter talento para os negócios. Executava suas tarefas como a nova Ward que era, de maneira impecável e usando seu próprio trabalho. Fazia um tempo que o ramo nova-iorquino da família havia se escondido um pouco. Os motivos eram inúmeros.

Quando o pai dele morreu, sua mãe enjoou do negócio e foi viajar por aí, cada ano estava morando em um país e era uma personalidade famosa, contando sobre suas experiências nos locais que ia e tinha até um programa de TV muito chique onde dava dicas de viagem, moda e culinária. Ou seja, ganhava seu próprio dinheiro, como se já não fosse rica o suficiente. Mas com quase sessenta anos, era ainda jovem e saudável demais para ficar parada curtindo o ócio.

– Tudo bem. Então diga que a esperarei às sete e meia – ele avisou a Cristina.

– Direi – respondeu a mulher e deixou o aposento.

E quando ele dizia sete e meia, era a exata hora que marcou, honrava bem a origem inglesa da família. Ao menos ele chegava no horário, Beatrice nem sempre. Isso quando ela resolvia dar o ar da

graça. Porque em oitenta por cento das vezes que ele a convidava, ela lhe dava o cano. Ela só nunca perdia os eventos sociais no qual eles pareciam um casal perfeito. Mas tomar um café, almoçar, dar um passeio? Esquece.

– Onde diabos você se meteu? – era a frase que ele mais dizia a ela por telefone.

Até hoje, mesmo que silenciosamente, não concordavam com o motivo dos quartos. Podiam tê-los e dormir juntos, era perfeitamente possível. Ninguém sabia dizer quando começou, mas ela não parecia querê-lo e ele parou de voltar lá. Assim como ela não ia mais procurá-lo no quarto dele, pois ele parecia sempre ocupado demais ou esgotado o suficiente para não vê-la entrar, apagar a luz e fechar as cortinas.

Sete e meia, Sean estava parado perto das janelas grandes e transparentes da sala principal do segundo andar. As cortinas estavam abertas e ele olhava para a visão daquela cidade brilhando, sempre em movimento. Estavam a vinte andares do chão, a visão ali era espetacular, digna do prédio em que moravam.

De costas, com as mãos nos bolsos e a postura relaxada, ele também era um item de valor a ser incluído na paisagem. Seus ternos feitos sob medida, em geral encomendados nos alfaiates da Savile Row de Londres, não precisavam se esforçar muito para melhorar o efeito natural do seu corpo bem formado, esguio e masculino, com os músculos definidos e bem distribuídos. Ele era atlético e elegante, do tipo que qualquer roupa parece ficar diferente só porque está no corpo dele. Tinha ombros largos, braços fortes e rígidos encaixados em um torso proporcional que se afilava levemente até o quadril, coxas bem trabalhadas sobre pernas longas para completar seu um metro e oitenta e oito.

Diziam que ele lembrava o pai, mas nunca teria tais características sem os traços leves e sensuais da mãe. Sua pele tinha um tom saudável e leve de dourado que combinava com o cabelo castanho tão escuro que fora do sol alguém poderia jurar que era negro. Sean usava um corte que era mais curto atrás e dos lados e mais longo em cima, onde as ondas do seu cabelo se espalhavam sem cerimônia, mas agora estavam muito bem penteadas e domadas.

Sua face era marcante, com contornos definidos, talvez rígidos demais se vistos de perfil. Era impossível esquecer aqueles olhos felinos e encapsulados, com as sobrancelhas fortes e escuras e adornando o olhar verde-azulado como uma turquesa. Com o tom saturado de suas íris e ele sempre parecia estar lançando um olhar entrecerrado, por causa das maçãs do rosto altas, os olhos levemente puxados e as pálpebras escondidas. Para fechar o pacote, seu nariz era típico dos Wards, não era delicado e seu lábio superior era um pouco mais protuberante em uma boca que segundo sua mãe tinha exatamente aquele mesmo formato irresistível como a do seu pai.

Sean não era lindo, dizer que ele era perfeito seria quase infantil por mais bem feito que fosse sua estrutura óssea. Mas ele era um homem arrebatador, quando o olhasse você jamais seria pego apenas pela beleza que encheria seus olhos. Ele assaltava os sentidos, era masculinidade demais misturada à arrogância visual que fazia homens e mulheres odiarem por adorar sentir-se atraídos por ele.

Era um tipo de homem capaz de fazer a pessoa ignorar o fato de ele não ser o seu tipo preferido. Não importava se você gostava mais de loiros, ruivos, baixinhos ou o que fosse. Se um homem pudesse arrebatá-los seus sentidos e colocar sua mente direto num pensamento sobre sexo suado, exaustivo, sujo, selvagem e inesquecível, esse era Sean. E Beatrice o odiava cada vez que se lembrava disso e de que na primeira vez deles pensou seriamente em rasgar a calcinha para ela sair mais rápido, era extremamente irritante.

Beatrice chegou às sete e trinta e dois, mas não veio do seu quarto. Teve de passar no cabeleireiro de novo, ontem havia ficado muito tempo na banheira e estragado o cabelo o bastante para ele não estar perfeito como exigia uma aparição pública. Ele se virou ao escutar os passos, pela distância que estava podia ver todo o seu corpo sem ter que olhar de cima a baixo. Aproximou-se ainda olhando fixamente e deu para ver como seu maxilar ficou tenso. Beatrice também o olhava, ele sempre tinha aquela reação.

Observava com admiração, em seguida parecia sentir raiva apenas por um segundo, então a postura fria voltava. Ele passara a

falar cada vez menos quando se encontravam, iniciando um assunto apenas no caminho para onde fossem.

– Está pronta? – ele perguntou casualmente enquanto checava as abotoadoras das mangas do paletó.

– Sim.

Quando chegaram ao térreo, os seguranças já esperavam. Don, como sempre, estava lá. Aonde Beatrice ia, ele ia. Sem exceção. A ordem de Sean era protegê-la sob qualquer condição.

– Faça chuva, sol, neve ou um furacão esteja na cidade. Pode estar tudo em chamas, não me importa a condição ou a situação. Você não tira os olhos dela, nada a fere. Você faz o seu trabalho, passando por cima do que ou quem for. Fui claro? – Sean havia dito, como de costume era o mais claro e explícito possível. Não gostava de deixar dúvidas.

E essa certamente era mais uma de suas características que ele não sabia usar com a esposa. Pois se havia algo que com certeza existia entre eles, eram dúvidas.

Assim que se casaram eles tiveram alguns desentendimentos sobre os seguranças. Beatrice entendia que precisava de um, mas não dentro do campus. Sean achava que ela precisava de um em todo lugar que fosse. Ela logo achou que ele era paranóico e como não havia se dado ao trabalho de fazer uma busca no Google sobre ele, Sean disse uma única frase “eu já fui sequestrado”. O assunto acabou ali, ele saiu e agiu como se nunca houvesse dito nada.

Dessa vez ela fez a maldita busca e leu as notícias da época, ele tinha dezesseis anos quando aconteceu. Ficou desaparecido por duas semanas. Não tinha detalhes, ninguém sabia como o resgataram, o que aconteceu no cativeiro ou as verdadeiras extensões do trauma, apenas que ele foi internado. Na época o FBI se limitou a informar que um suspeito estava preso, os outros foram encontrados mortos e ele foi libertado junto com mais um refém. Nada mais. E ela sabia que não arrancaria nada do marido.

Beatrice aceitou um segurança e não tocou mais no assunto. Quando reencontrou a mãe dele, ficou uma hora tentando abordar o assunto até que Candace disse para ela perguntar logo o que ela queria saber sobre seu filho. A mulher acertou sobre quem era, não

porque fosse vidente ou seu sexto sentido fosse coisa de filme. Mas não conhecia uma mulher que se relacionasse minimamente com seu filho e não ficasse desesperada atrás de uma pista. Candace sabia como funcionava, elas arrancavam sutiãs e jogavam calcinhas, até ofereciam seus sentimentos, mas nenhuma sabia com quem estava lidando.

Choque mesmo ela passou quando Sean telefonou e lhe disse que iria se casar no mês seguinte. Candace desligou o celular, mandou reservarem o jatinho e partiu pra Nova York, achando até que alguém, de alguma forma, havia conseguido pegar seu filho em uma chantagem que o fez aceitar um casamento.

– Não ouse entrar em uma igreja ou parar na frente de um juiz até eu chegar aí – ela havia dito com o telefone em uma mão e a outra já fazendo sinal para a secretária.

Parecia até aquelas tramas impossíveis de filmes que nos tomam como idiotas. Quando ela entrou no antigo apartamento, tudo que encontrou foi Sean recostado na janela e uma bela mocinha sentada no sofá, extremamente nervosa por enfim conhecer a futura sogra. Ela ficou olhando para o filho que ao menos teve a decência de vir abraçá-la e depois fez as apresentações. Nada de chantagem, nenhuma história sórdida por trás.

Obviamente mandou investigar até a marca das fraldas que a garota usava quando era um bebê. Não havia nada de errado, era uma moça normal. Isso que a assustou ainda mais.

– Então você está terminando a faculdade – disse Candace na época e enquanto movia a cabeça como se assentisse, seu olhar encontrou o de Sean, por cima da cabeça de Beatrice.

– Sim, falta bem pouco. Não é algo usual, mas é o que eu gosto de fazer – comentou Beatrice.

Mais tarde, depois que sua futura nora voltou para o hotel porque não quisera se hospedar na casa da futura sogra que acabara de conhecer, Candace repetiu isso umas mil vezes para o filho, sem saber se falava com ele ou com ela mesma.

– Uma mocinha saindo da faculdade? – Candace disse pela décima vez no último minuto. – Saindo da faculdade e com cheirinho

de leite da mamãe? Sean! O que você vai fazer com ela? Eu devia proibi-lo de chegar perto dessa menina!

– Tarde demais – ele havia se limitado a responder. – E acredite se quiser, ela não facilitou.

– Ela já se recuperou do choque sobre você? – perguntou a mãe.

– Qual parte? Me ver sem roupa ou saber que vai entrar para a família?

Candace não conseguia nem imaginar o que Sean faria com uma garota normal, do tipo que tem bom senso, decência e não estava precisando de nenhum tratamento psicológico. Sondou o filho exaustivamente, procurou familiares, se meteu no jatinho e foi até Baltimore conhecer a família da moça. A essa altura Sean estava achando que a mãe quem precisava de tratamento.

Tudo que Candace Ward conseguiu foi engordar umas gramas ao almoçar no restaurante da família de Beatrice onde seu pai era o chef e a mãe comandava o resto do show. Mas era o seu garoto, o mesmo que ela quase perdeu e de quem se afastou para não sufocá-lo.

As mulheres desfilavam na cama dele, uma atrás da outra, todas com alguma característica suspeita. Ela já o vira dormir com ladras, prostitutas, assassinas de marido rico, viciadas em cirurgias e remédios, alcoólatras, filhas descontroladas de políticos, it girls que gostavam de transar vestidas, modelos com seus rostos espalhados pela cidade, mulheres tão belas que pareciam de mentira, outras feias e estranhas, excêntricas com cabelos de cores alternativas, esposas alheias em relações abertas... Tudo que desse para imaginar e que conseguisse não entendiá-lo. Ela dava no máximo uma semana de duração a elas.

Então Candace sabia, não era aquela moça que não servia para seu filho, era ele que devia ser proibido de chegar perto dela.

– Eu pensei que você nunca fosse se casar. Eu até preferia isso, por medo do que você ia acabar escolhendo. Mas agora estou em dúvida. Você vai se machucar, vai estragar tudo. Eu sei que vai – ela passou a mão pelo ombro dele e o deixou sozinho na sala.

Candace não precisava de psicólogo e nem depoimentos emocionados de mulheres que tentaram consertá-lo. Sean não sabia

entrar em compromissos que não fossem profissionais; sua última namorada foi a que tinha quando era adolescente, o resto a mãe chamava de “acompanhante”. A menina ficou mortificada quando o sequestraram, deu todo apoio quando ele voltou, mesmo que só tenha conseguido vê-lo uma semana depois porque ele mal podia olhar para a própria mãe e seus olhos estavam inchados demais. Então, de repente, esse mesmo filho se casa e a esposa dele quer saber do sequestro. Não dá, não tem mãe que passe por isso sem um calmante e uma dose dupla de vodka russa.

– Eu não sei – dissera Candace durante a conversa com a nora. – Meu marido morreu sem me dizer tudo. Meu filho nunca disse nada. Eu só o abracei e segurei até que ele se curasse. Eu só sei que me levaram um adolescente e me devolveram um homem que eu não reconheci por um tempo, só sabia que era meu filho. Deixei isso pra lá, nós superamos. Apenas deixe o tal segurança fazer o trabalho dele e tudo ficará bem – ela disse a Beatrice, sabendo que parecia uma fala de filme em que todo mundo sabe que no final tudo dará errado.

A festa de hoje era pura politicagem. Sean não tinha a menor pretensão de qualquer dia se meter no meio da política, preferia a dignidade que conseguia no seu trabalho. A única relação que ele gostava de ter com políticos era de dinheiro. Ele doava dinheiro para as campanhas que tentava acreditar e se a pessoa fosse eleita, com certeza encontraria meios legais de agradecer, como por exemplo, cumprir a maldita promessa que ele patrocinou. Seu pai dizia: *pague seus impostos e deixe que eles lhe devam dinheiro e favores. Nunca se meta no meio deles. Você não precisa chamar ninguém pelo primeiro nome para assinar um cheque. Acredite, a oportunidade de cobrar um dia aparece.*

– Acho melhor servirem algo decente, não janto direito há dois dias e não quero pagar dez mil por prato para ter indigestão – Sean

olhava o convite e se lembrava de um jantar especialmente indigesto que lhe causou dias de azia.

– Ainda bem que gostamos de ir direto para o prato principal – Beatrice comentou.

Essas eram as particularidades que sabiam melhor um do outro. Porque era o que faziam, sair para esse tipo de jantar. Então ele sabia o vinho que ela preferia e vice e versa. Mas era melhor não perguntar como tomavam café da manhã em casa, que biscoitos comiam no lanche, ou até qual lado da cama preferiam atualmente.

– Economiza o apetite.

– Vamos sentar com alguém que eu não suporte, mas precise saber detalhes de sua vida pessoal? – Beatrice tirou um espelhinho de sua minúscula *clutch* e checkou a maquiagem.

– Não sei, esperava que me dissesse.

– Encontro às escuras então – ela respondeu e olhou para a janela, estavam em lados opostos do banco de couro da limusine. Cada um olhando para uma janela.

Desceram e atravessaram o tapete vermelho que estava sempre lá. Felizmente, não iam às mesmas festas que celebridades do tipo que atraíam fãs históricas. Do lado de fora havia apenas fotógrafos um pouco menos desesperados que os paparazzi, dali podia sair a primeira página do jornal ou todas as fotos da coluna social. Havia políticos e eles sempre podiam dizer algo relevante ou cometer uma gafe. No último jantar que estiveram juntos, um senador comeu tantos frutos do mar que saiu carregado, direto para o hospital.

Os filhos dessas pessoas também gostavam muito de bancar os rebeldes ou aparecer com um vestido curto demais ou quem sabe com um namorado do tipo que causa polêmica. Essa era mais a área dos socialites e o mercado da fofoca precisava se sustentar. Eles já estavam acostumados a aparecer em todo lugar, especialmente Beatrice, mesmo que o interesse por moda masculina houvesse crescido exponencialmente e Sean estivesse sofrendo com suas calças, sapatos e acessórios estampados por aí.

Mas falar dos vestidos e sapatos dela dava mais ímpeto do que repetir como o terno dele continuava perfeitamente cortado. Havia blogs de moda que seguiam Beatrice fielmente, ela não podia ir a

lugar nenhum sem ter uma foto com legenda dizendo de onde era tudo que ela vestia. Às vezes nem ela se lembrava de onde tirara aquela blusa, mas as blogueiras sempre sabiam.

– Agora é quando damos um show na pista – disse o homem com quem dividiam a mesa. Era um senhor lá pelos seus sessenta anos e sua esposa. Eram os Stone, simpáticos, sempre alegres e ricos demais para não serem convidados.

Eles levantaram e foram dançar, Sean olhou para Beatrice e ela virou o rosto imediatamente, o que já não era uma surpresa para ele. Mas hoje ela não parecia estar no seu melhor estado social, geralmente era simpática e comunicativa até com pessoas que não suportava. Tudo pelas aparências. Mas com os Stone, que eram ótimos companheiros de mesa, ela estava sendo esquiva e pouco falava. E ela geralmente olhava para Sean, fingindo satisfação. Hoje, quando o olhava, parecia fulminá-lo.

– Você quer dançar? – ele perguntou, geralmente fingia não se incomodar quando a maior parte das pessoas ia para a pista. Evitava ter seus convites rechaçados.

Beatrice quase riu dele, mas conseguiu se conter. Agora ele queria dançar? Por quê? Ela o olhou, imaginando se ele já sabia que ela sabia.

– Não – respondeu secamente e voltou a virar o rosto e ficar olhando para a pista.

Sean levantou a sobrancelha, isso foi uma pequena surpresa, pois ela parecia querer dançar. Ele sabia que ela gostava, ao menos no passado ela gostara de dançar. Há quatro anos. Agora, não tinha mais certeza. Mas achava que o problema dela era não querer dançar *com ele*.

Uma hora depois, estavam de volta a limusine. O vidro que a separava em duas jurisdições estava fechado, portanto tinham certa privacidade.

– Acho que você não gostou do jantar de hoje – ele disse, já que ela permanecia em silêncio.

– Dificilmente eu gosto.

Sean ficou olhando-a enquanto Beatrice continuava fitando o nada.

– E por que nunca disse antes?

– Era desnecessário.

– E agora não é mais?

Beatrice apenas moveu um ombro como se pouco importasse. Isso o irritava, mas ela não sabia. Não tinha oportunidade de dividir um assunto que a fizesse dar de ombros ou parecer não se importar.

– Eu prefiro quando me respondem com palavras – Sean disse, vendo que ela continuava ignorando o olhar dele.

Essa frase a fez encará-lo, então o olhou bem diretamente, imitando a postura fria dele.

– Eu quero o divórcio – ela informou.

Capítulo 2

*Quando eu olhar pra você, peça-me qualquer coisa.
Gosto de satisfazê-la.*

Dessa vez ela conseguiu surpreendê-lo. Nada que fazia ou dizia parecia causar reações extremas nele, a não ser quando estavam na cama. E isso era tão difícil e já fazia um tempo considerável que não acontecia. Só que dessa vez, ela conseguiu com apenas três palavras.

- O quê? – ele perguntou, incrédulo.
- Você escutou – Beatrice respondeu num tom cortante.
- Você não está falando sério.
- acredite, eu estou.

Sean ficou olhando-a por uns segundos, como se lhe desse tempo para avisar que resolvera fazer uma brincadeira de mau gosto apesar de ele saber que ela não era dada a isso. Mas Beatrice se manteve em silêncio, apenas o olhando. Seus olhos eram claros, num rico tom de castanho dourado e havia uma linha escura em volta de sua íris, eram olhos lindos e quentes que Sean sempre achou irresistíveis. Mas agora tudo que via neles era hostilidade.

– Eu não vou te dar droga de divórcio nenhum, Beatrice – ele respondeu, recostando no banco de maneira irritada.

Beatrice cruzou os braços e manteve o olhar nele, apesar de agora ser ele quem ignorava isso.

- Então por que você me traiu? – ela perguntou.

Ele virou o rosto para ela e rebateu imediatamente.

- E por que você tem horror que eu a toque? O problema sou eu?

Dessa vez ela quem ficou surpresa, levou uns segundos para digerir aquela pergunta.

- Isso é um absurdo, você só está fugindo do que eu perguntei!

– Não – ele negou com a cabeça. – Você não suporta que eu a toque.

– E você me trai com uma morena ridícula! Isso não é justificativa!

– Você não quer que eu te toque, não quer que eu te foda e tão pouco pretende me dizer isso porque também acha desagradável falar comigo. Você mal aguenta me olhar por muito tempo, por que agora resolveu se importar com o que eu faço?

– E por que eu dormiria com um homem que nunca está comigo? Você mente pra mim! Você disse que só chegaria hoje, mas ontem estava com ela, eu vi!

Ele franziu a testa, como ela poderia ter visto? Ela não devia estar lá. Ele não estava em um lugar que ficava na rota dela. Mas a coincidência acontecera exatamente por causa da falta de comunicação. Nem ele, nem seu secretário pessoal, sabiam que Beatrice gostava de comer no Per Ser ou naquele restaurante do outro lado da rua e ali era um ótimo local para cortar caminho e fugir do trânsito. Era um hábito novo.

– Você é minha esposa e não me suporta por perto, o que espera que eu faça? Corte meu pau e viva feliz numa relação de irmãos na qual você continua me ignorando? É uma droga eu não conseguir me afastar de você completamente, mas por que você se incomodaria com isso, não é? E eu estou cansado de fingir.

Ela ficou balançando a cabeça, ele estava tentando virar o jogo. Porque até onde ela lembrava, gostava muito de ser tocada por ele. Mas ele não a procurava mais. E como ela se entregaria de boa vontade para um homem que já era quase um desconhecido. Só ela sabia como era difícil resistir a ele. A rápida lua de mel e os poucos dias que se seguiram não foram suficientes.

Durante aquela semana que passaram juntos em Estocolmo, ele a fez despertar para o sexo de verdade, daquele que causa gritos de prazer e vicia a pessoa no ato e no parceiro. Então foram tirados de lá, nunca mais passaram uma semana inteira juntos. Ela ainda se odiava por ter sido tão boba.

Quando iam para cama, ambos achavam que a outra parte havia enlouquecido ou estava tão precisada que sucumbiu de primeira. Era

sempre de surpresa, eles se desejavam como dois tarados enrustidos que achavam que o outro não sentia a mesma coisa. E quando finalmente colocavam as mãos um no outro, perdiam o controle tão loucamente que quando terminavam a sensação era de ressaca.

– Isso é mentira! Você não precisa de mim! Se me quisesse você tentaria. Mas você prefere outras.

– O sentimento é mútuo, penso o mesmo sobre você não me querer. E eu não prefiro outras. Elas só não me rejeitam no minuto em que eu encosto nelas. Você não me deixa nem olhar pra você, Beatrice. E estou farto dos seus olhares de repulsa – ele respondeu quase entre os dentes.

Sean chegava ao extremo de sentir ódio da relação deles e especialmente da rejeição, algo com o qual ele nunca teve que conviver até quatro anos atrás quando se casou com Beatrice. E como nunca brigavam, não tinha maneiras de extravasar. Sequer faziam sexo para que pudesse colocar tudo para fora em algum tipo de relação violenta, selvagem e prazerosa. Não havia nada. E transar com outra mulher não ajudaria, não era a outra que estava lhe causando nada disso. Não era a outra que o deixava sentado ao lado dela como um garotinho travesso e rejeitado, mas com um pênis grande demais para sua idade apertando contra a calça enquanto ela se maquiava como se nada estivesse acontecendo.

Não era nenhuma maldita outra mulher que fazia seu peito apertar com tanta força que ele precisava respirar devagar. A dor era aguda, exatamente como descreviam, como se perfurasse lentamente. Nunca acreditara nisso até se casar.

– Você é um mentiroso. O pior marido que eu já vi ou ouvi. Sequer se preocupou em me dar uma explicação ou parecer arrependido por me trair!

– Você me perguntou, preferia que eu mentisse? – ele balançou a cabeça a olhando e sem conseguir entender porque ela estava fazendo isso. Com certeza estava pouco se importando se ele enfiava o pênis em outra ou num escapamento de carro, desde que não enfiasse nela. – Duvido que eu seja o pior marido que você já teve notícia. Eu a trato com respeito, eu a protejo e lhe dou tudo

que está ao meu alcance. Eu não tento controlar sua vida pessoal e nem profissional. Jamais vou levantar minha mão para agredi-la e se você quisesse, Beatrice... Nós ficaríamos tanto tempo na cama que seu nome estaria em falta constante nessas drogas de eventos que você vai. Mas você não quer.

Beatrice ficou olhando-o, a revolta crescendo ainda mais em seu peito enquanto o escutava falar como se achasse aquilo tudo suficiente e não pudesse pensar em mais nada para inserir na lista de deveres de um bom marido. E que horas que ele iria ficar na cama com ela, uh? Ele nunca estava lá! Não era esse homem que achava ter conhecido quando ainda estava na faculdade. Desde o início ele não se mostrou o tipo de homem amoroso e grudento. Era um pouco controlador, gentil e nos momentos de intimidades era carinhoso. Nunca a tratou com grosseria. Pelo menos paixão havia da parte dele, ela tinha certeza, podia ver e sentir.

E, no entanto, ele estava à sua frente fazendo uma lista patética de esmolas que ela devia receber e se dar por satisfeita e a frustrando mais agora que tinha que imaginar como ele iria arranjar tempo para ficar na cama com ela e lhe dar toda atenção que ela queria.

Ela estava se achando uma dessas mocinhas tolas de romances antigos, pois pensou que ele poderia mesmo vir a se apaixonar. Afinal, foi ele que deu em cima dela desde o início. Não que ela tivesse recusado, mas especialmente naquela época, sua autoconfiança não era forte o suficiente para ela chegar nele primeiro.

– Você podia ao menos ter fingido remorso! Eu o vi! Com outra mulher! E nada disso do que você está dizendo ajuda a aplacar isso. Se você queria dormir com outras por que não pediu o divórcio?

Ele não estava “dormindo” com ninguém, será que ela nunca entenderia isso? Não, a não ser que ele engolisse o orgulho e explicasse o grau da sua perturbação.

– Eu não consigo entendê-la, Beatrice. Por que você iria querer que eu sentisse remorso se não liga se estou vivo? Por expô-la publicamente caso uma de suas amigas visse? E se eu quisesse me divorciar de você, já teria dado um jeito nisso – a frase certa para

ele seria, “se eu conseguisse me livrar de você”. Mas não dava, independente do que houvesse acontecido, a mente dele não conseguia criar uma realidade em que deixaria de ver a esposa, onde não se importaria mais com as esmolas que ela lhe dava e onde abandonaria sua esperança de isso mudar.

– Pois então dê um jeito! – ela disse, sem conseguir se entender com ele. Os dois não conseguiam enxergar um ao outro, eram anos daquele casamento de mentira para a primeira discussão entrar em suas mentes.

– Já lhe disse que não vou lhe dar droga de divórcio nenhum – Sean respondeu e ele já estava verdadeiramente irritado.

Podia conviver com aquele problema aparentemente sem solução que era a relação deles, mas não ia desfazer seu casamento. Sabia que depois dela nunca mais ia se casar. A esposa foi uma reação louca e apaixonada que ele seguiu, dessas loucuras que uma vez na vida resolvemos dizer: por que não? A última vez que ele quis dividir a vida com alguém tinha dezesseis anos, desde então nunca mais passou por esse mal. Até Beatrice vir sorrir na sua vizinhança. Então, não. Ele não ia desfazer nada. Mas queria saber por que diabos ela havia resolvido se importar se passou os últimos anos fingindo que ele não estava fora de casa a maior parte do tempo.

Beatrice cruzou os braços e voltou a olhar para frente, virou o rosto e relanceou a janela, soltava o ar fazendo barulho, estava irritada e inconformada. Para falar a verdade, ela podia matá-lo agora. Nem quando o viu segurando aquela nojenta nos braços sentiu tanto ódio como agora. Parecia que toda a emoção que não viera naquele momento havia descarregado agora. Pensando bem, ela devia ter entrado naquele restaurante, pegado aquela morena pelo cabelo e jogado em cima do carrinho de bebidas ou do aquário ou quem sabe pela janela de vidro.

– Quem é ela? Eu conheço? – ela perguntou, tentando assumir seu tom de negociadora e falhando, mas pelo menos mantendo a dignidade da firmeza na voz.

– Eu nunca me envolveria com alguém que frequenta os mesmos locais que você.

– Grande coisa! Muito honroso da sua parte, seu grande filho da puta. Se ela não frequenta os mesmo locais que eu, então onde você a caçou? Por acaso ela é do tipo paga por hora? – ela o atacava usando sarcasmo.

Gostaria de machucá-lo muito no momento. Mas ainda o conhecia para saber que errado ou não, ele arranjaria maneiras de responder à altura. Ele era assim nos negócios e ela estava convencida que também a tratava como mais um negócio que ele conquistou e agora precisava manter com alto lucro.

Sean permaneceu olhando-a, ainda sem acreditar que ela o havia xingado. Ele não se lembrava de ela já ter dito um palavrão, nem naquela época que ainda eram um casal que conversava. Já a vira bêbada e mesmo assim ela apenas ria e dizia bobagens, não palavrões. Foi só um pensamento, surgiu na mente dele rapidamente e ele quis dispensar como se fosse pura bobagem, mas o mal já estava feito. Olhando as bochechas coradas da esposa, Sean começou a levar a hipótese a sério. Talvez ela se importasse com o que ele fazia e com quem. E se ainda existisse nela aquela garota que ele conheceu e que parecia gostar da atenção dele só para ela?

– Parece que eu descobri como fazê-la reagir à minha existência – ele declarou, olhando-a atentamente. – Não, Beatrice, ela não é do tipo paga. Apesar de você não querer dormir comigo, eu ainda não preciso pagar para que alguém queira.

Sean soltou o ar e passou a mão pelo cabelo o despenteando do lado direito, puxou um pouco a gravata afrouxando-a. Era incrível como estavam tendo a pior discussão desde que se conheceram. Antes já haviam discordado, mas não passava disso. A comunicação entre eles era restrita, mostravam seu descontentamento com expressões, pequenos atos e afastamento. A limusine avançava pelas ruas de Nova York, nesse horário o trânsito estava bem mais tranquilo e ninguém podia imaginar o que se passava ali dentro. Continuavam sentados no mesmo lugar, Beatrice gesticulava com a sua pequena bolsa na mão e Sean sentia-se preso naquela roupa formal.

Depois de não conseguir engolir essa última alegação, Beatrice o olhou, dessa vez seu olhar parecia magoado, ele a encarou também, preparando-se para o próximo ataque dela que não ia simplesmente deixar barato. Ele podia não conversar muito com a esposa, mas sabia bem do que ela era feita.

– Pois eu tenho certeza que não foi ela quem pagou o restaurante caríssimo, a suíte em algum hotel ainda mais caro onde você a traçou e o carro que deve tê-la levado para o muquifo onde ela mora – Beatrice disse baixo, controlando a raiva e mantendo um tom cortante. – Se isso não é pagar por hora, então não sei o que é.

Sean ficou olhando-a e passou os dedos pelo queixo como se não quisesse respondê-la, mas era mais forte do que ele. Eles eram agressivos e geniosos, estavam com tanta necessidade disfarçada um pelo outro que louco como fosse, brigar e espezinhar em cima da cabeça do outro era uma nova forma de relação. E eles queriam qualquer coisa um do outro, insultos estavam incluídos no pacote.

– Isso tudo seria um investimento, não um pagamento – ele disse, cortando a frase antes que fosse longe demais.

A limusine parou em frente do bonito prédio de estilo antigo, lembrando a época das construções luxuosas da cidade e levando de volta à aura de anos trinta que pairava na arquitetura da área. Os seguranças desceram antes e a porta do prédio foi aberta pelo porteiro uniformizado. Poucas pessoas passavam na rua, ainda mais naquela área, repleta de residências luxuosas, com os museus já fechados e o horário avançado.

– Pois eu tenho certeza que não sou mais um investimento lucrativo para você. Está na hora de encarar sua primeira falência – ela abriu a porta antes que os seguranças o fizessem, foi andando para dentro do prédio de forma decidida e Don a seguiu.

Sean saiu da limusine, Kevin o esperava para acompanhá-lo de perto. Ele nem o olhou e foi entrando lentamente no prédio, talvez pela primeira vez, seu olhar era baixo. Quando chegou ao hall dos elevadores, Beatrice obviamente já havia subido. Ele esperou até que o elevador voltasse ao térreo, ninguém disse nada enquanto subiam. Sean foi para o último andar do triplex e os seguranças

voltaram para o primeiro, iam trocar o turno agora. Os patrões estavam em casa e eles podiam ir descansar.

Cristina, que a essa hora não devia mais estar de pé, ficou espiando por trás de uma pilastra quando Beatrice passou rápido e bateu as portas do quarto. Ela havia vindo no elevador mordendo o lábio e fungando baixinho. Don estava ao seu lado, mas ele tinha o dever de fingir que não estava notando, mesmo assim era difícil. Nos seus quatro anos de serviço já a havia visto triste e cabisbaixa por motivos diversos, mas agora tinha certeza que tudo se relacionava à noite anterior.

Ele não era especialista em relacionamentos, já fizera das suas e estragara muitos, inclusive estivera na corda bamba no próprio casamento. Mas por mais diferente que fosse o casamento dos seus patrões, ele sabia reconhecer quando algo estava por um triz. Eram seis anos trabalhando para Sean, sendo que quatro com Beatrice, podia contar nos dedos as vezes em que sabia como um fato que estiveram juntos fazendo coisas que casais normais fazem. Ou eles assumiam de vez o casamento de aparências ou davam um jeito de consertar aquela maluquice.

Beatrice passou os olhos por seu quarto e deixou os ombros penderem. Nunca se deixava abater pela derrota, mas dessa vez estava difícil manter a pose. Fracassara em manter o próprio casamento e nem sabia exatamente porquê. Ela andou pelo quarto no qual havia feito toda a decoração, em cada detalhe. Era aconchegante, todo em tons claros, ouro, rosa e champanhe.

Ela passou pelo sofá de dois lugares e pensou em largar-se sobre ele, mas continuou para a outra parte do quarto, antes do banheiro. Foi andando lentamente, ali seu salto não fazia barulho devido ao carpete.

Ao invés de acender a luz, ela foi guiada pela iluminação que vinha de fora e acendeu o abajur que ficava perto de seu espaço de maquiagem. Quando passou em frente ao espelho olhou-se meio de lado, lembrando-se das últimas frases que dissera ao marido.

Era irônico como no momento ela devia valer mais de meio milhão de dólares. E não era o preço por ela, mas o que estava nela. Pensando nisso, Beatrice deixou a pequenina bolsa de mão da Gucci

em cima da poltrona. Pelo menos doze mil já havia ficado no acessório de couro legítimo, com fecho em ouro detalhado por safiras azuis. Ela deu mais alguns passos e abaixou para soltar o fecho da sandália Roger Vivier que com personalização exclusiva foi mais cara do que a bolsa. Deixou-as para trás e perdeu cerca de dez centímetros em sua estatura, apreciou a textura fofa do carpete sobre a sola descalça de seus pés e andou até a penteadeira onde sentou no banco confortável em estilo imperial.

Enquanto se olhava no espelho da penteadeira sob a luz amarelada do abajur, ela imaginava o que houve de tão errado para seu casamento terminar assim. Mas o fato de não ter havido muitas coisas naquela união que representou grande parte do problema.

E ela acabou apaixonada.

– Eu nunca imaginei que logo você ia se apaixonar tão rápido por alguém – dissera Rose, sua irmã mais velha quando Beatrice disse que estava caidinha de amores por seu novo namorado. Na época, aos vinte poucos, realmente apaixonada pela primeira vez, tudo parecia lindo.

Beatrice retirou os brincos delicados que por outro lado representavam boa parte do valor do que trajava. Retirados diretamente do cofre do apartamento, feitos em turmalina, água-marinha, diamantes e platina, ela nem sabia quantos milhares de dólares o par custava. Mas o colar que ela largou dentro da caixa do conjunto enganava muito bem pela aparência discreta e feminina, eram mais vários milhares de dólares que de longe você nem diria. Ela só usava essas joias quando ia a eventos como o dessa noite.

Mas não ganhava nada disso como um prêmio de consolação por Sean não ser presente. A maioria delas não veio como agrados caros, eram parte do seu personagem. Alguns conjuntos simplesmente apareceram no cofre, como mágica, apenas entrando na lista de acessórios. Ela se lembrava de todas que ganhara de presente de casamento, na época não ligou para elas, ainda era tola demais para saber se um anel custava mil ou cem mil e estava apaixonada o bastante para nem considerar a questão. Tudo que ele lhe dera pessoalmente, ela guardava no pequeno cofre do seu

quarto, escondido lá no closet e como era tola, para ela tinham um valor sentimental.

– Eu procurei muito, estou há meses olhando por aí, mas estou começando a achar que vai ser impossível achar uma pedra com a cor tão bonita quanto seus olhos – Sean havia lhe dito alguns anos antes, porque ele cismara de lhe dar um anel com significado especial quando completassem um ano de casamento.

– Eu gosto de azul, você sabe. Aquele tom todo misturado com verde, como só pedras preciosas, o mar e alguns olhos conseguem ter – ela respondera, indiretamente dizendo que preferia que o presente tivesse a cor dos olhos dele.

Mas esses dias pareciam ter sido há mais tempo do que os três anos que foram e naquela época ela também já começara com os “eu não posso” por causa da falta de tempo já que estava começando a investir pesado em sua própria carreira.

Beatrice levantou e parou à frente do espelho enquanto se livrava do vestido, um modelo exclusivo em organza de seda pura, desenhado pelo polêmico Karl Lagerfeld. Ela foi andando para o banheiro, até sua lingerie tinha um preço alto o bastante para ser considerada na conta. Sem contar o serviço de cabelo e maquiagem que pelo preço do lugar aonde ela ia, definitivamente tinha que ser adicionado ao valor total.

No entanto, com tantas coisas valiosas em cima dela, nunca se sentiu tão sem valor como agora. Acendeu a luz bem mais clara do banheiro, encarou o rosto bonito, os olhos castanhos dourados estavam embaçados pelas lágrimas, mas a face continuava ainda mais bela pela maquiagem profissional e pelo cabelo ainda penteado. Ela encarou sua aliança que era idêntica a de Sean, bem tradicional, com uma inscrição dentro e feita em ouro. Era um adorno grande e que não dava para esconder. Ficava muito aparente na mão, ainda mais na sua que era mais delicada.

Ela acabou voltando para o quarto, passou em frente ao espelho e seu olhar percorreu rapidamente seu próprio corpo. Ela não era insegura, em três anos completaria trinta e já se dera o direito de aceitar-se como era. Pouco se importava com o que os outros publicavam sobre seu corpo e seu peso, achava-se bonita. Não

cabia no padrão magro como ditava a moda, também não era tão alta com pernas finas, para usar qualquer coisa e ficar bem. Tinha que prestar atenção para não achatá-la sua silhueta.

E era a mais nova, porém a mais alta das três irmãs, passando pouco do metro e setenta. Tinha coxas mais grossas do que gostaria, mas eram firmes e bonitas, resultado de horas de dança e uns dias forçados na esteira. Beatrice não gostava de exercícios, então dançava e faltava ao pilates que estava marcado para duas vezes na semana e ela dava as caras duas vezes ao mês.

Olhando-se mais de perto, ela podia ver que seu cabelo escovado não era assim quando ao natural. Ela tinha ondas, muitas delas, abundantes, cheias e sensuais. Davam volume ao seu cabelo castanho que agora não tinha mais a cor natural, pois seu cabeleireiro dera força ao tom e criara nuances em tom de caramelo. O resultado deu mais contraste com seus olhos amendoados e num tom raro de castanho dourado que chegavam a parecer cor de laranja no sol. Sean lhe dizia que eram olhos de gata. Ela sabia que ele sempre os adorou, desde a primeira vez que a viu ficou fascinado por eles. Mas isso não era de nenhum alento agora.

Beatrice olhou-se mais de perto, seu nariz era um pouco arrebitado, sempre colaborou com seu ar petulante quando era uma criança levada. O formato de sua boca não era do tipo com contornos bem marcados, parecia um botão rosado e ela dava um jeito na marcação usando lápis labial. E ainda assim, podia escutar Sean lhe dizendo:

– Com lábios como esses, como espera que eu pare de beijá-la?

No círculo em que vivia, era uma exceção por seu corpo não ter passado por nenhum procedimento cirúrgico, tinha seios naturais, bem redondos e que ela gostaria que fossem um pouco mais juntos, mas eram bonitos e ainda apontando para cima. Não havia músculos aparecendo em seu abdômen, era simplesmente plano e feminino, adornado pela curvatura bem acentuada de sua cintura. O quadril era voluptuoso, algumas vezes precisava de truques de vestuário para disfarçar a diferença de largura entre ele e a cintura.

Toda mulher tem suas qualidades, seus truques e aqueles pontos que ela fazia algumas alterações. Mas ela procurava se achar bonita

e estava confortável em sua pele. Não ia começar a descontar seu fracasso em seu corpo logo agora, mas esse era um daqueles momentos que uma pessoa encontrava todos os defeitos possíveis em si mesma.

– Bem, se você está apaixonada, eu dou todo o apoio. Mas quero que saiba que casamento é algo sério. Não faça isso por fazer ou por precipitação. As pessoas atualmente fazem os votos como se fossem pedidos na cafeteria. Não dão valor e não procuram mantê-los. Se algo dá errado, cancelam o pedido e vão embora – disse sua irmã mais velha, Rose, que tinha autoridade suficiente no assunto, naquela época já estava começando a consertar casamentos como profissão.

– Ah, para de ladainha. Ela é uma babaquinha, não serve pra isso. Ele vai descartá-la em no máximo seis meses – disse Cherry, sua irmã do meio, intrometendo-se na conversa.

– Eu vou jogar você pela janela se disser isso outra vez – ameaçou Rose.

– Deixa – disse Beatrice, sabendo que muita gente tinha a mesma opinião. – Já pensou que talvez eu quem o dispense em seis meses? – ela disse, só para dar o troco a irmã.

– Você não pode entrar em um casamento pensando em acabá-lo! – irritou-se Rose que levava casamentos muito a sério.

Beatrice odiava pensar que talvez sua irmã azeda estivesse certa. Se fosse realista, talvez eles tivessem mesmo dado certo por seis meses. E tudo depois disso foi um mar de sentimentos conflituosos, tentativas inacabadas, relações inexplicáveis e mágoa. E ainda assim, o que sentia por ele nunca a deixara.

Desistindo do espelho, ela passou por cima do vestido sem sequer olhá-lo e soltou-se na cama onde escondeu o rosto e fechou os olhos. Um minuto depois as lágrimas fluíam novamente, escondida em seu quarto podia fazer barulho ao chorar. Em sua cabeça podia ver a imagem dele dispensando tanta atenção para uma mulher qualquer. Não ficou lá assistindo para saber como ele tratava a amante, mas só pelo fato de tirar um tempo de sua agenda sempre tão apertada para levar a mulher para jantar e depois passar a noite com ela já mostrava a diferença. Mas afinal, o que ela tinha de

errado para não receber o mesmo? Ele pouco se lembrava dela quando não estava marcada em sua agenda.

A última vez que ele teve de ficar muito tempo em casa veio com um presente de consolação por ter passado tanto tempo fora do país sem dar um telefonema. Claro, um agradinho para entretê-la e fazer com que não o importunasse. Ao menos enquanto ela estivesse comendo macarons trazidos direto de Paris, ele não precisaria conversar com ela.

– Eu fiquei lá escolhendo, acho que são os seus sabores preferidos. Eram tantos. Devíamos ir lá um dia pra você escolher – ele havia dito quando lhe entregou a caixa.

Era obvio que estava zangada naquela noite, estava abandonada naquele apartamento gigante e fingindo que nem se importava por ele ter voltado. E ele tentava agradá-la com esmolos que eram deliciosas, mas ainda por cima engordavam. Tudo bem, ela admitia que se enfiara em sua cama e ficara lá devorando os doces franceses, muito mais entretida do que se não os estivesse comendo. Ele só não precisava saber disso.

Do outro lado da sala, por trás de portas duplas fechadas, mas não trancadas, Sean encarava o teto trabalhado do quarto. Ao contrário de Beatrice, não retirou tudo do corpo. Livrou-se apenas dos sapatos, da gravata e do paletó, então se deixou cair na cama amarrotando o terno britânico e feito sobre medida na Anderson & Sheppard. Queria fingir que não haviam chegado a esse ponto e ele podia voltar no tempo e consertar algumas coisas. Mas o olhar magoado da esposa era verdadeiro. Ele não sabia exatamente o que ela sentia, na verdade quando pensava na bela moça de olhos dourados e expressivos que ele carregou para o mundo dele, se arrependia.

Ele soube que a queria assim que a conheceu e ela começou a rir dele e ignorar os outros que tentavam lhe dizer para parar ou ficavam tensos por ele continuar olhando-a tão seriamente.

– Não seja tolo! Você não precisa atender o secretário. Aliás, por que diabos você tem um secretário que te segue pra todo o canto? –

Beatrice dissera, ignorando o que ele fazia da vida e imaginando que nada justificaria tal incômodo.

Em poucos dias ele mudou seus planos e foi de Washington para Baltimore porque era lá que Beatrice morava e ele precisava explorar o interesse que via nos olhos dela. Ela o fez ir a três Estados atrás dela, de uma festa à sua faculdade e à sua casa. O encontro foi inesperado e normal demais para alguém pensar que eles pudessem ter um futuro. Ele se lembrava de vê-la com Hillary que era filha de Gerry, dono da festa. Mas o verdadeiro motivo de Beatrice ter sido convidada foi o irmão da garota estar interessado nela.

– Sean... – Hillary o chamara, parecendo sem graça porque na verdade, ele conhecia o pai dela que era bem mais velho que ele. Mas Sean vivia num círculo onde muitos dos seus contatos tinham idades avançadas. – Você... acho que roubou a garota do meu irmão.

– Eu não posso pegar uma bebida para uma mulher que você já acha que estou roubando algo? – ele perguntou, porque até então estava mesmo só pegando uma bebida.

– Qual é! – Hillary riu, eles não eram íntimos, mas já haviam confraternizado vezes demais porque o pai dela era o diretor do GW em Washington, eram anos na família. – Agora ela só fala com você e esqueceu que meu irmão existe. Sabe há quanto tempo ele está tentando ficar com ela?

– Ela está é caçoando da minha cara. Isso deve ser mais interessante do que os avanços do seu irmão. Não diga a ela o que eu faço, estamos nos divertindo.

Hillary concordou, achando que não ia dar em nada. E Sean levou a bebida para Beatrice e concordou com ela e o som de sua risada. E devolveu as tiradas, provando ter um humor afiado. Ele nunca ficou com alguém numa festa dada por um contato que envolvia trabalho, por mais informal que fosse. E aquela estava cheia de gente jovem, bebendo e comemorando. Seu amigo Gerry, diretor da filial do GW, estava bêbado e dançando perto da piscina, comemorando o último contrato que conseguiu.

– Há quanto tempo seu irmão está tentando? – Sean perguntou a Hillary quando foi pegar outra bebida.

– Sei lá, mais de um mês.
– Diga a ele que eu sinto muito – disse Sean, pois diferente de Hillary, o rapaz, um pouco mais novo, não se interessava em conversar com ele. Muito menos agora.
– Por quê?
– Eu vou ficar com ela.
– Você? – Hillary arregalou os olhos. – Você vai quebrar o coração dele – ela dramatizou, mas riu. – Tem cinquenta outras aqui, Sean. Não seja malvado. É só escolher. Ele está doido por essa menina faz tempo.

– Não. Eu só quero ela.
A princípio ele só queria ficar com ela que o cativou de um jeito que o fez ignorar até onde estava. Ela não quis nada com ele ali, então foram “dar uma volta” que resultou em ele conseguir marcar um café para o dia seguinte. Depois ele quis mais e mais e acabou no avião indo atrás dela. Não sabia nada, só precisava de um maldito táxi para a casa dela.

Quando ele decidiu que ia tê-la, não pensou que a corromperia. Agora achava que a acusação de tratá-la como mais um de seus bens tinha um fundo de verdade, pelo menos nos últimos anos. Decidiu que queria e então fez tudo para ter, do jeito que agia nos negócios. Mas sempre que ele queria uma coisa e lutava por ela, era de verdade, não sofria de ataques de capricho. Já havia querido muitas mulheres e nem por isso colocou um anel no dedo delas e lhes deu seu sobrenome. Ele sabia que havia sido diferente, foi a primeira vez que quis com tanta intensidade e resolução.

Beatrice era como o seu oásis particular, desde o início. Onde ela estivesse, tudo se resumia a ela. Não havia lembranças ou compromissos, era só ela concordar em ficar com ele.

Na primeira vez que colocou as mãos nela, não estava preocupado em ter um ótimo desempenho, nem pensando em usar todos os conhecimentos que pudesse ter. Estava fora de si, ofegante, sem saber por onde começar e começando por todos os lugares. Não conseguia parar, não queria saber de consequências, simplesmente precisava tê-la em sua vida. Era demais para deixar que tudo culminasse em um fim precário.

Até que ele continuou sendo o completo idiota que era em relacionamentos e nunca escancarou a porta do quarto dela e começou uma briga fenomenal sobre ela não o querer mais. Onde estava seu espírito de luta? Teve todo esse tempo para criar infernos naquela casa. Em geral eles resolviam melhor do que icebergs.

– Você está fora de si! – sua mãe havia gritado pelo apartamento, dizendo que o proibia de casar com aquela garota.

Aí mesmo que ele soube que devia casar. Sua mãe o queria longe dela porque desde que passara a entendê-lo como um adulto, achava-o doentio, obsessivo, fixado e sem limites em tudo que fazia. E ia incluir a esposa nisso.

Claro que ele sabia da sua parcela de culpa e não estava falando apenas de ela ter descoberto agora da sua primeira companhia que durou mais de umas horas. O que corroía a mente de Sean era que ele sabia que através de tudo que andou fazendo, em algum momento ele havia levado a esposa à transformação para o que ela era hoje. Beatrice não o procurava, não o incomodava, havia parado de lhe telefonar quando ele viajava, não lhe perguntava para onde ia e não reclamava de todos os compromissos que tinha por ser esposa dele. Parecia até aliviada.

Isso e o fato de que ela sempre lhe dava o cano quando ele tentava. Se a convidava para um café da tarde, ela só aparecia para o jantar. E isso quando ia. Da última vez que tentou passar uma tarde com ela, ficou duas horas esperando e quando ligou para Don, ele avisou que ainda estavam em Nova Jersey visitando uma casa.

E havia outro grande problema, ela não o queria. Só o fato de ele olhá-la por muito tempo já fazia com que ela ficasse tensa. Quando tentava tocá-la, ela se retraía ou pior, o rejeitava abertamente. Ele não conseguia esquecer-se do aniversário do prefeito onde ele a enlaçou pela cintura e ela afastou sua mão como se batesse em um inseto, até usou as pontas dos dedos para diminuir o contato. Isso já era uma ótima prova de que ela estava pouco se lixando se ele arranjava outras para por as mãos.

Como ele era um bastardo mesmo e não ia começar a negar logo agora que já passara dos trinta, vigiar a esposa era um hobby. E ela tinha três amantes, o trabalho, o notebook e os livros, fossem de

entretenimento ou estudo. E um caso com o smartphone que vivia em sua mão. Os babacas com quem ela saiu pra jantar, Sean nem conseguia considerar. Ou ia matá-los. Quando ela abriu mão da própria vida amorosa e sexual, ele não conseguia descobrir. Preferiu fugir tanto quanto ela, mas a odiava tanto, chegara a um grau que seu ódio pela rejeição dela o tornava completamente louco por ela.

Ele queria magoá-la da mesma forma que ela o magoava quando o rejeitava, bem lá no fundo vivia uma vontade absurda de atingi-la de alguma forma. Ela tinha que reagir a alguma coisa que ele fizesse. Ele só não pensou que a reação viria atingi-lo como um soco de direita. Divórcio... ele ia morrer antes de dar o divórcio a ela.

– Eu volto na segunda – ele disse, quando ligou para casa no final do ano anterior. Era quase Natal.

– Tudo bem – ela respondera, como se a informação não fosse mudar sua vida.

– Você armou a árvore de Natal? Eu pensei em... O que nós temos para o Natal?

– Nenhum compromisso. Mas eu tenho que trabalhar na segunda, prometi entregar um apartamento pronto para a família passar o Natal.

– Eu pensei em cancelar tudo e passar o Natal em casa.

– Por quê? – ela perguntara, como se ele houvesse dito algo absurdo.

– Você tem outros planos? – ele irritou-se com o tom dela.

– E faz alguma diferença, Sean?

Maldita fosse! Ela ia parar com aquele fingimento. Ele ia inclusive ajudá-la a parar, já que ela se importava tanto, ia gostar de saber como não funcionava o sistema de “amantes” que na mente dela era algo muito diferente da realidade. Só queria ver a cara dela quando ele confessasse o que estava acontecendo.

Sean funcionava por reação. Ele olhava para alguém sempre que deixava a cidade, ou seja, assim que via Beatrice e passava pela frustração que acompanhava os encontros. Rico, seu secretário pessoal, já até sabia. O problema é que o tipo que ele gostava de passar seu tempo, não era nada fácil de encontrar. Dava muito

trabalho a Rico encontrar o exato único tipo de mulher que interessava Sean atualmente. E isso o fez repetir algumas, algo que ele não gostava.

O problema era que, ele não estava fazendo o que Beatrice achava que estava. E gostaria de nunca precisar tocar no assunto.

A mulher com quem ele se encontrou era recém-divorciada, chamava-se Chloe. Ele a conheceu quando estava particularmente irritado. Na época ele havia chegado com um presente que ele mesmo saíra para comprar e tentara agradar a esposa com sua presença. Não eram joias, eram macarons, uma das poucas coisas que ele ainda sabia que ela adorava. Nem eram tão caros, mas a etiqueta de preço faz alguma diferença quando a intenção é muito mais importante? Mas ela os recebeu de forma indiferente, murmurando um obrigada como se fosse mais uma daquelas joias que ela deveria usar, depois se trancou em seu quarto e mais tarde o deixou sozinho em casa para ir a um desses eventos inúteis.

Era muito simples, ela simplesmente virava o rosto. Não precisava dar uma palavra para rejeitar o que fosse. E continuava lá sentada, em sua imagem bela e sedutora. Esperando que ele saísse e a deixasse em paz. Ele havia subido três degraus no ranking da Forbes direto pro Top 10, tão novo e tão predador, a mente por trás do Grupo Ward, etc... Tão poderoso e sentia-se um garoto inapropriado a cada vez que a esposa cruzava suas pernas lindas e virava seu rosto, com aquela pose de capa de revista. Como se a desgraça não fosse pouca, ele ficava de pau duro a cada vez que a via fazer isso. Ah, ela nem precisava tanto. Era só entrar no cômodo e ele estava pronto para o jogo.

Se ela notava ou não, nunca deu sinal. E se ela não procurara saber dele enquanto estava fora do país, porque iria se importar por ele ter voltado? Agora era muito fácil dizer para si mesmo que podia ter ficado e sido mais enérgico. Deveria ter ido lá e perguntando qual era o problema. Por que ela não aceitava? E por que diabos tinha que sair justamente naquele dia? Talvez uma simples pergunta houvesse salvado o casamento de virar uma encenação.

Com um suspiro, Sean se sentou na cama e apoiou os pés no chão. Inclinou-se e enfiou as mãos por dentro do cabelo abundante,

pensando que para tirar a máscara da esposa, ele ia ter que tirar a dele primeiro.

No outro quarto, Beatrice acabou adormecendo agarrada a uma das almofadas de sua cama. Pensava no seu amanhã e nos planos que tinha. Iria tomar uma decisão antes que tudo ficasse pior.

Vocês viram as últimas do baile beneficente de luta contra o câncer de mama? Eu sei que não sirvo pra falar de política e foi tudo em volta da próxima campanha! Mas, gente, babei nos convidados. Até os Ward foram! Mrs. BW estava deslumbrante naquele vestido, juro que até esqueci de olhar pra SeanW! Mentira, óbvio! Eu fico louca quando ele penteia aquele cabelo pra trás. Falando em Ward, viram que Betina (que já pegou o Jared Ward) está quase se casando?
(162 comentários)

Capítulo 3

*Quando eu olhar pra você, saiba que não consigo parar.
Eu adoro vê-la.*

Era tão cedo que Cristina levou um susto ao entrar na cozinha e dar de cara com o patrão. Ele costumava acordar cedo, mas não aparecia na cozinha de supetão assim. Ela sabia que ele já estava acordado e geralmente tinha tempo de pelo menos servir o desjejum. Mas ele não estava tomando um expresso como fazia todo dia. Estava bebendo um energético e um remédio que ela não sabia para que era. Mas internamente pensou que era bem feito! Pela cara dele, não havia tido uma boa noite de sono. E ele merecia, por magoar a esposa. Ela havia obrigado Kevin e Don a abrirem o bico.

Os empregados do triplex imaginavam que ele tinha amantes. Mas era Rico que passara a encontrá-las para Sean e os seguranças viam o que realmente acontecia, mas não abriam o bico. Ninguém além deles sabia dos detalhes, mas era um fato. E agora estava todo mundo tão perplexo quanto o patrão por saberem que na verdade, a patroa se importava! Eles achavam até que ela sabia e fingia não ver e que tinha seus amantes também. Rico devia estar em casa à base de calmante para se recuperar dessa crise, só isso explicava o fato de ele ainda não ter baixado lá no primeiro andar do triplex.

– Bom dia, Cristina – ele disse baixo e colocou a xícara na máquina de café da cozinha que produzia vários tipos de café em poucos segundos. Sean adorava machiatto pela manhã e Beatrice era fã de mocha. Nenhum dos dois era fã de café puro, mas ele bebia expressos quando estava estressado.

– Bom dia, Sr. Ward – ela respondeu e pensou que misturando café com energético e aspirina ele não ia mesmo dormir.

Ele voltou pelo corredor, ainda usava aqueles chinelos macios da Nike, mas já estava com a calça e a camisa que usaria para trabalhar. Ele parou no meio da sala comum, de cada lado havia uma porta. Tomou o caminho contrário e viu que a porta do quarto da esposa estava apenas encostada, empurrou um pouco e a viu profundamente adormecida. Ele passou a mão pelo rosto e soltou o ar. Nunca admitia a derrota quando ainda podia lutar. Mas era difícil procurar um ponto no casamento e voltar até ele para tentar consertar. Talvez a época da lua de mel, os momentos que vieram depois eram muito incertos.

Geralmente as pessoas vinham até ele atrás de conselhos, pois ele sempre tinha uma solução viável e lógica. Às vezes arriscada, mas com uma boa recompensa. Era decepcionante não saber usar esse talento para consertar a própria vida. No sentido bem pessoal, porque daquele apartamento para fora ele tinha controle de tudo à sua volta. De uma forma que chegava a ser assustadora.

Beatrice acordou em um sobressalto, como se houvesse levado um susto. Passou a mão pelo cabelo e apoiou os cotovelos na cama, já era dia claro. Não ligara o despertador e perdera a hora. Cristina também não veio acordá-la. Mas estava pouco se importando com os compromissos que tinha hoje. Foi ao banheiro e enquanto estava embaixo da ducha, arquitetava o resto do seu dia. Fazia um tempo que não seguia seus impulsos, mas hoje ia ser diferente. O problema era apenas que a última vez que ela seguiu seu instinto foi quando resolveu se arriscar e disse sim ao pedido de casamento de Sean.

Ela saiu do banho e entrou direto no seu closet enorme, andou por ele, olhando as fileiras de roupas, olhou através da porta de vidro para onde estavam seus vestidos mais caros. Do outro lado ficavam as intermináveis fileiras de sapatos. Onde ela colocaria tudo isso? Em lugar nenhum, não ia levar nem metade. Lá no final, ficavam as bolsas e próximo a elas, as malas. Foi o que ela pegou. Abriu várias Vittons ali mesmo e foi direto para as gavetas pegar peças íntimas mais simples, se é que alguma daquelas peças podia ser chamada assim. Era extremamente irônico que ela não dormisse com ninguém e sua roupa de baixo desse a entender que estava sempre pronta pra uma sessão de strip-tease.

Beatrice pegou os poucos jeans que ainda lhe sobravam, blusas que não gritassem que eram de alguma grife famosa e assim conseguiu completar uma mala muito tímida. Passou para roupas que usava para trabalhar, em seguida vestidos para o dia, não precisaria levar os de noite, gala e eventos especiais. Nem aqueles para festas diurnas. Precisaria dos taillers e terninhos. Ainda existia alguma bermuda em seu armário? Deveria estar muito bem escondida, pois não encontrou. Aquela peça de cetim da Prada não podia ser considerada. Tênis, só havia aqueles que usava na academia. Precisaria comprar umas sapatilhas mais simples que aceitassem ser bem batidas por aí sem que isso fosse um sacrilégio.

De repente ela notou como seu armário era um verdadeiro fracasso para alguém procurando coisas simples, de preços mais acessíveis e que coubessem rapidamente em malas não muito grandes. Tudo ali precisaria de horas para separar, encaixotar e dobrar para não ficar muito amarrotado... E ela não tinha como fazer isso. Seguiu o bom senso e pegou a mala de sapatos. Então encarou a primeira fileira de scarpins altíssimos, separados por tons, era um mar de Jimmy Choo, Manolo, Louboutin, Prada, Dior, entre outros similares. Decidida, pegou os pretos porque combinavam mais facilmente, dois pares claros, um par colorido e fechou a mala. Estava perdida e muito mal acostumada.

Só agora ela notava como era custosa e nem se considerava uma rata de loja, só que pela sua exposição, não podia ficar repetindo roupas e nem andando toda esfarelada por aí. As pessoas realmente procuravam o que ela vestia para publicar em revistas, dar como exemplo e ela já virara uma personalidade de moda com estilo tradicional e retrô. Ela era fã de um estilo de glamour um pouco abandonado nos anos sessenta. Então como ela fazia para economizar mais?

Ainda havia aquelas malditas blogueiras de moda com seu conhecimento interminável e uma coleção tão longa quanto de fotos dela. Se vendesse tudo que havia ali dentro e alguém comprasse por valores próximos ao de compra, então ficaria rica. Bem, ela era rica o suficiente para não saber nem calcular o valor do rendimento, mas não podia mais considerar a riqueza como sua.

Como uma decoradora, ela tinha muitos contatos imobiliários. Era seu próximo passo, assim que saísse dali. Ela foi arrastando tudo da melhor maneira, sabia que faltava muita coisa. Mas se parasse, não estaria mais seguindo um impulso. E era isso que fazia. Estava se deixando levar por uma decisão repentina, estava arriscando. Cristina estranhou todo aquele barulho no apartamento e quando chegou lá para olhar, Beatrice já conseguira arrastar as malas para o elevador. Ela correu e pegou mais uns itens, enfiou umas quatro bolsas vazias nos braços, carregava uma caixa de sapato e um abajur que havia pechinchado numa feira de antiguidades. Parou e olhou para trás.

Depois de quatro anos, isso era tudo que ela tinha para levar?

O elevador estava repleto de malas com roupas e itens pessoais. Tinha umas almofadas que ela adorava e só. Claro e o bendito abajur velho. Não, havia muito mais que quisesse. Só que ela lembrou novamente que era um impulso, então era assim que se seguia um, desapegando.

– O que a senhora está fazendo? Ainda não está na época de doar roupas para aquele leilão de caridade! É só no final do ano! – dizia Cristina.

– Não se preocupe Cristina, são apenas umas coisinhas.

A empregada, uma morena baixinha e um pouco rechonchuda, trajando um avental florido, foi andando para perto da porta em frente ao elevador. Ela estava na casa desde que se mudaram, mas não era idosa, nem completara cinquenta anos ainda e seu cabelo continuava negro como a noite.

– A senhora está indo embora, não é?

Beatrice parou e virou-se para a empregada que fazia o trabalho de governanta. Contemplou o olhar triste da mulher que lamentava muito o fato.

– Eu preciso, Cristina...

– Mas nem tomou café. Vai sair por essa cidade de estomago vazio? Já tem onde ficar? O Sr. Ward sabe? – Cristina estava mais chocada do que deixava transparecer. Ela nunca pensou que veria isso. Eles tinham um acordo! Não era possível que estivessem enganando todo mundo no triplex esse tempo todo.

Ela sorriu, voltou até ela e apertou levemente o seu ombro de um jeito carinhoso, mas desistiu do gesto comedido e acabou abraçando-a.

– Vou sentir muito sua falta, Cristina.

– A senhora não deveria sair assim. Como vai ficar?

– Já sou adulta, consigo me sustentar com o que ganho. Vou ficar bem – beijou o rosto dela. Beatrice não sabia porque, mas Cristina sempre tinha aquele cheiro de doce e canela, talvez porque ela adorasse cozinhar e comer doces.

A empregada ficou olhando enquanto o elevador fechava as portas, depois se virou e saiu correndo para a cozinha. Pegou o interfone interno que ficava ao lado do externo. Esse servia de comunicação entre os empregados apenas dentro do triplex.

– Nadir! O Don está aí no primeiro andar?

– Sim – respondeu a empregada que ficava no primeiro andar do apartamento.

– Então grite para ele que a madame está fugindo! Ele vai entender!

Beatrice mandou o Sr. Lopez, o porteiro da manhã, chamar um táxi. Ele estranhou, mas prontamente fez um carro parar ali na frente. E o prédio tinha dois seguranças no primeiro andar. Eles ajudaram a colocar a bagagem dentro da mala e no banco de trás. Beatrice entrou atrás, segurando suas quatro bolsas, a caixa de chapéu e checando se o abajur estava bem preso, ele não coube na mala. Mas antes que o táxi saísse, a porta do carona foi aberta e o abajur quase caiu, mas foi pego a tempo. Don entrou e sentou ao lado do motorista.

– O que você está fazendo aqui, Don? – perguntou Beatrice.

– Eu que pergunto o que pretende, saindo daqui de táxi, madame. Esse veículo não é seguro e nem aguenta todas as malas. Está claramente desconfortável aí atrás. Acho que esse negócio nem tem travas de segurança.

O motorista arregalou os olhos sem saber o que fazer agora. Mas estava um pouco assustado com aquele armário ao seu lado. Don era um homem muito alto, grande em todos os aspectos, moreno e com o cabelo cortado bem baixo. Fazia questão de ter mesmo

aparência de segurança de filme, assim assustava logo antes que alguém tentasse chegar mais perto. No fundo era um cara bem humorado que se divertia a valer com as duas filhas. Mas profissionalmente, era uma máquina. Do jeito que o patrão preferia.

– Don, volte para o prédio. Eu não estou indo passear.

– Eu sei madame, nem eu.

– Don...

– Não adianta, madame. Onde a senhora for, eu vou. Não me cabe julgar o que resolveu fazer, mas eu vou junto. Além disso, alguém precisa carregar tudo isso – ele disse, agarrado ao abajur e apertado no banco do táxi.

– Eu estou com pressa, mas quando chegarmos lá, você vai voltar! – ela mandou o taxista seguir.

Don não discutiu, ele não ia voltar mesmo, ela não tinha como se livrar dele. Nem que ficasse do lado de fora colado na porta. O táxi teve que dar umas duas voltas no quarteirão, porque Beatrice não sabia para onde ir. Não podia por seus pés no seu queridinho Waldorf que em minutos todo mundo saberia onde estava, nos Ritz muito menos. Ela queria um local menos frequentado pelo pessoal do seu círculo social, mas ao mesmo tempo precisava ter classe e bom gosto porque ela ainda carregava o maldito Ward como sobrenome. E tinha certeza que se fosse para algum lugar estranho, alguém ia aparecer e fotografá-la no seu pior momento e ângulo. Ontem estava numa festa com as pessoas mais importantes da cidade e hoje estaria em um muquifo? Era inconcebível.

Ela se lembrou do Plaza Athénée onde já havia ido umas vezes em jantares e recepções, era um dos hotéis mais chiques que a cidade podia oferecer e também ficava ali perto e numa área residencial. Era perfeito para alguém querendo passar uma noite calma e reservada. Beatrice só esperava que depois do divórcio não fossem atrás dela mostrar o antes e o depois e chamar sua situação de decadência fashion. Já bastava ser traída, largar o marido e sua casa, passar uma desilusão amorosa, ainda tinha que ser perseguida?

– Reserva, madame? – perguntou o recepcionista.

O concierge empurrou o recepcionista e estendeu a mão para ela.

– Madame Ward, quanto tempo. Dá ultima vez que nos agraciou com sua presença foi para um maravilhoso chá da tarde em nosso terraço.

– Sim... – disse Beatrice, obrigada a estender a mão. – Hoje eu vim passar um dia, estou precisando de espaço e privacidade – essas eram as palavras mágicas, ninguém ia ficar perguntando muito se alguma dessas pessoas ricas e geralmente excêntricas aparecesse querendo espaço e privacidade de suas vidas, fossem elas atribuladas ou tediosas e ociosas.

– Ah, mas eu tenho uma suíte perfeita! Sei que vai adorá-la. É aconchegante, terá privacidade e muito espaço. Quer conhecê-la? – ele fez um sinalzinho para o recepcionista lhe dar a pasta, pois para hóspedes de luxo ele podia tratar dos “detalhes chatos” já no quarto.

Don foi seguindo-os, levando só uma bolsa de mão, pois o resto já estava no carrinho do carregador. Ninguém achou a quantidade de malas estranho, quem trabalha nesses hotéis já viu tanta maluquice que gente rica largando suas mansões e saindo de mala e cuia pra um hotel era rotina. Se os médicos não aparecessem para buscar a pessoa, alguém iria. Mas eles não ficaram muito tempo, meia hora depois, desceram novamente. Beatrice já tinha marcado vários encontros e não saía do celular, ela queria um apartamento para amanhã. Só precisava dizer o nome e eles praticamente o construía para ela. Ela queria ficar longe dos prédios que pertenciam àquela família da qual estava tentando sair. Nem havia se lembrado de checar se Sean tinha algo com aquele hotel. Ela descobria o dedo dos Ward nos negócios mais inesperados.

Don seguia fiscalizando tudo, ele nem deixou que ela descesse do carro no Village, dizendo logo que não queria saber de gente da alta invadindo sua área. E não parava de dizer que taxistas não eram motoristas treinados para o que precisavam. Ela o chamou de esnobe e enumerou as qualidades de todos os locais que ele ficou esnobando e ele lhe lançou aquele olhar de soberba que chegava a rivalizar com o de Sean e simplesmente disse que estava trabalhando.

– Não vamos morar abaixo da Rua 42, madame. Ou eu perco meu emprego – disse Don, incluindo-se no “morar” de forma bem natural.

– Você vai perdê-lo já, já se não me deixar em paz! E você mora para aquele lado, Don.

– Não, madame, meu trabalho é exatamente nunca deixá-la em paz – ele respondeu com uma convicção inabalável.

Ela bufou e usando seu smartphone, apagou alguns endereços que recebera. Corretores corriam para encontrá-la em qualquer apartamento onde ela avisava que iria. Eles almoçaram por perto do Sutton Place Park, onde veriam o último apartamento disponível para visitação imediata que ela só conseguiu porque Terry, sócia da agência que estava responsável pelo apartamento, era uma amiga sua.

– Eu não sei o que deu em você. Por que quer ver esse apartamento? Está trabalhando em algum projeto? – disse Terry, enquanto abria a porta.

– Eu já decorei uma casa nesse bairro, gosto dele – respondeu Beatrice.

– Bem, se você gosta... – indicou o apartamento, fazendo cara de desânimo só de pensar na comparação com o triplex. E o tal apartamento era ótimo, de cara para o rio, no penúltimo andar, num prédio histórico e conhecido na região.

– Nós andamos, andamos e andamos para voltar para a Quinta Avenida – resmungou Don.

– Isso não é a Quinta Avenida, Don. É Sutton Place.

– Eu sei e está ótimo. Parece o Upper East só que com prédios mais baixos e menos turistas. Vamos ficar aqui – ele olhou a área. – Boa para segurança.

– Quem decide isso sou eu, Don! – Beatrice disse, exasperada e sem ver o que ele enxergava no campo de benefícios para segurança.

Eles entraram em um prédio de treze andares, todos por perto eram muito parecidos. Para os padrões de Nova York, era um local calmo, sem trânsito pesado ou muito barulho, especialmente na parte de trás do apartamento. Beatrice gostou das casas muito bem

projetadas, era uma boa vizinhança. Construído ainda nos anos vinte, o prédio era um charme e o apartamento tinha cinco cômodos espaçosos com a sala oferecendo uma visão do rio.

Don andou pelo apartamento todo, reparando muito mais do que Beatrice e inclusive colocando mais defeitos do que ela. Falou logo que precisava de tranca dupla nas janelas, sistema de segurança digital, conexão wi-fi para ele instalar suas parafernálias de vigilância e alarmes em tantos locais que provavelmente nem o ralo do banheiro ia escapar de ter uma luzinha vermelha passando por ele.

– É bem aconchegante... – disse Beatrice que conseguia ver as qualidades do local, mas estava muito mal acostumada com o triplex onde o seu espaço pessoal devia equivaler a quatro cômodos dali. E não, esse apartamento era grande, mas o triplex era um monstro espaçoso, metido e consciente da sua importância. Assim como o dono.

– E está com ótimo preço, mesmo que você não se importe com isso – Terry deu um sorrisinho, ainda achando que Beatrice procurava o apartamento para alguém da família. Porque só mesmo uma pessoa completamente enlouquecida deixaria o triplex por aquele apartamento. Ela mesma conhecia muita gente que pagaria um ingresso caro para ir lá só para saber um pouco dos segredos dos Ward.

Beatrice não devolveu o sorriso, pois estava se importando com o preço sim. Ia sair do bolso dela e sempre odiou a ideia de pagar aluguel, mesmo que nunca tenha precisado. Saiu da casa dos pais para a faculdade e de lá direto para o triplex. Agora estava procurando um apartamento pela primeira vez e não seria um muquifo. Tinha dinheiro suficiente para aquele apartamento. Ela já pensava em decorá-lo para tirar aquela cara de perua decadente que ele tinha agora. Mas ia ter que fazê-lo enquanto já morasse lá, pois não pretendia passar mais tempo no hotel onde ia acabar encontrando com alguém desagradável. E sinceramente, não estava pronta para sair gritando por aí que estava se divorciando, tinha tomado a decisão ontem. Precisava se acostumar.

– Bem, agora que decidimos ficar com esse, vou ter que providenciar umas pequenas mudanças – disse Don, enquanto anotava no seu celular de trabalho o que precisaria e já enviava lá para a central de segurança no triplex onde providenciariam mais rápido que ele. Incluía novas trancas para janelas e portas, sistema de segurança de alta tecnologia e uma mini câmera para o lado de fora da porta e com visor de LCD por dentro. Ele também pretendia checar a saída de incêndio, como via possível de fuga. Claro, isso tudo se realmente permanecessem ali. Ainda ia ter que conter o desastre iminente.

Quando Sean entrou em casa, encontrou Cristina parada à frente do corredor que dava na cozinha daquele andar, bem menor que a outra do andar de baixo onde ficavam efetivamente todos os cômodos funcionais. Ele logo notou que algo estava errado. Não só pela forma como ela o olhava, mas por apertar de forma nervosa a barra de seu avental colorido, enrolando o tecido naquelas mãos pequenas. Ela só fazia isso quando algo grave acontecia.

Capítulo 4

Quando eu olhar pra você, escute minha voz. Eu sei que gosta dela, no seu ouvido enquanto nós...

Eram oito e vinte da noite, Don ainda estava no Athénée, não conseguira terminar seu plano de segurança e os rapazes dos sistemas, alarmes e tudo mais só poderiam ir amanhã cedo. Ele não sabia como, mas Beatrice arrumara uma mudança em um dia. Telefonou para lá e para cá, falando com seus contatos já que ela trabalhava com decoração e às nove da noite ela já tinha uma cama novinha, um sofá, uma geladeira com alguns itens que eles haviam acabado de encomendar do mercado, um microondas e uma TV grande. Ele ficou lá e recebeu tudo, enquanto mandava Vini, um dos seguranças dos Ward, levá-la de volta para o hotel. Beatrice já queria ficar no apartamento novo, mas isso era impossível, ao menos na concepção de mamãe coruja que Don era. O ar não estava instalado e ele não ia deixá-la ficar lá com a janela aberta e sem um alarme sequer. Nem que precisasse dopá-la e levá-la dali.

– Amanhã eu vou sair e escolher papel de parede, cor de tinta e contratar a mesma equipe que usei na minha última reforma – ela dizia, lá do quarto.

– Nós vamos... – completou Don, olhando pelo celular a recepção da câmera de segurança da entrada do prédio que “seu pessoal” já hackeara. A segurança era fácil, ele ligava lá para os caras da empresa de segurança que pertencia ao patrão e os caras baixavam lá com a parafernália toda.

Beatrice ignorou o que ele disse e continuou folheando seus livros com cores de tintas. Don havia combinado com um dos seguranças lá da casa do patrão para vir rendê-lo, pois ele precisava ir pra casa ver as filhas. Estava tentando parar de fazer besteira no próprio

casamento, pois ele já estava na sua terceira chance com a esposa que até três meses atrás era ex. E se a patroa estivesse na segurança do triplex, essa hora ele estaria lá no seu cubículo no primeiro andar, terminando de tomar banho.

Ele estava colocando na boca mais uma garfada da comida que Beatrice encomendou pelo serviço de quarto quando seu celular tocou. Era um dos motivos para ele não ter ido embora. Don levantou e saiu correndo do quarto. Como ele estava na sala de estar adjacente a suíte, Beatrice nem o viu, só escutou a porta batendo.

A Ferrari F12 Berlinetta era tão negra com sua fibra de carbono que de noite o que realmente aparecia eram os faróis. E o barulho do motor de 750 cavalos já era uma identidade, Don nem chegara à porta e já sabia quem era. Pelo tempo que Cristina telefonou, seu patrão deve ter descido a Quinta Avenida voando por cima dos outros carros.

– Patrão – ele disse, movendo a cabeça em cumprimento e procurando respirar calmamente.

– Onde ela está? – Sean perguntou, passando direto por Don. Só de olhá-lo dava para ver que ele ia matar alguém, seus olhos estavam até escuros.

O segurança correu na frente dele e o bloqueou antes que Sean chegasse ao concierge que já estava olhando para lá com os olhos brilhando.

– Sr. Ward, eu preciso impedi-lo de fazer isso.

– Sai da minha frente, Don.

– Patrão, exatamente por cumprir meu trabalho, eu preciso que conte até dez.

– Você acha que vou fazer o quê? – os olhos de Sean dardejavam para cima de Don.

– Patrão, se eu deixá-lo passar agora, vou merecer que me demita.

– Don! – gritou Sean, surpreendendo o segurança a ponto de ele arregalar os olhos. – Some da minha frente!

– Sr. Ward – Don o segurou pelo braço, querendo impedi-lo. Sean pegou sua mão e a torceu no ar.

Se alguém estava olhando não entendeu nada, eles executaram um balé muito rápido, parecia até que estavam brincando de empurra-empurra. Mas estavam tentando dominar o oponente. Don era muito bem treinado, valia cada centavo do alto salário que recebia. E Sean era um doentio-psicótico que sabia se defender de muitos jeitos. Começou com dezesseis anos assim que levantou da cama no pós-operatório e não parou, o que desse para usar para se defender, ele queria aprender.

– Qual o andar? – Sean perguntou quando eles foram parar dentro do elevador que abriu atrás dele, ainda um segurando o outro em posição desconfortável.

– Quinze – respondeu Don e rolou mais uma movimentação estranha – Já pode me soltar patrão. Não quero machucá-lo.

– Besteira, você está quase quebrando a minha mão. Eu devia me livrar de você.

– O senhor não fará isso, porque sou o único segurança capaz de ficar atrás da sua esposa sem pedir demissão.

As portas do elevador abriram no décimo quinto e Don esticou a perna para mantê-las abertas.

– Nós vamos mesmo ficar nessa posição estranha?

– Depende do senhor, não o ouvi contando até dez.

– Eu contei até quinze, filho da... – Sean empurrou Don e ele bateu contra o lado oposto do elevador e teve que correr para alcançá-lo.

– Patrão...

– O quarto.

Don apenas apontou a porta. Sean deu duas batidas fortes e aguardou. Lá dentro, Beatrice bufou por ter de largar o que fazia e foi saindo do quarto.

– Don, eu já disse que você não precisa esperar o outro espantalho chegar. E porque diabos você saiu correndo que nem um... – ela escancarou a porta ainda falando e se petrificou no lugar quando deu de cara com o marido. – Sean...

Beatrice deu um passo para trás quando foi confrontada pelo olhar absolutamente irado do marido, seus olhos já naturalmente entrecerrados estavam apertados e escuros, ele parecia uma fera

prestes a atacar alguém e a briguinha rápida com Don o fez desacelerar, mas ela era a fonte de todo o seu descontrole. Ele foi entrando e empurrou a porta, para que ficassem sozinhos.

Don foi rápido e conseguiu enfiar o pé antes que esta fechasse, mas ele ficou do lado de fora, colado à parede e fazendo sua melhor pose de segurança perigoso. Só então ele percebeu seu celular vibrando em seu bolso. Kevin estava chegando lá e o pessoal da segurança estava surpreso. Quando a esposa fazia das suas já era esperado. Mas Don achava que quando o patrão pulou no seu primeiro carro e saiu a mil pela Quinta Avenida, segurança nem passou pela mente dele.

– Como você veio parar...

– Nem comece com essa, Beatrice – disse Sean.

– Que droga você veio fazer aqui? – ela continuava encarando-o e recuando para longe dele.

Sean deu mais alguns passos e conseguiu chegar até ela.

– Eu devia te perguntar isso! Que droga você estava pensando quando saiu de casa pra ir sabe-se lá pra onde? E desprotegida!

– Você não vai me culpar! Don veio junto, não veio?

– Por pura vontade dele! Você vai voltar pra casa comigo.

– Não vou!

– Não tem a menor chance de você ficar por aí que nem uma fugitiva.

– Você não manda em mim, Sean. Eu não sou um dos seus empregados!

– Você vai pra casa!

– Não é minha casa! Eu estou te deixando!

– Eu fiz aquela droga pra você! Ela é sua! – ele apontou na direção da janela, sem tirar os olhos de Beatrice, como se realmente estivesse mostrando o prédio deles. – Eu estou pouco me importando sobre onde vou dormir! Eu só fiz aquilo pra você! Cada pedaço daquele lugar é feito para você ou por você!

– Então readapte para a sua vadia! Eu nunca mais vou voltar pra lá e muito menos com você! – Beatrice disse, exaltando-se e afastando-se dele.

Sean ficou observando-a andar para longe dele, com seu rosto corado e as mãos entrando por dentro das ondas do seu cabelo e jogando-o para trás. Fazia um tempo que eles não se viam tão desconstruídos. Ela estava com um vestido simples e liso que ia até o meio de suas coxas. Seu rosto estava limpo e o cabelo natural, cheio de ondas e alguns cachos, diferente de ontem quando estava escovado e preso naquele penteado requintado. E ele se livrara do paletó, sua camisa estava amarrotada e com os botões de cima abertos, as mangas viradas e o cabelo escuro desarrumado, quase lhe tornando mais humano e mais jovem.

Mas a raiva, a mágoa e o descontrole que eles mostravam um para o outro agora é que realmente lhes dizia como passaram os últimos anos escondidos. Era uma briga e era emocionante, seus corações batiam mais rápido, palavras impensadas saíam de suas bocas e seus gestos eram bruscos.

– Não vou atrás de vadia nenhuma – ele disse, com um tom mais controlado.

– Vai sim! Pode ir pro quinto dos infernos com aquela mulher horrorosa!

Ele deu alguns passos para mais perto dela que havia recuado em direção ao quarto e estava lá perto da entrada em arco, inquieta e olhando-o com raiva.

– Agora é tarde, Beatrice. De ontem para hoje eu descobri algo sobre você que não vai dar mais para desmentir.

– Eu to pouco me lixando para o que você acha que sabe! – ela disse, levantando o dedo em riste para ele. – Some daqui! Agora!

Aproximando-se dela, Sean surpreendeu-a ao segurá-la pelos braços.

– Eu descobri que você se importa – ele disse, olhando-a atentamente e bem de perto. – Foi a coisa mais surpreendente, mas agora eu sei que você quer me esganar e é tão possessiva quanto eu. Quão surpreendente é isso?

– Eu quero o divórcio, estou pouco me importando com o que você descobriu.

Ele estalou a língua e balançou a cabeça lentamente.

– Agora que eu sei, Beatrice, você vai ter que me matar pra me afastar.

– Você precisa aceitar o fato de que eu sou um negócio que não deu certo! Dessa vez nós fomos à falência.

Ah, ela nem sabia que pisava no calo dele quando dizia que o casamento deles era um negócio. Justamente a única relação que Sean tinha na vida e fora de sua família que estabelecera por motivos puramente pessoais. Ela era a única pessoa que ele desejou para ele e não para enfiar em uma de suas empresas e pagar pela vida da pessoa para que ela rendesse seu máximo trabalhando para ele.

Sean já comprara muita gente, ou melhor, o tempo e trabalho dessas pessoas. Ele fizera a oferta e tivera o que queria. Mas Beatrice era seu tesouro pessoal e nem ela ia estragar isso. Muito menos agora que ele sabia que a mulher que o levou à última aventura da vida existia e não tinha sido corrompida coisa nenhuma. Ele afinal ainda não a estragara como fazia com tudo que não fosse comprado.

– Você não é um negócio, você é minha mulher! – ele disse e deve ter sido a primeira vez na vida que a balançou enquanto segurava seus braços, dava para ver pelo choque estampado na face dela.

Empurrando-o para longe, Beatrice fugiu do contato com ele e andou de um lado para o outro à sua frente enquanto tornava seu cabelo numa bagunça.

– Eu pensei muito numa coisa. De ontem pra hoje eu cheguei à conclusão que a única explicação é você ser um homem bem cruel.

– Não se aplica a nós – ele respondeu, sabendo que muita gente já o chamara de cruel, especialmente em meio a negociações. Mas de negócios e era justamente disso que ele fugia ali.

– Eu não consigo entender porque estamos nisso. Você tinha todas aquelas mulheres ricas para se casar. Todas elas eram perfeitas para o que você precisava. Era muito mais fácil – ela parou em frente a ele e o olhou. – Mas você deve ser mesmo sensacional nos negócios. Porque conseguiu enxergar em mim a matéria mais moldável para criar uma perfeita esposa acessório.

– Você não faz ideia de onde eu quero usá-la como acessório, nem comece com isso. Nós dois estragamos tudo!

– Por que, Sean? Pra quê? Você só precisava pagar por uma! Podia ter me deixado em paz! Todas aquelas mulheres aceitariam esse papel e o exerceriam melhor do que eu! – ela disse, sabendo que havia um pouco de hipocrisia em suas palavras, afinal, ela foi perfeita no papel durante quatro anos.

– Porque eu a queria! – ele respondeu, explodindo enfim e deixando sua voz se alterar, gritando algo que não dizia há muito tempo. – Droga, eu queria como nada mais. Eu ainda quero.

Beatrice arregalou os olhos e sua reação imediata e instintiva foi enfiar a mão na cara dele. Ela lhe deu um tapa no rosto que fez o som estalar pela suíte e Sean precisou apoiar bem o pé para seu corpo não acompanhar a força com a qual o tapa o empurrou para a direita. Ela realmente deu aquele tapa com vontade.

– Não ouse... – ela disse, sua mão tremia no ar e sua voz era pura emoção. – Não se atreva a sequer começar.

Sean manteve o rosto virado para a direita, sentindo sua face esquerda arder. Ele fechou os olhos por um momento e mordeu o lábio, sabendo bem que merecera aquele tapa.

– Você devia ter feito isso antes, Beatrice – ele disse, tornando a virar o rosto pra ela.

O que ela viu em seus olhos a fez recuar, foi muito mais intenso do que a raiva que havia lá quando ela abriu a porta. E quando ele avançou, ela continuou se afastando. Não queria nada com esse Sean, esse que parecia tão real e a fazia lembrar momentos que eles tiveram. Queria de volta aquele homem que só aparecia para buscá-la porque com aquele ela podia lidar. Esse Sean era o que ela esperava quando disse sim e Beatrice não queria voltar a vê-lo. Não logo agora, quando só queria ter na mente os péssimos momentos da relação.

– Some daqui! Vai embora pra sua vadia!

Quanto mais ela mostrava o quanto a tal mulher a afetou, mais ele tinha certeza que nunca ia lhe dar o divórcio. A única coisa que ela conseguiria seria uma boa dose dele mesmo, de verdade. E ia ter que ser essa Beatrice para quem ele estava olhando agora, ele

nunca mais queria ver aquela outra mulher fria que parecia incapaz de olhá-lo com o ódio que ela demonstrava agora. Era apenas repulsa e distanciamento frio. Ela não ia mais ter nenhuma oportunidade de retirar as mãos dele de cima dela como quem tira algo do qual sente nojo. Não, porque agora ele ia segurar com tanta força que ela ia precisar de ajuda para se soltar.

– Não, nem pensar – ele a segurou e prendeu-a contra a parede do quarto, escondida da sala caso Don resolvesse abrir a porta.

– Para com isso, Sean! – Beatrice se moveu, sem saber o que fazer para afastá-lo.

– Você quer saber algo sobre as minhas supostas amantes? – ele perguntou, bem seriamente como se isso fosse um assunto a ser tratado logo com ela.

Mesmo sem querer demonstrar o quanto era afetada pela presença dele, ao ouvir a pergunta, Beatrice quase engasgou e não pode deixar de dizer.

– Não seja cruel, seu maldito!

Ele olhava-a de muito perto, tão perto que ao abaixar a cabeça seu nariz tocava o dela e ele o fazia de propósito. Ela não tinha para onde fugir, não conseguia disfarçar e ele podia ver aquele mesmo olhar que viu quando decidiu ir a Baltimore atrás dela e que ainda guardava na mente como uma lembrança preciosa, pois sempre que sucumbiam e ficavam juntos, ele voltava a vê-lo. Aqueles olhos castanho-dourados, coloridos como ouro sob o sol quente, belos e brilhantes e com interesse estampado neles. O desejo deixava os olhos dela incomparáveis.

– Você não tem ideia de como elas eram. Todas iguais, escolhidas a dedo para não terem muita personalidade, porque eu não queria saber o que elas achavam, eu só precisava delas para fingir que me importava com o que diziam.

– Para abrirem as pernas! – ela disse, revoltada e batendo nos braços dele, querendo distância do contato.

– Para se parecerem com você – Sean disse de forma bem simples.

Beatrice ficou olhando-o como alguém que espera o final de uma história. Mas para sua surpresa, Sean puxou-a para a frente do

espelho que ficava na parede do quarto, mais como um adorno do que necessidade. Ele passou o braço em volta da cintura dela, adorando o contato do corpo dela contra o seu, sentindo vontade de esquecer tudo e apenas senti-la, mas se obrigou a olhar para o reflexo deles. O que viu foi suficiente para excitá-lo. Era extremamente excitante olhar para eles, mais ainda para ela, corada e irritada, presa contra ele, com o tecido do seu vestido amarrotado embaixo de seu braço e a mão dela se apoiando nele.

– Eram todas clones. Da melhor forma que pudessem ser, ao menos tentavam – ele continuava olhando para eles, mas agora a encarava pelo espelho. Com a mão livre ele pegou um punhado do cabelo dela e o levantou um pouco para mostrá-lo. – Horas em salões tentando conseguir o tom exato do seu cabelo – a mão dele escorregou dos fios para seu rosto. – Cirurgias no nariz, maquiagem profissional, lentes de contato... – ele encostou o nariz no rosto dela e disse baixo – Mas não há olhos como os seus, em lugar nenhum.

Beatrice fez de tudo para desviar o olhar do espelho, mas não dava. Simplesmente não conseguia parar de olhar para ele e a forma como a encarava e tocava. E queria saber, era doentio, ela devia matá-lo, mas sua curiosidade era mais forte.

– Apliques, perfumes, esmaltes, roupas... – ele dizia baixo, agora deixando de encará-la por um momento, para olhar o real e não a imagem. – Ou até mais longe – ele colocou a outra mão em sua cintura fina, vendo ambas a segurarem e as subiu até cobrirem seus seios e sentir os mamilos responderem ao toque.

Ela pendeu um pouco a cabeça, vendo-o massagear seus seios e sentindo todo o seu corpo corresponder sem lhe dar chance de fingir que não sentia nada. Ela fechou os olhos, sem conseguir acreditar no que ele lhe dizia. Como vivia em negação e preferia fingir que sua imagem não era tão divulgada pela internet, Beatrice se recusava a pensar nas consequências.

Mas elas existiam e pelo mundo afora, mulheres pegavam fotos suas e de outras que habitavam o mundo estranho dos sonhados padrões imaginários e levavam a cirurgiões ou colavam em armários como estímulo. O mais irônico é que o número de manequim dela

não cabia no padrão opressivo da sociedade, ela não gostava de malhar e nunca fizera uma cirurgia estética.

Mas a questão com Sean ia além da aparência. Eram sinais. Ele não queria apenas uma mulher que tivesse um corpo ou um cabelo parecido com o dela. Ele era atraído por sorrisos, risadas, modos de se mover, de falar, gostos e vários outros detalhes que o faziam lembrar-se dela. Por vezes em mulheres que pouco tinham de similar com ela fisicamente. Mas era isso que o atraía. A lembrança dela.

– E eu as queria, porque eu queria você. Eu pouco me importo o quanto é doentio. Eu podia imaginar que você queria o mesmo que eu, eu tinha umas horas para fantasiar. Mas era só deixar a fantasia escapar... – Sean começou a beijar o rosto dela enquanto a olhava.
– E não era mais você.

– Você é... você... – ela balançava a cabeça, tentando lembrar a palavra que se encaixasse aquela situação.

– Eu sei – ele mantinha os lábios encostados em sua pele. – Eu sou culpado. Mas eu quero que você saiba o que eu queria tanto.

Estreitando os olhos e segurando as mãos dele, Beatrice desvencilhou-se do marido e o encarou, agora era o seu olhar que estava maldoso.

– E você fazia o quê? Chamava o meu nome enquanto estava dentro delas? Porque você curte falar, Sean. Bem durante o sexo.

Um leve sorriso apareceu no rosto dele que começou a rondá-la para se aproximar novamente porque ele queria aquele contato de volta. Era tão bom, Sean sentia-se como um necessitado recebendo sua única refeição do dia e roubando outro prato antes de sair correndo. Colocar as mãos nela era como happy hour, você espera a semana toda para ter um consolo na sexta à noite. Mas eles estavam há anos só esperando.

– E você lembra – o sorriso dele se abriu um pouco mais. – Você se lembra de tudo, especialmente a última vez.

– Você não respondeu minha pergunta.

Ele deu de ombros como se aquilo não tivesse a menor importância, queria mesmo era voltar ao tópico da última vez deles. Mas era melhor começar a falar a verdade. Ele parou por um instante, debatendo sobre sua percepção já arruinada de si mesmo.

– Eu não dormi com elas.
– Você é ridículo! Sabe que não precisa mentir pra mim, eu vi!
– Eu não dormia com elas. Eu queria fingir que tinha um tempo com você. Não precisava ser sexual.

– Dormiu com umas dez, então?

Ele odiava admitir que havia fraquejado em qualquer coisa. Ainda mais para ela, mas estava aí mais um motivo daquela relação arruinada. Ninguém era perfeito e ambos viviam se fazendo de indestrutíveis e impecáveis o tempo todo.

– Eu cometi um erro, Beatrice.

Ela parou e o observou, vendo que ele também estava parado ali, olhando para algum ponto no chão.

– Era aquela que eu vi, não era?

– Eu chamava até pelo seu apelido, Bea. Agora eu só sei gozar assim – ele voltou à primeira pergunta dela.

Ela bufou e deu um empurrão nele, ignorando o fato de ele estar adorando toda essa agressividade. Era paixão pura, da mais refinada, escorrendo por cada poro dela. E ele ia dar corda até ambos se afogarem.

– Eu nunca sairia por aí chamando meus amantes de Sean!

– Você não tem amantes.

– Quem foi que lhe disse isso?

– Eu sei absolutamente tudo que você faz, Beatrice. Não comece a me provocar agora.

– Você não sabe de nada! Você nunca está aqui pra nada!

– Verdade, você não suporta passar muito tempo comigo. Mas nada disso me impede de saber onde e com quem você está.

– Eu não acredito numa coisa dessas! Você desaparece tão bem que eu podia ter dado pra pelo menos três caras só hoje!

– Com Don filmando ou assistindo?

– Seu nojento! Eu vou me livrar dos seus seguranças também.

– Assim que eu estiver morto!

Ela andou para perto da cama, cada vez mais irritada com ele e só abriu as mãos porque suas unhas estavam começando a ferir as palmas. Foi aí que ela se lembrou de algo para furar bem o ego dele.

– Eu não preciso de nada disso. Eu sei me virar sozinha. Não tenho amantes simplesmente por não querer a complicação que vem junto com os homens. Mas tenho algo muito mais reconfortante do que você e sua total ausência e nem preciso de clones – ela mexeu os dedos no ar. Ele obviamente entendeu o que ela queria dizer. – É um amigo comprado, com bateria de longa duração e vibração em três intensidades. Melhor do que esperar você.

Ele foi se virando de frente para ela com seus olhos cada vez mais estreitos. Podia jurar que não estava querendo transar com ela hoje, por incrível que pareça ele tinha colocado a cabeça de cima para funcionar por mais pulsante que a de baixo estivesse. E hoje não era uma boa ideia, mesmo que uma rapidinha de quebrar a cama fosse uma ótima opção. Mas tinha que planejar o futuro dessa vez da mesma forma visionária que pensava nos seus investimentos.

E para investir na relação com Beatrice, as roupas dela iam ter que ficar no lugar. Bem, esse era o plano. Mas ela parecia com alguém que precisava ser lembrada como sexo de verdade era bom. Podiam brincar com o amigo da bateria daqui a um tempo.

Do lado de fora do quarto, Don e Kevin estavam um de cada lado da porta entreaberta. O primeiro segurava a maçaneta e se inclinava para dentro, porque tinha ficado um silêncio danado desde que eles sumiram da sala. Kevin olhava para Don e balançava a cabeça negativamente, dizendo para ele não bisbilhotar porque eles podiam vê-lo.

– Isso está muito suspeito – Don disse baixo.

– Você acha que voltaremos pro triplex hoje? – perguntou Kevin, no mesmo tom baixo.

– Acho que não. Ela está decidida. Vamos ter que arrumar as escadas.

– Já estou até vendo. Amanhã cedo vou checar o rastreador de todos os carros dele.

– Checa os da patroa também. Vou passar lá pra pegar e impedi-la de ficar de táxi por aí.

Don continuava estranhando aquele silêncio todo dos dois que estavam gritando até agora pouco, mas voltou a se recostar contra a parede.

– É sério que ela pediu o divórcio? – perguntou Kevin, desanimado demais.

– Vamos os dois plantar bananeira em cima da Estátua da Liberdade no dia que ele der o divórcio a ela. Ele ainda está com aquela do restaurante? – disse Don, em tom de quem sabia o que dizia.

– Não, você sabe que elas só duram umas horas. Ainda bem, aquela do restaurante me dava medo.

Don começou a rir do amigo.

– Sério, cara. Ela parecia uma boneca, toda de mentira. Aquilo sim era uma cópia – Kevin balançou os ombros como se tivesse se arrepiado.

Os dois ficaram em silêncio por um minuto, agora ambos voltaram a escutar a voz do casal lá dentro, só que bem mais baixa que antes, deu pra ouvir Sean dizendo algo sobre quando estivesse morto.

– Era parecida com ela? – perguntou Don, agora o tom dele que era desanimado.

– Toda montada pra parecer. To dizendo, mulher assustadora!

Don ia responder, mas eles escutaram o barulho dentro do quarto.

– Sai daqui! Não ouse fazer isso, Sean!

Os dois se engalfinharam por cima da cama, jogando travesseiros e almofadas para todos os lados, Beatrice se segurava nos braços dele que não pretendia lhe dar nenhuma chance de fugir. Foi o tempo dos seguranças entrarem correndo, achando que os dois haviam ido longe demais na briga e quando apareceram a frente das portas duplas para o quarto, estacaram, em choque. Os dois em cima da cama também pararam e olharam para Don e Kevin.

Por um momento todos pareciam congelados, com os olhos dos seguranças arregalados enquanto viam Sean por cima da esposa que estava com o vestido totalmente fora do lugar e o segurando enquanto ele mantinha uma das mãos entre as pernas dela. Ainda bem que a cama ficava de lado pra porta.

– Mas será possível! – disse Sean. – Vocês querem dar o fora daqui! Estou no meio de um assunto sério – ele dizia, ainda na

mesma posição, apoiando o antebraço na cama e com a outra mão entre as pernas de Beatrice.

Ela corou até a raiz do cabelo e o empurrou com brusquidão, pulou da cama e fugiu para o outro lado do quarto.

– Você vai ouvir dos meus advogados, Sean!

Ele sentou na cama e apoiou as duas mãos, seu olhar estava cravado nela daquela forma intensa e raivosa que um homem só consegue olhar para uma mulher por quem ele tem fixação. Não adianta ter um pouco de amor e afeição, só paixão febril e perigosa causava aquele tipo de olhar em alguém.

– Por começar a te masturbar? Você não acha que é um pouco tarde pra reclamar disso?

Ah, como ela queria matá-lo agora, mas depois de puxar a língua dele e cortar com um facão.

– Para assinar o divórcio!

Ele pulou da cama também e passou a mão pelo cabelo, ajeitando-o um pouco.

– Nós vamos conversar sobre isso outro dia. Hoje eu não estou no meu juízo perfeito – ele foi andando para a porta, sabendo muito bem que não ia estar em juízo nenhum com ela aprontando daquele jeito.

– E eu vou pedir uma ordem de restrição contra você! – ela gritou de onde estava, perto da janela.

– Alegando o quê? Coito interrompido?

– Vai pro inferno! Eu não quero te ver nunca mais.

– Então nos vemos amanhã.

Kevin trocou um olhar com Don e saiu do quarto atrás de Sean. Beatrice teve um ataque de ódio e sapateou no lugar enquanto soltava um som de raiva contida. Quando parou estava ofegante, mais despenteada ainda, mas menos descontrolada. Don foi até a pequena cozinha da suíte e lhe trouxe uma garrafa de água.

– O que você quer dizer com divórcio, patrão? – gritou Rico, totalmente em pânico, sua face estava até pálida.

Rico era realmente uma figura. Ao contrário de Sean que era um iceberg e parecia o tipo que piscaria de forma entediada se alguém explodisse algo ao lado dele, Rico era dado a momentos de histeria. Só olhando ninguém dizia, com seu terno impecável, o Ipad sempre na mão e a pastinha de couro que costumava acompanhá-lo, sua aparência era distinção pura. Era até um homem bonito, mas muito certinho e arrumado demais.

E se houvesse Awards de secretário pessoal mais eficiente do mundo, ao menos em umas duas edições o prêmio seriam dele. Rico conseguia as coisas mais impossíveis, ele podia cuidar de absolutamente tudo para Sean. Agendar reuniões, voos, reservas em restaurantes, hotéis, índices da bolsa, planilhas, pesquisas, investigações confidenciais, agenda, telefonemas, e-mails, horários no barbeiro e no alfaiate, contato com a mídia, recados, contas... Qualquer tarefa referente à vida profissional de Sean; Rico dava um jeito. Muitas vezes ele não o fazia diretamente, mas passava a missão para o time no escritório e ficava cobrando a resposta ou contratava o serviço necessário.

E havia os aspectos da vida pessoal de Sean. Como as mulheres que faziam cover de Beatrice. Rico era estressadíssimo com isso, não era nada fácil encontrá-las. E ele só procurava aquelas com semelhança física, as outras dos detalhes que traziam lembranças, só Sean conseguia ver. Teve uma que Rico encontrou que era da Coreia do Sul e vivia vendendo fotos da Sra. Ward na internet, então levou tudo para um cirurgião plástico. Se alguém visse o antes e depois da mulher ia cair pra trás.

Quando Sean viajou até o Japão, logo após passar uma semana em Nova York; Rico deu um jeito de levar a mulher até lá e fazer as apresentações. Dito e feito. Ela passou o dia fazendo as refeições com Sean o que melhorou um pouco o humor dele. Mas depois Rico que se virasse para dar um presente ou recompensar a mulher com algo que ela quisesse. Sean provavelmente nunca mais ia querer vê-la.

Rico já havia feito as maiores maluquices para conseguir encontrar uma dessas mulheres que tentavam parecer com Beatrice. Não precisava de nada tão radical, a maioria copiava as roupas, os cosméticos, a cor do cabelo e a maquiagem. Ah, isso era o ponto forte delas. Maquiagem e cabelo faziam verdadeiros milagres. Quando Sean via alguém com algo similar à sua esposa, gastava seu tempo para falar com a pessoa, às vezes por cinco minutos. Mas de um ano para cá, isso já não bastava e Rico tinha que conseguir covers cada vez melhores.

Depois a dor de cabeça era toda dele. Como a garota do encontro no Japão que gastou com depilação e lingerie achando que era uma coisa e na hora ela só precisou engordar enquanto fazia as refeições do dia. Mais nervoso ainda ele ficava quando elas pensavam que já que não haviam dormido com Sean, talvez devessem dormir com ele. Rico quase morria de nervoso.

A última mulher era uma figurinha repetida o que era inédito. Recentemente ela havia reaparecido após mais uma cirurgia e uma melhorada no visual, estava mais parecida. Em compensação, mais perigosa, porque conseguiu entender porque Sean se interessou. E a mulher estava em Nova York, ou seja, Rico estava quase enfartando. E agora mais essa. Divórcio! Pelo amor de Deus, não! Ia ser o inferno na Terra. Sean ia ficar insuportável, não haveria nada no mundo que o controlasse.

E Rico adorava a Sra. Ward, ela era perfeita para o seu chefe. Só não conseguia entender porque diabos os dois não ficavam juntos. Da última vez que eles passaram uma noite juntos, Sean ficou semanas sem procurar alguém sequer para conversar. Foi uma época tão calma, tão feliz. E subitamente, logo depois de um desses jantares, ele mudou de comportamento e ultrapassou a barreira. Ninguém precisou contar. Foi uma surpresa para os seguranças e para Rico quando souberam que ele havia ido longe demais. Claro que ele ficou insuportável depois, não havia nada que melhorasse, porque era ódio próprio, misturado a tudo que ele vinha sentindo há anos.

– Eu acho que divórcio só tem um significado – respondeu Sean, continuando a tomar seu café na mesa da sua sala particular,

contígua ao seu quarto no triplex.

– Mas... mas... Como?!

– Eu pensei que a essa altura os rapazes já tivessem te dito.

Rico ficou vermelho e bateu com o Ipad ao lado da coxa.

– O que aqueles malditos não me contaram?!

– Beatrice me viu no restaurante.

– Ah, meu Deus. Eu acho que vou passar mal – Rico sentou na cadeira mais próxima e serviu um pouco de café para ele mesmo, bebeu tudo num gole só.

– As bebidas alcoólicas ficam pro outro lado, Rico – Sean colocou outro pedaço da omelete na boca. Ele mesmo tinha dado um bom desfalque nas bebidas, quando Rico percebesse, aí mesmo que ia ter um troço.

O secretário ficou olhando estarrecido para o seu chefe. De acordo com o que ele sabia, Sean devia estar de péssimo humor, desarrumado, cheirando à bebida, ou melhor, bem bêbado, sem ter tomado banho e bufando. Sim, com certeza bufando como um touro enraivecido. Ou talvez chorando como Rico nunca viu. É, ele não conseguia nem imaginar Sean aos prantos, mas podia pensar nele depressivo, amargando o abandono e se achando a última criatura da face da Terra.

Ao contrário de tudo isso, seu chefe estava de roupão, cabelo úmido do banho e comendo com muito apetite. Isso não fazia nenhum sentido, ele tinha uma espécie de fixação por aquela esposa dele que o ignorava mais que vendedor de tapete batendo na porta em pleno sábado. Mas Rico não sabia que algo mudara na vida de Sean, ele havia descoberto que Beatrice se importava.

– Você está bem? – Rico perguntou, olhando-o de forma descrente.

– Em que sentido? – Sean levantou uma sobrancelha e comeu mais um pouco enquanto o olhava.

– Emocionalmente.

– Não estou bem emocionalmente há anos, Rico. Que pergunta é essa?

– É, tem razão. Mas...

– Não vou me jogar da ponte do Brooklyn se é isso que quer saber.

– Bem, me acalma um pouco... Mas e do topo do Clarence?

– Rico, fecha essa matraca e cancela os meus compromissos.

O secretário botou seu Ipad sobre a mesa e abriu a capa de couro, dobrando-a por baixo do aparelho. Destravou a tela e fez tudo de forma bem metódica, porque a última vez que ouviu Sean dizendo "cancela meus compromissos" sua irmã estava em uma clínica, tendo um filho de pai desconhecido.

– Para esta manhã? – ele olhou o relógio e viu que iam se atrasar para primeira reunião se não saíssem em vinte minutos.

– Para a semana.

– O quê? – o grito de Rico foi tão alto que Cristina veio ver se estava tudo bem.

– Pode começar – Sean colocou mais café em sua xícara e se recostou para beber.

– Mas hoje é sexta-feira.

– Eu sei, quero meu final de semana livre.

– E na segunda temos um voo para...

– Cancela.

– Mas seus sócios da...

– Cancela.

– E a inauguração do...

– Que parte do cancela você não entendeu?

– Meu Deus, é o apocalipse, alguém chame os Winchester! – disse Rico enquanto seus dedos voavam sobre a tela.

A agenda geral de Sean estava conectada com a secretaria sênior lá no Grupo Ward e ela por sua vez liberava o necessário para os departamentos da empresa. Estella, a secretária, chegou a escorregar da cadeira quando viu a notificação de mudanças e tudo foi ficando vermelho em sua tela. O celular de Rico tocou imediatamente, a mulher gritava que era algum bug no sistema. Ele nem tentou explicar, só disse para ela se preparar. De repente tudo virou um caos pelas empresas e pelas casas dos diretores e gerentes. Porque se Sean não ia, alguém precisaria ir ou se virar para dar um jeito.

– Eu devo ao menos pedir para um dos seus advogados vir aqui tratar do divórcio? – Rico perguntou, vendo Sean se levantar da mesa e se dirigir para o seu closet.

– Não vou me divorciar.

– Mas, patrão...

–Você já cancelou meus voos, já pediu pro diretor de comunicação providenciar a inauguração sem mim, já ligou pra Estella notificar meus executivos e mandá-los arrumar as malas?

Rico sacou seu tecladinho portátil, colocou em cima da mesa e começou a digitar furiosamente enquanto olhava para o Ipad. Ele tinha acabado de ganhar dias cheios de trabalho para resolver os não compromissos de Sean. Seu celular ia ficar parecendo telefone de pizzeria no feriado.

– Acho que eu quero programar minhas férias, Rico – Sean disse lá de dentro do closet.

– Não, pelo amor de Deus! Não tenho estrutura pra isso! – ele olhou para as bebidas de verdade e ficou seriamente tentado.

Capítulo 5

*Quando eu olhar pra você, olhe para mim também.
Gosto de fingir que sente o mesmo que eu.*

Don entrou no apartamento carregando mais uma caixa e não era nada da mudança que Beatrice estava orquestrando, era alguma das bugigangas de segurança dele. No outro cômodo, ela falava com seu trainee, Hart Slavik, que ela só chamava de Hartie. Ele tentava acompanhar o ritmo dela que estava mais acelerado do que nunca.

– Eu preciso do papel em alto relevo, Hartie! Não apareça aqui com aquelas coisas enrugadas.

– Jamais, não encaro nada enrugado.

– Você fala isso porque só tem vinte anos – disse Beatrice, como se não fosse apenas sete anos mais velha do que ele.

– Vou trabalhar duro para pagar o cirurgião para esticar minha cara – respondeu Hartie, pressionando os lados dos olhos e puxando.

– Você precisa de vergonha na cara, não de cirurgia.

– Não consigo comprar vergonha com dinheiro! Já tentei! – disse Hartie, saindo com seu usual jeito sem vergonha e aquele cabelo loiro e cortado de um jeito que lhe dava sempre um ar esvoaçante e jovial.

Beatrice deixou a sala e foi até o escritório onde Don tinha montado seu QG, ele já tinha até uma mesa ao lado da porta. Ele queria ficar no foyer, quase como um pedágio, mas ela ameaçou por laxante na comida dele, então negociaram aquela área como sua. Na verdade, ele estava passando muito tempo fora do apartamento, ali por dentro do prédio, Beatrice tinha certeza que ele estava aprontando alguma.

Ela sentiu seu celular tremer em seu bolso e quando olhou a notificação, era do Whatsapp. Achou que era sua irmã ou qualquer dos contatos que tinha.

“Gostando do apt? Pela planta parece confortável. Tibby te mandou um beijo.”

Ela ficou olhando para a tela por pelo menos uns dez segundos, cada vez mais indignada. Desde quando Sean tinha o seu Whatsapp? Aliás, desde quando ele usava isso? Ela nunca o viu online! Tudo bem que também nunca olhava a própria lista de contatos, só ia até a tela das conversas recentes. Mas que se danasse!

– Don! – ela balançava o celular no ar. – Quem mandou a planta do meu apartamento para ele?

– Não incluí planta no meu relatório.

– Relatório? – ela gritou.

– De segurança – ele completou, mantendo a postura impassível.

– Ele é um ex-marido abusivo! Devia haver alguma lei contra bisbilhotar a planta do meu apartamento.

Don achou melhor não apontar o fato de que Sean ainda era marido dela. E também preferiu não estragar sua ingenuidade, afinal, ele sabia que seu chefe bisbilhotava muito mais do que plantas. Ele sabia tudo, absolutamente tudo. Ele podia localizar a esposa em qualquer lugar do mundo e de diferentes formas. E conhecendo-o como Don já conhecia, tinha certeza que ele ficava lá no lugar onde estivesse olhando pelo aplicativo de seu smartphone, para onde Beatrice ia. Ela ia criar a quarta guerra mundial se soubesse que ele “bisbilhotava” a vida dela, especialmente porque estavam nesse cabo de guerra sobre quem não se importava com o outro.

– Tess está na cidade? – Beatrice perguntou a Don, dando o braço a torcer e ficando curiosa sobre Sean ter falado da sobrinha.

– Não, o patrão foi visitá-la.

– Ela está doente? Internada? Em reabilitação? Grávida de novo?

– Não que eu saiba.

Theresa Ward, ou Tess como era chamada pela família, morava em uma mansão de frente para a praia na vila de East Hampton, a

duas horas de viagem de Manhattan. Era mais rápido pegar um helicóptero e descer no heliporto da propriedade, mas Sean estava com humor para dirigir. Era sexta, ele ia passar a noite lá e voltar para cidade no dia seguinte, então pegou sua Ferrari negra e enfiou o pé no acelerador. Dirigir o acalmava. E os seguranças no carro atrás dele tinham que dar seu jeito de conseguir segui-lo de perto.

Enquanto passava a marcha do seu carro, porque ele queria se divertir e no manual era mais eletrizante, Sean pensava no que havia se metido agora. Como ele ia fazer para conseguir retomar seu casamento? Sinceramente, ele vinha vivendo quase no automático. O “quase” ficava exatamente por conta de sua esposa que lhe causava ataques de fúria e desgosto por si mesmo a cada nova rejeição.

Então ele deixava o triplex e o círculo se repetia. Mais uma mulher parecida com ela passava por sua vida, fosse por cinco minutos ou por um jantar, quando terminava ele não queria ver a mulher de novo. Especialmente pelo longo tempo que duraria seu mau humor. Mas então ele retornava para casa e tudo recomeçava.

O que ele fez há pouco tempo estava corroendo-o e ele não queria pensar no assunto. Era como se apesar daquela relação destruída, ele e a esposa tivessem um acordo silencioso. E ambos andaram tentando escapar, nenhum dos dois conseguiu. Mas ele quem quebrou o acordo e agora descobrira que ela se importava com isso e não ia perdoá-lo.

Se ele contasse isso para algum dos seus conhecidos, ninguém ia acreditar. Mas ia dizer a quem? Ele tinha milhares de conhecidos e parceiros confiáveis de negócios. Não ia dizer para nenhum deles qualquer coisa sobre sua vida pessoal. Nada de amigos íntimos, ele não tinha mais dessas criaturas abençoadas desde a adolescência. Eram amigos, estranhamente mantidos à distância de sua vida sentimental.

Era assim desde que saiu vivo do sequestro e se trancou naquela casca transparente, inquebrável, mas perfeitamente ludibriada pela mulher com quem ele casou. Bem, ela nunca concordaria com isso. Nos últimos anos ele só lhe mostrava a face composta, com camada

dupla de proteção, assim ela não conseguiria ultrapassá-la com aquele seu hipnotizante olhar dourado.

Havia uma pessoa com quem ele podia se abrir. Seu maldito primo, Jared Ward. Estava sempre se encontrando com ele quando viajava e não fazia muito tempo que ele havia sido o motivo das constantes viagens de Sean. Claro que ninguém sabia os pormenores, mas Jared esteve metido em um sério problema pessoal e lá estava seu primo, fazendo de tudo para arrancá-lo dessa.

Assim como Jared se mudou para Nova York no mês seguinte ao sequestro de Sean e ficou grudado nele o tempo inteiro, fingindo que não estava com medo de perdê-lo. Se havia alguém para quem contar a verdade, era Jared. Sean sabia que ia levar uns socos, porque não vinha sendo sincero com o primo. Tinha dificuldade de falar sobre Beatrice com qualquer um.

– Podemos nos falar mais tarde? – Sean estava com o fone de ouvido enquanto dirigia.

– Você parou de me esnoabar e resolveu conversar? – Jared perguntou, fazendo uma voz sentimental.

– Você está soando como uma namorada louca do colégio.

– Como você é insensível. Toda vez que me liga de fora do escritório eu imagino qual será o problema.

– Isso é mentira, eu ligo mais pra você do que pra minha mãe.

– Eu sei, tia reclamou disso no nosso último encontro.

– Mentira.

– Você sabe que comigo ela abre o coração. Sou o filho preferido.

– Vai se ferrar. Me liga mais tarde?

– Que merda você fez?

– Estou dirigindo.

– Sim, isso também é uma merda que você sempre faz.

Tess ficou surpresa por Sean ter realmente vindo, quando conseguia aparecer, era uma visita rápida, parecendo ser mais por Tibby do que por ela. Theresa era diferente do irmão, ela deixava tudo transparecer. Não gostava disso, mas era o seu jeito. Talvez por isso não conseguisse manter nenhum relacionamento. Ao menos com ela, Sean ainda tentava. Ele sentia que havia imposto uma

barreira entre eles há muitos anos. Quando tinha dezesseis anos e subitamente virou um irmão mais velho distante e sempre ausente, Tess tinha apenas dez anos e era totalmente apaixonada pelo irmão, inclusive caiu em tristeza profunda quando o levaram.

Nada voltou ao normal depois. Em sua adolescência ela se revoltou, brigou com o irmão e depois se mudou para Florença onde ao menos terminou seu curso de artes. Mas não depois de Sean ir buscá-la e interná-la numa reabilitação. Então de repente ela apareceu em Nova York grávida e desiludida, sem nem ter certeza sobre a identidade do pai da criança. Daí nasceu Tibby, uma fofura que agora tinha quatro anos.

Tess também via Sean tentando com a sobrinha, agora que sua revolta juvenil passara e ela amadurecera enquanto tentava ser uma mãe decente, conseguia se entender melhor com o irmão. A morte do pai os levou a se aproximar mais.

As responsabilidades de Tess como mãe iam muito bem, Tibby era sua única preocupação, mas era só até aí. Ela era uma artista, pintava quadros de estilos e tamanhos variados e participava ativamente da latente comunidade artística na área dos Hamptons, mas quase não ganhava dinheiro com isso. Vivia mesmo da renda de sua parte dos negócios dos Ward, não sabia quanto valia, qual a porcentagem ou como andavam os negócios.

O dinheiro continuava caindo em suas contas e Sean e seus incontáveis contadores que se preocupavam com essas coisas. Quanto a isso, Tess não parecia que tomaria jeito, Sean tinha medo de ela arrumar um marido espertalhão que lhe tomaria tudo. Já a mãe deles só dizia “veja pelo lado bom, ela largou a cocaína e nunca mais engravidou”.

– Você veio dirigindo? – Tess falou assim que Sean bateu a porta da Ferrari que parecia até um garanhão espumoso depois de um longo exercício, quente e suja.

– Estava precisando espairar – respondeu Sean, subindo os degraus e indo abraçá-la. Ele não parecia nem um pouco cansado das duas horas atrás do volante e com o pé fincado no acelerador, batendo cravado no limite de velocidade que a estrada e o trânsito permitiam.

- Negócios e negócios... – comentou Tess.
- Dessa vez não.

O Range Rover com os seguros parecia muito mais cansado do que a Ferrari, alguém diria que ele estava olhando com mágoa e haveria uma discussão de relação ali. Kevin e Alvez acenaram e foram rodeando a casa para se encontrar com os dois seguros que moravam ali, velhos conhecidos seus. Desde que Tibby nasceu tinha alguém para cuidar só da segurança dela. Ninguém na família queria dizer, todo mundo preferia esconder, mas o terror que a levassem como fizeram com Sean era verdadeiro, a marca ia ficar em todos eles. No fundo, Tess, Candace e mesmo os familiares que moravam fora dali e vieram acompanhar tudo de perto, sempre viveriam com certa insegurança escondida em seu âmago.

– Como não? – Tess foi andando atrás de Sean para dentro da mansão dos Ward onde os dois passaram boa parte de suas vidas indo visitar no verão.

– Tio! – Tibby veio correndo com toda a velocidade que tinha, estava enfiada em um maiô super colorido e com os pés sujos de areia. Ao menos alguém naquela família mantinha toda a ingenuidade e espontaneidade de gritar sua felicidade pela casa.

– Vem cá, furacão! – ele a capturou no ar quando ela deu um salto de longe direto para cima dele que se estivesse distraído ia no mínimo ser levado ao chão.

Tibby era uma espécie de mistura da família, mas fora do lugar. Ela não parecia com a mãe, pois Theresa herdara os traços leves e o cabelo cor de mel de Candace. Tibby tinha o cabelo escuro como o de Sean, mas não exatamente no mesmo tom. Pelas suas pesquisas e pelo que pôde sondar com a irmã, pois até hoje Tess agia como se o assunto fosse doloroso demais, o pai de Tibby não era o seu ex-namorado drogado e sim um italiano que ela conheceu em seu último ano de curso em Florença. Mas ele não era natural de lá, também estava na cidade por um tempo determinado. E Tibby carregava muitos traços do pai, até dava para mascarar e dizer que ela parecia com o tio ou o avô, mas só se a pessoa preferisse enxergar isso.

– Você demorou! – disse a menina em seu tom infantil de reclamação.

– Se ela fosse um menino, não ia gostar tanto de você – alfinetou Tess e foi indo na frente com um sorrisinho.

– Mas felizmente ela nasceu a garota mais linda da minha vida – ele disse, carregando a sobrinha para sala.

– Você diz isso a todas – Tibby riu, como se a frase fosse muito cômica.

– Quem ensinou isso a ela? – ele perguntou, com autêntico ultraje.

– Eu tenho que ensiná-la desde cedo a resistir a homens como você – disse Tess, rindo dos dois.

– Isso é errado! – protestou Sean.

Beatrice estava discutindo detalhes de decoração com uma futura cliente quando sentiu seu celular tremer. Isso acontecia com frequência então ela ignorou e esperou até se despedir da mulher que era dessas controladoras extremas que ao invés de contratar uma decoradora, devia dar um jeito sozinha, já que quase não dava liberdade de criação. Estava a ponto de dizer à mulher que não ia fazer o trabalho em seu maravilhoso novo apartamento do qual a infeliz não parava de se gabar quando abriu seu Whatsapp e tinha uma mensagem nova de Sean. Era uma foto da sobrinha sentada ao lado dele e segurando um quadro, com letras quase ininteligíveis, mas que dando zoom ela acabou entendendo. Dizia “Hey tia!”. E ao lado um coração extremamente torto, tudo feito pela menina.

– Mas que filho de uma... – Beatrice murmurou para o celular.

Pelo jeito ele havia ido mesmo até East Hampton visitar sua irmã e sobrinha. Mas o que deu nele? Não estava mais olhando a atualização da agenda dele que Rico fazia questão de manter sincronizado por um aplicativo no seu celular, mas hoje ele não devia estar lá. Ah, maldito fosse! Ela não queria ficar pensando sobre o que ele fazia ou deixava de fazer. Tinha que pensar apenas na parte sobre separar-se dele e nunca mais vê-lo.

Sendo bem sincera, ela sabia que se permanecesse em Nova York, era bem possível que o encontrasse. Mas quando deixasse de

ser a Sra. Sean Ward, não sabia se frequentaria os mesmos círculos e seu marido vivia trancafiado em seu escritório no topo do GW ou voando por aí em seu jatinho.

Tibby levou um susto quando os talheres da mãe bateram nos cantos de seu prato.

– Como assim divórcio? – ela disse alto, os olhos arregalados e grudados no irmão.

– Já me perguntaram isso hoje... – Sean murmurou e tomou outro gole do seu drink gelado, servido junto com o jantar no terraço da mansão, com a brisa fresca batendo no seu rosto e alvoroçando as ondas do seu cabelo.

– Como é que você chega aqui e diz que está no meio de um divórcio, Sean? Por isso que a Bea não veio?

Ele lançou um olhar de pura sinceridade sarcástica para a irmã e descansou o copo sobre a mesa.

– E desde quando Beatrice vai onde eu vou?

Tess franziu a testa, ela sabia que o casamento do irmão não era exatamente comum. Mas também não fazia ideia de como as coisas realmente estavam ruins. A última lembrança vívida que ela tinha dos dois, era de quase um ano atrás no aniversário de Candace, ali mesmo naquela casa. Naquele dia eles estavam juntos; ela os viu rindo enquanto bebiam champanhe e até desapareceram da festa. Depois só foi vê-los novamente no meio do dia seguinte, quando se dispuseram a deixar o quarto. Ela não era nada tonta para achar que eles ficaram aquele tempo todo jogando tiro ao alvo ou apagados, não estavam bêbados a esse ponto.

– O que é divórcio? – intrometeu-se Tibby, soando muito mais como “U qui é divorço” e sua voz fina interrompeu os pensamentos dos dois adultos.

– As pessoas param de brincar juntas – respondeu a mãe rapidamente e voltou sua atenção para Sean. – Mamãe sabe disso?

– Pelo amor de Deus, Theresa – ele afastou a cadeira e foi saindo, Tibby aproveitou a deixa para cair fora também antes que fosse obrigada a comer o resto da salada.

– Vocês não podem se divorciar – ela seguiu o irmão, falando com suas costas, mas já fazia tempo que deixara de se incomodar com isso.

– Eu não vou me divorciar – ele respondeu, desesperado para fugir do assunto e impedir que sua irmã começasse a falar de sentimentos, isso ele não ia aguentar.

– Seja lá o que você fez...

– Por que você acha que só eu fiz alguma coisa?

– Conserte! – ela respondeu, ignorando os detalhes.

Seu irmão fizera algo, ela tinha certeza porque o conhecia bem, mas isso não a impedia de achar que Beatrice também podia estar aprontando das suas, independente do que fosse. O que Tess sabia muito bem é que nunca pensou que Sean fosse se casar com alguém sem que isso envolvesse um acordo financeiro. Pois bem, ele surpreendeu todo mundo e carregou Beatrice para sua vida, não haveria outra depois dela.

Tess sabia também que toda aquela história de “vamos tentar ser uma família novamente” tinha começado há quatro anos, quando ele se casou com Beatrice. Ela morria de medo de ele terminar não só seu casamento inexplicável, como também sua disposição para tentar. Ela já perdera o irmão uma vez e nunca superara.

Sean murmurou um palavrão, ela não entendeu, mas sabia que havia sido algo bem venenoso. Tibby felizmente não escutou e ela continuava pulando em volta deles, muito entretida pelo que parecia ser uma pequena discussão. Ela parou na varanda enquanto seu irmão desceu rapidamente os degraus para o jardim e depois os que davam direto na areia da praia e saiu andando descalço. Tibby correu o mais rápido que pôde e antes que Tess pudesse mandá-la voltar, ela já havia alcançado o tio e pulava em volta dele. Os dois seguiram caminhando juntos, Tess não conseguia ouvir os gritinhos estridentes da filha, mas podia vê-los em seu passeio.

O sábado de primavera estava ótimo, muito agradável e fresco. Beatrice respirou fundo, alongou suas costas e seguiu pelo foyer do seu apartamento novo. Era alugado, ela estava fazendo umas pequenas mudanças só para se sentir num lugar mais seu. E

frequentemente se pegava perdida, sem entender exatamente onde estava e achando que encontraria mais uma porta para o resto do lugar. Havia cinco cômodos, espaçosos para os padrões de Nova York, mas mesmo assim, ela foi extremamente mal acostumada.

– Idiota espaçoso. Podia ter arranjado um lugar menor – ela disse, amaldiçoando Sean e o triplex. Só o closet que ela estava acostumada a usar já era mais comprido do que esse quarto.

– Pensando em mim no seu tempo livre?

Beatrice virou-se rapidamente, dando com as costas na porta aberta do closet que fez um enorme barulho quando a maçaneta bateu contra a parede.

– Hum, pra se assustar desse jeito estava pensando sacanagem – Sean não conseguiu evitar uma risada.

Recompondo-se da melhor forma, Beatrice empurrou novamente a porta e acendeu a luz do minúsculo closet.

– Você devia tocar a campainha, sabia?

– A porta estava aberta – Sean se aproximou e olhou para dentro do closet, inclinando-se perto demais dela para conseguir ver. – Sério? Nem sua lingerie cabe aqui dentro.

Ela ficou vermelha e com ódio mortal porque era verdade, o closet era do tipo que a pessoa só consegue dar um passo para dentro e tem espaço com cabides dos dois lados e prateleiras à frente.

– Você não sabe nada sobre a minha lingerie! Esse está muito bom! – ela disse, apenas para não dar o braço a torcer e fechou a porta do closet.

– Na verdade sei sim. Aliás, eu lhe trouxe umas coisas. Gostei daquelas suas novas calcinhas de renda, bem transparentes...

Ela se virou para ele imediatamente, se seu olhar matasse, Sean ia cair duro ali.

– Você não mexeu nas minhas calcinhas, seu maníaco tarado!

Ele inclinou a cabeça para trás e gargalhou.

– Eu as vi sim. Você deixou seu closet parecendo uma cena de guerra, tinha algumas jogadas por cima das gavetas. Eu arrumei tudo e trouxe algumas.

– Seu descarado – ela murmurou e foi entrando para dentro do quarto, onde pegou uma caixa do chão e largou-a sobre a cama. –

Você não tinha que ter trazido nada. Eu não quero.

– Não quer suas próprias roupas?

– Não.

– Por quê?

– Estou tentando começar a ter menos coisas.

– Mas você já tem aquelas roupas, isso não vale. A resolução começa com suas próximas ações.

– Eu não quero nada daquilo. Acho que só com o meu trabalho não posso pagar por aquelas coisas todas.

Ele ficou mudo enquanto apenas a olhava, Beatrice levantou o rosto e olhou o que ele fazia. Sean estava apenas parado ali, ao lado da janela, com um envelope grande e pardo na mão e um jornal dobrado que ele veio lendo no carro. Apesar de estar sério, só de olhá-lo dava para ver que aquele não era o Sean “normal”. Porque ela praticamente só via o marido usando um dos seus belos ternos feitos sob medida. Hoje ele era composto apenas de um jeans reto, malditamente acoplado àquelas coxas fortes, um suéter liso com as mangas puxadas até o meio dos seus antebraços e mocassins de couro que pareciam super confortáveis.

– Eu estou esperando você voltar a si. Aquelas coisas já estão pagas. Você quer jogar tudo pela janela e esperar para ver no que dá, joga. Mas não aja como se fosse errado. Meu dinheiro é igual ao de qualquer pessoa que trabalha para tê-lo. Eu acho que nem sei exatamente quantos milhares de pessoas eu emprego, mas todas elas trabalham muito pela renda delas e pela nossa.

Ele parecia sério demais enquanto dizia isso. E tinha muito mais a dizer sobre acreditar em seu trabalho e fazê-lo de forma limpa, além do que devia. Resultando inclusive em um dos principais causadores do fracasso que era o casamento deles. Mas Beatrice não ia entender porque ele reagira tão mal e Sean não ia lhe dizer.

Dinheiro sujo, essas palavras ainda ecoavam em sua mente enquanto o som dos chutes acompanhava como um coro. Ele procurou por todos os balanços das empresas que pertenciam ao Grupo Ward. Contratou gente, debruçou-se por dias e dias de números. Seu pai lhe dissera “não tem nada sujo, aí, Sean. Eles queriam atormentá-lo. Você não consegue ver?”. Ninguém cria um

conglomerado daquele tamanho sendo um cordeirinho. Ele sabia disso. Seus sequestradores também. Era um mundo onde você tinha que saber ser esperto e quebrar algumas regras se quisesse sobreviver.

Beatrice ficou olhando-o de forma intrigada, mesmo quando ele pareceu deixar o assunto para lá e foi remexer nas caixas que estavam espalhadas pelo quarto.

– Eu não acho errado. Eu só estou tentando ocupar menos espaço – ela olhou em volta e moveu os braços como se o cômodo estivesse ajudando na conversa.

Sean preferiu nem entrar nessa parte. Era só ela voltar para casa. Tudo bem, ele entendia o ponto que ela queria provar. Era difícil aceitá-lo, mas se conformara em seguir as regras dela. O que ele tinha em mente podia ser feito ali ou no triplex. Mas ele era péssimo em relacionamentos já estabelecidos, recuperá-los então era um terreno completamente novo.

Ele já adquirira empresas que iam de mal a pior e engolira seus produtos, adequando-os ao padrão Ward e no tempo determinado, o lucro começou a aparecer. Mas relacionamentos? Não tinha lucro financeiro nisso, nenhum número ou porcentagem. Era sentimento, confiança e esperança. Era abrir o coração, dar a cara à tapa, ficar apto a ser machucado o tempo inteiro, assim como apto à felicidade constante.

Ele não sabia lidar. E Beatrice também não.

Era um problema que ambos tinham, mas convencê-la a enfrentá-lo com ele seria terrível. Primeiro ela tinha que admitir que não estavam naquela derrocada porque ela o viu com uma mulher e nem apenas porque ele desaparecia. Aquilo foi apenas a gota d'água. Você não recupera quatro anos de uma relação tocando apenas em um ponto errado. Mas agora eles tinham a chance.

– Eu o magoei com o que eu disse? – ela perguntou, vendo que ele continuava quieto, tirando um abajur de dentro de uma caixa e olhando para ele, tentando entender como iria encaixá-lo.

Ela viu quando Sean retesou a mandíbula, conseguia reconhecer de longe, pois o formato que já era proeminente ficava claramente rígido e mudava sua feição, deixando qualquer um ver que algo o

perturbava. Ele se levantou com o abajur ainda nas mãos e ficou encarando-a por uns segundos.

– Isso faz diferença pra você? – ele perguntou sutilmente e não dava para saber se estava avaliando ou tentando entender.

Beatrice chegou a abrir a boca e ia dar a primeira resposta que veio à sua mente, impulsiva, mas sincera. Ela se importava mais do que gostaria. Só que ela conseguiu engolir o que diria e Sean notou porque suas sobrancelhas se levantaram e a curiosidade de sua face foi substituída por seriedade.

– Sim... – ela respondeu e moveu um dos ombros, depois foi mexer em uma mala cheia de roupas.

Acompanhando-a atentamente com o olhar, Sean resolveu atacar logo o assunto que teriam de discutir e ele sabia que daria problema. Ele encaixou a aba do abajur e colocou-o em cima do criado mudo, o único que havia no quarto. Ficou imaginando onde estaria o outro, mas abaixou-se e procurou uma tomada ali por trás.

– Você não precisa fazer isso, sabia? – Beatrice estava de pé atrás dele, havia vindo ver o que ele fazia abaixado ali no chão e quase se enfiando para baixo da cama.

Sean ficou de pé e bateu as mãos uma na outra.

– Não tem nenhuma tomada aqui perto. Você perguntou de quando é a instalação elétrica desse lugar?

– Mentira! – Beatrice ficou de quatro e quase se enfiou por baixo da cama, realmente não havia nenhuma tomada ali. Quando levantou ela bateu com o lado da cabeça no criado mudo que pelo jeito também seria solitário.

– Casa nova, galo novo! – zoou Sean, segurando-a e colocando de pé para olhá-la de perto. Ele ajudou-a a esfregar a cabeça enquanto ria.

– Você quer parar de rir! – ela disse irritadíssima com a situação. Não tinha tomada, a instalação devia ser antiga; seu maldito quase ex-marido que descobriu isso e para melhorar ela deu com a cabeça no criado mudo. – Não machucou muito, devo ter batido com o chifre ali – alfinetou.

Se ela estava tentando fazê-lo se irritar e ir embora, o plano não ia funcionar. Ao menos não por enquanto.

– Eu passei a noite na casa de East Hampton, com Tess e Tibby – ele disse, fingindo para si mesmo que sua vida era interessante para ela. Até onde sabia, ela pouco ligava se ele dormia num avião ou numa masmorra. Mas estava se forçando a crer que estava enganado, pois se ela não desse importância, jamais teria saído de casa. E havia uma pergunta que ele queria fazer a ela. Não agora, porque ela ia mentir. Mas encontraria o momento certo.

– Eu vi a foto – Beatrice respondeu a contra gosto. – Aliás, desde quando você tem Whatsapp?

– Desde sempre.

– Você nunca me mandou uma mensagem – ela disse, sem conseguir engolir essa.

– E você nunca sequer percebeu que eu estava na sua lista de contatos.

Houve um momento de silêncio repleto de mágoa vindo dos dois lados, seus olhos fugiram do contato e ela se afastou com um passo hesitante como se algo lhe dissesse para ficar onde estava, mas lutou contra e colocou mais distância entre eles.

– Eu sempre via suas mudanças de foto do perfil – ele comentou.

Ela não sabia o que lhe dizer, não tinha nenhuma resposta espirituosa e sua vontade de alfinetá-lo parecia inapropriada.

Hartie escolheu justamente esse momento para entrar com o rosto vermelho como um pimentão e arrastando mais do que carregando o pesado criado mudo que estava perdido.

– Encontrei! Aqueles mamutes tinham esquecido no caminhão e foram fazer outra entrega com o seu criado mudo de carona! – ele largou o pequeno móvel logo depois do closet e foi ao chão, exausto e com os braços fracos.

Sean soltou o ar e foi até lá, pegou o criado mudo e o levou para o outro lado da cama, onde ele devia ficar. Hartie ficou ajoelhado, olhando para ele com um ar tão chocado que parecia estar olhando para o a encarnação de Zeus.

– Patrão! – ele levantou do chão e foi apertar a mão de Sean. – Que surpresa o senhor por aqui!

– Hartie, ele não é seu chefe... – Beatrice disse baixo.

– Tudo mundo o chama assim, eu também quero – ele voltou a olhar para Sean. – Nós não fomos devidamente apresentados.

– Foram sim – Beatrice intrometeu-se novamente.

– Nada disso. Eu conheço aquele seu marido que usa aqueles ternos maravilhosos feitos direto das revistas para o corpo dele. Esse bonitão de jeans eu nunca vi. Você nem deixou o caixão do falecido esfriar, hein!

– Hartie! – disse Beatrice, fingindo ultraje.

Sean olhou-a pelo canto do olho e depois lançou um olhar condescendente a Hartie.

– Eu estava imaginando quando você apareceria – ele comentou, soltando a mão do trainee.

– E está até simpático... Você tem certeza que vai se divorciar? – Hartie disse, com sua boca enorme.

– Hartie, você não tem que procurar uma lavadora de louça pra minha cozinha? – Beatrice lançou-lhe um olhar mortal.

– Não era um microondas? – ele perguntou, fingindo-se de desentendido.

– Don já deu um jeito nisso, ele não vive sem o maldito microondas. Vai, some.

Hartie saiu resmungando algo sobre os direitos dos trainees, estagiários e escravos. Como a maioria das pessoas que Beatrice conhecia, ele morria de curiosidade sobre Sean, mas o problema é que tinha uma boca enorme que sempre soltava algo que não devia.

– Então, você finalmente foi visitar sua irmã – Beatrice disse, querendo ficar em um assunto neutro.

Sean parecia distraído enquanto encaixava o outro abajur, mas depois que o instalou sobre o criado mudo, mesmo sabendo que este não ia ligar já que não havia tomada ali atrás, ele se virou e encarou Beatrice.

– Você pensa que eu não vou lá desde o aniversário da minha mãe, não é?

Ela apenas deu de ombros e continuou onde estava.

– Eu fui lá há um mês. Tibby está crescendo rápido demais para ficar tanto tempo longe – ele disse, enquanto tirava o lacre de outra caixa.

Agora ela quem ficou olhando para ele de forma intrigada, chegou a coçar a cabeça. Essa era a conversa mais longa que eles tinham em muito tempo e estava sendo muito estranha. Em poucos minutos ela descobriu um bando de coisas, como o fato de ele se interessar pela sobrinha. Até então, por mais que o tenha visto ter muita paciência com a garotinha durante os dois dias que ficaram lá para o aniversário, achava que nunca mais havia ido visitá-la.

– E como ela está?

– Grande demais pro meu gosto.

– Eu vi sua irmã há uns cinco meses, ela veio a Nova York.

– Eu sei.

– O que você não sabe?

– Muita coisa, quase tudo sobre você que não esteja numa maldita agenda.

– A sua agenda não é a mais confiável – ela respondeu, cruzando os braços.

– Nem a sua.

– Eu engano minha agenda porque quero, não para me encontrar com amantes.

Dessa vez ele largou a caixa e olhou. Aquilo realmente não ia passar, estava entalado na garganta dela, Beatrice não conseguia esquecer, tudo que vinha à sua mente era a imagem dele com outra. Porque não estava conseguindo substituir aquela visão pelas imagens dos dois juntos. E não podia explicar porque isso a afetava tanto. Afinal, há quanto tempo eles não ficavam realmente “juntos”?

Como eles não se relacionavam, ela sempre imaginou que havia mais alguém. Já havia passado pela sua cabeça que ele podia ter uma pessoa fixa para quem dava toda sua atenção. Mas não um desfile completo de mulheres parecidas com ela, porque ele queria tê-la de alguma forma, mesmo que usando cópias.

– Por quê? – ele perguntou, sentindo a agonia que parecia eletrizar o ar entre eles.

– O quê?

– Você nunca se interessou por mais ninguém. Você não... Se não me queria esse tempo todo, eu não conseguia entender porque não

queria mais ninguém. Eu ficava temendo o momento que seria confrontado pelo seu interesse por outro.

Beatrice ficou olhando para ele, sua respiração estava ficando mais acelerada. Ela não queria responder a essa pergunta, nem para ele e nem para sua própria consciência. Não o superara, não o ignorara, não deixara de se importar, mas agora era tarde demais. Não conseguia fazer seu coração parar de apertar dolorosamente em seu peito, machucado pelo que viu, amargurado pela inveja que sentiu. Era um sentimento feio e prejudicial, queria voltar no tempo e quebrar o pescoço daquela mulher e depois espatifar uma garrafa na cabeça de Sean.

– Eu não me interessei por ninguém mais. Só por isso – ela disse, sabendo que soava superficial.

Sean soltou o ar, pensando se não importava o que ele fizesse, depois de descobrir que ele quebrou aquele acordo imaginário no qual eles viviam, mesmo que Sean nunca pretendesse dar detalhes, Bea nunca enxergaria que o interesse que ele tinha na verdade era nela. Era como um véu que a impedia de ver o quão patético ele era, ao menos ele se achava completamente miserável e sem dignidade. Em sua busca desesperada por ela, buscou tudo que a lembrasse.

Se escutasse uma risada que lembrasse a dela, era atraído como ímã para conhecer sua fonte e esquecê-la logo após. Quando confessou que não dormiu com as “cópias”, sabia que Beatrice não havia acreditado. Mas ele não queria insistir no fato porque ainda não superara o erro que havia cometido com uma delas e estava voltando para assombrá-lo. Não sabia se um dia contaria tudo que fez, talvez fosse melhor tentar reconquistar sua esposa sem lhe mostrar suas partes doentias. Qualquer um lhe indicaria um psicólogo para discutir essa sua fixação pela esposa que ele sequer possuía. Com certeza era caso de ajuda profissional.

Mas uma questão ainda permanecia aberta. Quem iria reconquistá-lo? Um erro não anulava outro e também não servia de desculpa para os erros alheios. Com ou sem suas companheiras de mentira, ele amargara cada dia longe de Beatrice. A distância que ela impunha e a forma como não fazia diferença como ele estava e

onde estava, o magoava mais do que ela jamais imaginaria. Eles tinham um festival de erros para resolver e ele também se machucara durante esses anos de uma vida de aparências. Sentira a repulsa na pele, a falta de importância, o nada e a necessidade pulsando em seu corpo, enquanto lutava contra o fracasso da relação deles.

– Quer saber... – ele deixou o quarto e Beatrice conseguiu ouvir suas passadas rápidas pelo foyer e depois deixando o apartamento.

Um minuto ainda se passou até ela se mover e perceber que ele tinha ido embora. Mas o que dissera de errado? E agora ia ter que ficar ali sozinha com sua consciência, sendo obrigada a reconhecer que não queria que ele tivesse partido. Eles estavam conversando, quão estranho era isso? Não queria nem saber quando foi a última vez, só importava o fato de ela ter que ficar presa em sua maldita mente, se sentido novamente deixada como acontecia o tempo todo quando estava lá no triplex e ele não dava sinal de vida por dias.

– Você esqueceu umas coisas lá na casa da praia, sabia? – Sean entrou carregando uma mala e puxando outra pelas rodas.

Beatrice pulou da cama e olhou-o de forma surpresa, ele largou o peso da mala no colchão e olhou-a rapidamente, precisando voltar e encará-la novamente, sem saber o que estava vendo em seu rosto. Mantendo a testa muito franzida, porque achava estar vendo coisas, Sean deu um passo para perto dela, seus olhos ainda presos à sua face desceram lentamente e fitaram seus lábios, ele se esqueceu das malas e chegou mais perto, querendo muito descobrir o que ela estava lhe dizendo sem emitir nenhum som.

Um dos seguranças entrou e deixou mais duas malas no chão, perto da porta do closet, eles não olharam para saber quem era, mas o som quebrou o encanto e Sean virou o rosto, parecendo decepcionado e Beatrice umedeceu os lábios que subitamente ficaram muito secos, assim como sua garganta.

– Esqueci? – ela murmurou enfim, querendo dissipar aquela atmosfera e melhor ainda, retomar seu juízo. Ela sempre soube que o melhor jeito de resistir a Sean era ficar bem longe dele e contar estrelas imaginárias ao invés de olhá-lo.

Ele estava mexendo dentro da mala que havia trazido e colocado na cama. Desde que chegara ali, Sean não parara de mexer em alguma coisa, não era fácil desacelerar quando se era um viciado em trabalho que além de gostar do que fazia o usava como seu melhor escapismo.

– Sim... – ele puxou de dentro da mala um lenço de cor leve e tecido quase translúcido. Ela tinha tantos parecidos com aquele que não estava conseguindo se lembrar dele em especial, ainda mais por tê-lo visto pela última vez há quase um ano.

– Que bonito, vou guardá-lo para voltar a usar – ela disse, passando os dedos pelo tecido sedoso.

Sean retirou da mala uma calcinha de biquíni minúscula que ele puxou pelo laço lateral.

– Sean! – daquilo ela lembrava.

Ele puxou a parte de cima e ela tomou da mão dele também, achou melhor ela mesma ver o que tinha, mas ele tinha tomado a tarefa para si. A próxima coisa que apareceu foi uma calcinha de renda, do tipo coleção super sexy da Victoria Secrets, não cobria nada e ainda dava a entender que deveria ser retirada com cuidado. Só de olhar para ela um cara já podia ficar ligado.

– Me dá isso! – ela tentou pegar, mas ele afastou.

– Nada disso – ele remexeu na mala com a outra mão. – Ahá! Eis a outra peça – o que ele tirou da mala não foi um sutiã, foi um vestido levíssimo, cor de framboesa e com laços pendendo dele. Eram tiras finas que passavam lado a lado no meio das costas, as únicas coisas que prendiam o vestido ao corpo, dava para imaginar o efeito.

– Ele ficou lá! – Beatrice exclamou enquanto pulava para arrancar o vestido das mãos dele, até esquecendo-se da calcinha minúscula.

– Você usou esse vestido dos infernos com esse tapa sexo que você tem o descaramento de chamar de lingerie – ele levantou a calcinha no ar.

– Me dá isso, Sean! – ela conseguiu segurar o vestido, mas ficou com medo de puxar e rasgar.

– Na praia venta um bocado, você sabe...

– Solta isso!

– Mas acho que você ficou tão arrependida daquela noite que deixou tudo lá. A empregada lavou e guardou no mesmo quarto que ficamos.

– Eu não fiquei arrependida, eu esqueci. Eu não sei porquê, eu peguei tudo que vi e fui embora.

Ele deixou que ela pegasse a calcinha que ela imediatamente abraçou contra o corpo como se agora fosse adiantar alguma coisa esconder.

– Tess mantém o meu quarto como se eu vivesse indo lá passar o final de semana. Eu dormi no mesmo lugar que ficamos, não vou dizer que foi legal.

– Eu tinha bebido um pouco...

– Ah, você tinha consumido bastante champanhe, não o suficiente para tropeçar, mas estava bem alegre.

– Eu não estava bêbada!

– Eu sei... Mas estava quase nua embaixo desse vestido, deslizando pelos meus braços durante a festa inteira.

– Eu não me lembro de nada disso...

– Ah, lembra. Ou não teria ficado tão vermelha quando viu essa roupa – ele lhe ofereceu o vestido e Beatrice esticou rapidamente a mão para pegar, mas ele puxou e ela veio junto, parando com o braço contra seu peitoral, sentindo bem demais o formato dos músculos e a quentura do seu corpo. – Vamos admita.

– Eu não fiz sozinha – foi a resposta dela, para não ter que dizer o quanto estava perigosa e disponível naquela noite.

– Então você lembra perfeitamente daquela noite? – ele manteve-a perto dele, deixando que ela ficasse com o vestido e preferindo por as mãos nela. – A última vez que a tive em meus braços – ele disse um pouco mais baixo, ao abaixar a cabeça para prestar atenção em sua face.

Beatrice apenas ficou quieta no casulo que era o abraço dele, estranhando demais a proximidade, sua mente lhe trazendo as lembranças daquela noite que eles romperam as barreiras sem que o esforço parecesse ser tão grande como agora.

– Eu não conseguia parar – ele sabia que lhe dissera isso e se ela lembrasse, ele ficaria eternamente surpreso. – Nós fomos pegos no

canto da varanda, eu conseguia ouvi-la me dizendo para levá-la pra cima, mas achava que havia alguma coisa errada. Você nunca pediria isso no seu juízo normal. Testei pra ver se você estava mais bêbada do que pensava e você estava mais sóbria do que eu. Não lembro o que estava acontecendo na festa naquela hora, mas sei que seu vestido ficou atrás da porta e não precisamos de mais luz do que vinha do lado de fora.

A imagem da festa, com a parte de trás da casa toda iluminada, os convidados à vontade e até descalços indo até a praia, era vívida na mente de Beatrice.

– Você se livrou dos botões da minha camisa com um puxão – Sean podia até fazer um filme daquela noite, tão vívida era sua memória. – Eu me lembro de cada detalhe seu naquela cama, seus olhos pareciam dois focos de luz sob a pouca iluminação. Quando eu comecei a amá-la, não consegui mais parar e você me deixou ir até onde eu não pensava que poderia. Eu achei que a tinha machucado, mas afinal, não éramos tão estranhos um para o outro assim.

Ela sabia que não. Quando esqueciam o resto e se abraçavam, beijavam e se deixavam levar, toda a estranheza desaparecia.

– Eu juro que ia deixá-la em paz de manhã, mas você entrou naquela banheira e a próxima coisa que lembro é do seu corpo úmido e escorregadio sob as minhas mãos. E você deixou, não havia um fio de repulsa. Eu perdi as contas, mas parecia que queríamos compensar todo o tempo perdido no casamento até aquele momento.

Dessa vez os olhos dela se fecharam, tentando expulsar as imagens. Eles nunca haviam feito amor como naquela noite, nem quando namoravam e nem em sua lua de mel. Porque naquele tempo não havia toda a saudade, misturada à mágoa e necessidade que ambos escondiam e colocaram para fora naquela noite na casa de praia.

– Dava para ouvir as outras pessoas lá fora, continuando a comemoração diurna. Eu me lembro de ter me levantado e ido para a porta, você sentou na cama com todas essas ondas do seu cabelo desarrumadas pelas minhas mãos e disse um simples não. Eu voltei e você me disse: *Quando sairmos daqui, tudo vai acabar.* Eu não a

leve a sério, mas fiquei no quarto com você – Sean puxou o ar com força, como se houvesse falado sem pausar, mas ele havia narrado calmamente, em voz baixa, bem perto dela. – O que nós fizemos depois dali, Beatrice?

Ela apertou o vestido entre os dedos, ele ia se surpreender porque ela lembrava cada momento daquela noite. Podia vê-lo perfeitamente, debruçando-se sobre a banheira, seu olhar curioso, seu toque hesitante, mas sabendo bem o que queria. Podia sentir o desespero de vê-lo se encaminhar para porta ainda terminando de vestir uma camiseta e parando para olhar para ela por cima do ombro.

Ele voltou, tinham ido com muita sede ao pote, seus corpos tão repletos de desejo que não mediram consequências. Ela estava um pouco dolorida no meio daquela manhã, mas o aceitou mais uma vez, tentando prolongar o tempo que tinham. Mas eles deixaram o quarto, de volta para suas vidas e para a distância fria. Uma noite não compensava três anos problemáticos, mas era a chance de recomeço que eles perderam.

– Perdemos nossa oportunidade – ela respondeu e se afastou para perto da janela.

O silêncio os oprimiu por pelo menos um minuto que se estendeu o máximo que pode, até que ela foi obrigada a se voltar.

– As suas cópias... As mulheres que me faziam lembrar de você começaram depois daquela noite – Sean disse baixo, mas numa voz clara. Era difícil admitir para ele mesmo a extensão do problema que ele criara, mas dizer a ela lhe causava uma sensação mista. Uma mistura de terror por admitir tamanha fraqueza e de alívio por confessar.

Beatrice ficou olhando-o, sua garganta se fechando e seu peito apertado. Não fazia diferença se a parte racional dela estava há anos lhe dizendo que o marido tinha alguém. Saber que ele procurara uma versão falsa dela mesma e após eles perderem sua última chance de recomeçar, doía muito mais do que se alguém lhe contasse que ele tinha alguma amante desde o início do casamento. Seus olhos chegaram a arder e ela virou o rosto, foi quando achou algo para se segurar e não desmoronar ali.

– O que é esse envelope que você trouxe?

Sean se aproximou e tirou as folhas de dentro do grande envelope em papel rígido, deixando-o em cima da mesma mesa e soltando o documento grampeado por cima. A brancura do papel praticamente gritou entre eles. Beatrice abaixou o olhar lentamente, imaginando se os advogados deles eram assim tão eficientes ou se já tinham o divórcio pronto, só para garantir. Ao lado das folhas estava o jornal amarrotado, dobrado em uma página, mas ela não reparou na reportagem que falava da resolução de um sequestro de dois irmãos.

– É nosso acordo pré-nupcial. Lembra-se dele? – esclareceu Sean.

Ela franziu bem a testa e agora olhou rapidamente para o papel. Não via aquilo há mais de quatro anos, lembrava-se de tê-lo assinado uma semana antes do casamento. Seu cunhado, marido de sua irmã mais velha, era advogado e dera uma olhada para ela. Voltou dizendo que estava tudo ótimo e ela podia assinar, era algo melhor para ela do que para o marido. Ela quis saber porquê e ele disse que garantia que as partes agiriam em igualdade em todos os termos do casamento. Mas como Sean era o “cara da grana” e segundo seu cunhado caras da grana fazem mágicas, era bom ter um documento como aquele. Mas o que isso tinha a ver com seu divórcio?

– Vagamente...

– Eu imaginei. Segunda página, condição vinte e cinco.

Ela já estava imaginando que era algum problema. Se era algo sobre dinheiro, ela estava pouco se lixando. Desde que não fosse uma multa milionária que não teria como pagar, ela não se importava de deixar de receber isso ou aquilo. Se ia deixar o clã dos Ward, era melhor sair limpa.

– O que é isso?

– As partes concordam em permanecer unidas por um tempo mínimo de cinco anos – ele disse simplesmente, porque quando olhara também tivera a mesma reação.

– De onde saiu isso?

– Pelo jeito nós concordamos. Meu advogado disse que isso era uma condição para mim, como um comprometimento. Mas o acordo é baseado em direitos e deveres iguais.

Beatrice ficou apenas olhando para ele, depois leu novamente o parágrafo que seguia com umas descrições mais difíceis, mas tudo dizia o mesmo.

– Dá para anular? – ela perguntou, ainda abismada.

Ele não podia dizer que não magoava saber que ela tinha tanta pressa assim de se livrar dele. Sean esteve pensando no que fazer para impedir o divórcio por um tempo ou fazê-la mudar de ideia, então o acordo pré-nupcial veio à tona. E a ideia se fixou na sua mente, podia trabalhar em cima daquilo.

– Depois de quatro anos de casamento?

Ela arregalou os olhos e largou as folhas sobre o envelope, então andou até a cama e estava tão aturdida por nem se lembrar de ter assinado algo com tais condições que não se importou da calcinha minúscula ficar lá também. Então se virou para ele, com seu espírito combativo de volta.

– Eu não vou ficar mais um ano com você enchendo minha cabeça de chifres! – ela disse, entrando direto em um tom de discussão.

Sean estreitou os olhos e quando ele fazia isso o efeito era imediato, ninguém deixaria de entender que algo perigoso estava vindo em sua direção. No caso dela, o único perigo era suas roupas serem arrancadas. Mas ainda assim, era algo que merecia atenção. Sean andou até ela e antes que Beatrice pudesse preparar uma posição de combate ou alguma droga dessas, ele a capturou pelos dois braços e segurou com força, mantendo bem de frente para ele, caso houvesse algum ruído na comunicação ela ia poder até ler seus lábios.

– Eis o que nós vamos fazer. Vamos dar um jeito nessa merda que nós dois aprontamos. Eu não quero droga de cópia nenhuma, eu quero conquistar a original. Você pode querer me matar, pode me sacanear, me ameaçar e me insultar o quanto quiser. Mas não vamos nos divorciar. E especialmente não agora!

– Não! – ela se balançou, mas dessa vez ele se manteve firme. Iam passar por um bando de primeiras vezes e agora ele não ia soltar e muito menos recuar – Isso jamais daria certo! Não servimos para isso, vamos nos matar antes!

– Ok, podemos nos matar antes. Mas não nos divorciar.

– Mande seus milhares de advogados darem um jeito nisso.

– Nem pensar. Eu prefiro lutar por isso a ter alguém dando um jeito. Já demos jeitos demais, Beatrice.

– Pelo contrário! Nunca demos, da última vez que tentamos, fracassamos.

– Da última vez nós nem começamos a tentar e você sabe disso.

Ela ficou balançando a cabeça e apoiou as mãos nele, tentando fugir do contato, daquela proximidade ameaçadora, da ideia de tê-lo lutando por ela. Não podia se iludir, eles não davam certo. Não conseguiriam reconstruir uma relação que nunca foi bem construída. O que sentiam um pelo outro era irracional, parecia sempre uma colisão catastrófica a beira de acontecer. Mas quando se chocavam, durava pouco e acabava, porque não podiam conviver. Era demais para uma relação comum, parecia prejudicial e diferente da ideia de “comportar-se” para encarar um casamento.

– Eu vou pedir ao meu advogado para olhar isso! – ela disse, ainda não estava pronta para desistir.

– Pode pedir ao Papa. Nós vamos tentar.

– Não vamos! Você não tem tempo para tentar e eu não tenho disposição para me magoar mais do que isso.

– Eu tenho todo o tempo que quiser. E nós vamos começar por você me enxergando como um humano. Um homem que se casou com você porque se apaixonou e sim, eu também consigo ser magoado. Você consegue entender isso?

Ela ficou balançando a cabeça negativamente sem poder aceitar aquela ideia de eles terem conserto, de ambos se comprometerem com algo tão sério. Eles não eram esse tipo de casal. Como se reencantar um pelo outro? Apaixonar-se novamente, além daquele jeito autodestruidor que eles tinham, fingido e mentiroso. Ambos incapazes de abrir a defesa para se dispor a ser o primeiro a cair.

– Quem garante que dessa vez você vai olhar pra mim de verdade e não para cometer o engano que foi nosso casamento? – ela perguntou, sem saber se estava fazendo sentido.

– Desde a primeira vez que olhei pra você, nunca foi por engano. E não comece a desistir do jogo agora que eu entrei. Acumulei quatro anos de enganar, mas você não foi um deles.

– Não, Sean – ela negava, sentindo-se no direito de sentir toda a insegurança do mundo.

Ele abriu as mãos, soltando seus braços e dando-se conta de que mantivera um aperto mais firme do que pretendia. Ao menos era isso que acontecia quando não estava se retraindo, segurava-a sem medo.

– Se depois de um ano não der certo, eu nunca mais atrapalho a sua vida – ele disse baixo, mas longe de ser um sussurro. Estava prometendo sua rendição ao fracasso, mas era o que faria. Se parasse para pensar, era capaz de deixar o pânico engolir sua resolução, mas seria um dia de cada vez.

Beatrice não parecia ter notado que ele a soltara, permanecia ali parada com os braços encolhidos junto ao corpo e o rosto levemente virado, evitando o olhar dele. De tudo que imaginara para o momento em que os papéis entrassem em cena, jamais esperara por algo assim. Primeiro porque quando ele viesse com folhas na mão, na mente dela seria apenas o divórcio para ela assinar e selar o fim deles. E mesmo que ele viesse com umas malditas receitas de bolo ou até uma declaração suicida, ter Sean agarrado a seus braços e a balançando para tentar enfiar em sua cabeça que eles deviam tentar ter uma relação real, não parecia coisa desse mundo. Ao menos não do mundo louco em que eles criaram aquele casamento.

Só de olhar para os quatro anos inacreditáveis que eles conseguiram passar destruindo tudo que quase tiveram um dia, era inexplicável para qualquer um. Claro que as relações alheias, especialmente aquelas vividas por pessoas complicadas, não são para entendimento público. Mas apenas para aqueles envolvidos e como era adepta da monogamia, Beatrice sabia que só havia duas pessoas responsáveis ali. Mas adicionar mais um ano, trezentos e

sessenta e cinco dias a conta deles, ia além do seu crédito. Eles iriam falir.

Sean se inclinou e beijou seus lábios, afastou-se um pouco e olhou-os já que ela continuava sem nem querer olhá-lo. Era uma mistura de confusão, embaraço, mágoa e raiva por ele estar fazendo de tudo para estragar sua resolução de se divorciar. Mesmo assim, ele sentia a diferença. Não podia confundir a repulsa e frieza que antes enxergava nela quando estava rejeitando-o.

– Dois dias – ela o escutou dizer e seus passos se afastaram, indo novamente pelo foyer e desaparecendo do lado de fora.

Capítulo 6

Quando eu olhar pra você, sussurre algo e me deixe curioso.

Mesmo que já desse para habitar muito bem o apartamento de Sutton Place, Beatrice estava de volta ao Athénée, até porque lá tinha serviço de quarto vinte e quatro horas e um ótimo menu para o jantar. Ela e Don precisavam comer direito, ela por estar se alimentando mal há dias e ele porque, bem, manter um armário daquele tamanho demandava recursos físicos. As coisas lá no apartamento não tinham progredido após a saída de Sean, ao menos não na parte dela. Não terminara de arrumar suas roupas e não ajudara em mais nada, só escutava os barulhos dos móveis sendo arrastados; o cheiro de tinta e cola; ferramentas caindo e Don falando com Hartie que mandara entregarem a lavadora de pratos.

– Alô, Matt? – Beatrice perguntou assim que o interurbano completou e alguém tirou o telefone do gancho do outro lado. Ela escutou som de vozes infantis e o barulho do fone caindo.

– Quem é? – perguntou a voz de homem do outro lado.

– Oi, é Beatrice... Sua cunhada – ela achou que era bom explicar, não era como se ela vivesse ligando para ele. Matt também era um cara mais adepto dos e-mails.

– Ah, oi! – ele saudou, sua voz adquirindo um tom alegre. – Quanto tempo que não escuto sua voz! Sua irmã nunca me deixa dar sequer um oi – ele adicionou essa parte num tom mais baixo.

– Sim, realmente nos falamos pouco – era melhor ela não adicionar que também não ia à sua antiga casa há certo tempo. Como viu os pais na última visita que eles fizeram a Nova York, acabou não tirando um tempo livre para voltar a Baltimore.

– Quer que eu chame a sua irmã? – ele perguntou, parecendo desapontado por não ser também uma fonte de interesse.

- Na verdade, eu liguei para falar com você.
- Mesmo? – o tom de descrença de Matt era até engraçado.

No fundo soaram mais vozes infantis, aparentemente estava no horário das crianças irem dormir. Com esse negócio de Facebook a pessoa ficava vendo fotos, lendo informações e vendo check-ins e achava erroneamente que substituía o interesse real. Beatrice sabia inúmeros detalhes sobre seus sobrinhos, via o rostinho de todos eles a cada vez que logava em sua conta, sabia que sua irmã mais velha mostrava fotos suas e elas podiam falar rapidamente uma com a outra pelo Skype ou pelo Whatsapp. Mas ao ouvir a voz de Matt e perceber que não falava com seu cunhado há meses, sentiu-se mal.

Ela o conhecia desde muito nova, já que sua irmã mais velha, Roselyn, o conheceu no colégio quando eram adolescentes, mas cometeu o erro de ignorá-lo e se casar com outro. Deu tudo errado e adivinha nos braços de quem ela acabou? Sim, o velho e bom Matt, carinhoso e paciente, com um bocado de paixão escondida por trás de seu sorriso fácil e gentil. Ele já havia feito vários agrados para Beatrice na época que tentava ganhar a atenção de Rose, chegara a ser considerado um amigo e fora cúmplice de algumas situações.

- Sim... Estou com um problema.

Ele imediatamente ficou sério e sua voz já soou mais forte e calma, como alguém que queria reassegurar o outro.

– O que eu posso fazer? – ele perguntou, pronto para sair ao resgate.

- Você se lembra do meu acordo pré-nupcial?

Ela teve que explicar tudo, afinal, fazia quatro anos que Matt havia dado uma olhada como advogado e dito que ela devia assinar. Ele custou a dizer que lembrava vagamente do item sobre o tempo mínimo de união. Afinal, quem diabos colocava uma coisa dessas num acordo?

- Mas como você não me disse?

– Beatrice, não havia nada de errado. O acordo lhe dá todas as vantagens possíveis. E sinceramente, você estava com todos os pneus arriados pelo cara! Ficar casada cinco anos seria fácil.

– Não, não seria... – ela murmurou, pensando no que ia ter que se meter para chegar aos cinco anos de casamento.

– Desculpe, não achei que isso lhe importaria. Na época eu achei até bom, você estava se casando com um ricoço bonito! Quanto mais vantagem melhor, eu já lhe falei o que os caras do dinheiro fazem...

– Dá para anular um acordo desses?

– Podemos entrar com um processo, mas depois de quatro anos de... Beatrice, você está pensando em se separar do cara? O que foi que aconteceu?

Ela ouviu a voz da irmã no fundo, perguntando o que Matt estava falando. Rose devia estar de orelhas em pé por perto, só entendendo o assunto, mas quando Matt falou em separação ela praticamente voou por cima dele.

– Beatrice! Que história é essa de divórcio? – perguntou a irmã, já em posse do telefone e falando naquele seu tom de irmã mais velha demandando explicações sobre a última travessura da irmã fedelha.

Roselyn “Rose” Pierce, a mais velha das três irmãs, já tinha passado por um divórcio. Ela se casou com o cara por quem arriou os quatro pneus e perdeu a cabeça e tudo durou pouco mais de um ano. Ela voltou para casa de coração despedaçado, sonhos jogados no lixo e humilhada por ter que correr de volta para baixo das asas dos pais. Mas como todo bom romance tem suas reviravoltas, Matt reapareceu por lá e ele tinha o dom da persistência. Então sim, ela entendia bem de divórcio e de relacionamentos fracassados, burradas, chances perdidas... Porque até com Matt, Rose quase estragou tudo antes de finalmente tomar uma decisão.

Matt teve que por as crianças na cama, eles tinham três filhos, uns pestinhas que não gostavam de dormir cedo. Rose estava ocupada dando consultoria à irmã; Matthew Pierce era o advogado da família, mas ela que estava dando os conselhos, porque a irmã mais nova era sua.

– Primeiro, você vai ver se essa vaca, cópia de um dólar da sua pessoa, está na cidade. Depois você vai sumir com o corpo dela – dizia Rose, fingindo falar sério. – Depois você vai fazer uma lista de tudo que você acha que precisa consertar nesse seu casamento

maluco – ela pausou para dar um gole na sua soda. – E pelo amor de Deus, Beatrice! Por que você não me disse isso antes? Eu já tinha baixado aí em Nova York e acabado com essa graça de vocês! Eu já te disse que consertei o casamento de cinquenta casais? Meus conselhos matrimoniais são concorridos.

Rose era conhecida em Baltimore e até em Estados próximos. Ela havia lançado um livro sobre relacionamentos e como mantê-los. E contou sua história sem pudor. Agora seu consultório vivia cheio de casais em terapia. Ela bem que tentou continuar focada em atender pacientes em geral, mas acabou se rendendo aos casais que não paravam de chegar, provando que alguns ainda tentam consertar o estrago.

– Rose... Nós estávamos em negação. Não ia dar certo.

– Dane-se! Ia dar um jeito. Depois que você fizer a lista, risca tudo que você acha que é culpa só dele. Sim, eu disse isso. Nem comece a protestar. Risca todos os seus delírios egocêntricos e vontades de se fazer de vítima. Vou te contar... Esses casais de hoje em dia estão demais – dizia Rose, que com trinta e cinco anos se achava já na vanguarda dos casamentos longos.

Ela estava com Matt há onze anos, já haviam quase se matado, passado por dificuldades econômicas, ele já saíra de casa por um mês e voltara, tiveram três filhos em escadinha, mas não se divorciaram.

– Não são delírios! Ele desaparecia completamente! Parecia até Carmem Sandiego, eu não sabia em que lugar do mundo ele iria estar!

– Mas Carmem Sandiego a gente caça na unha, meu bem. Você por acaso o caçou na unha alguma vez na sua vida? Ligou três da manhã pra saber se o puto estava dormindo ou na farra? Apareceu de surpresa? Perguntou detalhes da viagem?

– Não... Ele também nunca se preocupou em dizer!

– Ele caiu de paraquedas no seu colo, sua descarada! Risca!

– Você não vai por a culpa em mim!

– Não, vou ligar pra ele também e acabar com a raça daquele filho de uma vaca. Quem ele pensa que é? Ele é doente da cabeça, onde já se viu sair por aí com mulheres loucas que querem ficar

idênticas a você? Ele tem fixação, na boa. Você precisa inclusive checar se além desse problema, ele tem uma mente sã. Com esse comportamento, ele não vai deixá-la ir facilmente.

No fundo Beatrice escutou Matt gritando "O quê?!" Sim, na casa de Rose era difícil ter privacidade, eles compartilhavam todos os assuntos para dar opiniões diversificadas.

– Não se atreva, Roselyn!

– Enfim... Começa a outra lista com coisas que você sabe que tem que consertar. E seja sincera, nada de ficar de "mimimi" sobre ele não ter tempo, ele não ter interesse...

– Não sou muito boa com listas.

– Não perguntei se você é boa, amanhã eu vou te ligar para saber das listas. Agora, vamos falar sobre essa história de um ano a mais casada.

– Você vai me prometer que não vai falar sobre isso com a Cherry – disse Beatrice, falando da irmã do meio que sempre falou que seu casamento seria um fracasso.

– Nem que ela me torturasse, aquela nojenta. Quem disse que ela me liga? Mora a vinte minutos daqui, só liga quando precisa de alguma coisa ou para contar vantagem de um dos delírios dela – reclamava Rose, profundamente chateada com a outra irmã.

– Ela não melhorou? – Beatrice soou desanimada.

– Claro que não. E continua te odiando!

– Ela não me odeia!

– É verde-alface de inveja. Eu junto tudo que é revista que sei que tem foto sua e esfrego bem na cara dela.

– Roselyn! Você não está ajudando.

– Estou sim, no seu casamento quase afundado. Eu mudo meu nome, mas não dou a ela esse gosto.

Atenção garotas! Parece que Sean Ward está de volta a Nova York e dessa vez com planos para ficar. Minhas fontes dizem que sua agenda, sempre impossível, está com espaços brancos. Essa blogueira aqui vai por seu melhor Givenchy (dizem que é o preferido dele) um salto doze e sair pra caçar. Quero minha foto com ele!

E por onde anda nossa adorada Mrs. Ward? Ela foi vista saindo do Athénée, em mais um daqueles odiosos vestidinhos de lã e seda e cintura impossivelmente marcada que odiamos por não ter a cinturinha dela (foto acima). Ao menos ela não é a única que sabe o que ele gosta. Dizem as más línguas que o nariz dela é o mais pedido nas clínicas de cirurgia plástica. Será que só o nariz?
(204 comentários)

Dois dias depois, Sean estava na academia do triplex suando para caramba na esteira inclinada, já fizera sua série matinal por quase todos os aparelhos, focando mais nos exercícios para as pernas, porque a temporada de esqui e snowboard estava chegando e ele pretendia aproveitar. Tudo bem que esse ano, em pleno verão, ele passou por Verber, na Suíça e gastou seu dia esquiando com seu primo Jared. Ele se exercitava o ano todo, sempre que dava, onde podia.

Roth, seu personal trainer de longa data, um senhor já de cinquenta anos, mas atlético e com tudo em cima, era especialista em treinar gente ocupada. Além de atender onde a pessoa estava, ele tinha programas especiais que mandava para seus clientes e eles podiam segui-lo por vídeo ou pelo seu aplicativo para smartphone que já era um treinador eletrônico.

Enquanto mantinha o ritmo, Sean pensava nas montanhas repletas de neve que poderia enfrentar nesse inverno se conseguisse levar Beatrice com ele. Ela só o havia acompanhado em suas viagens para esquiar uma vez, logo após o casamento, numa semana em que ele esteve tentando recompensá-la pela lua de mel ter sido curta. Ele lembrava que ela até levava jeito para esquiar, tinha um bom equilíbrio, mas gostava principalmente da parte em que ela não soltara da sua mão, temendo cair e rolar montanha abaixo. Ele tentou explicar que as coisas não aconteciam assim, mas ela continuou agarrada a ele.

Roth estava sentado no banco, bebendo seu energético e apreciando a vista do topo do Clarence para o Central Park quando Rico entrou na academia. Ele costumava chegar nesse horário,

entrava lá todo arrumado e começava a passar suas tarefas, não interessava se Sean estava com Roth ou no tatame com algum outro instrutor. Ele só não o incomodava quando ele estava meditando com mestre Sang, seu instrutor de taekwondo que depois de anos ainda criticava sua capacidade de concentração. E Rico pensando que ele e o resto do mundo achavam Sean quase uma montanha de concentração. Ah, se o povo soubesse...

Mas hoje, ele foi até o banco em frente das esteiras, deixou seu tablet ali e em cima da capinha de couro depositou uma caixinha portátil de som, parecendo até um pequeno estojo de maquiagem. Então conectou o gadget ao seu Iphone e depois de umas mexidas na tela, começou a tocar uma música.

– Madame mandou colocar isso para você – explicou Rico, já ao som da música.

Da pequena caixinha, em um volume alto demais para estar saindo daquela coisa pequena, a voz de Rihanna preencheu o ambiente, cantando um dos seus hits antigos:

You look so dumb right now
Standing outside my house
Trying to apologize
You're so ugly when you cry
Please, just cut it out
Don't tell me you're sorry cuz you're not
Baby when I know you're only sorry you got caught

“Você parece tão bobo agora. Parado do lado de fora da minha casa. Tentando se desculpar. Você fica tão feio quando chora. Por favor, pare com isso. Não me diga que está arrependido, porque não está. Baby, eu sei que você só lamenta por ter sido pego.”

Roth começou a rir e Sean pulou da esteira, aproximando-se de Rico e do som que seguia dizendo que ele tinha mesmo dado um show e quase a enganado, mas que agora era o fim. E a música seguiu em frente com seus versos irônicos destinados a algum

traidor. Sean não tinha feito muito do que a música dizia, mas isso não fazia a menor diferença. A mensagem era muito clara.

– Filha da... – disse Sean, chegando a rir, porque não dava para evitar. A música continuava tocando.

– Você aprontou alguma – disse Roth, levantando-se e pegando sua bolsa esportiva, onde guardou sua garrafa.

Sean jogou a camiseta ensopada de suor por cima do ombro e saiu andando em direção ao corredor. Rico se apressou a pegar suas coisas e seguiu-o, só que foi levando a música junto.

– O que isso significa, patrão? Devo procurar alguma música no seu Ipod e mandar como resposta?

– Significa que ela vai tentar – disse Sean, sem parar de andar, indo direto para o banheiro do seu quarto se enfiar embaixo do chuveiro.

Rico sentou no escritório e continuou sem entender nada, acabou escutando a música mais umas duas vezes e descobrindo que havia gostado dela. Infelizmente não tinha ninguém para quem enviá-la, afinal, era um solteirão convicto. Já teve seus casos, mas agora estava na sua e também era dedicado ao seu trabalho que demandava muito do seu intelecto e da sua resistência. Não era nada fácil tentar organizar a vida profissional e pessoal de Sean Ward, especialmente quando ele estava sempre zoando a segunda.

Quando saiu do seu prédio na Sutton Place South, Beatrice agradeceu por estar de óculos escuros. Ela ainda não acreditava que estava se metendo nisso. Suas malditas listas, supervisionadas pela sua irmã ditadora, continuavam incompletas em seu Evernote, um aplicativo que sincronizava tudo em qualquer lugar que ela acessasse. Uma verdadeira mão na roda que agora estava sendo usado logo para isso.

Ela seguiu em frente, equilibrando-se com destreza em cima de seus saltos Sophia Webster que combinavam perfeitamente com seu Hudson jeans claro e sua blusa leve. O que ela não tinha esperado

era encontrar Sean recostado em um dos seus carros, dessa vez o Nissan GT-R, modificado e escuro, só que ao invés da carroceria fosca, esse era de um negro brilhante. As cores ficavam relegadas apenas aos assentos vermelhos do carro que era como os outros que ele possuía, escuro, potente e deixando a parte chamativa só no interior. Beatrice reparou nisso tudo enquanto pregava o olhar no carro e tentava manobrar sua vista para não grudá-la em Sean.

Ele sorriu quando a viu, mostrando aqueles malditos dentes brancos, com a barba muito rente, nos lugares certos e indo ao início de seu pescoço. Mesmo de óculos ela podia ver as marquinhos um pouco embaixo e dos lados dos seus olhos claros que apareciam quando ele dava um desses sorrisos grandes.

Alguém poderia lembrá-la por que ela aceitou isso? De verdade, será que dava para voltar atrás? Ela podia dizer que ia testá-lo hoje e no fim pular fora. Isso ia ser uma chacina!

Desencostando-se do carro para saldá-la, ele empurrou um pouco mais as mangas de sua camisa clara, presa por dentro da calça azul e segura por um cinto que só ajudava a denotar o corpo bem formado que ele tinha. Mas Beatrice apenas parou e olhou-o seriamente, mesmo que ele não pudesse ver bem por trás daqueles enormes óculos Miu Miu que ela usava.

– Eu ainda tive esperança de que você prestasse atenção na letra da música e visse que era para dar o fora – ela colocou uma mão na cintura e manteve a cabeça levantada, seus saltos hoje tinham apenas oito centímetros o que ainda a deixava irritantemente mais baixa do que ele.

– Não, você nem mandaria a música se não fosse tentar.

– Eu tinha que te dar alguma resposta antes que você baixasse aqui no meu apartamento de novo.

Ele abriu a porta do carro para ela que olhou e franziu a testa ao lembrar que aquele não era o tipo de carro que permitia um motorista.

– Nada de companhia dessa vez. Vamos ficar sozinhos a maior parte do tempo. Só você e eu – disse Sean, ainda segurando a porta para ela entrar e aos ouvidos dela aquilo pareceu uma ameaça. Ela viu o carro grande que os seguranças usavam para tentar seguir

Sean quando ele cismava em dirigir uma de suas máquinas mortíferas.

Depois que ela entrou e o carro saiu rapidamente, pegando o primeiro acesso para a FDR Drive, foi que Beatrice se lembrou de que dessa vez não foi Rico quem lhe mandou instruções detalhadas sobre o evento. O secretário enviava cada detalhe, endereço, nome do dono da festa, familiares, quem estaria presente, horário, traje esperado... Sean quem lhe mandou um Whatsapp com o horário, dizendo que era festa casual de um conhecido e que ele iria buscá-la.

– Para onde você está me levando?

O carro seguia muito rápido pela via desimpedida do final de semana e Beatrice gostava da velocidade e do som do motor respondendo conforme Sean passava as marchas e ultrapassava outros carros.

– Uma festa de um amigo de faculdade.

Ela nem sabia se ele mantinha contato com amigos dessa época, até porque ele estudara em mais de um país, mas imaginava que quando viajava ele acabava reencontrando um ou outro. Às vezes Beatrice gostava de ao menos fingir que ele tinha uma vida normal.

– Sério? Ainda o convidam?

– Eu não sou tão antissocial quanto você pensa, Beatrice.

– Então às vezes você se dispõe a ir a festas sem graça apenas pelo prazer de alegrar um amigo que te convidou com esperança vã de te ver?

– Sim, é o que estamos fazendo neste exato momento. A diferença é que dessa vez eu consegui arrastá-la comigo.

– Eu nunca disse que não iria – ela cruzou os braços e olhou pela janela enquanto passavam pela ponte George Washington.

– Verdade – ele diminuiu a velocidade e seguiu o tráfego, dando-lhe mais tempo de observar a paisagem e deixando os seguranças encostarem na traseira do carro. – Eu realmente devia tê-la convidado antes.

– E desde quando você tem tempo para esse tipo de programa?

Ele levou um momento para responder, enquanto parecia concentrado em pegar a saída certa e fazer a curva na interestadual.

- Nem sempre eu estava fora da cidade.
- Como assim?
- Às vezes eu simplesmente não conseguia ficar no triplex sabendo que você estava do outro lado daquela saleta, com as portas do seu quarto bem fechadas para não dar de cara comigo.

Beatrice levou um momento digerindo aquela informação e a situação do jeito que ele a enxergava. E ela via o contrário, ele nunca estava lá, exatamente para não ter que lidar com ela. E agora ele lhe dizia que nem sempre estava em algum outro local do mundo?

- E onde você estava?
- No escritório...
- Onde você dormia? – ela perguntou e temendo ter mais uma decepção, pegou-se com a respiração presa.
- Em algum hotel fora do radar.
- Sério, Sean? Com um apartamento daquele tamanho! E seu quarto te esperando.

Ele apenas seguiu acelerando pela interestadual, o som do carro soou alto entre eles quando ele fez uma rápida ultrapassagem e acelerou tudo que o limite de velocidade permitia. Suas duas mãos estavam segurando o volante firmemente e seu olhar parecia vidrado na estrada enquanto sua mandíbula permanecia rígida; porque não era na direção que ele estava pensando, era no fato de que a droga do seu quarto frio e vazio que estava sempre esperando-o. Onde ela estava? Ele também havia precisado dela.

O carro fez uma curva muito rápida para a direita, pegando a primeira saída e sem parar, Sean aproveitou o espaço entre um carro e outro para seguir pela Avenida Hillside. O trajeto era muito mais longo do que ela esperava, bem longe do Upper East Side onde Beatrice achava que era o limite de zoneamento das relações pessoais de Sean. Mas lá estavam eles seguindo juntos numa viagem de uma hora, algo que não faziam desde a época que ele ia buscá-la na faculdade e a levava para um lugar qualquer, longe do campus, onde podiam ficar sozinhos.

Eles entraram em uma área residencial e Beatrice ficou olhando em volta, vendo pelo GPS que já estavam ao norte da Avenida

Broadway em Nyack. Havia casas de tamanhos variados, todas com dois a três andares. Do lado direito por onde ele seguia a maioria era de mansões com vista direta para o rio Hudson e o lado esquerdo era mais democrático, com belas casas de épocas parecidas, todas construídas entre o fim do século XVIII e início do XIX.

Quando se aproximaram de uma casa com muro baixo de tijolos vermelhos, havia inúmeros carros parados em fila única dos dois lados da rua. Sean virou e parou na rua quase em frente a casa, pois ficaria mais fácil de fazer a volta já que parte do retorno era pelo mesmo caminho que vieram. Por questões de estratégias de segurança que Beatrice procurava ignorar, eles não voltavam pelo mesmo caminho que haviam passado. Hoje, Kevin e Don já haviam determinado que pegariam a ponte Tappan Zee ao invés da George Washington.

– Quem é esse seu amigo? – ela perguntou assim que saíram do carro e atravessaram a rua, indo em direção à entrada principal.

– Nós o chamamos de Roy, mas o nome dele é Ronald. Sei lá porque, até os professores o chamavam pelo apelido – ele pegou a mão dela quando subiram pelo caminho que dava na porta da casa.

Beatrice levantou a sobrancelha e lutou contra o instinto de soltar a mão da dele, parecia até que sua mão ia cair, ela nem se atreveu a movê-la, apenas deixou que ele continuasse segurando ali e levando-a para a porta, até ajudou-a a subir os dois degraus. Do lado de fora não parecia que havia alteração ali, só chegando bem à frente da porta que eles começaram a escutar música e vozes, mas quando um cara de paletó azul Royal, calça branca e um topete com uns fios loiros abriu a porta, parecia até que era o portal para outro mundo.

A casa tinha um aspecto respeitável e antigo, toda pintada de branco, com o jardim impecável, daquelas que vemos em revistas. Mas o interior brilhava de vida, da porta Beatrice podia ver um belo candelabro aceso, as cores claras do interior e o piso de madeira polida iluminado pelas incontáveis janelas dos cômodos do fundo que proporcionavam uma visão limpa do rio Hudson bem mais abaixo. Ela foi obrigada a piscar várias vezes e se ligar à realidade

quando sentiu Sean soltar sua mão e abraçar o cara que abriu a porta.

Sério? Ele abraçava amigos? O cara estava todo bronzeado, com um sorriso enorme e um copo de cristal na mão, repleto de um líquido claro, gelo e limão na borda.

– Meu Deus do céu! Eu não acredito nisso! Para o mundo! – o tal cara dizia e agora Beatrice já sabia que esse era Roy. – Você trouxe a senhora Ward! Vai todo mundo cair duro!

Roy puxou-a pela mão enquanto entravam no hall da casa, era óbvio que não se importava em iniciar relações com doses de intimidade. Ela sorriu e olhou Sean pelo canto do olho, ele olhava de forma divertida.

– Eu sou Roy! É um prazer conhecê-la pessoalmente. Eu pensei que nunca nos veríamos! – ele balançou sua mão, agora num cumprimento oficial.

– Sou Beatrice – ela disse mais por reflexo, porque ele obviamente sabia quem ela era. – É um prazer conhecê-lo também – ela sabia que estava sem graça e nem podia dizer nada das coisas que amigos adoram ouvir como “Sean fala de você o tempo todo”. Afinal, até um minuto atrás ela não sabia da existência de Roy.

– Estou pasmo – Roy seguia, os levando pelo interior da casa, quanto mais avançavam, mais gente aparecia. Beatrice tinha noção de que Sean estava os seguindo, mas se atrasando, porque ele conhecia várias daquelas pessoas. – Eu sempre quis conhecê-la melhor.

– Mesmo? – ela perguntou, ainda com aquele pequeno sorriso sem graça, mas felizmente seu anfitrião andava guiando-a e não olhava seu rosto.

– Claro! Você é uma lenda! Sean, aquele bastardo metido à besta, a mantém muito bem guardada. Todo mundo aqui sabe que ele é casado com uma celebridade. Onde já se viu isso! Privar nossas reuniões de ter gente famosa de verdade! – Roy ia dizendo e gesticulando com a mão livre, ele falava como aquelas pessoas que saem dizendo tudo que vem à mente, causando situações divertidas e às vezes embaraçosas.

– Eu não sou famosa...

– O quê? – Roy gritou isso. – Minha mulher deve ter umas duzentas fotos suas no notebook! Eu não aguento mais ir atrás dela quando sai por aí caçando um dos seus sapatos e bolsas. Pelo amor de Deus!

Beatrice olhou para trás, procurando Sean e o encontrou a uns dez passos, curvando-se levemente enquanto um cara apertava sua mão e sua companheira dava-lhe um leve beijo no rosto. Mas ele olhava para Beatrice e parecia bem contente, pensando que pela primeira vez estava vendo-a olhar em volta, desesperada para encontrá-lo. Ah, os pequenos momentos da vida podem ser muito prazerosos, especialmente as experiências inéditas.

Eles chegaram ao lado de fora onde havia muito mais gente, todos confortáveis em grupos, com bebidas na mão, andando de um lado para o outro, com petiscos e caras de branco e verde servindo bebidas e comidas. Beatrice admirou o extenso jardim que ia descendo, dando um efeito de continuidade, era comprido e com um chafariz no meio e uma escadaria que levava à piscina bem lá no final, criando a ilusão de um lugar ainda maior que terminava num lago. Parado ao seu lado, Roy acenava para alguém lá embaixo.

– Dina! Amor! Sean chegou! E você não vai acreditar! Ele trouxe a senhora Ward! Olha só!

Roy gritou isso para sua esposa que estava sentada lá na piscina. Era longe. Ele soltou as frases a plenos pulmões e com um sorriso no rosto. A música de fundo continuou tocando, mas Beatrice sentiu-se numa daquelas cenas de filme que alguém entra e para tudo. Todo mundo devia estar olhando para ela agora, em pé ali, em cima de seus maravilhosos saltos, imaginando se ao invés do jeans claro que delineava tão bem suas curvas e aquela blusinha leve e um tanto transparente, ela devia ter colocado um vestidinho de cor alegre e um pouco largo.

Cada vez mais sem graça, ela ajeitou seu cabelo que estava como o pessoal gostava de falar, a cara da riqueza. Cheio de ondas e volume, parte era natural, mas muito era trabalho de truques com finalizadores, babyliss e escova. Ela apertou sua bolsa carteira e tentou manter o sorriso. Pelo canto do olho viu Roy olhar para ela e sorrir. Ele era engraçado em todos os aspectos, inclusive mais baixo

que ela que podia ver um início de calvície bem escondido pelo cabelo ajeitado com gel e as luzes.

– Mentira! – gritou uma mulher lá de baixo.

Foi com certa apreensão que Beatrice viu a mulher magrinha pular da cadeira à beira da piscina e se ajeitar, puxando seu vestido para baixo e ajeitando seu cabelo loiro, escovado e artificialmente ondulado que ia até seus ombros. Sean apareceu ao lado de Beatrice, o toque quente da mão dele na base de sua coluna a fez soltar a respiração e ficar menos rígida. Ele levantou o braço bem alto e começou a acenar para a mulher que subia lentamente porque não queria tropeçar em seus saltinhos.

– Seu maldito tratante! Por que você não me avisou? – Dina gritou quando passava pelo chafariz.

– Vem, vem! Fiquem logo à vontade! – disse Roy, seguindo de encontro à esposa.

Sean levou Beatrice e eles se encontraram no patamar do chafariz. Ela abriu seu melhor sorriso quando a mulher a cumprimentou, balançando bem sua mão e depois se dando a liberdade de um rápido abraço. Dina começou logo a falar sobre como queria conhecê-la fazia muito tempo e praticamente disse que sabia tudo sobre sua vida, porque os blogs de moda, fofoca nova-iorquina e outras coisas gostavam muito dela.

– Eu sigo seu Pinterest! – disse Dina, animada. – Adoro as dicas de decoração que você dá! Tenho que mostrar o que fiz no escritório e na saleta que dá vista pro lago!

– Eu adoraria... – Beatrice sorriu, sem ter o que lhe dizer, ia ser muito descarado mentir que também sempre quisera vir.

– Meu amor, vai com calma. Respira! – disse Roy, dando seu drink à Dina e causando uma gargalhada em Sean.

– Quanta gente que tem aqui hoje, Roy – disse Sean, mudando o assunto para ajudar na situação. – Liberou sua lista?

– Ah, sabe como é. Gosto de abrir a temporada chamando todo mundo e eles trazem seus cachos e eu nem ligo – ele fez sinal para um dos garçons que trouxe champanhe bem gelado para todos.

Sean conseguiu livrar Beatrice de Dina por um tempo quando lhe pediu para guardar sua bolsa–carteira que a mulher saiu carregando

e olhando bem, já imaginando se ficaria bem com uma igual. Ele fez isso especialmente porque sabia que o celular da esposa estava na bolsa e ele estava tentando tê-la só para ele por umas horas.

– Você vem sempre aqui? – Beatrice perguntou baixo, apenas passando os olhos em volta, ainda podia sentir as pessoas olhando para eles.

– Isso é uma cantada? Se for, posso fingir que foi boa. Afinal, vivo aqui, gata. E você? Posso ser seu guia – ele até piscou, para completar a péssima cantada.

A resposta dela foi um levantar de sobrancelha, então foi subindo o jardim novamente, a primeira leva de degraus era menor e mais baixa. Ela passou um braço por cima do outro, porque ainda segurava a taça de champanhe. Sean parou a frente dela e olhou-a diretamente, ele bloqueava sua visão do resto da festa e também impedia que os outros a vissem completamente.

– Eles são seus amigos – ela recomeçou, querendo entender mais de tudo isso e especialmente sobre ele.

– Sim, um tipo de amigo.

– Desde a faculdade.

– Roy sim. Dina eu conheci quando eles se casaram, há seis anos.

– Ele faz o quê?

– Agora? Investidor e consultor.

– Ele parece mais velho.

– Só um ano a mais do que eu. Ele é bom. Agora vive aqui como um novo rico excêntrico e entediado da vida na cidade.

– Ele é excêntrico.

– Sempre foi! – ele riu, provavelmente lembrando-se de coisas que nunca compartilhara com ela.

– Eu acho interessante que você tenha amigos tão diferentes e inesperados. E ainda conhece uma parte das pessoas aqui.

– Não sou o ogro que você imagina. Eu consigo me relacionar com pessoas de verdade e nem preciso pagá-las.

– Não exatamente. Posso ter estado enganada sobre você. Mas Roy é um tipo de amigo. Você deve ter outros tipos que talvez me leve para ver. Mas existe algum para quem você liga quando está precisando de um conselho, talvez desabafar um pouco ou só ter

pena de si mesmo? Aquele tipo de amigo que vai te escutar e a quem você vai confiar os seus sentimentos – ela continuava olhando-o, forçando-se a não perder a coragem de falar enquanto ele encarava-a tão fixamente com aqueles olhos gelados e a feição séria e aprofundada por aquelas entradas nas laterais de seu rosto deixando o formato quadrado de sua mandíbula exposto demais. – Quando eu pedi o divórcio... – o tom dela abaixou e ficou hesitante ao tocar nesse assunto. – Você disse a alguém o que sentiu?

Ela ficou esperando tudo dele, uma resposta atravessada, um olhar gélido acompanhado de silêncio sepulcral, uma tirada sarcástica, uma evasão... Mas ele se inclinou tão rápido que ela não teve chance de reação. Seus lábios foram pressionados quando ele os esmagou com os seus e sua cabeça foi jogada para trás, facilitando o trabalho para ele que deu um passo para perto, pegando a cintura dela com a mão livre e trazendo-a para junto do corpo dele.

Ele queria dar um beijo nela desde que a viu saindo do prédio, quis muito mais quando ela começou a falar sobre ele, demonstrando que de alguma forma ela se interessava o suficiente para procurar entendê-lo e perceber o que faltava na vida dele. Mas quando ele a tocava, algo tomava conta da sua mente, ele perdia a noção de tempo e espaço, ignorava qualquer um que estivesse em volta. Seu corpo respondia imediatamente, pegando o controle para si e a necessidade que tinha de continuar segurando-a entre os braços era tão primitiva que ele a assustaria. Se alguém tentasse afastá-la quando ele finalmente conseguia capturá-la, Sean ia nocautear quem fosse.

Beatrice deixou os braços penderem dos lados de seu corpo e sentiu quando a taça foi retirada de sua mão exatamente quando ela ia deixá-la cair. Com as mãos livres, ela segurou na camisa dele, descansando-as sobre os músculos rígidos daquele peito, ela podia sentir seu corpo quente, emanando calor para ela. Era quase como ser ativada por um comando que obedecia ao toque dele, todo o assunto desapareceu de sua mente, esqueceu até o que tinha perguntado.

A boca dele estava faminta sobre a sua, demandando mais acesso, mais resposta. Sua língua tocava a dele em movimentos lentos que começaram a causar inquietação no seu corpo, excitando-o e deixando-a mais exposta aos avanços de Sean. A mão dele em sua cintura apertava-a firmemente contra seu corpo, deixando-a lembrar bem como era tê-lo todo contra ela, mesmo com as camadas de roupa os separando. Sua blusa era fina demais, seu sutiã também e seus mamilos ficaram rijos apenas pelo jeito como ele a beijava, úmido e sensual, ele estava com fome, mas não tinha pressa.

Roy soltou um assobio bem alto e levantou o copo quando passou perto deles.

– Isso que é paixão! Por isso que nunca a trazia! Não consegue ficar com as mãos ocupadas! – ele disse, alto o suficiente para todos por perto escutarem.

O que Roy estava dizendo penetrou na mente deles, mas foi o som agudo do assobio que os tirou do transe sexual em que entraram. Beatrice afastou os lábios e virou o rosto e Sean deixou sua boca encostar no rosto dela, porque ele não havia nem hesitado, estava concentrado demais, já engatado no caminho e pouco se lixando se ofereciam um espetáculo. O máximo que ia acontecer era causarem algumas cenas eróticas nas mentes das pessoas, porque juntos eram um casal para lá de sexy, se beijando então, deviam ser proibidos de aparecer em público.

Ela sentiu a respiração quente de Sean em seu rosto e mordeu o lábio, lutando para voltar a si e escapar da influência dele. Ela podia senti-lo se controlando, os movimentos de sua cabeça enquanto tentava se afastar dela, seu queixo encostou sobre seu cabelo e ele puxou o ar. Foi quando ela notou que ele estava com as taças dos dois na mão esquerda, com as hastes presas entre seus dedos.

– Desesperado, assim que eu me senti quando você saiu de casa. Eu não tenho ninguém para dizer isso, não sei confiar. Toda vez que digo o que não devo, alguém consegue usar de alguma forma. Não vou ter conselhos para consegui-la de volta, só instintos – ele deu um passo para trás, parecia o Sean de sempre agora, com exceção dos seus olhos e a forma como a encarava. – Já deve estar quente,

melhor conseguir outro – ele disse sobre as taças que estava segurando e depois de ficar junto com eles, sem dúvida deviam estar quase fervendo.

Enquanto o olhava se afastar dela, Beatrice agradeceu mentalmente por ter subido ao invés de permanecer no patamar do chafariz que parecia um palco, visto de qualquer lugar do jardim. Ela pegou a primeira taça gelada que viu, estava até sentindo seu pescoço suado de tão quente que seu corpo havia ficado.

Capítulo 7

Quando eu olhar pra você, morda com carinho. Mas dê um gemidinho de satisfação se estiver gostoso.

Assim que ficou sozinha, Beatrice não escapou de Dina que grudou nela e se dispôs a apresentá-la a todos que estavam doidos para trocar uns nomes. Ela gostou de ir para a beira da piscina, pois lá batia o vento frio que vinha do rio Hudson; mesmo assim seu corpo parecia contaminado, estava guardando a sensação do beijo de Sean, pedindo para voltar a se espremer contra os músculos fortes, deixar que ele a sobrecarregasse com sua presença, os ombros escondendo tudo atrás dele enquanto se inclinava sobre ela possessivamente.

– Ah, ela é de Baltimore, não é, Beatrice? – perguntou Dina, que não precisava de sua assistência para responder perguntas sobre sua vida.

– Claro, sou uma garota de Baltimore. Mas estou morando em Nova York há quatro anos, sinto-me em casa – ela sorriu, agarrando-se a conversa para esquecer seu maldito marido que pelo jeito estava pretendendo fazer o teste deles com algumas manobras pesadas.

Ela não conseguiu escapar do tour que Dina lhe deu pela casa, contando que foi construída em 1858 e eles se mudaram para lá há três anos e meio e tinham feito uma enorme reforma. Ela descobriu que Dina e Roy tinham dois filhos que estavam passando o final de semana com os avós, senão seria impossível dar qualquer festa em casa, porque ambos demandavam muita atenção.

Como seu lado profissional era dominante, Beatrice logo se viu dando dicas de mudanças para Dina que estava querendo que a casa perdesse um pouco daquele visual colonial por dentro. Eles

fizeram um ótimo trabalho quando se mudaram, mas ela já estava enjoada e havia lido em um artigo de revista de decoração escrito pela própria Beatrice, que a combinação que via ali, se usada com mão pesada podia sair do chique antigo para o brega antiquado.

– É, eu me lembro de ter escrito isso... – disse Beatrice, novamente sem graça. Porque sim, o segundo andar da casa, especialmente os cômodos comuns, estavam dentro do seu conceito de antiquado.

– Você não deve ter espaço na sua agenda, não é? Eu sei que é ocupada e que tem uma fila de semanas, mas podia nos incluir – Dina dizia, agora ela que estava com vergonha.

Ao ouvir isso e lembrando-se das conversas que teve na última hora enquanto conhecia pessoas que estudaram com Sean e Roy e que agora faziam parte do seu círculo de conhecidos, ela percebeu que todos ali achavam que ela era ausente demais. Assim como as pessoas que se relacionavam com ela pensavam que Sean nunca estava livre e em geral fora do país e por isso nunca a acompanhava, as pessoas do círculo dele pensavam o mesmo sobre ela. Até ouvira algumas alfinetadas, dizendo que eles deviam se dar tão bem porque não precisavam passar pela rotina do casamento, já que seu convívio era feito de encontros esporádicos.

Era exatamente por isso que o casamento deles estava arruinado, eles precisavam desesperadamente daquela rotina de um casal que convive, se conhece, se ama e aprende a lidar com as qualidades e defeitos do outro. A distância criada entre eles ia fazer uma guerra antes de ceder e deixá-los tentar. A vida amorosa era feita de momentos, cada um com seu valor, baseado em companheirismo, rotina, amizade, conhecimento, aborrecimentos, surpresas, paixão, raiva, amor... Era preciso tempo para tudo isso.

– Que tal me deixar dar uma olhada na agenda, tenho certeza que posso encontrar um dia para conversarmos sobre o que você quer fazer aqui – disse Beatrice, disposta a pegar aquele trabalho por motivos pessoais. – Onde está minha bolsa?

Dina a levou até o hall onde um armário com espaços individuais podia guardar bolsas e casacos. Mais pessoas chegaram e ela foi recebê-los já que Roy estava lá embaixo na piscina. Beatrice

guardou sua bolsa depois de dar uma olhada em seu celular e o deixou lá, porque passou o começo do dia sem deixar aquele aparelhinho reger sua vida e lembrando-se bem, achava que Sean tinha deixado o dele no carro.

E isso era assustador, o maldito celular dele vivia tocando, apitando notificações, baixando e-mails incessantemente e sabe-se lá o que mais aquela coisa fazia. Rico sempre trocava o aparelho pelo último lançamento com mais capacidade e potência para aguentar o uso intenso e tinha que configurar tudo para Sean já ter seu trabalho à mão.

A festa estava acontecendo por todo o primeiro andar da mansão e nem todos estavam ao ar livre, apesar de os jardins serem a atração principal. Beatrice estava justamente voltando para o lado de fora quando Sean a recapturou e levou até o buffet recém-abastecido. Pelo jeito era hora de largar os petiscos e encarar algo com mais substância. Tudo bem, ela estava com fome. Mas a próxima coisa que notou foi estar numa das mesas no topo do jardim, com vista desimpedida para o rio e também para o cara absurdamente gato e sentado bem ao seu lado, comendo despreocupadamente. Que coisa mais atípica, estava almoçando com... Seu marido? Sério?

– Como vai sua sobrinha? E sua irmã? Há um tempo ela disse que continuava pintando – Beatrice juntou as folhas em seu prato, o cardápio era leve e refrescante, cheio de comidas frias, folhas, frutas e peixe.

Sean continuou mastigando, mas sua feição ficou mais leve e ele teve que prensar bem os lábios, fingindo concentração na comida. Então, Madame Ward estava começando a se interessar, uh?

– Tibby vai ficar enorme, você precisa ver como ela está. Eu estou orgulhoso de Tess pelo jeito que está levando a sério a criação da filha – ele pegou o copo e bebeu um gole da soda que escolheu para acompanhar a comida. Tinha largado a taça assim que seu beijo terminou, porque estava dirigindo hoje. – Ela continua pintando, temo que seja a única coisa que faz além de olhar a filha, se exercitar na praia, ter um blog sobre artes...

– Eu não creio que ela vá mudar, Sean. Mas ao menos ela parou de se autodestruir. E Tibby é a melhor coisa que aconteceu à família.

Ele assentiu e deu outra garfada, a adolescência de sua irmã era algo que ele e a mãe procuravam manter abafado o quanto dava. Claro que pessoas aqui e ali sabiam da história e vez ou outra insinuavam coisas na internet, mas ao menos agora falavam dela como recuperada. Ninguém procurava enxergar bem aquela família e ver como tudo aconteceu após o sequestro dele, como uma fila de dominó despencando.

Sua irmã mudou depois que ele mudou. A queda total foi após a morte do pai deles, abrupta e rápida demais para os problemas que ainda estavam enfrentando. Sean tinha plena noção de sua parcela de culpa na bagunça que se tornou a adolescência da irmã, ele não pôde substituir a figura do pai para ela e já tinha deixado de ser o irmão mais velho ao qual ela estava acostumada. Não era um assunto fácil para ele, mas desde a chegada de Tibby tudo pareceu muito mais claro e assim como precisava tentar com Beatrice, ele e a irmã haviam tentado e conseguiram reaver sua relação.

– Um típico acidente que se tornou nossa única esperança de consertar o passado – ele deixou seus talheres, terminando de comer antes dela que parecia não estar mais tão interessada no que havia em seu prato.

Ela apenas o olhou e deixou que levassem seus pratos, ele não estava encarando-a agora, seu olhar parara em algum ponto do jardim e das pessoas que passavam para lá e para cá, comendo e falando sem parar. Beatrice não pôde deixar de imaginar que se caso entrasse mesmo nessa ideia de tentar ser um casal, se conseguiria abrir um espaço naquela couraça dura dele e lhe perguntar sobre o passado, aquele que ele escondia.

Como o sequestro havia mudado o homem com quem ela havia se casado? Sabia que esse Sean não era o que ele e todos à sua volta planejaram, mas era o que havia sobrevivido. E era o homem com quem ela devia decidir se valia a pena arriscar o pouco que lhe sobrava para oferecer.

Eles continuaram sentados ali por mais uns cinco minutos, parecendo incapazes de se mover, como se sair da mesa fosse

quebrar alguma espécie de elo entre eles. Mas Sean se levantou e ela cruzou as pernas, preferindo olhar o rio lá embaixo. Surpreendeu-se quando ele voltou com um pedaço de torta para ela.

– Torta de chocolate do Mississippi – ele anunciou ao sentar-se na cadeira ao lado dela e colocar o pequeno prato com uma colher bem em frente dela, uma bela fatia negra e repleta de chocolate, acompanhada por uma bola de sorvete de baunilha. – Ainda é uma das suas favoritas?

– Sim! – ela sorriu, seus olhos brilhando ao olhar a torta, mas muito mais por ele lembrar disso.

Ela era de Baltimore, mas enquanto seus pais trabalhavam, a empregada que era do Mississippi vivia fazendo pratos que dizia serem “de sua terra” como se nem fosse no mesmo país. E todos na casa concordavam que era o melhor bolo de chocolate do mundo, popularmente chamado de torta de lama. Agora o restaurante dos Stravos até tinha a sobremesa, com o nome em homenagem a falecida mulher que foi tão importante na criação das três irmãs.

– E só com uma bola de sorvete de baunilha, outro não serve – ele disse, provando que lembrava mesmo, até as palavras dela. – Não sei se essa é a tradicional, mas está bem fresca.

– Hum, será que está boa? – ela disse ao pegar a colher e comer um pedaço; fechou os olhos e sorriu enquanto mastigava e sentia o sabor forte de quem não economizou no chocolate puro para fazer o doce e soube dosar tudo muito bem. – Bom!

Enquanto ela parecia se divertir com a sobremesa ele ficou apenas olhando para ela, durante aqueles segundos que ela fechou os olhos e manteve o sorriso no rosto. Quando ela os abriu, ele se aproximou dela, não planejou, mas foi espontâneo. Instintivamente, porque ela vinha fazendo isso há tempo demais para simplesmente perder o costume, ela se afastou dele e o olhou de forma estranha, como se perguntasse por que ele tinha que fazer aquilo.

– Não é isso que casais normais fazem? Eles ficam na companhia um do outro.

– Eles não precisam se esquecer do resto da festa – ela respondeu, mas voltou para o meio da cadeira e pegou um bom

pedaço da cobertura, experimentando.

– Não... – ele continuou onde estava, com sua cadeira virada de frente para ela e seu corpo levemente inclinado em sua direção. Sua atenção era exclusivamente dela. – Mas eventualmente, ficam juntos. Ou não teria graça ir em casal a um lugar.

– Nós não somos um casal – ela puxou o braço que ele estava tocando e soltou o ar de forma irritada. Não iam subitamente se tornar o casal que não foram em quatro anos.

Ele arregalou seus olhos claros, acusando o golpe da rejeição dela e sua face demorou uns segundos para readquirir a neutralidade.

Ela comeu mais um pedaço da torta e engoliu o gosto do remorso, então voltou a visão para a confusão de pessoas que estava bem ali no meio do primeiro patamar do jardim, na mesma altura que eles. No passado o namoro deles não foi lá muito social, foi concentrado demais um no outro, rápido e derrubando-os como pinos de boliche. Mas eles tiveram suas saídas e Sean costumava estar em todo local que ela estava. Ele nunca desaparecia por muito tempo. Levantando as sobrancelhas, ela viu pelo canto do olho que ele se retraía em seus próprios pensamentos e preferiu não dizer nada.

Ali à frente, Roy estava no meio de um assunto, sua voz soando mais alta do que a música baixa que tocava. Pelo jeito a festa era dessas com vários horários de chegada. Porque desde que Beatrice chegara, ao menos de uma em uma hora um grupo de pessoas novas aparecia no local. A beira da piscina já estava repleta de gente, não tinha ninguém nadando, alguns até estavam sentados balançando os pés na água, mas a maioria se espalhava pelas cadeiras e em volta das mesas com proteção do sol que não estava tão animado hoje.

Foi quando Beatrice viu as pessoas se espalhando, sentando e servindo-se das bandejas de bebida gelada que os garçons serviam que algo lhe chamou atenção. Ela ficou olhando para a mulher que andou até metade do caminho e estacou ao vê-la, parecia genuinamente chocada. Ninguém precisou lhe dizer, era como instinto, ela sabia. Naquela festa havia mulheres dos mais variados tipos, várias morenas, com tons de cabelo até similares ao seu.

Muitas loiras com cortes e tons cruzando entre o platinado e o amarelo ovo. Cada um com um estilo, tipos de roupa parecidos também, muitos shorts, saias e tons de pastel.

Mas aquela mulher ali de pé, usando aquele vestido, o tom do cabelo parecendo ser uma peruca do seu próprio cabelo e a pele precisando pegar um sol como estava a sua, pois seu tempo estava curto e o verão ainda ia chegar. Beatrice podia reconhecer o seu estilo, do jeito que era, ela podia negar, mas o seu jeito típico de ser maquiada, mesmo quando o fazia sozinha como hoje, gerara uma assinatura que aos olhos dela era clara.

A questão toda era que a mulher era bonita, o cabelo estava escovado e liso, coisa que Beatrice costumava fugir, mas era de chamar atenção. Também era mais magra e ela voltou a pensar se a calça clara a estava engordando. Mas assim como boa parte das mulheres, Beatrice tinha uma visão um pouco distorcida de si mesma. Ela não se atribuiria a beleza que via naquela mulher, a forma como achava que ela chamava atenção ali. Não lhe ocorria que aquela era só uma cópia dela e o original sempre é melhor. Podia apostar que as pessoas da festa nem notariam, mas ela sabia, a tal mulher sabia e assim que virasse o rosto, Sean também saberia.

Chloe estava chocada, de verdade, não era encenação. Ela estava de volta à Nova York fazia mais de um mês, havia terminado seu divórcio nesse meio tempo e do casamento não sobrou sentimentos pelo marido. Ela estava interessada em outro homem já fazia um tempo. Ela conheceu Sean há pouco menos de um ano, na época ele não parecia bem, estava distraído e depois de olhá-la e escutá-la por uns dez minutos, pediu licença e foi embora. Mas o que o perturbava, aparentemente não parou, ela podia ver que algo se passava com ele, mas na segunda vez que se encontraram, foi ele quem a procurou. Dessa vez estava firme, nada simpático, mas sensualmente cativante e mais interessado do que da outra vez.

Naquela época ela já sabia perfeitamente que ele era casado, afinal, ela sabia quem era sua esposa. Já copiara roupas dela, assim como copiava de outras mulheres que via em blogs de moda e revistas. Sempre teve o cabelo castanho, só que costumava ser mais

claro e também havia feito uma mudança em sua boca há pouco tempo, aumentando os lábios. Era algo que sempre quis, desde adolescente.

E subitamente estava na cama com Sean Ward, gritando, liberando-se, gozando e apegando-se. Ele era tão bom como algo devastador, em certos momentos parecia impessoal, como se estivesse concentrado demais em completar a relação sexual, como uma missão própria que lhe proporcionava prazer sem hesitação ou pudor. Talvez por isso ele fosse tão viciante, não dava para saber. Mas também era impossível ter só um pouco.

Na cabeça de Chloe, ela estava sendo só mais uma, nem passava pela mente dela que Sean não tocava outra mulher desde que dormira com a própria esposa, na noite do aniversário da mãe dele. Ele mantinha a memória viva, procurando prazer em guardá-la. A cada vez que dava prazer a si mesmo, porque ele precisava fazê-lo com frequência, aquela noite na praia com Beatrice era sua lembrança mais vívida e recente.

Ele sentia como se houvesse a destruído quando sucumbiu e transou com Chloe há uns meses, mas depois que estava engatado no ato, a necessidade o guiou, alimentando sua fome, satisfazendo seu corpo, acariciando seu ego e ligando em sua mente as visões que ele queria ter e não as reais. A cada vez que fechava os olhos... No entanto, depois do gozo ele sabia o que havia destruído.

Uma semana, foi o tempo que Chloe teve no mesmo CEP que ele. E só conseguiu vê-lo novamente dois dias depois, mas não ficaram mais sozinhos, muito menos em quartos de hotel. Foi só aquela noite que ele apareceu subitamente. Depois de alguns cafés e lanches nos quais ela fez de tudo para se aproximar dele sem sucesso, Sean estava num avião para a Índia. Depois disso, nada. Ele nunca quis ter um caso com ela e pelo jeito com ninguém. Chloe não conseguiu descobrir se aquela era primeira vez que ele fazia aquilo, só imaginava que devia haver algo de muito errado no casamento dele. Mas o quê?

Ela começou a procurar, olhar cada foto dele que saía na internet, cada matéria, menção, comentários maldosos, perguntas aqui e ali, boatos... Descobrir o que podia estar acontecendo tornou-se um

hobby que a distraía enquanto seu ex-marido a infernizava. Até que depois de pensar muito sobre o comportamento dele nas vezes que a encontrou e depois de ver uma dessas fotos de paparazzi onde havia uma mulher em um vestido negro, próxima a onde ele estava com outras pessoas, ela sacou. E depois foi só dar uma olhada na vida social da mulher dele, era fácil, estava estampada por toda internet. Era a esposa. Esse era o problema de Sean, justamente Beatrice Ward.

Chloe pintou o cabelo e ficou feliz em parar com aquela dieta infernal que ela só fazia porque o seu ex-marido era desses que preferiam o tipo bem magro e com aparência delicada. Ela nem era assim, era alta demais para isso e Beatrice não se encaixava no tipo magrinho, o que era um alívio para a nova vida dela. Umas mudanças no visual, um novo design nas sobrancelhas, maquiagem nova, perfume novo e pronto!

Ela teve sua oportunidade de testar quando soube que Sean estaria na cidade e conseguiu entrar em contato com aquele secretário metido que ele tinha. Mas incrivelmente, o cara pareceu adorar saber que ela ainda existia. Na cabeça de Chloe, onde o mistério já estava desfeito, ela sabia que Sean preferiria vê-la antes de ter que encarar a esposa. Por ela estava ótimo, queria que ele gostasse tanto dela que não precisasse mais de Beatrice Ward para nada, se o que ele queria era aquela imagem, ela podia tê-la e dar-lhe o que mais ele precisasse.

Quando ela entrou no carro, provocou o resultado esperado. Sean ficou olhando-a com a testa bem franzida e um tipo de olhar que não tinha nada haver com o que ela queria ver em um amante. Ele não disse nada sobre ela ter melhorado muito sua semelhança com a mulher que ele queria. Mas acabou cedendo a sua oferta de carinho e depois do jantar, ficou com ela. Ela já estava viciada no beijo dele, queria ir pra cama, mas ele estava novamente distraído e ela preferiu não forçar a barra para não afastá-lo.

Não dava para entender o sistema de compensação que funcionava na mente dele. Quando subiu com ela e ficaram por mais um tempo, ele a recompensou com um orgasmo, mas não quis de

volta. Antes de partir, ele apenas lhe disse “você devia clarear seu cabelo novamente, daquele jeito também era bonito”.

Ele estava errado e ela sabia por que ele queria que ela voltasse ao que parecia antes, estava com medo dela. Era claro, ela estava perturbando-o, lembrando-o demais de sua maldita esposa. Ele precisava de algo que o conectasse ao que desejava tanto, mas não queria ir fundo nisso, não podia. E ela deve tê-lo feito ir além do que estava acostumado. Mas era exatamente isso que Chole queria. Se o confrontasse com uma opção, talvez ele se afastasse do objeto de sua obsessão.

Suas fontes, porque obviamente naquele círculo a fofoca valia ouro, lhe diziam que eles não eram vistos juntos, só em eventos sociais importantes. E ninguém conseguia encontrar seus deslizes, se eles existissem. Ou seja, estava ali para qualquer um que se aproximasse deles enxergasse, um casamento de mentira. Perfeito nas fotos e vídeos, a união dos sonhos de milhões de garotas. Mas só na imagem.

Chloe não sabia se Beatrice andava vendo outra pessoa, mas sabia do que Sean precisava para sair da linha. Estava disposta a consegui-lo antes que outra idiota qualquer pulasse na sua frente, porque ela não era a única por aí copiando uma coisa ali e outra aqui da esposa dele. Mas era a única que havia conseguido perturbá-lo, sabia que sim ou ele nem teria saído com ela depois do tempo que se passou.

Eles não tinham muitas coisas em comum que fizessem seus caminhos se cruzarem sem uma mãozinha. Ela tinha uma prima que tinha acabado de se casar com um dos convidados de Roy, ela conseguiu ser levada porque sua querida prima era uma babaca que agradeceu aos céus por ela aparecer magicamente para ajudá-la a se adequar à vida em Nova York, participando de festas como a de hoje.

Só que agora, Chloe estava passando por um momento de pânico, ela não sabia o que fazer. Nunca havia encontrado pessoalmente com a mulher que era o seu modelo. Não ficara vigiando a esposa, ela a estudara para chegar onde queria, seu alvo era Sean. Mas era como uma sombra, a imagem verdadeira do que ela precisava

aparentar. Era como ser um fantasma preso no espelho olhando para o real do lado de fora.

E quer saber, ela nunca imaginaria que Beatrice viesse de jeans claro. Só que agora a mulher notara, também estava a encarando e seu olhar não era chocado, era abertamente hostil. Mais uma vez, só um pouco de dedução lhe disse tudo. Beatrice sabia sobre as cópias. Talvez isso explicasse a presença dela ali, pensava Chloe. Era provável que eles até tivessem um acordo mútuo de cada um ter seus amantes. Mas a esposa havia entrado no jogo para acabar com os deslizos dele. Era provável que estivesse perdendo terreno e poder no seu casamento combinado. Mas agora era tarde, Chloe não ia deixá-la retomar o que conseguiu perder, seja lá como foi.

Chloe queria fazer alguma coisa para que Sean a visse, mas ele estava de lado, totalmente focado em sua mulher. Ela odiava ver isso, mas de certa forma, não era lá nenhuma novidade. Afinal um cara que era perturbado o suficiente para precisar de cópias para conseguir suportar a distância de uma mulher, tinha que ter algum tipo de paixão perigosa pela original. Bem, dane-se. Se ele precisava de outras era porque a original estava indisponível, era hora de ele aceitar isso e partir pra outra.

Sean não fazia ideia de porque Beatrice havia parado de comer e ficado rígida na cadeira, dessa vez nem havia se mexido. Mas exatamente por isso, ele experimentou se aproximar mais dela, quem sabe conseguisse outro beijo, dois em um dia seria o recorde do ano e ele estava louco para quebrá-lo.

– Sean... – Beatrice disse baixo e rapidamente virou o rosto para ele. – Aquelas cópias que você tem de mim...

– Não tenho cópias suas – ele respondeu rápido, até se surpreendendo por a resposta ter saído sem ele pensar duas vezes.

– Onde elas ficam?

– Beatrice, não são bonecas.

– Existe uma aqui, não existe?

– O quê?

– Aquela que eu vi com você, é a sua cópia usável dessa cidade.

– Pelo amor de Deus, eu não saio com mulheres em cada canto do mundo!

- Uma por continente?
- Eu não tenho casos, não mantenho relações. Eu finjo que é você, alimento minha necessidade e acabou.
- Então por que tem uma das minhas cópias aqui? – ela virou o rosto para frente como se indicasse e Sean não precisou de outra dica para seguir o olhar dela.

Capítulo 8

Quando eu olhar pra você, deslize a alça do sutiã pelo ombro. Assim, bem lentamente, com suspense. Está usando aquele que eu gosto, não é?

Quando Sean virou o rosto e seus olhos pararam sobre Chloe, eles imediatamente se estreitaram e de onde estava, tudo que ela via eram aquelas esferas verde-azuladas e ameaçadoras em cima dela e suas sobrancelhas escuras e marcantes unindo-se e criando aquele olhar sério que fazia muita gente hesitar. Mas ela continuou ali, agora que chegara a festa não ia sair correndo, até porque teria que ir à pé já que sua prima estava descendo o jardim com um prato enorme de comida e o marido dela já estava no terceiro drink.

– Não faço ideia – Sean respondeu, mas não havia se mexido.

– Descubra. Duvido que ela tenha vindo atrás de mim – Beatrice ficou de pé e olhou-o tão seriamente quanto ele era capaz de fazer.

– Não vou tentar nada com as suas cópias nos perseguindo.

Ela ficou de pé e passou a mão pelo seu cabelo, jogando-o para o lado da cabeça e soltando suas ondas. Então saiu calmamente em cima de seus saltos, mas deixando metade da torta que tanto gostava para trás. Dina parecia estar esperando que ela e Sean finalmente se separassem para perguntar se teria ou não um espaço para ela na sua agenda.

Pegando seu copo de soda, Sean se levantou e foi andando pelo primeiro patamar do jardim, enfiou a mão livre no bolso e continuou seguindo Beatrice com os olhos. Ela acompanhava Dina para dentro da casa e ele ia na mesma direção. Quando passou por Chloe, foi a vez dela acompanhá-lo com o olhar, mas dessa vez bem de perto. Ela pegou uma taça de champanhe e seguiu com ele.

– Quais as chances? – ele perguntou, notando que ela continuava ao seu lado, mas ele olhava para dentro da casa.

– Você não é o único surpreso aqui – Chloe respondeu.

– Que bom que está surpresa em me ver – ele se inclinou para o lado e bebeu um gole de soda, deu mais alguns passos à frente das portas francesas e escancaradas para o jardim.

– Você não. Ela – esclareceu Chloe, sem disfarçar seu desgosto.

Sean virou o rosto para ela e soltou o ar num suspiro, decidindo que não valia a pena responder. Sinceramente, ele estava pouco ligando para o que ela achava. Não queria nem voltar a vê-la, pois o lembrava de que havia perdido a batalha contra si mesmo e cedido. Eram quatro anos naquele maldito casamento de mentira, desejando e precisando, quase implorando por uma chance. E ele nunca fraquejara. Perdeu as contas das mulheres parecidas com Beatrice com quem tomou drinks, bebeu café, até acordo de negócios já fizera com uma delas. E as propostas chegavam num nível que conseguiam deixar até ele embaraçado. E ele não caíra.

Então, perdão se ele preferia não encarar a face do seu fracasso. Era uma luta pessoal e agora ele era o perdedor e sua esposa sabia. E se importava. Era uma virada em sua vida, ele não queria nem saber se Chloe ainda respirava e nem entender porque estava atrás dele. Ele não podia perder a última chance que teria.

– O quê? – Chloe perguntou, vendo o olhar dele. – Todo mundo sabe que vocês não saem juntos. Já é mito na internet, não precisei de cinco minutos no Google – ela estava exagerando, porque teve que procurar e comparar postagens em vários blogs de fofoca, especialmente aqueles com muitos comentários.

Ela teve vontade de dar um tapa no ombro dele quando Sean voltou a olhar para dentro da casa. Dali eles conseguiram ouvir o som da campainha, devia ser mais gente chegando.

De repente Sean entrou na casa, deixando Chloe estupefata onde estava enquanto o via andando rapidamente e sumindo ao passar para a parte frontal. Ela bateu com a bolsa do lado da coxa, devia ter sabido que não seria tão fácil, mas ele não ia se safar assim com a esposa.

– Beatrice! – chamou Sean, aproveitando que ela havia ficado sozinha.

– Vai pro inferno! – ela bateu a porta do armário onde estava sua bolsa e saiu andando com ela na mão. – Vou esperar no carro!

Ele foi andando até ela e antes que alcançasse as pessoas que estavam entrando, conseguiu pegá-la e puxar para o hall lateral onde ficava o vão da escada.

– Nós vamos bater um papo – ele disse, levando-a escada a cima.

– Trate de me soltar imediatamente, Sean Ward! Você não é disso!

– Pelo contrário!

Ele entrou com ela na primeira porta que encontrou e a bateu atrás deles, só depois reparou que era um banheiro, mas era bem espaçoso e com janelas grandes no fundo que davam para a parte de trás da casa, era possível ver o rio e a festa rolando lá embaixo. Beatrice andou até o fim do cômodo e olhou para a janela, quando se virou, ele já estava à frente dela.

– Não vou lidar bem com a rejeição dessa vez, Beatrice – Sean deixou o copo em cima da bancada mais próxima.

– E eu não vou lidar com as minhas cópias de jeito nenhum! – ela o agarrou pela gola da camisa e balançou, como se estivesse disposta a iniciar uma briga corpo a corpo.

Sean também estava doido por uma boa briga com ela, do tipo que deixava marcas no corpo. Não que a ideia de briga dele tivesse alguma coisa a ver com a dela.

– Fodam-se as cópias – ele deu um passo para cima dela que recuou e bateu contra a pia que fez barulho ao bater contra a parede.

– Nós vamos embora – ela avisou.

Como se concordasse, Sean assentiu e enquanto ela ainda estava com a gola dele presa, ele segurou seu rosto com as duas mãos e a beijou demoradamente, manteve-a presa no lugar e virou a cabeça, enfiando a língua entre seus lábios, obrigando-a a ceder-lhe mais espaço. Beatrice se moveu no lugar, tentando achar uma saída, mas ele a prendeu com o quadril, empurrando-a mais contra a pia. As mãos dela escorregaram da camisa e pararam sobre seu peito, as

palmas experimentavam a força dos seus músculos enquanto ele começava a respirar mais rápido, perdendo o controle.

Quando sentiu o toque dela, Sean desceu suas mãos pelo corpo dela até segurar sua cintura e ajeitá-la no lugar do jeito que queria. O pior é que ela sabia o que ele estava fazendo, mas as suas tentativas de protestar não pareciam efetivas o suficiente. A boca dele estava sobre a sua, beijando-a vorazmente, repleto de desejo e cada vez prendendo-a mais a ele e pirando a sua excitação.

– Não, Sean, não... – ela virou um pouco o rosto, procurando ar e ofegando rapidamente. – Aqui é...

– Descarado. Eu sei – ele beijou o seu rosto. Desceu pela sua mandíbula, alcançou seu pescoço e sugou a pele, deixava-a úmida e mais quente, se sentindo louca de vontade de ceder completamente e deixá-lo por a boca onde quisesse.

Dava uma vontade enorme de matá-lo, ele sabia qual era o problema e não estava nem aí. Também dava vontade de começar a arrancar a roupa dele. Beatrice estava só pensando nisso, mas suas mãos estavam puxando a camisa dele para fora da calça. Sean já estava duro, pressionava o quadril dela contra a pia e quando ela se movia, seu traseiro se imprensava mais contra o local frio que ela nem estava conseguindo sentir. O tecido da blusa dela era fino demais, as mãos dele, quentes e fortes, não sentiam dificuldade, mesmo assim os botões de cima começaram a abrir.

– Você tinha que vir com essa blusa fina... – ele soava torturado enquanto abria mais dois botões e colocava as mãos por dentro, puxando seu sutiã também fino e enfeitado com renda, nada que pudesse combatê-lo por mais do que uns segundos.

A peça de lingerie tinha um bojo fino e sustentação embaixo dos seios, então, descia fácil. Os dedos dele eriçavam os mamilos sobre a seda delicada e ela apertava o tecido sobre os ombros dele, amarrotando-o mais a cada segundo.

– Eu preciso tocar sua pele, antes que eu...

Ele ia dizer outra coisa, mas pelo jeito como puxou a blusa dela, Beatrice entendeu que ele ia rasgá-la e ela conseguia se imaginar saindo descabelada, corada e rasgada dali.

– Nem pense nisso! – ela o beijou, agarrando-se à nuca dele com uma das mãos, suas unhas apertaram a pele dele enquanto beijava-o com força, como se isso fosse acalmá-lo.

Ele liberou os seios dela da prisão da lingerie, aquele sutiã podia ser muito sexy, mas ele queria segurá-los em suas mãos. Os mamilos já estavam rígidos e pontudos, ele os massageou entre seus dedos, usando seu polegar para esfregar os pequenos botões e puxá-los um pouco. A fricção era gostosa e levemente dolorida, Beatrice separou os lábios dos dele e gemeu, não apenas uma vez, mas repetidamente enquanto ele continuava as carícias. Ela podia sentir o volume duro dentro da calça dele esfregando-se no ventre dela, se não estivesse usando saltos, estaria com os pés fora do chão, pois ele a imprensava tanto contra a pia que já a levantara.

A maldita pia era uma peça colonial que diferente das bancadas, não era presa no chão e destoava terrivelmente do resto do banheiro. E seu impacto contra a parede se tornou repetitivo quando Sean passou a mover o quadril contra o de Beatrice. Ela já se sentia úmida, o tecido fino de sua calcinha estava ficando molhado e quanto mais excitada e responsiva ela ficava, mais a maldita pia colidia contra a parede. Eles podiam ouvir o som das pessoas falando lá embaixo e até a música tocando.

Sean estava novamente fora de si, ficar muito tempo com ela não dava certo. Ele sabia que não devia seguir com isso, eles não iam transar em cima de uma droga de uma pia barulhenta, até porque ele ia quebrar aquela maldita coisa. Precisavam ficar juntos, urgentemente, mas não ali e não agora. Certamente era o que Beatrice adoraria lhe dizer, se ele deixasse sua boca livre por um momento. Só que esse negócio de parar de beijar era mais difícil do que parecia. A boca dela era deliciosa; podia sentir aquele gostinho de chocolate e champanhe acompanhando o toque dos lábios macios. A cada vez que sua língua se esfregava pela dela, seu pênis pulsava mais dentro do boxer.

– Sean... – ela pediu, procurando ar novamente e quem sabe ao menos um pensamento coerente, mas era difícil combinar bom senso com seios sendo tão bem massageados, apertados, e quando

ele puxava os mamilos e os esfregava daquele jeito ela via o céu no teto do banheiro.

– Eu sei, eu sei... droga, eu sei – ele dizia com a boca ainda colada à sua pele.

Beatrice estava até com medo de olhar para baixo, talvez a louça da tal pia estivesse rachada. Ela se agarrou aos ombros dele enquanto tentava se equilibrar, ele estava soltando sua respiração quente no pescoço dela e suas mãos cobriam seus seios, o que não ajudava em nada a fazer os mamilos dela abaixarem. Ela o afastou pelo peito e cobriu os seios com as próprias mãos, tentando puxar o sutiã para cima e rezando para o fecho estar intacto. Ele deu um pequeno passo para trás e levou a mão à frente de sua calça, apertando o volume, tentou aliviar a pressão, mas não ia rolar.

Vê-lo mover a mão sobre o enorme volume que seu pênis duro produzia na calça enquanto a olhava tão fixamente fez Beatrice pensar no quanto sua calcinha podia ser rapidamente retirada. Felizmente ela havia vindo com uma calça bem justa que gritaria para a sua consciência. Nada de fofocas no banheiro dos amigos! Pelo amor de Deus!

Ela se afastou dele tentando fazer os botões da blusa entrarem rapidamente em suas casas. Seu andar sobre os saltos não estava firme, mas ela seguiu como pôde. Sean mordeu o lábio e virou o rosto para a janela, o ar saiu entre seus dentes repetidas vezes, o aperto dentro da calça não estava melhorando. O gelo dentro do copo de soda já havia derretido e estragado o sabor da bebida, mas que se danasse, ele virou o líquido assim mesmo, engolindo tudo num gole só para ver se esfriava seu corpo.

– Não está dando, Beatrice... – ele disse baixo, com a cabeça abaixada e os olhos fechados, parecendo absurdamente sexy com todo aquele desejo o inflamando.

Ele estava falando sobre os dois passarem tempo demais juntos, mas seja lá o que ela entendeu, seguiu quase correndo para a porta.

– Eu vou esperar lá embaixo – ela conseguiu se agarrar a maçaneta redonda e arriscou uma última olhada para ele. – Enquanto você, sei lá... Dá um jeito de desarmar essa tenda!

Ela saiu quase corrida do banheiro, seus passos incertos soaram pelo piso do segundo andar e ela foi pelo corredor procurando outro banheiro. Não queria saber de quem era, mas entrou e se refugiou atrás da porta, depois correu até a pia e levantou o cabelo com uma das mãos e com a outra encostou a mão molhada de água fria em sua nuca. Fez o mesmo com as bochechas, tentando desaparecer com aquele tom rubro. Seus lábios pareciam bem usados demais, o batom desaparecera e eles estavam protuberantes.

Quando ela finalmente saiu do banheiro, amaldiçoando por ter esquecido a bolsa onde Sean ficou, voltou até lá e viu que o lugar estava vazio. Foi descendo a escada e escutou as vozes logo no hall à frente.

– Você está se iludindo! – ela escutou a mulher dizer.

– Não tem como você saber disso – respondeu Sean.

– Isso é ridículo. Você fingiu tão bem comigo que nunca vai saber a diferença entre estar com ela ou estar comigo. Ela já sabe disso, por acaso?

– Infelizmente – ele se limitou a dizer.

– Duvido. Ela não sabe de um terço. Duvido que eu tenha sido a primeira, só a única que o deixou confuso.

– Saber que foi a primeira vai deixar seu ego inflado o suficiente para me esquecer?

– Ela não vai mudar. Eu consegui entendê-lo. Qual a dificuldade de ver isso?

Beatrice bem que tentou não fazer barulho ao descer, mas os saltos não ajudaram. Assim que chegou ao primeiro andar viu Sean com a camisa amarrotada, mas já toda de volta para dentro da calça. O volume a frente da calça dele ainda não estava no seu estado normal, mas quem estava olhando? Chloe imediatamente a viu e só pelo olhar, Beatrice soube que a mulher percebeu que estava rolando alguma coisa ali. Ela se lembrou do dia que os viu no restaurante. Por incrível que pareça, conseguiu registrar que naquele dia o cabelo da mulher também estava escovado, não tão liso quanto hoje, mas certamente não do jeito que Beatrice costumava usar.

Partindo diretamente para eles, ela se lembrou de que depois do que viu ficou arrependida por não ter entrado lá e acabado com a raça da vadia. Infelizmente, hoje também não ia rolar, porque não ia chegar à casa daquelas pessoas que ela mal conhecia, com aquele bando de gente e perder sua classe logo agora. Ah, mas ela ia se ver com ela ao menos uma vez.

– Nós vamos embora – ela anunciou para Sean e pegou sua bolsa da mão dele.

Ele apenas assentiu, entrando numa daquelas situações em que nem ele podia fingir que nada estava acontecendo. E tudo foi tão rápido que nem se ele quisesse poderia ter impedido. Beatrice passou à sua frente, tomou a taça de champanhe da mão de Chloe e despejou o conteúdo na cabeça dela.

– Eu não curto o meu cabelo liso. Quando secar vai parecer mais com o meu – ela deu a taça para Sean e saiu para os jardins, precisava se despedir dos donos da casa.

Roy pareceu muito triste por eles já estarem indo e Dina quase os levou até a porta do carro, despedindo-se mil vezes de Beatrice e repetindo que estava ansiosa para trabalhar com ela. Depois da maldita pia dançante, ela já sabia por onde ia começar as mudanças. Se alguém notou o que aconteceu com o cabelo de sua cover, não comentou. Sean também não disse nada, mas ele parecia estar com uma maldita expressão divertida que manteve enquanto manobrava o carro e acelerava para longe dali.

Foi só quando já estavam de volta a Manhattan e dirigindo a toda para pegar novamente a FDR que Beatrice se virou no assento e botou para fora o que vinha pensando.

– Sério, Sean? Por que você tinha que comer justamente aquela vadia maluca?

– Eu consigo me arrepender um bocado sem você espezinhando.

– Que merda! Já não me basta saber que você andou comendo cópias minhas por aí. Justamente a mais perto de casa que você arranja é a mais maluca!

– Eu não fiz isso. E também não saberia medir a loucura.

– Vai se ferrar! Elas são perturbadas e você se aproveitou disso. Aliás, você é outro perturbado. Você dormiu com mulheres só

porque pareciam comigo!

– Me faziam lembrar... – ele corrigiu, como se isso fizesse muita diferença em sua mente. – E eu não dormi com elas, já disse isso – mas ele também não ia lembrá-la que uma delas o fez cometer um erro.

– Eu realmente não quero os detalhes! Eu quero saber quantas cópias minhas vou ter que conhecer!

– Nenhuma.

– Ela estava até com o meu perfume! – ela gritou isso, como se fosse o cúmulo.

– Não estava não.

– Eu senti!

– Eu senti seu cheiro o dia inteiro. Eu o tenho gravado em mim, nenhuma delas o tem. Nem ela.

– Eu não acredito que estou discutindo com você sobre o cheiro que a minha cópia tem ou deixa de ter! – ela se virou bem para frente, batendo com as costas no assento de couro do veículo.

– Tudo que eu tinha de você era imaginação, era fácil focar em algo que trouxesse uma lembrança e fingir do início ao fim.

– Eu acho que vou pedir uma ordem de restrição contra você.

– Não que você tenha precisado de ajuda policial para me manter longe.

– Você é... – ela balançava a cabeça, tentando conjurar a pior palavra que lembrasse.

– Vai sair um insulto?

– Você é... – ela continuava procurando a melhor palavra.

– Obsessivo?

– Sim! E precisa se tratar!

– Não preciso não. Preciso de você. É minha única cura.

O carro deu uma freada brusca à frente do prédio em Sutton Place, Sean se distraiu por um momento com a discussão que estava tendo com Beatrice. Ela saiu imediatamente, bateu a porta do carro e sumiu ao passar pela porta que o porteiro abriu em tempo recorde. Sean deu um soco no volante, para piorar ela havia sumido sem lhe dar uma resposta sobre tentarem ou não. Agora que havia

tido o prazer de conhecer uma das mulheres que ele usou como cópia dela, sentia-se mais longe da chance que precisavam.

Fontes quentíssimas dizem que um casal de famosos bebeu tanto numa festa que rolou ontem numa mansão não muito conhecida na área que caíram na piscina. Pelo menos não foi no rio Hudson! E vocês não vão acreditar quem estava nessa mesma festa, super maneiros, leves e juntos. Os Ward! Sim, Sean e Beatrice Ward tiraram o sábado para dar umas voltinhas juntos em um dos carrões dele. E acabaram na festinha... Aos beijos! Dá para acreditar nisso? O que está acontecendo com essa cidade? Será o efeito da primavera? Eu conheço gente que não vai ficar feliz com isso. Que pena, meninas. Parece que Mrs. Ward entrou no jogo. E o sábado não para por aí, temos fotos exclusivas do casamento de Betina...
(190 comentários)

O domingo para Beatrice foi bem calmo, o que é sinônimo de tedioso, mas ela gostou. Depois de toda informação que foi jogada na cara dela, de conhecer sua melhor cópia e de dar um amasso com seu quase ex-marido no banheiro da casa dos amigos dele, ela realmente precisava de umas horas tranquilas. Agora todos os melhores fofoqueiros estavam acordando e postando em seus blogs e páginas do Facebook as novidades do sábado.

Ela havia tirado uma foto com Dina e postado no seu Instagram, já estava Deus e o mundo lá comentando não só da sua roupa, mas se era verdade que ela estava "saindo com seu marido". Como que alguém pode estar saindo com o próprio marido? Bem, ela meio que estava, mas aquelas pessoas não sabiam da real situação. Na cabeça delas, eles deviam ser pessoas normais e casadas, não que "saíam" como se estivessem ficando.

Don estava de folga hoje, ele disse que ia ser um daqueles domingos. Seus sogros iam passar o dia lá fazendo a revista. Como ainda estava metida em seu pijama e saíra da cama apenas para

preparar uma xícara de mocha e pegar uns biscoitos, Beatrice não sabia quem estava no lugar dele e nem queria saber. Ela colocou o tablet para o lado e afundou no colchão macio, pensando que podia muito bem se dar ao luxo de ficar ali escondida. Talvez pelos próximos dez anos.

Nesse meio tempo ela ia perder todos os seus projetos e Sean ia cair nas garras daquela cover maldita e eventualmente ele ia parar de fingir e acabar arranjando outro objeto de desejo. Tá, mentira. Ele ia era botar a porta do seu quarto abaixo e acabar com seu descanso. Ela tinha que torcer para ele estar bem ocupado e não lembrar de...

Seu celular soltou uma notificação bem alta e pelo som ela já sabia que era do Whatsapp. Só de olhar o começo da frase dava para notar que era uma das malditas mensagens de Sean! Ela revirou os olhos, ainda sentindo os efeitos do tempinho que passara com seu corpo disponível para as mãos dele. Aquilo não ia dar certo. Metade de um dia ao lado dele e sua calcinha já corria sério risco. Isso sem falar no seu sutiã que foi o primeiro a dançar, sem a menor classe, desceu mesmo e pareceu ter gostado da experiência.

– Já se recuperou do porre de ontem, meu bem? – perguntou Roselyn, assim que Beatrice atendeu ao telefone.

– Que porre? – ela gritou isso, achando que já haviam inventado mais essa.

– Ué, to vendo aqui que você estava se pegando com seu marido numa festa. Só podia estar bêbada.

– Mas que diabos, Rose! Desde quando você acompanha a fofoca aqui de Nova York?

– Ei, a internet é mundial. Além disso, eu fui postar uma foto do café da manhã com as crianças lá no píer. E vi que tinha foto nova sua. Adivinha só, sou uma irmã mais velha carente, gosto de ver se sua cara está boa. Daí, eu vi os comentários.

– E me ligou para espezinhar!

– Não, pra perguntar se você voltou pra casa com a calcinha.

– Eu não acredito nisso! – respondeu Beatrice, revoltada. Será que era tão óbvio para sua irmã lá em Baltimore pensar isso ou era só porque ela a conhecia?

- Voltou ou não voltou?
- Claro que voltei!
- Olha só, seu quase ex-marido é um cavalheiro. Devolveu a calcinha e tudo...
- Ele não tocou nela! – Beatrice gritou.
- Em alguma coisa ele tocou, meu bem. Ou você não estaria querendo me esganar via telefone.
- Não foi na calcinha!
- Enfim, você disse a ele que vai fazer o negócio?
- Não.
- Perdeu a coragem?
- Esqueci! Fiquei puta! Uma das minhas cópias apareceu na festa.
- O quê? – disse a irmã, dramatizando muito na pronúncia.
- Assustador. A vadia foi lá atrás dele. Tenho certeza.
- Tem certeza que ela não foi pedir o seu xampu?
- Roselyn! Isso não tem graça. Ela ficou chocada quando me viu.
- Quebrou a cara dela?
- Claro que não! Ele é um louco que come falsificações e eu que tenho que quebrar a cara dela? Eu devia quebrar a cara dele.
- Não dá, você vai fazer test drive de marido. Dá no máximo pra torturar sexual e psicologicamente. Mas como é que você não quebrou a cara dela? Parece até que não é minha irmã! Cadê o sangue dos Stravos falando mais alto na sua veia?
- Derramei o champanhe na cabeça dela. A vaca quer copiar meu visual e andar por aí com cabelo chapado. Se chover, vira um poodle despenteado com aquela franja.
- E não aproveitou pra quebrar a taça na cabeça dela?
- Rose, agressão ainda dá cadeia nesse Estado. Tenho certeza que aí também.
- Dane-se. E as listas?
- Ah, não me vem com essas drogas dessas listas. Estou num momento estressante!
- Eu sei como deve ser estressante manter a calcinha com aquele homem atrás de você... Eu vi uma foto nova dele. Cacete, dá pra ficar mais gostoso que aquilo? Você ainda lembra como ele fica sem roupa? Faz o quê? Dois anos de seca? Ou um?

– Eu vou desligar o telefone. Você tem que ficar do meu lado!
– Tá, parei! Só queria zoar um pouco. Sabia que Dillan ganhou o primeiro lugar no campeonato de natação do colégio? – comentou Roselyn, falando do seu filho do meio.

Elas ficaram ao telefone por meia hora, no fim Rose voltou ao assunto, ela estava adorando dar conselhos sentimentais à irmã. Era uma nova maneira de ficarem conectadas de forma mais pessoal do que as mensagens de celular e rede social. Beatrice estava feliz por poder contar com Rose e isso estava lhe dando mais saudades de casa, queria voltar lá e ficar uns dias com os pais. Queria ver até sua irmã do meio, a antipática Cherry que provavelmente não estava sentindo sua falta, afinal, era menos uma para roubar seus holofotes.

O pessoal do prédio do Grupo Ward em Midtown estava um pouco atarantado. Os seguranças na portaria estavam de prontidão ao invés de enfiados na salinha bebendo café ou fazendo a lenta ronda por ali. A galera dos setores administrativos escutava boatos e tentava confirmar se era verdade. Já o pessoal da diretoria ajeitava gravata, gritava pela secretária, convocava reunião do setor e até se penteava. Lá nos andares onde o sol bate mais forte, como o pessoal gostava de zoar, executivos saíam correndo, alguns estavam preparando suas malas, outros ligavam para casa avisando de viagens e tinha gente tomando calmante.

Tudo porque Sean Ward estava lá no *Olimpo*, apelido comum do último andar, atendendo telefonemas em sua mesa, girando em sua cadeira, dando ordens pelo viva voz e pasmem! Até atendendo pessoas. Tudo isso enquanto usava aqueles óculos estilosos de armação negra e lentes grandes da Polo Ralph Lauren. Ele só os usava quando precisava ler documentos. Quase ninguém o via com eles, só apareciam no escritório e na cama, quando estava com um livro. Mas lhe dava um ar ainda mais sério, mas sexy e culto. Seus

olhares ameaçadores ficavam piores quando lançados através dos óculos.

Ninguém estava preparado para subitamente pular na frente do chefe em plena segunda-feira. Assim, do nada? E os executivos que estavam sendo despachados em viagens no lugar dele? Será que era missão suicida? Havia uma crise iminente? Os boatos iam de vento em popa.

– Patrão, o Dodge, diretor de marketing geral, perguntou a secretária dele que me perguntou se ele pode levar a família, se arcar com as despesas deles e não... – disse Rico, seguindo uma lista anotada em seu tablet.

– Diz pra ele levar a sogra também e não torrar meu saco – disse Sean, digitando em seu notebook.

– O pessoal do financeiro, lá do sétimo andar, está querendo saber se é inapropriado convidá-lo para a comemoração que terá lá hoje.

– Inapropriado? Em que século nós estamos? – Sean exclamou, mas não parou de digitar.

– Eu disse que o sétimo andar é muito baixo para eles estarem perguntando qualquer coisa, mas... – Rico empinou o nariz.

– Por que diabos o financeiro geral fica no sétimo?

– Diz a lenda que seu avô odiava matemática e conseqüentemente todos que trabalham diretamente ligados a...

– Pelo amor de Deus! – Sean pegou o telefone no primeiro toque e quem estava do outro lado se assustou com sua voz e levou segundos para continuar.

– Eles bateram a meta do semestre, como deve ter visto na reunião de hoje cedo. E, além disso, é aniversário de cinquenta anos do gerente do departamento e...

– Compra um presente pra ele. Diz para Estella descobrir do que ele gosta – disse Sean falando da sua secretária sênior na empresa que parecia até a CIA, tinha um arquivo com informações pessoais de todos os executivos, diretores e gerentes de todos os departamentos e agora estava começando a expandir para assistentes também. Ela sempre sabia o que dar de presente para todo mundo.

Rico ficou digitando rapidamente lá de onde estava, bem longe de Sean, porque o humor dele hoje estava mais perigoso que ninho de crocodilo. Mas a presença dele ali, inesperada e sem estar marcada na agenda, era tão louca que todo mundo começou a inventar demandas, imaginando se isso significava que ele ia sumir do mapa por muitos dias. Mesmo quando estava fora, ele respondia, mas sentado ali, não tinha como fugir.

– Tem como o almoço ser durante a videoconferência com os acionistas? – Rico havia mudado para a tela de compromissos do dia.

– Que acionistas, Rico? Minha família? Nem se eu estivesse louco!

– Não, os minoritários, mas os outros...

O celular de Sean tocou e foi atendido imediatamente, ele estava parecendo um polvo, tudo que acontecia à sua volta ele dava um jeito de controlar. Estava com três linhas na espera, Estella ainda falava no viva voz e o celular estava colado em sua orelha.

– Tá bom – disse Sean ao celular e ficou de pé.

Rico pulou da cadeira, sem saber o que ia acontecer agora.

– Tenho um compromisso, Rico. Dá um jeito aqui na minha ausência – ele puxou das costas da cadeira o paletó do seu terno da Huntsman onde o tinha jogado há meia hora quando perdeu a paciência, deixou os óculos na mesa e foi saindo enquanto o abotoava.

Estella levantou e veio ao seu encontro imediatamente.

– Eu tenho dez ligações em espera! – ela disse, o desespero gritando. – Três reuniões de emergência agendadas.

– Não preciso ir? – Rico corria atrás dele, com o tablet na mão.

– Anota o recado – ele disse a Estella e depois trocou para Rico. – Atrasa a videoconferência e se livra do chato da primeira reunião – ele nem precisou esperar muito pelo elevador, entrou logo e sumiu.

O brunch no The Marrow foi muito proveitoso, Beatrice estava otimista sobre seu projeto para redecação de oito andares, espaços comuns e o andar inteiro da diretoria na sede da Campanale. O advogado havia aprovado o contrato com Dave Campanale que devia ser um pouco menos ocupado que Sean,

mesmo assim, não era seu dever ir pessoalmente a essas reuniões sobre decoração. Mas desde o início quando a abordou para dar um parecer sobre o local, ele parecia interessadíssimo. Hartie havia dito logo de cara, sem economizar no curto e grosso: “ele quer te comer”.

Pelo que parecia, Hartie não estava enganado, mas ele nem fazia tanto assim o tipo dela e mesmo depois que descobriu o que Sean aprontou com a cosplay dela, não teve nem tempo de pensar na possibilidade. Talvez se Dave fosse um pouco mais moreno, ela poderia fazer a doida e inventar que também estava dando para cover, mas ultimamente a única coisa que ela estava dando era roupa.

– Ainda bem que você veio junto – Beatrice foi andando pela calçada com Hartie ao seu lado. Ela estava vestida para trabalho, com um vestido discreto, um blazer verde e saltos de matar, bem altos e também escuros. Hartie levava a pasta dela.

– Eu pensei que ele ia me mandar embora! Ou sei lá... Arranjar outra mesa para me colocar. Aquele sofazinho redondo não foi um bom lugar, ele quase te abraçou. Mas olha, você é resistente!

– Ele é um perigo. Vamos logo! Antes que ele venha pro mesmo lado.

– Você curte homem furacão! O bonito chega, acaba com tudo e te deixa em paz – Hartie ria.

– Se me deixasse em paz...

– Ah, meu Deus. Prepara pro impacto – ele disse, estacando. – Cinco, quatro...

– Você quer andar...

– Dois...

Beatrice foi girada no lugar, quase como um pião em cima de seus saltos finos. A primeira coisa que ela viu foram aqueles olhos claros e ameaçadores.

– Beatrice – Sean falou bem próximo de seu rosto. – Eu quero uma resposta.

– Socorro! – Hartie olhou para os lados, vendo se alguém estava olhando. – De onde ele surgiu?

– O que está... – começou Beatrice, querendo saber a mesma coisa.

Sean balançou a cabeça, negando e estalando a língua.

– Nada disso. Meu tempo de incertezas com você acabou. Sim ou não?

Beatrice ficou olhando-o, chocada por ter que tirar uma resposta do chapéu assim, do nada, no meio da rua e no susto. Ela tinha que ter respondido no sábado, mas naquele dia também não tinha certeza. Ela nunca teria. *E aí, topa arriscar o pescoço ou não?* Se apelasse para o seu romantismo, seria arriscar o coração. Mas só de usar essa palavra e colocar no mesmo contexto que Sean já se sentia em perigo.

– Do que ele está falando? – intrometeu-se Hartie.

– Nós vamos terminar aqui, Beatrice? – ele perguntou suavemente, ignorando Hartie, a rua, os passantes; realmente esperando sua resposta.

Ela umedeceu os lábios enquanto o olhava, os olhos dele se mantinham nos seus e ela balançou levemente a cabeça como se espantasse um pensamento indesejado.

– Devíamos... – ela relaxou a postura, deixando-se ficar segura pelas mãos dele em seus braços.

Sean deu um passo para mais perto dela, deixando Hartie chocado, porque ele estava para completar dois anos trabalhando com Beatrice e nunca os viu de amorzinho por aí. Ele até já dissera achar que eles faziam fotossexo, do jeito que plantas fazem fotossíntese.

– Me dá esse ano, Bea – Sean disse baixo, só para ela. – Só mais um pouco. Eu vou cumprir o trato. Não vou dar mais um passo fora da linha. Há um motivo para não termos nos separado antes e precisamos explorar isso. Um ano. Uma chance. Eu ainda sou o cara com quem você quis se casar. Eu ainda sinto o mesmo, olho pra você como no primeiro dia que a vi, ainda a desejo tanto quanto a primeira vez. Eu preciso de você. Só mais uma chance.

Ela achava que era um golpe muito baixo ele começar a chamá-la pelo apelido logo agora, bem no seu ouvido enquanto ela tinha que lhe dar uma resposta definitiva. Com Sean não ia haver meio termo,

se ela concordasse, não dava para voltar atrás quando as coisas complicassem. E ela sabia que os problemas estavam apenas para começar. Era muito difícil acreditar nele. Beatrice sabia que não havia dito que ele a machucara e que ela estava profundamente magoada e sem saber como ele podia consertar isso. Mas ela não era surda e estava tentando deixar sua hipocrisia de lado e enxergar que não era a única na relação.

Não sabia nem como começar a reparar o que ela também causou. Era assustador, era o tipo de coisa que as pessoas preferem fugir, se esconder e esquecer do que ter que lidar. A negação era muito mais atraente.

– Não olhem agora, mas... – Hartie falou, fingindo que não estava olhando para trás.

– Está bem – murmurou Beatrice.

– O quê? – Sean olhou-a atentamente. – Você disse sim?

– Sim.

– Você a ouviu dizer sim? – ele falou com Hartie que estava tão entretido na conversa que mesmo sem ser olhado e sem saber do que se tratava, sabia que a pergunta era para ele.

– Ouvi. Mas dá para vocês resolverem isso depois? Temos visitas.

Os três se viraram rapidamente, Hartie estampando um sorriso e Sean rodando Beatrice de novo. Seu cabelo até se deslocou para seu rosto e ela sentiu o braço dele preso possessivamente em volta de sua cintura de um jeito que ela precisou se apoiar para não entortar. Já começavam os problemas.

– Ora, ora... Sean Ward passeando aqui pelo West Village. Surpresa ou coincidência? – disse Dave, retirando seus óculos escuros e parando em frente a eles.

Beatrice pensou que era aquele topete loiro dele que estava precisando de uma redecoração. Ele podia ser um gato, alto, musculoso e rico o quanto ele quisesse. Ah, atencioso e sensual também. Ele tinha um sorriso que desarmava uma mulher num segundo. Era um troço poderoso que ela se viu enredada por ele mais de uma vez. Dave sabia como chegar sutilmente. Mas ela havia resolvido que o problema era o tal topete, tinha que focar em algo para ser a questão crucial para ela não aceitar nem um jantar.

Enquanto isso, homens copiavam o corte dele e blogueiros o colocavam no Top 10 dos ricos mais gostosos de Nova York e sim, o seu maldito quase ex-marido com certeza estava listado.

Eles apertaram as mãos enquanto Hartie olhava fixamente, mas se pudessem se puxar para uma queda de braço, ah, eles fariam. A hostilidade dançou ali quando eles se olharam, cada um com seu melhor olhar de "tome cuidado ou vai acabar numa vala".

– Vim só para ver minha esposa – ele disse, olhando Dave atentamente.

Hartie começou a tossir e Beatrice sentiu a mão de Sean se apertar mais firmemente na cintura dela, se é que era possível.

– Vai ser ótimo trabalhar com você. Sei do seu talento para captar profundamente a essência de uma personalidade – Dave disse a Beatrice e tornou a colocar seus óculos, que obviamente o deixavam ainda mais sexy. – Sean... – ele moveu a cabeça em despedida e se encaminhou para seu carro.

O aperto do braço de Sean não diminuiu, mas ela conseguiu desengatar dele.

– Almoçando com o inimigo? – Sean perguntou, olhando-a pelo canto do olho.

– Não seria dormindo? – disse Hartie. – Afinal, é o que o loirão ali está afim.

O olhar que Sean lançou na direção de Hartie foi tão maligno que ele saiu correndo e se enfiou no carro onde Don aguardava.

– Inimigo por quê? – perguntou Beatrice.

– Ele é o principal concorrente de algumas das minhas empresas.

– Você tem parte com tanta coisa que eu não sei nem como identifica a concorrência.

– Tem um departamento para isso – ele abriu um sorrisinho maroto.

Beatrice se encaminhou para a porta aberta do carro e Sean a seguiu até lá, quando ela já havia entrado, ele segurou a porta e ela se ajeitou, sabendo que ele obviamente não terminara. Ela havia acabado de assinar sua sentença de um ano tendo que lutar junto com ele e não contra ele. E tudo para serem um casal. Nada disso batia. Ia ser uma confusão completa na sua mente, apesar de agora

ele estar parecendo muito mais com o Sean que ela estava acostumada, vestido em seu terno impecável e com o cabelo bem penteado, já não era mais a mesma coisa.

Ela desconfiava que com a roupa que fosse, a imagem fria e distante estava se quebrando.

– É a sua vez de me convidar – ele disse a porta. – Topo qualquer programa, desde que não me dê o bolo de novo.

– Você vai estar na cidade?

– Você sabe que sim.

– Não olhei sua agenda.

– Dane-se a agenda, me liga.

Ela só assentiu e ele se inclinou, surpreendendo-a e quase causando um infarto em Hartie ao deixar um beijo carinhoso no rosto dela. A porta fechou e logo depois Beatrice largou a pose e tampou o rosto, em crise por não saber onde havia se metido.

– Ele disse “me liga”? É sério que ele disse isso? – Hartie tinha uma veia dramática e tanto, ele devia investir nisso. – Alguém pode me explicar que maluquice é essa?

– Hartie, não sobrecarrega a minha mente agora. Eu ainda preciso trabalhar o resto do dia.

– Precisamos! Eu não vou conseguir me conter. Primeiro eu sirvo de chaperone pra você e o loirão. Agora sou testemunha de um encontro apocalíptico entre você e o chefe!

– Ele não é seu chefe!

– Eu sou do time que acha que Sean Ward tem parte com o outro lado e de alguma forma é chefe de metade da população desse país e em expansão para dominar o mundo!

– De onde você tirou isso?

– Eu conheço muita gente que trabalha pra ele e nem sabia. Até você trabalha para ele... De um jeito diferente, porque vocês trocam serviço, mas...

– Eu não trabalho para ele!

– Supostamente é atarefadíssima com a satisfação de toda a necessidade carnal e sentimental do chefe. E proporciona a manutenção do prazer...

– Cala a boca, Hartie! Eu vou precisar de você de novo.

- Você não acha que um Ward e um Campanale já são homens demais para uma semana, não? Com quem você vai sair agora?
- Vou ter que dar umas saídas com o Sean.
- Você quer dizer, o seu marido.
- Sim, esse.
- Tem outro? De onde você tira disposição?
- E você vai me ajudar.
- Você sabe que eu sou um pobre trainee, lutando por uma vaga no mercado...
- E você sabe que eu vou te contratar, Hartie. Mesmo com essa sua língua maldita.
- Meu Deus! Eu não vou aguentar de emoção! – ele exclamou, levantando os braços no banco de trás do carro que seguia para o escritório, na Park Avenue, na altura da Rua 74. Sim, exatamente na quadra atrás do triplex.

Capítulo 9

Quando eu olhar pra você, umedeça os lábios e imagine o beijo que vou lhe dar. Vou morder seus lábios e sugar cada pedacinho da sua boca. Você é tão doce que eu podia...

No dia seguinte, Beatrice enviou o convite para Sean via Whatsapp. Mas o programa escolhido só aconteceria na sexta. Ou seja, três dias que ele tentou levar na boa e deixou que seus compromissos o afogassem. Ele tinha um ano, eram trezentos e sessenta e cinco dias e o relógio já havia começado a rodar. Três dias sem vê-la era um tempo do qual não podia dispor. Estava tentando investir em mensagens e redes sociais, mas não havia como ficarem nisso.

Beatrice tinha um perfil pessoal no Facebook que ela tentava manter só para seus amigos e familiares. Claro que havia uns contatos desses que você acaba aceitando porque conheceu por aí ou desenvolveu uma relação quando trabalhou. E havia a Fanpage profissional que Hartie quem estava responsável por atualizar, mesmo que ela também postasse por lá. Fora isso também havia seu Pinterest que misturava seu perfil publico com gostos pessoais e o seu Instagram que só tinha fotos dela e amigos. Ela obviamente sabia o que podia e não podia postar. A questão toda era quando Sean criara ou ressuscitara seus perfis?

Ela postou sobre o dia lindo e uma foto quando passaram pela ponte, Sean curtiu. Postou uma foto que tirou no restaurante, onde aparecia ela, Hartie e o loiro sexy e topetudo, Sean curtiu. Compartilhou uma foto de Rose, Matt e os dois filhos, dizendo que estava louca para revê-los. Sean curtiu também. Ela postou uma foto com uma conhecida enquanto jantavam fora, Sean foi o primeiro a curtir e olha que o Instagram dela era concorrido.

E suas mensagens diárias no Whatsapp continuavam. Não só aquele assédio que ele mandava todo dia assim que acordava e às vezes dava ideias na mente dela que a faziam amaldiçoá-lo. Mas ao longo do dia ele estava adorando lembrá-la de sua existência. E como ela não ia responder quando ele mandava às três da tarde "saindo para almoçar. E você? Já comeu?". Sim, ela já tinha comido e três horas era horário de lanche!

Na quinta-feira o horror dela se concretizou, não satisfeito em apenas "curtir" coisas, Sean se tornou visual e postou uma foto dele com um bando de gente num departamento qualquer do prédio do Grupo Ward, todos comemorando uma conta de sei lá o que de uma das empresas do grupo. É mole? Ela ia ter que aguentar isso! E embaixo da foto quase a família inteira dele comentou, zoou e falou que ele estava ótimo. Ele tinha pouquíssimos amigos adicionados, mas a família toda, inclusive a avó, estava lá e comentava tudo. Malditos Ward!

Os funcionários do prédio do Grupo Ward passaram uma semana de puro amor com o chefão. Estão todos apaixonados, não bastava derreter corações de garotas por aí, Sean Ward resolveu mostrar seu lado presente e legal no trabalho. Rolou até postagem no Facebook junto com a galera. E também pipocou em várias fotos do pessoal que inundou seus álbuns aproveitando a chance, provavelmente única, de tirar foto com Sean que seja dentro ou fora da empresa, se mostra bem reservado.

O contrário dele é sua esposa, adorada pelos blogs de moda e um talento ascendente na área de decoração. Vocês estão sabendo que ela será a responsável pela revitalização dos oito halls da Campanale e do andar inteiro da diretoria? Será que ela também é viciada em trabalho? Eu fiquei mesmo intrigado foi com o grande interesse de Dave Campanale que tem ido pessoalmente às reuniões com Mrs. Ward. Será que já o informaram que Sean está na cidade? Os dois nunca se deram bem. Vamos pegar a pipoca e assistir a batalha nos índices da bolsa e na agenda de Beatrice Ward.

(310 comentários)

– Mas que babaquice! – disse Hartie, abaixando o celular, depois de ler as notícias e a fofocada sobre todo mundo em Nova York que importava ser mencionado. – Eu disse que Betina não devia ser casar com aquele escroto! Mal voltaram da lua de mel e já acabou.

– Você disse isso a ela? – Beatrice franziu a testa, ela já havia trabalhado para Betina, decorando exatamente o seu apartamento novo onde moraria depois do casamento.

– Sim, depois que terminamos o serviço e ela nos pagou...

– Diz que você não comeu a noiva – disse Terry se metendo.

– Claro que não! Ela ia se casar! – Hartie levou a mão ao peito, fazendo-se de insultado. Quem apenas o via jamais imaginaria que ele era tão pegador, mas ao menos ele seguia o código rígido da amizade, era praticamente um amigo gay, não tinha perigo.

– Desde quando isso te impede? – perguntou Beatrice, que em dois anos trabalhando com Hartie tinha ouvido cada história que a tinha feito ter certeza de que estava precisando dar uma atualizada, porque era muita novidade.

– Lá vem o bofe, ninguém desmaiando, hein – avisou Hartie.

Sean veio andando pela Rua 43 da direção da Sexta Avenida. Kevin estava no carro, não dava para saber se ele viera dirigindo, mas Don se aproximou para trocar umas palavras. Ele parecia qualquer outro transeunte, andando preguiçosamente pela noite da Broadway. O sorriso dele foi se abrindo de longe assim que viu Beatrice e ela soltou o ar, preparando-se para o impacto. Em sua mente ele não era nada comum, nenhuma das pessoas andando por ali atraía tanto seu olhar ou era tão masculino e sexy quanto ele, vestido só com uma camisa azul e uma calça preta, aproveitando a primavera para vestir-se de forma bem mais leve do que os ternos que trajava diariamente para trabalhar.

– Hey! – ele saudou ao alcançá-los e seus olhos passaram rapidamente por todos.

– Esse é Sean – disse Beatrice apresentando-o informalmente. – Essas são Elis e Terry.

Eles se cumprimentaram e olhando assim, dava para imaginar se Sean realmente tinha um lado mais simpático como o que mostrava

agora e também apareceu no sábado, ou se ele fingia muito bem. No imaginário de Beatrice, ele ficava na linha tênue entre a educação e a frieza, equilibrando-se bem em cima dela para não ter que pular para a rudeza. Mas ele estava até sorrindo enquanto apertava a mão das garotas e aguentava Hartie o alfinetando.

Não demorou muito nas trocas amigáveis de palavras e ela não sabia se ele estava prestando atenção, porque continuava olhando para ela. Até que se esquivou e foi para perto dela, passou o braço em volta de seus ombros, encostando-a ao seu corpo aquecido e deu-lhe um beijo na face que ela ofereceu, não que ele o quisesse ali.

– Você é tão bonita e essa roupa está de matar – ele disse baixo, perto do rosto dela. – Mas tudo grita “me toque”! Devo me comportar?

Beatrice apenas sentiu o leve movimento contente dos seus lábios e ao mesmo tempo pensou que devia ter colocado uma roupa mais “protegida”. Estava com uma blusa creme de mangas até os cotovelos e um decote comportado que só mostrava o topo do colo. Mas a peça estava presa por dentro de uma saia verde escura de cintura alta, justa e maleável que deixava seus movimentos livres, mas só cobria as coxas até a metade.

Era bom aproveitar o clima fresco para por os pezinhos de fora, mas estes precisavam de um descanso das tiras apertadíssimas das sandálias que ela usou durante a semana, então ela pegou seu Very Noeud verde-escuro; um Louboutin já batido e confortável, mesmo com o salto. Casou tudo com uma pequena bolsa preta e partiu. Como se não soubesse o perigo que a aguardava.

– Como o menininho da mamãe. Tímido e comportado – ela pegou a carteira e de lá tirou dois pedaços pequenos de papel. – Seu ingresso.

Ele pegou o ingresso e pendeu a cabeça num agradecimento enquanto a olhava.

– Obrigado. O assento é ao seu lado?

– Sim, por pura gentileza da minha parte – ela alfinetou e chamou os outros para entrarem no teatro.

As companhias da noite eram Hartie e duas amigas. Elis era uma artista, pintava quadros e fazia pequenas esculturas, sempre que possível Beatrice encomendava peças para completar seus projetos. Desde o primeiro trabalho juntas que começaram a criar uma relação mais próxima. Elis acabara de chegar aos trinta, tinha uma mala gigante de relacionamentos e havia acabado de por o namorado para fora de casa. Elas poderiam ser melhores amigas, Beatrice precisava ser mais acessível a outras pessoas, ela se fechava quando alguém tentava ir fundo demais. Hartie estava tentando, ele conseguia enganá-la com seu humor e mistura com assuntos de trabalho, mas ainda não chegara onde queria como um amigo íntimo.

A outra no grupo era Terry, uma professora que trabalhava como corretora há doze anos e quem arranhou o apartamento novo de Beatrice. Começou o trabalho na empresa do sogro para completar a renda mensal que não estava fechando. Mas foi se dando bem, mudou de empresa, ganhou nome, pegou ótimos imóveis e hoje seu nome era referência em Nova York e ela nem se limitava apenas a Manhattan. Ela era um pouco mais velha que o resto do grupo, tinha quarenta e dois anos e dois filhos. Beatrice a conheceu no primeiro trabalho que arranhou ali, não ficaram amigas de cara, mas no quinto trabalho elas saíram para um café e acabaram descobrindo gostos e preferências compatíveis.

Quando Terry quase se separou do marido e passou um ano querendo “conhecer” a vida de solteira, se meteu atrás de Elis, Beatrice e alguns outros. Porque ela queria sair, mas não era radical. Numa noite que bebeu muito, as coisas saíram do controle e algo fez sua cabeça voltar para o lugar. Uma semana depois ela tinha se entendido com o maridão, um sujeito forte, parrudo e bem apaixonado, do seu jeito.

Essa era a semana de abertura da peça “A Trip to Bountiful” no Teatro Stephen Sondheim e a crítica já estava apaixonada. As garotas haviam até colocado maquiagem a prova d’água. No elenco havia a fantástica Cicely Tyson no papel principal, acompanhada de Cuba Gooding Jr. e Vanessa Williams. A história girava em torno de Carrie, personagem de Cicely que sonhava em retornar à sua terra

natal, Bountiful. A peça tinha duas horas e vinte minutos e Beatrice precisou de um lenço em diversos momentos. No intervalo ela ficou sozinha com Sean que se aproximou para respirar o cheiro do cabelo dela.

– Pessoas num encontro fazem o quê? – ele perguntou, fazendo uso dos quinze minutos que tinham até a peça retornar.

– Não tenho tido muitos encontros... Você deveria saber. Estava num encontro com a cosplay.

– Não era um encontro, era amenidade pré-sexo que não se realizou.

– Você é imundo! – ela o empurrou para longe e ele lamentou perder o cheiro dela.

– Não tente romantizar o que eu fiz, Beatrice. Não vai fazê-la me afastar mais do que já faz e nem diminuir a mágoa que eu nunca imaginaria que você pudesse ter. Eu fiz uma merda enorme, mas foi simples e claro, sem pano de fundo colorido.

– Não é simples e claro para mim.

– Com quem você tem tido encontros raros para dizer que não houve muitos? – ele perguntou, mas já sabia com quem ela saía para jantar. Só queria que ela lhe dissesse.

– Não mude o lado, Sean.

– Se a cada vez que conversamos o nosso assunto acabar em outras pessoas, nunca vamos conseguir.

Beatrice cruzou os braços e manteve seu olhar na cortina que cercava o palco.

– Eu não vou conseguir esquecer facilmente. Diga o que quiser, acuse-me de ter sido uma péssima esposa. Mas mesmo assim...

Eles iam acabar caindo no mesmo assunto, sem se entender e sem conseguir se explicar. Ele ainda não conseguia chegar perto o bastante dela para entender como pôde ter fingido tão bem que não o queria enquanto escondia o que sentia e agora estava profundamente magoada por tê-lo visto com outra. E ela jamais o entenderia, não entraria na mente dela o que ele sentia, porque Beatrice não podia ver o quanto Sean precisava dela. Ela era tudo que ele tinha de certo, era a única pessoa que o fizera ir longe da zona de conforto para incluí-la naquela vida irreal que ele levava.

Sean não poderia por em palavras como precisava que ela estivesse na sua vida, não sem parecer um louco precisando de internação. Mesmo quando era daquele jeito, como estranhos sob o mesmo teto, ele sabia que ela estava lá. Sempre havia a esperança de haver uma noite como aquela do aniversário da sua mãe.

Talvez ela nunca esquecesse. Se ela esteve mesmo escondendo o que sentia por ele, ia ser muito difícil. Afinal, qual mulher é capaz de ver o cara de quem ela gosta nos braços de outra e superar isso da noite para o dia? A imagem fica presa na mente, como se desenhada a fogo. Do mesmo jeito que ele escondia aquela mágoa por todas as vezes que ela o rejeitou, agora ela tinha isso. E só lhes restava tentar.

– Você foi uma péssima esposa – ele lhe disse, sabendo bem o que ia causar.

– O quê? – ela exclamou e chegou a sair agudo. As pessoas já retornavam a seus lugares e muitas nem saíram, mas eles estiveram falando muito baixo. – Como se você houvesse sido um ótimo marido!

– Fui péssimo. Mas eu realmente prefiro que você fique pensando sobre isso do que sobre cosplay. Eu estou obsessivo com meu péssimo comportamento nos últimos anos. Você não?

– Vai pro inferno, Sean.

– Bem melhor agora.

Hartie estava se segurando lá na cadeira dele que ficava a uma de distância deles, com Elis entre ele e Beatrice, mas a outra tinha ido ao banheiro.

– Se eu fosse um filho da mãe, teria gravado essa conversinha de vocês e ficaria hiper popular na internet ao postar o vídeo.

Sean se inclinou para vê-lo e disse na maior calma.

– Ninguém ia achar o seu corpo.

– Ele está brincando, não está? – Hartie não conhecia Sean o suficiente para diferenciar ou saber se ele era do tipo que dizia essas coisas por pura zoação. Mas também não chegava a pensar que ele era algum tipo de mafioso que encomendava mortes.

– Não, ele é desses – adicionou Beatrice. – Não ia sobrar nada.

Os dois ficaram olhando seriamente para Hartie e só sorriram quando os olhos dele começaram a arregalar. Terry e Elis retornaram e cinco minutos depois a peça recomeçou. Quando saíram do teatro, Elis e Beatrice conversavam sobre qual seria a próxima peça a estrear e que pretendiam assistir. Frequentemente elas também visitavam o circuito off-Broadway esperando ver algo diferente.

Hartie estava ao celular, aparentemente contendo uma crise de alguma pessoa histérica que o ligara esperando um conselho mágico. Terry seguia com Sean, contando sobre como conseguia trabalhar, viver andando pela cidade, ter um marido e ainda cuidar das crianças. Os dois descobriram que concordavam sobre métodos de organizar o próprio tempo. Ela até começou a desfazer aquela imagem que tinha dele, de viciado em trabalho e extremamente inacessível. Ele estava ali hoje e sem precisar de explicações, Terry já notara que tinha algo acontecendo entre ele e Beatrice.

Eles seguiram pela Rua 43 em direção a Sétima Avenida, já eram mais de nove da noite, mas a Broadway continuava lotada. Turistas circulando e tirando fotos, gente cheia de bolsas das lojas que já batiam seu horário de fechar, outros já no meio ou começando a diversão da noite.

Os cinco se enfiaram pelo meio da multidão que era o pesadelo de qualquer segurança tentando fazer seu trabalho. Don e Kevin estavam na calçada, tentando manter o grupo deles em um perímetro que pudessem agir. Atravessaram a rua e foram seguindo o passo lento do amontoado de gente, mas já tinham destino certo. Entraram no Bubba Gump e foram guiados ao segundo andar onde lhes arranjaram uma das mesas de canto, enfiadas em um daqueles vãos com sofá dos dois lados. Sean e Beatrice sentaram em um dos lados e os outros três se enfiaram no assento a frente, fazendo certo estardalhaço.

– Você e essa sua bunda grande, Terry! – acusou Elis que foi empurrada para fora enquanto os outros riam.

– Só porque você queria ter metade dela! – zoou Hartie, chegando bem para o canto. O espaço era suficiente, mas eles gostavam de brincar com ela que era a mais magrinha da turma e exatamente aquela que cabia facilmente.

– Queria mesmo! – Elis sentou, empurrando-os de propósito.

Eles pediram drinks super gelados, coloridos e com os copos que acendiam porque era muito mais divertido. Cada um escolheu um, uma mistura de morango, manga, corona, laranja, tequila e outras coisas encheu a mesa quando começaram a beber.

– Quer dizer que você nunca veio aqui mesmo? – exclamou Terry.

– Como assim, cara? – completou Elis, pegando o seu copo no meio do que o atendente depositou na mesa.

– Não, nunca – Sean balançou a cabeça, havia um sorriso leve em sua face enquanto ele achava graça das caras de espanto delas que viviam fazendo pit stop por todos os locais da região.

– Às primeiras vezes! – disse Hartie, levantando o copo.

Os outros repetiram e os copos com luz acesa e colorida se encontraram no ar quando brindaram e depois todos deram um gole do que pediram.

– Vamos ter que pedir o completão! – disse Beatrice, puxando o cardápio. – Vira a placa do Forrest aí, Hartie.

O Bubba Gump era um restaurante super divertido, com um clima todo especial. Seu tema de decoração e filosofia era baseado no filme Forrest Gump e ele servia ótimos pratos com frutos do mar, especialmente camarão. As receitas eram dedicadas à mãe do Forrest e ao seu melhor amigo Bubba e havia drinks para todos os gostos. Era um sucesso, entre locais e turistas, você sempre precisava dar uma passadinha no Bubba Gump quando viajava para uma das cidades em que havia uma filial. Em Nova York era point obrigatório, ótimo para dividir pratos com os amigos e observar a Broadway.

– Estou morrendo de fome mesmo – soltou Elis, puxando um cardápio também.

A próxima coisa que Sean viu foi uma enxurrada de camarão de tudo quanto é tipo invadir a mesa em várias armações vermelhas e pratos, estavam fritos, empanados, temperados, no vapor, do jeito que quisesse. Havia pão de alho, batata frita e outros quitutes acompanhando.

– É bom, não é? Fala sério, gostinho de comida do povo! – zouu Hartie.

Beatrice sugou o drink congelado com muita rapidez e o negócio foi direto para sua cabeça. Ela virou o rosto e esfregou a testa no ombro forte de Sean enquanto ele a olhava e sorria, achando que realmente adorava primeiras vezes. Ele sabia que ela tinha amigos com quem passava um tempo, mas realmente estava muito acostumado a vê-la montada para os compromissos chiques e os eventos sociais que tomavam parte da agenda dela.

– Indo rápido demais aí, Bea? – ele perguntou enquanto ela ria e tornava a virar o rosto para os outros.

– Ela não é boa bebendo, você sabe disso, não é? – disse Terry, antes de enfiar um enorme camarão empanado na boca.

– Sempre soube – respondeu Sean que descobriu isso logo no primeiro mês que saíram juntos e sabia que ela não havia mudado.

– Só está gelado demais! – ela protestou, pegando umas batatas fritas e mastigando, ao invés de beber mais.

– Toda vez que ela tenta nos acompanhar, Don tem que levá-la embora! – riu Hartie e todo mundo ali já estava familiarizado com o segurança a ponto de incluí-lo nos programas.

– Isso ele não me conta – disse Sean e ele havia convencido Don e Kevin a subir e fingir que eram criaturas de carne e osso enquanto ocupavam uma mesa que eles achavam estratégica e comiam como gente normal.

Ambos estavam achando que o chefe estava meio doido, se enfiando em multidão no meio da Times Square e deixando-os livres enquanto se divertia. Aparentemente, os dois conheciam o lugar, mas enquanto permaneciam atentos e de olhos nos arredores, eles concordavam que o chefe estava abaixando a guarda e em tão pouco tempo junto com a esposa.

Ao menos para eles não era segredo que parte do trauma de Sean era responsável pela segurança constante. Você pode aprender quantas artes marciais quiser, fortalecer seu corpo e sua mente, mas não importa o quão forte e seguro se sinta, você não quer voltar ao inferno que conheceu, não quer se arriscar a enfrentar novamente o pior momento de sua vida.

Sean ainda saía por aí de carro e sozinho e gostava de esquecer-se dos seguranças quando ia para a casa de praia. Mas Beatrice

nunca ficava sozinha, ela não ia a lugar algum sem um segurança. O principal era Don, mas se ele estivesse de folga ou fora do seu horário de trabalho, haveria algum outro. Essa regra Sean nunca deixava que ninguém quebrasse, o cronograma dela era mais vigiado que o dele e sempre havia uma maneira de localizá-la.

– Abençoado seja! – exclamou Elis.

– Você não anda carregada por aí, não é? – perguntou Sean.

– Claro que não! Que decadência. Don me leva muito antes que eu saia trocando as pernas! – Beatrice riu junto com os outros.

– Com esse trabalho extra, ele merece um aumento – Sean experimentou um pedaço do pão de alho que devia ser mergulhado em um molho picante e repleto de mais camarão.

Don já era o seu preferido, totalmente focado, o melhor segurança que alguém podia ter. Os outros brincavam que ele podia matar tudo, não importava o que viesse, se desse para matar, Don dava um jeito. Ele já teria largado o trabalho e procurado algo mais seguro ou com menos viagens. Mas então Sean se casou e o designou para Beatrice que, comparada ao marido, quase não saía da cidade, principalmente nos dois últimos anos em que seu volume de trabalho aumentou exponencialmente.

Além disso, ele se apegara à ela, não a via apenas como o seu trabalho. Ele a protegeria. Em troca ganhava um salário fenomenal, vários benefícios e cobertura de segurança para o motivo pelo qual ele quase largou o trabalho. A esposa e as duas filhas, com quem ele também tinha certa neurose e gostava de não ficar tanto tempo lá, como se isso fosse fazer o perigo bater à sua porta.

– Quem ouvir isso, vai achar que sou uma bêbada! – reclamou Beatrice.

– Impossível, no fim do primeiro copo você já está meio louca! – riu Hartie.

As entradas que eles dividiam começaram a acabar e decidiram que era hora de partir para o assunto sério. Já que estavam ali, nada de lembrar-se de dieta. Foram ali especialmente para fazer uma noite das novidades e todos iam ter que pedir algo diferente do usual.

– O que vamos pedir para iniciá-lo aqui? – disseram os três em frente e se apertaram, olhando o cardápio na mão de Terry.

– Que gentileza, eu ia ficar meia hora decidindo – disse Sean, usando um tom sarcástico e divertido enquanto parecia até uma pessoa fácil.

– Ele come de tudo? – Terry olhou para Beatrice.

– Por que você está perguntando pra mim? – ela levantou a sobrancelha e sugou mais um gole do seu drink.

– Sempre é mais fácil saber isso perguntando a esposa. Eles mentem! – ela argumentou. – Experiência própria com um marido complicado e bom de boca.

– Sério? – perguntou Sean, realmente curioso.

– Acho que come... – respondeu Beatrice, tentando puxar da memória as refeições ao lado dele, incluindo as sociais também. Mas o que realmente contava é que eles não estavam tomando café, almoçando e jantando juntos e em casa. Então, ela tinha apenas uma vaga ideia.

– Pode mandar. O que colocarem aqui, eu como – disse Sean, abrindo as mãos em rendição.

– Ainda bem que apesar de todo esse camarão, aqui não serve piranha! – disse Beatrice e os três em frente imediatamente olharam para ver quanto do drink ela havia consumido.

– Ta aí! Não gosto de frutos do mar em geral. Só camarão e alguns peixes – disse Sean, como se houvesse lembrado algo esquecido há muitos anos e só para implicar, tocou as costas de Beatrice e subiu até massagear levemente seu pescoço, com os dedos por dentro do seu cabelo.

Ela se odiou porque teve vontade de deitar a cabeça e pedir para ele continuar.

– Não tem piranha, só lula – brincou Terry.

– Não, na única vez que tentei comer lula para agradar um sócio, fiquei dois dias me sentindo mal e bebendo água tônica.

– Tadinho, ninguém merece água tônica – disse Elis, piscando os olhos.

– Não começa a jogar charme que você ainda não bebeu tanto assim! – implicou Hartie.

– Que absurdo! – ela reagiu e deu um bom gole do seu drink de manga.

Eles fizeram os pedidos, enquanto esperavam rolou mais uma rodada de drinks e chegou tudo junto, levantando aquele cheiro apimentado de tempero. Cada um pediu um prato, muito camarão de todo tipo, Sean se preparou para provar seu prato super temperado de Mahi Mahi, camarão grelhado e purê de batata. Ele adorou, todos ficaram olhando com expectativa, mas ele curtiu. Era verdade que não tinha muitas restrições para comida, só gostava que fosse bem quente e veio soltando fumaça.

Beatrice aparentemente se cansou de comer, ela havia pedido algo sem muita substância que mais parecia uma extensão dos aperitivos. E agora dizia que preferia ter espaço para a sobremesa. Sean sentia que o peso dela estava levemente descansado contra ele que estava com muita vontade de mover o braço e passá-lo por trás dela para que ela realmente se encostasse ao corpo dele. Tinha quase certeza que ela se afastaria, então continuou comendo, já que se não terminasse os outros não acreditariam que ele havia mesmo gostado.

Ainda bem que comia bem ou seu estomago já teria levantado a bandeira branca. E lá estava ele, fazendo algo para agradar os amigos de Beatrice que ele mal conhecia. Eles se mostravam legais e a comida era boa. Assim como ela ficou surpresa quando ele a levou para mostrar que tinha amigos e eles eram pessoais divertidas; ele estava surpreso com o tipo com quem ela realmente saía, sem ser as mulheres de seus encontros sociais.

Ao contrário de Beatrice que praticamente o via como um ogro, fechado, antipático e distante, Sean imaginava que tipo de pessoa ela gostava agora. Já conhecia Hartie e podia entender porque se davam tão bem. Parecia ser o mesmo com Terry e Elis, duas mulheres com vidas tão diferentes, porém encaixando-se perfeitamente ao tipo de pessoa de quem Beatrice gostava. Ele só ficava intrigado sobre a profundidade disso.

Beatrice tinha traços similares aos dele, era difícil de se abrir, não deixava as pessoas chegarem perto demais. E estabelecia um limite imaginário em que alguém podia ser seu amigo e ela faria de tudo

por essa pessoa, mas não a deixava ir fundo nos sentimentos dela, nem conhecê-la completamente. Ela fez o mesmo com ele que também agiu dessa forma com ela. E veja onde estavam agora.

– Divide a sobremesa comigo? – Beatrice perguntou a Sean que ficou olhando-a, pronto para dizer que dividiria qualquer coisa que ela quisesse.

– Você sempre divide comigo, vai me abandonar pra comer as calorias todas sozinho! – disse Hartie, fingindo estar magoado.

– Seu traseiro aguenta! – ela respondeu.

– Tudo bem, divide com o bonitão. Eu vou meter a cara na torta de limão! E sozinho!

– Pudim de pão com canela, acompanhado de sorvete e chantilly. Huum... – disse Beatrice, fechando os olhos momentaneamente. Agora estava bem explicado porque ela não quis comer muito, o pudim a esperava.

Dessa vez Sean sentiu bem o peso dela contra seu braço e o passou por trás das costas dela que se surpreendeu e acabou caindo mais para o lado dele.

– É bom? – ele perguntou a ela, sua voz soava baixa por cima de sua cabeça.

– Esplendoroso! – ela sorriu.

– Maravilhoso! – completou Terry.

– De cair de boca! – fechou Elis.

– Ei, ei, ei! Você sempre tem que deturpar o negócio! – Hartie disse para Elis e ela lhe mandou um dedo e todo mundo foi obrigado a assimilar o duplo sentido.

Eles até estavam mais parecidos com um casal agora e Hartie que já tirara várias fotos da saída deles, sacou o celular porque ele precisava de uma foto deles parecendo gente normal. Uma foto do celular de Beatrice, tirada pelo simpático garçom da mesa deles foi direto pro seu Instagram. Era noite de sábado, mas tinha gente suficiente online para começar a comentar imediatamente, darem inúmeros “curtir” e perguntarem: “sério que esse é o seu marido?”, ou “esse ao lado dela é o Sean?”.

E havia sempre os mal humorados, cansados dos supostos novatos: “claro que é, seu bando de cegos! Ele é inconfundível”. E

começou a discussão sobre ninguém nunca vê-lo e um já dizendo que era a primeira foto deles se divertindo por aí. E gente reconhecendo o local, outros dizendo que já tinham ido lá também.

Enquanto isso os cinco não estavam preocupados em ver as respostas ao que cada um postara. Estavam entretidos na sobremesa. Beatrice deu uma colher a Sean e só faltou ensiná-lo a dividir o doce, porque era mais uma dessas coisas novas para eles, suas sobremesas nas refeições que participavam sempre eram individuais.

– Não vai dar para faltar à academia amanhã – disse Hartie, implicando com Beatrice enquanto ele mesmo enchia a boca de torta.

– Você vai comigo? – ela perguntou.

– Rebolar o meu traseiro na zumba? To fora! – Hartie enfiou um bom pedaço de torta na boca.

– Qual é! Dá ultima vez você arrasou.

– Não. E amanhã é dia de spinning, já olhei na sua agenda.

– Pelo menos o Rico não controla meu cronograma de exercícios – disse Sean.

– Sorte sua – ela respondeu e pegou outro pedaço.

Quando eles bateram novamente na rua, já era dez e vinte da noite e o restaurante fechava as onze. Ao menos não seriam expulsos. Don e Kevin já estavam prontos para partir fazia tempo, mas continuaram lá enrolando até o grupo terminar, porque era o único jeito de fazerem seu trabalho.

Eles seguiram pela sétima avenida que já não estava mais tão cheia, mas as pessoas continuavam circulando. Acabaram se despedindo na esquina porque Hartie ia pegar carona com Elis e o marido de Terry apareceu para buscá-la, aproveitando sua chance de ser ótimo. Desde que voltaram, ele não perdia as oportunidades e assim também dava uma olhadinha no grupo com quem ela saiu. Sean era uma figura nova e ele até botou os óculos para ver melhor, mas viu que ele estava com o braço bem firme em volta de Beatrice. Esperou Terry entrar e fechar a porta para perguntar se aquele era o tal marido dela, praticamente uma lenda urbana, já que existia, mas nunca conseguiam vê-lo.

Eles pegaram novamente a Rua 43, passando em frente ao teatro. Beatrice segurava o braço de Sean e ele se lembrava de que ela havia conseguido consumir dois drinks e aqueles copos eram grandes. Só isso explicaria sua disposição para ficar tão apoiada nele.

– Eu não quero me aproveitar de você, mas sério – ele apertou o braço na cintura dela. – Horas com você em pleno sábado à noite é demais pra mim.

– Eu não estou nem um pouco alta. Fique sabendo.

– Está sim, mas não tem problema. Eu não tenho escrúpulos em relação a você, posso me aproveitar.

– Você vai me levar para casa, intocada.

Ele gargalhou, realmente inclinou a cabeça e riu alto. Beatrice ficou olhando para ele, mais espantada do que quando chegou à casa de Roy. O som era gostoso, masculino e divertido e lhe trouxe de volta algumas memórias. Ela se pegou sorrindo levemente e imaginou se não estava um pouco alta. Ele ria porque a ideia era totalmente irreal.

– Eu pensei que você gostasse um pouco mais da noite, são só dez e quarenta. Cadê seu espírito de aventura?

– Ficou no primeiro drink – ela respondeu com um sorrisinho.

Sean virou-a para ele e levantou seu rosto, passando os olhos pela sua face e sem conseguir esconder o olhar de desejo puro enquanto reparava bem naqueles lábios entreabertos. Não dava para controlar, passar parte da noite com ela era muito para ele. Exposição prolongada a ela causava sérios efeitos nele.

– Sua boca deve estar deliciosa, doce e ainda com um gostinho de álcool... – ele beijou seus lábios, indo direto ao ponto porque estava louco para sentir o gosto dela. Seu braço direito passava em volta de sua cintura, colando-a completamente ao seu corpo rígido e com a outra mão mantinha seu rosto levantado para que explorasse sua boca.

Apesar dos saltos da sandália, quanto mais ele a puxava contra ele, mais Beatrice sentia-se ficar na ponta dos dedos. Sua boca havia sido tomada completamente, a língua dele ultrapassou facilmente a barreira de seus lábios e esfregava-se a dela como se

quisesse experimentar o gosto. Sean a inclinou e Beatrice se segurou na parte de trás da camisa dele, seus lábios macios estavam sendo pressionados e bem usados. Ele a queria e estava estampado em seu beijo, era repleto de desejo, sem comedimentos, ele a engoliria ali mesmo se pudesse.

Eles nem escutaram quando o carro parou no meio fio com Vini ao volante. Don e Kevin estavam a uns três metros deles, cada um de um lado, fazendo suas melhores poses de estátua enquanto olhavam para todos os lados e faziam o possível para lhes dar privacidade. Mas os seguranças estavam tão abismados com esse novo comportamento que às vezes se pegavam olhando para ver se acreditavam. A história do acordo ainda não havia vazado, nem para o pessoal do triplex e nem para Don. Eles obviamente calculavam que os dois haviam resolvido se esforçar em consertar o casamento, mas daí a vê-los se agarrando por aí, ainda era um grande pulo.

Eles não tinham noção de que estavam dando um show de paixão bem no meio da calçada porque quando estavam juntos, parecia que suas mentes entravam em curto circuito, paravam de funcionar para o resto do mundo e se concentravam na tarefa de conseguir ter um ao outro. Mas ainda lutando para não ceder às investidas de Sean, Beatrice tentou se soltar do aperto dele e quando ele afrouxou, ela deu um passo para trás, longe do calor do corpo dele. Não que ele tenha deixado-a ir muito longe.

– Vamos – ele disse, abrindo a porta do carro enquanto os seguranças se aproximavam. Eles foram com Kevin e Vini, o segundo substituíu Don que foi buscar o carro onde trouxe Beatrice e levá-lo de volta para o apartamento, de lá ele estava liberado.

Sean disse apenas o nome da rua, o lado em que ficava e o carro seguiu. Kevin já sabia para onde estavam indo, ele era uma enciclopédia de endereços que o chefe visitava ou onde tinha amigos.

– Para onde diabos você está me levando? – ela perguntou.

– Um lugar onde as pessoas não ousam ir dormir cedo num sábado à noite.

– Meus amigos não dormem cedo, eles que são uns bobos e queriam me deixar sozinha com você, como se estivéssemos em um

encontro.

– Nós estamos em um encontro. E amigos com bom senso estão em extinção, cuide bem dos seus.

– Você gostou deles?

– Claro, tirando o Hartie – ele deu um sorriso. Basicamente o tratava daquela forma porque quanto mais fazia, mais o trainee se divertia.

– Infelizmente ele tem algum tipo de fixação por você.

– Sou a favor de contratá-lo – disse Sean, surpreendendo-a.

– Eu vou contratá-lo, assim que terminar seu contrato de trainee daqui a um mês.

– Ótimo. Prometo tratá-lo melhor.

– Jamais, ele vai ficar decepcionado.

– Melhor ainda, simpatia me cansa.

– Você foi muito simpático hoje, elas estão caidinhas.

Sean virou um pouco o rosto para ela, com um sorriso de canto de lábio.

– Tenho esse efeito. Você é a única com resistência.

– É o meu dom.

– Então vai me perdoar se eu atacar suas fraquezas.

– Não tenho. Boa sorte tentando – Beatrice levantou o rosto, queria tanto que isso fosse verdade. Era tão mais fácil ignorá-lo quando estavam metidos em seus uniformes de festa, como armaduras que ajudavam a protegê-los um do outro.

E agora lá estava ela indo para algum lugar novo com ele e sem sua proteção.

Capítulo 10

Quando eu olhar pra você, não tente se esconder de mim. Eu a conheço. Apenas sinta o pulsar do meu coração sob sua mão. É seu, é tudo para você.

O carro subia a quinta avenida enquanto Sean mantinha um leve sorriso no rosto, pensando em seu papel de vilão da história. Ele ia usar todo tipo de golpe baixo e fraqueza para ganhar a guerra e no final daria um jeito de se redimir. Mas não estava disposto a perder essa nova chance, não sem uma guerra. Era vida ou morte.

– Mas isso é um bairro residencial – Beatrice olhou em volta quando ele a pegou da porta do Escalade e deixou na calçada.

Estavam parados no meio da Rua 88 no lado oeste, justamente num quarteirão repleto de casas de cinco andares que na verdade eram edifícios e a fachada da maioria deles era de tijolo marrom.

– Não fique preocupada é tudo tão inocente que Lyle, o crocodilo, até morava aqui perto – Sean puxou-a pela mão ao entrar na portaria, avisou que ia a cobertura e ninguém tentou impedi-lo.

– Eu não acredito que você se lembra dessa história de criança! – ela disse, bastante surpresa, afinal, mesmo que ele tivesse lido os livros infantis sobre o Lyle, fazia um bocado de tempo.

Sean apertou o botão do elevador algumas vezes. Era daqueles bem antigos com grades e que fazia um barulho todo característico.

– Dei a coleção toda do Lyle para minha sobrinha. E adivinha quem ela escolheu para ler os malditos livrinhos com ela?

Ela ficou olhando-o como se ele tivesse dito algo muito ultrajante.

– Você lê para sua sobrinha – o tom dela chegava à descrença.

Sean virou-se para ela e chegou bem perto.

– Não fique decepcionada com o seu ogro. Eu juro que tenho muitas outras partes malvadas para você se deleitar.

Sean não perdeu a chance de aproveitar e assim que o elevador abriu a porta, ele puxou-a para dentro, mantendo-a nos seus braços e procurando seus lábios. Ela ainda parecia muito relaxada e deliciosa demais para ele resistir.

– Não era isso que eu tinha em mente quando aceitei que tentássemos– ela virou o rosto, sem querer cair nas garras dele novamente. – Além disso, não estou acostumada com todo esse contato.

Ele pegou-a pela cintura e prendeu-a no fundo do elevador.

– Não dá – Sean prendia o corpo dela com o seu. – Não sei fazer de outro jeito.

– Não é assim!

– E como você queria? Com longas conversas num banquinho de praça, você me conta os últimos livros que leu e eu os últimos filmes que assisti. Falamos do tempo, das peripécias das crianças em volta, damos comida aos pombos e mantemos uma distância física de pelo menos trinta centímetros.

– Eu tenho muitos livros para indicar.

– Você pode me indicar livros até na cama. É muito tempo com você, eu é que não estou acostumado com isso. Não consigo resistir.

Justamente quanto ele passou a mão por baixo da coxa dela e puxou-a para cima, um casal de idosos entrou no elevador. Eles estavam muito bem vestidos e pelo jeito voltavam de algum evento. Assim que os viram, os dois arregalaram os olhos e se viraram rapidamente, apertando o botão do segundo andar.

– Eu te disse que esse pessoal da cobertura é de má influência – cochichou a mulher para o marido, mas dentro do elevador era o mesmo que ter gritado.

Eles saíram rapidamente e Sean que esteve tão absorto em sua conversa com Beatrice que não havia apertado botão nenhum, pressionou o quarto andar.

– O Shrek não é um ogro? – Beatrice perguntou assim que saíram do elevador, aquilo simplesmente veio à mente dela, já que tinham acabado de falar sobre ogros.

– Pelo amor de Deus, Beatrice! – Sean foi andando na frente. – Não coloque imagens de ogros fodendo na minha mente. Aquelas

coisas verdes!

Ela apertou o passo para segui-lo e não conteve o riso.

– Eu não falei nada disso! Você que está pensando.

– Eu estava a imprensando agora, obvio que estou pensando em foder.

– Eu nem acho que ogros fazem isso!

Eles pararam em frente de uma porta de madeira clara e Sean tocou a campainha.

– Ah não, eles procriam através de conexão dedal. Encostam os dedos e pluft, nascem ogrinhos verdes – o tom dele era de puro sarcasmo, mas sua cara de nojo era muito mais engraçada.

– Quando eu quiser abaixar sua barraca armada, vou falar sobre ogros.

Ela estava rindo da cara dele quando a porta abriu e uma mulher loira, usando um conjunto azul de calça e blusa os encarou.

– Sean! – ela exclamou e parecia que ia abraçá-lo quando olhou Beatrice e os olhos dela se arregalaram.

Enquanto isso Bea só imaginava quem era mais essa. Cada hora Sean vinha com uma novidade, ela estava só esperando para ver.

– Não acredito! – exclamou a loira. – Ela é de verdade! Vem cá!

A mulher pegou as duas mãos de Beatrice e trouxe para sua frente, olhou-a de cima a baixo, não exatamente prestando atenção em suas roupas, depois seus olhos retornaram e deram uma boa avaliada nos seus seios bem evidenciados pela blusa quase sem decote e cor de creme.

– Sim, mas não é para o seu bico – intrometeu-se Sean, enquanto entrava e fechava a porta.

– Você é linda. E que olhos fabulosos! – a mulher disse, ainda entusiasmada e finalmente falando com Beatrice ao invés de falar dela para Sean. – Muito prazer, sou Ruth Brady.

– Beatrice Ward – ela disse, estendendo a mão.

Fala sério, Sean adorava escutá-la se apresentando com o seu sobrenome e se dependesse dele, ela continuaria colocando o Ward no fim do seu nome para sempre.

Ruth finalmente deu um beijo no rosto de Sean e só de entrar no apartamento, dava para ver que parecia uma festa. Havia várias

peessoas espalhadas por sofás, em pé em cantos, conversando, bebendo e assistindo TV. No fundo tocava Paradise da Cassie num volume que não incomodaria os vizinhos como aquele casal careta do segundo andar.

Na verdade, eles não estavam na cobertura. Mas a casa de Ruth ocupava dois apartamentos, um do quarto andar e outro no quinto, havia uma escada em caracol que os interligava, mas o engraçado era que os vizinhos nem prestavam atenção nisso, só falavam do “pessoal da cobertura” porque a entrada principal era lá.

O ambiente era ótimo, calmo e até relaxante. As pessoas conversavam, namoravam ou simplesmente passavam o tempo.

- O que é isso, Sean? – Beatrice perguntou, olhando em volta.
- Festa. Todo sábado.
- Você vem muito aqui?
- Como você sabe, não tenho muito tempo livre.
- Estou vendo casais para todo lado... Você não trazia vadias pra cá, não é?
- Eu não saía acompanhado.
- Espero.
- E eu não comi a dona da casa. Ela era minha vizinha quando eu era adolescente.

– Eu imaginei, ela não parece curtir muito o que você tem aí – Beatrice lançou um olharzinho bem significativo que desceu por ele.

Sean ficou com um sorriso leve e os dois pararam de cochichar quando Ruth se virou para falar com eles. Ela perguntou como Sean estava, falou que ele estava sumido e apresentou sua noiva e depois Sean disse que a mulher estava tentando consertar Ruth que era uma sem vergonha inveterada desde sempre.

– Eu imagino que outros locais você vai me levar e que pessoas vou encontrar lá – disse Beatrice, enquanto eles seguiam pelo apartamento que era muito maior do que as portas brancas e o prédio de tijolinhos davam a entender.

- Você nem imagina – Sean puxou-a para um vão de janela.
- Você devia ser mais antissocial – ela comentou, não dizendo como ele deveria se comportar, mas o que ela achava, na mente dela ele era azedo.

Sean pressionou as mãos nas costas dela e aproximou-a dele novamente, antes que ela conseguisse escapar como ele sabia que ela estava tentando. Os olhos dela não paravam quietos, ele a via agindo com cautela e mesmo quando se segurava ao braço dele, ficava atenta aos seus movimentos para escapar de qualquer armadilha.

– Não me venha com ogros agora, Beatrice.

Ela preferia continuar conversando com ele, não só porque era mais seguro, mas também estava redescobrando como era divertido. Era como aconteceu bem lá no começo, antes de se casarem, quando estavam saindo juntos. Eles não paravam de falar, ela vivia perguntando e alfinetando de forma divertida e Sean respondia na mesma moeda e sempre se aproveitando das oportunidades para investir nela. Só que naquela época eles não tinham essa bagagem sentimental e todos os problemas para resolver.

Era mais seguro apenas falar, quando o deixava tocá-la, toda a segurança, todo o tempo que passaram separados, a necessidade, o desejo e os sentimentos que ambos escondiam da melhor forma, saíam de controle. Era como abrir a caixinha de Pandora, sem ninguém para salvá-la do desastre.

– Fadas? – ela perguntou, tentando reiniciar o assunto.

Sean beijou-a na boca enquanto puxava o ar com força, suas mãos deslizaram do final das costas dela para o seu quadril e de lá direto para o traseiro dela. Beatrice o sentiu apertando-a por cima do tecido da saia que não a protegia de nada e procurou as mãos dele desesperadamente, quando as capturou, conseguiu afastá-la de seu corpo.

– O que eu disse sobre muito contato? – ela perguntou.

Sean apenas umedeceu os lábios e ficou olhando-a enquanto deixava que ela permanecesse segurando suas mãos no ar como se fossem uma grande ameaça. Ele as segurou de volta, não era ruim, ele curtia isso também.

– Eu quero ficar com você, Beatrice. Não consigo ficar sem colocar as minhas mãos em você. E adoraria que colocasse as suas em mim.

– Isso não é o jeito certo de tentar.

– Nós não sabemos o jeito certo e não damos certo com regras.

Ele se moveu rapidamente e ela acabou com os dois braços presos atrás das próprias costas e colada a ele, ainda estavam com os dedos entrelaçados. Ela só podia levantar o rosto para ele, mas ao menos as mãos dele também estavam presas por ela.

– Quem disse? Regra número um: não me assedie em público – ela determinou.

Ele sorriu maldosamente e aproveitou que os seios dela estavam bem colados no peito dele, assim como seus quadris estavam juntos. E do jeito que ele a prendera, quando a movia, ela se esfregava contra ele.

– Então vamos ficar sozinhos em algum lugar bem silencioso para eu ouvir os seus gemidos – ele capturou o lábio inferior dela e o sugou lentamente entre os seus, seguindo depois o caminho do seu queixo para seu pescoço.

Beatrice tinha duas opções, começar a bater a cabeça para um lado e para o outro como uma louca ou... ceder. Ela ainda estava culpando seus drinks por sua inclinação pela segunda opção.

– Não – ela respondeu baixo.

– Eu a trouxe aqui para ficarmos num lugar onde ninguém vai ligar de estarmos nos pegando num canto. E nem postando fotos por aí. Vamos entortar sua regra.

Os olhos dela estavam querendo fechar e ela lutava contra, escutava a voz dele num tom muito sensual e dita contra a sua pele, era quase uma conversa de cama, daquelas que você só tem em momentos de privacidade e geralmente quando estão sozinhos na cama, aquecidos e confortáveis, começando a pensar na próxima rodada.

– Essa Ruth faz festinhas para casais – ela acusou.

– Não exatamente. Eles que gostam de vir aqui.

A cabeça de Beatrice estava completamente jogada para trás enquanto Sean investia em sua boca calmamente em um beijo quente e lento, seus lábios se moviam quase ao ritmo sensual da música que tocava de fundo e apenas eles escutavam o barulho baixo que surgia quando suas bocas se desgrudavam brevemente. Fazia muito tempo que ela não era beijada assim, ele podia querer

mais dela, mas tiraria todo o tempo do mundo para aproveitá-la, devagar e com atenção, sentindo bem o gosto e as respirações que ela soltava contra ele. Se Sean desse um passo para trás agora, ela cairia contra ele, havia se esquecido das próprias pernas, estava muito bem segura pelo corpo dele e por suas mãos ainda presas atrás de suas costas.

Ele desgrudou os lábios dos dela por um momento e olhou-a, ela piscou devagar e meio atordoada, Sean estava abrindo um sorriso satisfeito quando alguém os saldou bem ao lado, num tom alto demais. Até ele se sobressaltou e se virou rapidamente e Beatrice tocou as costas dele para se manter firme. Quando ela começou a seguir a conversa, eles já tinham trocado umas palavras. Ela olhou e viu um casal, um cara aguardava um pouco atrás e uma mulher, pequena e magra, uma gracinha de cabelo negro e traços orientais, estava falando com Sean de forma animada.

Beatrice imaginou se essa era conhecida da faculdade ou ex-vizinha, afinal, parecia que todos estavam conectados uns aos outros; ela estava esperando Roy e Dina passarem a qualquer momento.

– Eu nunca o vi por aqui à noite – a mulher comentou.

– Eu não tinha companhia para passar por aqui essa hora.

A moça, que Beatrice descobriria ser inglesa e filha de uma descendente de japoneses com um britânico, porque Sean sabia tudo isso, inclinou levemente a cabeça e olhou para ela com uma cara de confusão. Ela a reconheceu e devia estar pensando “como você não tinha companhia se está com a mesma esposa há anos?”. Mas a mulher se limitou a estender a mão.

– Quanto tempo, Beatrice. Não a vejo desde o seu casamento.

Ok, momento choque total. Aquela mulher tinha ido ao seu casamento? Não se lembraria dela nem que precisasse salvar a própria vida. E Sean sabia disso, pois sua cara o denunciava.

– Nossa, é mesmo. E olha onde fomos nos encontrar – comentou Beatrice, atirando no escuro.

– Não é? – exclamou a mulher. – Espero vê-la mais vezes!

– Eu também... – Beatrice deu um sorrisinho amarelo.

A moça pegou a mão do cara com quem estava, ele também acenou quando saíram pelo corredor à direita de onde estavam.

– O nome dela é Naoko. Sim, ela foi uma das minhas convidadas – disse Sean, antes de pegá-la pela mão e levar para o corredor à esquerda.

– Faculdade ou vizinha?

– Inglaterra, na verdade. Mas faculdade.

– E como diabos ela conhece a Ruth? Ela foi para à Inglaterra também?

– Eu apresentei quando Naoko se mudou para cá.

– Meu Deus. Parece um clube – Beatrice prestou atenção quando ele a levou pela escada em caracol. Era moderna e com os degraus transparentes, um marco quase revolucionário no meio daquele ar de antiguidade do apartamento. Mas ao chegar ao segundo andar ela entendeu o porquê.

Quem a escolheu tinha bom gosto, era como o ponto que conectava o estilo. Porque o segundo andar tinha um visual bem moderno, uma cara de reforma, cheio de tons claros e móveis retos e limpos. O próprio lounge que recebia quem subia demonstrava como os dois lugares eram diferentes e todos os sofás de estofado claro estavam ocupados com pessoas largadas confortavelmente, muitas dela mais absortas em sua companhia do que no assunto.

– Não, Beatrice. Eu também não dormi com ela – ele informou, porque era como se sentisse que não podia ter mais nenhuma culpa na sua pilha.

– Você quer tirar essa imagem da minha cabeça!

– Num minuto.

Ela seguiu atrás dele, mais ocupada em ver os detalhes da reforma do segundo andar que era a verdadeira cobertura. Eles entraram por uma porta e ela só reparou quando deu de cara com uma banheira enorme no final do cômodo. Ela se virou e Sean estava olhando para ela, com as mãos para trás, apoiadas na bancada comprida do banheiro.

– Eu reparei que você curte um banheiro bem bonito e espaçoso. Não é a toa que você fez aquelas mudanças no seu lá no triplex – ele desceu o olhar, apreciando a vista das pernas dela

completamente descobertas e boa parte das coxas à mostra também.

Os olhos de Beatrice deixaram de registrar só o ambiente, ela os forçou a também não registrar Sean ali de pé, naquela pose relaxada e com as mãos apoiadas, só evidenciando mais seus ombros largos e todo aquele abuso que era seu peito rígido. Ela podia até ver o formato dos músculos quando a camisa se pressionava contra a pele. Ela olhou para a porta, sua única via de fuga. Ele desencostou o quadril da bancada e ajeitou a camisa no corpo, sabia bem para onde ela queria ir e ele não ia deixá-la fugir tão facilmente.

– No seu também – ela comentou, com os olhos atentos sobre ele.

– É mesmo. Ficou melhor do que estava na planta – ele estava falando, mas também estava com os olhos tão atentos quanto ela.

– É...

Eles ficaram em um silêncio tenso por uns segundos, ambos parados, ela tentava disfarçar não olhando-o diretamente, mas Sean mantinha o olhar fixo nos movimentos dela, especialmente em suas pernas, dessa vez não apenas apreciando, mas estudando os movimentos. De repente ela saiu correndo para a porta, com seus saltos fazendo barulho, ele disparou ao mesmo tempo e antes que ela alcançasse a maçaneta, Sean capturou-a pela cintura e levantou-a no ar.

– Sean!

Ele estava rindo enquanto a carregava de volta, parecia estar se divertindo como nunca.

– Você é rápida em cima de um salto – ele ainda ria.

– Isso não é justo! – ela reclamava e moveu tanto o pé que uma das sandálias escorregou e girou no ar, caindo no meio do banheiro com a sola vermelha virada para cima.

Ele a depositou em cima da bancada, no mesmo local onde esteve e encostou o corpo ao dela, antes que ela o impedisse. A mão esquerda dele deslizou pela perna dela até seu calcanhar e seus dedos empurraram a parte que prendia a sandália dela, fazendo-a ir ao chão também, provocando um som bem audível para eles. Sean nem precisou olhar para fazer isso, também estava muito ocupado

observando o rosto dela e a forma como seus olhos pareciam mais bonitos quando ela ficava irritada.

Havia deixado-a ficar mais para trás sobre a bancada, ela pensava que ia escapar de alguma forma. Quando suas duas mãos subiram pelas pernas dela e descansaram no tampo da bancada, dos lados de suas coxas, Sean podia jurar que ela havia acabado de engolir a saliva audivelmente.

– Nós já fizemos isso – ele se inclinou e roçou os lábios nos dela.

Beatrice também se inclinou, só que para trás e teve de apoiar as duas mãos na bancada. Ela franziu a testa, tinha uma vaga lembrança de ter tido umas aventuras com ele num banheiro de hotel, mas isso foi na Grécia, fazia muito tempo. Anos.

– Você não pode estar falando da Grécia. Faz quase três anos.

As mãos dele deslizaram para trás do quadril dela e a puxaram para ele, deixando a boca dela ao seu alcance novamente.

– Eu me lembro de cada vez que toquei você – Sean capturou o lábio dela com uma leve mordida e quando soltou já a beijou. – Vividamente.

– Não, não lembra – ela negou, recusando-se a pensar nele como um homem que podia fazer esse tipo de coisa, ter lembranças vívidas de quando ficava com alguém, depois de anos, pois envolvia sentimentos. E ela não queria pensar nele assim, não ainda. Não estava pronta. Já estava se arriscando demais ali.

– Banheiro do hotel, perto do salão principal. Aquela maldita recepção e você dizendo que ia embora – ele inclinou a cabeça e depositou um beijo em seu pescoço, parando ali por um momento e sentindo a pulsação acelerada contra seus lábios. – Ia voltar pro quarto e me deixar lá – as mãos dele seguraram seus ombros e deslizaram até onde ele esteve beijando, mas ele só precisava de uma para segurar bem no pescoço dela. – Eu já a sentia se distanciando.

Beatrice queria expulsar as lembranças, não queria voltar naquele tempo de jeito nenhum. Era doloroso, era como olhar para algo que ela não tinha mais e passaria o resto da vida desejando. Se deixasse sua mente ir até lá, todos os momentos do início do casamento iam voltar e incluiriam a época em que ela deixou a desilusão dominá-la.

Mas ao contrário dela, que queria fugir e negar o que existiu, era tudo que Sean tinha.

Era baseado no que lembrava que ele acreditava poder levá-los de volta. Depois de todo esse tempo, ele sabia que sua mente já deturpara um pouco os fatos, misturando o real com a imaginação. Mas ele vivera aqueles dias, estavam lá, marcados a fogo em seu cérebro. Não importava o que acontecia em sua vida, quantas vezes disse a si mesmo para esquecer, sempre que tentava acabava tendo que parar e buscar as lembranças desesperadamente, como se pudesse guardá-las e depois tirá-las de uma gaveta.

– Eu acho que eu fui pelo mesmo motivo – ela foi obrigada a voltar àquela viagem e pensar no motivo para ter ido junto.

Ela sentiu a mão de Sean espalmada contra sua barriga, ambos queriam perguntar: *por quê?* Estariam nessa situação inúmeras vezes se seguissem na tentativa e comesçassem a desvendar o passado de sua relação. E mais ainda se decidissem superá-lo. Ao invés de falar, Beatrice permitiu que ele a beijasse, mantendo-a tão presa como se estivesse impedindo-a de fugir para longe dele novamente.

Dentro do banheiro todo o som externo ficava abafado e mal escutavam a música, mas os sons de quando se moviam, deixavam a respiração escapar e seus beijos estalavam, propagavam-se pelo ambiente. As mãos dele seguiam o corpo dela, procurando reconhecer locais e assimilando suas reações. Sean deleitava-se em ver enquanto a tocava novamente, seus dedos apertavam, massageando os músculos e relaxando-a para que deixasse de lutar contra a excitação. E Beatrice estava cedendo, seus olhos se fechavam e ela se deixava ir para ele.

O braço dele passou por trás das costas dela, puxando-a para frente, Beatrice apoiou os calcanhares nas pernas dele e aquilo lhe passou um sentimento de reconhecimento, como algo que ela estivera escondendo de si mesma, mas seu corpo fazia questão de lhe lembrar. Ela soltava o ar em baforadas repetidas, a mão dele segurava e acariciava seu seio sem cerimônia em apertões repetidos de quem sabia que ela gostava mesmo de sentir bem o contato com a mão dele e não um leve toque irreconhecível.

– Eu adoro quando você usa esses sutiãs finos – a mão dele foi deixando o seio até segurar apenas o mamilo que ele esfregou entre todos os dedos. – Um toque e o mamilo pula entre meus dedos – ele apertou levemente a pontinha sensível e ela deixou um gemido mais alto escapar. Nem parecia que estava tocando-a por cima do tecido da blusa, tamanha era a intensidade que podia senti-lo.

Quando ele deixou seus seios, ela estava ofegando, sentia-os pesados e pedindo muito mais do toque dele, o tecido do sutiã incomodava os mamilos que estavam tão retesados que deviam estar apontado para o céu. Seus olhos se abriram lentamente e imediatamente encontraram os dele, quentes e desejosos.

– Eu nunca mais saio com você sem um bojo bem grosso – ela prometeu mais a si mesma do que a ele. Não que achasse que isso o deteria, mas era um bom impedimento ao martírio pelo qual passava agora. Ela já tinha seios fartos e bem arredondados, sutiãs finos e com ótima sustentação eram um luxo que podia se dar, mas não junto com Sean. Só em olhar ele sabia o que ela estava usando por baixo e como tirar proveito.

– Também gosto desses, especialmente aqueles com o meio totalmente aberto e que prendem os seios lá em cima. É um belo decote. É mais fácil para enfiar os dedos por dentro – ele murmurou, pegando-a no colo e carregando pelo banheiro.

– Você está imaginando, não está? – ela perguntou, sabendo só pelo tom dele.

Sean soltou um som de excitação que parecia um ronronar masculino, repleto das mais sórdidas intenções e isso já respondia a pergunta. Ele sentou-a bem junto a ele no banco que havia encostado na parede, as pernas dela estavam quase por cima das coxas dele que estava querendo mais acesso, imaginando o que faria quando conseguisse por a boca nela.

A mão dele subiu por toda a coxa, entrou por dentro da saia de Beatrice que sentiu os dedos dele na curva do seu traseiro, puxando-a como se houvesse jeito de eles ficarem mais colados do que já estavam.

O beijo foi interrompido e ela soube que ele estava se ajeitando mais a frente dela. Beatrice tornou a abrir os olhos e Sean pegou a

mão dela, colocando-a sobre seu próprio peito. Ele a esfregou ali, sobre o tecido daquela maldita camisa que também não era nada grossa. O olhar dos dois estava preso, mas ela foi obrigada a olhar para o lugar que ele a fazia acariciar. A sensação do corpo dele embaixo de sua mão fez a boca de Beatrice ficar seca e ela sabia que o desejo estava estampado em seu olhar, ficando faminto e descarado e Sean correspondia; podia ouvi-lo, a respiração mais rápida, acompanhada daquele grunhido erótico.

Quanto mais ele apertava a mão dela contra ele, mais forte ficava, podia sentir o peitoral dele, o formato dos músculos e aquela leve curva quando descia para a barriga e seus dedos reconheceram as interrupções que os músculos formavam ali também. Ele estava retesado, seu corpo forte quase tremia de desejo, seu coração batia rápido e o olhar dele sobre ela era tão intenso que a deixava sem defesa. O efeito que o toque dela exercia nele era assustador para ela, não conseguiria dormir com essa imagem na cabeça.

– Quando eu a tiver nua novamente, Beatrice... E colocar minhas mãos em você. Faça-me parar, bata-me com alguma coisa ou eu não me responsabilizo – ele balançou a cabeça negativamente, seu olhar travando nos lábios dela.

Ela estava assustada, estava verdadeiramente assustada com ele e com a intensidade do que estava sentindo. Ia perder o controle, ia ceder e quando se abandonasse nos braços dele, Sean a dominaria tão rápido que ela nunca mais conseguiria voltar à superfície. Ela não podia, sabia que não conseguiria dominá-lo do mesmo jeito, ainda não estava pronta.

– Eu não vou deixar – ela tentou tirar a mão, mas ele puxou-a para ainda mais perto.

– Eu vou tê-la novamente. E não vai demorar ou vamos ambos enlouquecer.

– Se você colocar as mãos em mim... – ela queria dizer que estaria perdida, mas engoliu as palavras, não podia confessar isso agora.

– Minhas mãos já estão em você e eu não vou soltá-la.

Beatrice segurou o rosto dele, seus dedos apertando contra aquela mandíbula forte enquanto seus olhos passavam pela face

dele. Sean beijou-a, levando a cabeça dela a encostar contra a parede. Ela podia sentir que ele ainda prendia sua mão, o coração dele batia mais acelerado, o dela também, principalmente sentindo os toques dele cada vez mais íntimos.

O corpo dela se retesou e depois se arrepiou inteiro quando ele começou a roçar os dedos sobre sua calcinha. A peça era o conjunto do sutiã, uma fina seda indefesa contra ele. E ela estava úmida, sabia disso e agora ele também. Os dedos dele esfregaram o tecido contra ela e um gemido saiu de seus lábios para os dele, estava sensível e excitada. Sean sabia como tocá-la, ele nunca esqueceu e o corpo dela parecia ter vida própria, querendo ir contra o dele. O desejo estava mais forte do que seu terror de perder o controle, mais um pouco e ela ia gozar contra os dedos dele.

Sean continuava beijando-a, ele não estava pedindo nada, só queria continuar tocando-a, precisava disso agora, não podia parar. Ela estava vibrando contra ele, estava correspondendo e isso era como droga nas suas veias, ele se viciava, assumia sua obsessão por ela, deixava o monstro sair. Quando começava a tocá-la sequer se reconhecia, tinha medo até do próprio descontrole perto dela. O desespero de perder novamente quase o dominava, levava-o bem perto do quanto se sentia medíocre ao procurar substitutas para alimentar um pouco do seu vício. Mas quando era ela, nunca chegava a esse ponto, só alcançava a realização.

Apesar de lutar para não deixar ir, Beatrice sabia que sua necessidade era mais forte, ela não conseguia se entender, não podia aceitar o que sentia por ele. Queria odiar, mas também queria mais dele. Ela deitou a cabeça, deixando um gemido quase de agonia escapar, seus olhos estavam cerrados, estava fora de controle, prendera seus pés descalços em volta da perna dele como se pudesse cair a qualquer momento. Seu quadril se moveu contra os dedos dele que pressionavam mais e mais.

– Eu estou louco pra sentir seu gosto novamente, mas agora eu só quero uma coisa. Goza pra mim de novo, Bea. Eu senti tanta falta disso – ele sussurrava para ela, uma sugestão sutil em seu ouvido, convidando-a a ceder.

Ele podia sentir o formato do clitóris inchado por baixo do tecido úmido, capturava-o entre seus dedos e os movimentos que fazia sobre ele levava ambos à beira do precipício. Ela estava quase gozando, ele podia ver os sinais, seu corpo inquieto, a forma como se agarrava a ele inconscientemente e Sean observava-a atentamente, alimentando-se daquela imagem.

O gemido que Beatrice deixou escapar reverberou pelo banheiro e cravou-se nos ouvidos dele. Ela segurava com força no antebraço dele, suas unhas estavam cravadas ali e ela nem notara. Estava ofegante, pulsando contra os dedos dele, muito úmida e quente, ele ainda esfregava os dedos, agora lentamente, cada vez mais leve até que os tremores do gozo deixassem o corpo dela.

A respiração dela demorou a se estabilizar, ela mordeu o lábio, segurando os outros gemidos, seus olhos permaneciam fechados, seu corpo ainda não queria abandonar a sensação. Sean queria balançá-la para que deixasse ir. Ele ia tê-la completamente, quando a tivesse em sua cama, não ia deixá-la se conter, ela ia por para fora todos os gemidos que acabou de engolir e os tremores que tentava conter agora. Não importava como, mas ele ia fazê-la se entregar.

– Abra os olhos, Beatrice – ele disse, vendo que ela continuava quieta e mantinha seus olhos cerrados.

Ela ainda não podia acreditar o quanto acabara de ceder.

– Pare de me castigar, olhe para mim – ele insistiu.

Eles tinham um segredo, algo só deles. Não estavam tocando no assunto, como se ainda não fosse a hora, mas parecia que a regra já não valia. Sean era apaixonado pelos olhos dela. Foi uma das primeiras coisas que disse assim que a conheceu, ele era fascinado por eles. Aquela cor era rara e ela tinha sua coloração toda especial assim como uma personalidade que acompanhava. Ele sabia que agora eles deviam estar parecendo duas safiras douradas. Ele sempre lhe dizia que ela tinha olhos de gata, eram castanhos dourados, com um círculo escuro em volta da íris; cor de nascer do sol como ele dissera a primeira vez que acordaram juntos.

Beatrice o olhou por uns segundos, mas depois desviou o olhar daquele jeito que ele odiava tanto. Sean soltou o ar e ficou de pé, tentando trazer sua mente e seu corpo para a realidade. Ele deu

alguns passos e, na boa, andar doía. Fazia um tempo que ele não sentia seu pênis tão duro dentro da calça e aquela ereção não ia descer assim, sem briga. Mas ele esperava que ao menos desse uma aliviada.

Ele pegou as sandálias dela e levou até lá, segurou uma perna de cada vez e calçou-as nela, mesmo que Beatrice desse amostras de não querer ser tocada agora, ele não ia obedecê-la. Não ia entrar nesse ciclo novamente.

Sean ficou de pé e ajustou a calça, procurando mais espaço na frente do zíper. O silêncio era pesado, mas ele não estava se deixando abalar por isso. Depois de anos de silêncio, estava mais do que acostumado. Afastou-se dela, porque sentir seu cheiro não ajudava em sua concentração para a ereção dar uma aliviada. Ele foi até a bancada e apoiou as mãos ali.

– Isso não é tentar, Beatrice – ele disse, lembrando um pouco a frase dela.

Ela se levantou e o olhou, ali de pé com as costas tão retesadas. Era uma idiota, Bea tinha certeza disso. Devia ter saído correndo há muito tempo, fugir dele imediatamente era a melhor solução e rever os termos do que estavam fazendo. Não ia dar certo, eles estavam a ponto de se destruir o tempo todo. Ela não queria nem pensar no que poderia acontecer da próxima vez que ficasse sozinha com ele. Não tinha certeza se ia conseguir manter-se sã e com as roupas no lugar. E também não sabia o que era tentar.

O que deviam fazer afinal? Como se voltava a ser um casal? Como podiam reconstruir o que tiveram lá no início ou começar tudo de novo? Ela não tinha certeza se era assim, se podia ou não podia dormir com ele, ou se conseguiria superar as memórias e se entregar. Achava que devia se manter bem longe dessa possibilidade, mas vinha achando um bando de coisas nos últimos anos e a verdade era que só ajudara a afundar a relação. Ela estava perdida ali. E tudo sobre Sean sempre a deixou assim, sem saber para onde ir, confusa, consternada, devastada e fora de controle.

Sim, não era tentar. Ela não disse nada, ambos não sabiam a resposta. Mas andou até lá e tocou as costas dele levemente. Suas

mãos subiram e desceram em movimentos conjuntos e leves, Sean deixou que ela continuasse e sua tensão acabou diminuindo.

Quando os dois chegaram lá embaixo, já eram umas três da manhã. Sean ligou avisando que estava descendo. Kevin e Vini estavam a postos para partirem logo. Era ótimo que estava bem escuro e o pessoal que ainda estava no apartamento não reparou neles. O porteiro estava cochilando e assim que se enfiaram no carro este partiu em direção à Quinta Avenida, para descer até Sutton Place. O triplex ficava antes, mas iam deixar Beatrice e Vini primeiro.

Ela disse a Sean que o via depois e desceu, ele estava no canto dele do carro, não queria nem olhá-la. Sua barraca certamente não desarmara e ele estava pensativo, tão seriamente preso em algo na sua mente que até sua posição denunciava, com o cotovelo no apoio da porta e o queixo no interior da mão.

Capítulo 11

Quando eu olhar pra você, lembre-se do que imaginou fazer comigo antes de dormir. Foi sujo, doce ou selvagem?

O domingo amanheceu chocado aqui em Manhattan. E não estou falando das últimas falências nem da festa de orgia na casa daquele nosso conhecido vizinho. Só para constar, acabou em polícia. Mas

Justin II está de caso novo. Minha fonte quentíssima disse que ontem isso já começou a dar ibope pra vizinhança! Estamos loucos pela festinha de sábado! E adivinhem só, vamos ter acesso! MORRI!

E o James, nosso ex-amado, se ferrou mesmo. Betina Crawford (foto acima) não quer mais saber do marido. Dá para acreditar nisso? Eu mal sequei minhas lágrimas por não ter sido convidado para o casamento e eles já se separaram. Cada um diz uma coisa.

Mas o pivô da separação foi um loiro.

Falando em casais, viram a última foto dos Ward (foto abaixo, tirada do Instagram).

Esqueçam Brad-Jolie! Os Ward são meu novo casal preferido! Estou louco, apaixonado e verde de inveja daquela mulher com um Sean Ward para acordar do lado. Como é que pode ser permitido que ele case com uma pessoa só? Aquele homem devia ser patrimônio público! Babei na saída entre amigos. Alguém me explica como colocaram os Ward lá no Bubba Gump? Nada contra, dou umas passadas lá também. Mas gente, não consigo assimilar meus ídolos da alta society comendo camarão comigo. To amando essa fase povão dos Ward, gente como a gente. Abraçando os funcionários de dia e bebendo um negócinho à noite ali na esquina.

Só me falta o visual da Mrs. Ward e um SeanW só pra mim.

(285 comentários)

Domingo não foi um dia legal. Para quem chegou da “farra” as três e pouca da manhã, Beatrice demorou um bocado para dormir. Estava perturbada demais pelo jeito que sua nova relação estava se desenvolvendo, ela simplesmente não conseguia apagar o olhar de Sean da sua mente enquanto mantinha a mão dela presa a ele. Ela precisava de oito horas de sono, condicionara seu corpo a funcionar bem dessa forma. Então só acordou quando seu celular tocou, passando da uma da tarde.

– Alô... – ela murmurou, virando-se na cama e empurrando o cabelo de seu rosto.

– Beatrice! Por onde você andou? – perguntou Nina num tom de alarme.

A voz da mulher trouxe-a para o mundo dos vivos. A última vez que falou com Nina foi justamente no dia que viu Sean com a sua cover naquele restaurante. Desde então se esqueceu de um bando de coisa, ainda mais agora com essa loucura que estava vivendo.

– Andei com uns projetos atrasados, precisei dar uma sumida – ela sentou na cama, tentando tirar o corpo do torpor.

– Estou sabendo, você vai refazer a Campanale! Estou louca para ver. Mas eu já lhe disse que você tem trabalhado demais. Nunca mais ligou e nem apareceu nos eventos. Senti sua falta. As meninas não são nada sem você. Está um caos sem seu bom senso.

– Imagino... – Beatrice deixou a cabeça cair contra o encosto da cama.

Nina era uma madame rica que não via motivo para gastar seu tempo trabalhando. Seu marido já fazia isso, seu pai também, já tinha dinheiro suficiente. Mas ela e duas amigas tinham uma galeria de arte e brincavam de trabalhar lá. Faziam um bom trabalho, realmente se dedicavam, era um dos projetos delas. E como tinham dinheiro de sobra, gostavam de descobrir gente com muito talento e pouca verba.

– Não, você não imagina! Está um caos! Maribel, aquela louca, está novamente fora de controle! E ela vai fazer uma festa em homenagem à sogra! Você tem noção disso? A velha a odiava quando ainda era boa das ideias!

O que Beatrice não podia acreditar até hoje é que aquela criatura se chamava Maribel. O nome não combinava, lembrava-a de biscoito, fazia pensar numa moça bonitinha e meiga. Ela até desconfiava que havia uma novela mexicana com esse nome e a personagem era um amor. Mas a pessoa em questão era uma mulher enlouquecida, cheia de manias, metida à besta, desvairada, alucinada e até engraçada, mas tinha que saber lidar.

No círculo deles, ela era a pessoa que dava mais festas; todo mundo sempre estava envolvido com alguma das festas de Maribel Petterson. Apesar de tantas, os convites eram artigo concorrido no mercado, mesmo que ela inventasse as maiores loucuras e temas esdrúxulos.

– Ela está doida também?

– A mãe do Justinho? Mais doida que relógio de dar corda! – exclamou Nina, chamando Justin Petterson, pelo apelido, ele não tinha o Junior no nome e o pai tinha o mesmo nome, então arranjaram uma alternativa para não usar o ridículo Justin II.

– Desde quando? – perguntou Beatrice que felizmente não tinha contato com a mãe de Justinho.

– Em minha opinião, desde sempre. Mas de um ano pra cá, a mulher mudou drasticamente.

– Todo mundo muda...

– Não Ofélia Petterson! De qualquer forma, você precisa ir. Alguém precisa por senso na mente de Maribel novamente.

– Não vou dar outro tapa na cara dela – decretou Beatrice.

– Só você pode fazer isso! – guinchou Nina.

– Nem pensar, me recuso. Da outra vez ela ficou catatônica.

– Mas voltou a si!

– Ela ainda me odeia – Beatrice argumentou, não que o ódio de Maribel a preocupasse, não era como se ela fosse matá-la.

– Você é a única que ela escuta.

– Porque ela pensa que meu marido vai arrancar milhões do marido dela.

– Ele pode cortar os investimentos nas empresas de Justinho.

– Isso é ridículo! Afinal, por que estamos discutindo? Qual o problema de uma festa para a sogra louca?

– Justinho está com amante de novo! – falou Nina, como se isso fosse alguma novidade. Quando ele não estava? E no caso dele, Maribel sabia. E às vezes dava o troco com algum cara mais novo. Mas sempre tentava matar as amantes do marido.

– Ah não, não vem com essa. Não estou com estrutura para amante agora – Bea não dizia isso apenas pelos seus problemas, mas em quatro anos convivendo com aquelas pessoas, ela havia visto amantes suficientes de Justinho e passado por todos os ataques de Maribel.

– Parece que é uma artista – continuou Nina, soltando a fofoca.

– Você sabe que isso é muito abrangente...

– Aqui de Manhattan!

– Manhattan é gigante, você sabe disso, não é?

– Até conhecida – Nina seguia firme nas pistas.

– Chega!

– E ela convidou todas as artistas de Manhattan que na mente dela podem ser suspeitas.

– Artista é um termo muito... – lembrou Beatrice.

– Dançarinas, pintoras, escultoras...

– Pelo amor de Deus! – Bea descansou a mão na testa.

– A lista tem cinquenta nomes.

– Onde vai ser isso?

– Onde você acha? Na mansão da Ofélia, lá em Sands Point.

– Mas que inferno!

– Diz que você vai, por favor! Eu preciso de alguém lá! Alicinha está em um daqueles frenesis dela. Não serve pra nada – ela falou da outra doida do grupo que mudava de casa a cada vez que terminava um relacionamento.

– Ela está se mudando de novo?

– Adivinha!

– Vou ver o que posso fazer. Quando é?

– Você não olhou o convite?!

– Recebi um?

– Beatrice!

– Ok, vou procurar na correspondência. Ela ainda tem essa mania de mandar troço de papel.

– Mudando de assunto, estão comentando muito nos nossos chás... Você está mesmo saindo com seu marido?

Beatrice teve vontade de levantar e começar a sapatear no quarto. Será que essa gente não tinha mais o que fazer?

– Como é que eu vou sair com meu próprio marido, Nina? Eu saio com ele porque ele já é meu marido! – Beatrice revirou os olhos, também nunca ia contar a verdade logo para Nina. Seria o mesmo que por no New York Times.

– Não saía antes... E nós sabemos que ser marido, cá entre nós, é relativo. Eu não vejo o meu há uma semana. Felizmente.

– Ele está passando um tempo na cidade. Vão tratar de outros assuntos.

– É só curiosidade, ué!

A Ferrari negra e fosca seguia novamente pela estrada em direção a Southampton, Sean não conseguia paz quando estava em Manhattan. Todos sempre o encontravam, não importava se desligava seu celular. A dor de cabeça não passava e hoje ela estava insistente, ele já devia ter tomado uns três analgésicos. Após duas horas atrás do volante, quando o carro parou em frente da mansão e ele respirou aquele ar puro vindo da praia, a dor já parecia esquecida. Mas ao entrar, Sean logo viu que essa visita não seria das mais corriqueiras.

– Tio! – Tibby correu e se jogou em cima dele, num salto incrivelmente alto para uma criança tão pequena e que não levava em conta se ele conseguiria ou não pegá-la.

Sean capturou aquela coisinha no ar e abraçou-a apertado, ele foi andando para onde escutava vozes e viu um cara diferente. Ele ficou olhando para o tal homem que pulou de onde estava e se aproximou, parecendo desconfortável.

– Oi, eu sou...

– Não quero saber, some – disse Sean, voltando com Tibby no colo.

– Não, é sério! – o cara foi o seguindo, uns dois passos atrás.
– Se você é mais um dos namorados dela, pode desaparecer daqui.

– Eu ainda...

Tess veio correndo, aparentemente escutou a voz do irmão que ela conhecia tão bem e nem precisava pensar muito para saber que já tinha dado problema.

– Sean! – ela parou na frente deles.

– Você deixou sua filha sozinha com esse cara?

– Não!

– Cadê a Sonia? – ele olhou em volta, procurando a senhora que trabalhava lá e também olhava Tibby, já que Tess havia cismado que não queria babá, pois podia dar conta da filha. Em tese até que sim, ela era ótima, mas quando se metia com seus quadros, Tibby ficava solta pela casa. E sobrava para os seguranças impedirem que fosse para a praia.

– Teve uma urgência em casa – informou Tess.

– E você trouxe esse cara pra cá?

– Ele é legal! É o vizinho...

O cara concordou e levantou os braços, mas não chegava muito perto.

– Eu sou legal.

– Até onde eu sei, você pode ser um pedófilo esperando para dar o bote – disse Sean, olhando rapidamente para o vizinho, mas logo depois voltando para irmã. – Há quanto tempo esse cara está ficando aqui?

– Ele não está, tivemos um encontro só! Sean, pelo amor de Deus! Eu não to aprontando dessa vez! Nem dormi com ele!

– Eu juro que nunca dormi aqui – intrometeu-se o cara.

– E eu nunca ia imaginar que você viria me visitar do nada – reclamou Tess.

– Eu também não imaginaria que chegaria aqui e encontraria esse sujeito – ele olhou bem para o cara, assimilando os detalhes. – Qual é o seu nome?

– Richard Townsend.

– Sean, não ouse checar a ficha dele!

– Tarde demais – ele colocou Tibby no chão, ela não ficou muito feliz com isso e segurou na bermuda dele, mas Tess a pegou.

– Eu juro que sou limpo – disse Richard, intrometendo-se de novo, afinal, estavam falando dele.

Sean chegou perto dele e o encarou. Ele até que não antipatizou com o sujeito, parecia meio banana, mas esses podem ser os piores. Os ex-namorados de Tess não eram uma boa lembrança, especialmente aquele cara com quem ela viveu um tempo, um drogado que quase a matou e até hoje não tinham certeza se era o pai de Tibby já que ela contava uma história muito suspeita sobre o pai da menina. Tess podia ter se endireitado, mas seu dedo podre para namorados continuava.

– Eu acho bom você ter um passado mais transparente que peneira contra o sol. Se eu só imaginá-lo perto demais da minha sobrinha, eu arranco as suas vísceras pelo nariz e te faço engolir – avisou Sean.

– Ei! Nenhuma ameaça em minha defesa? – reclamou Tess, ignorando o fato de Richard ter ficado branco como uma folha de papel e ter se afastado mais de Sean. Ela parecia falar muito sério em sua ameaça.

– Você já é bem grande e arranja seus problemas sozinha – respondeu Sean.

Uma discussão estava a ponto de começar, quando a porta que dava para a varanda abriu.

– Sean Ward, não vai me dizer que você já está aterrorizando o pretendente novo da sua irmã.

Ele se virou e ficou surpreso com a mãe aparecendo em uma majestosa saída de praia, um maiô bordô por baixo, um chapéu enorme e sandálias altas. Para uma mulher com cinquenta e oito anos de idade, Candace estava um avião, podia estampar uma capa de revista com muita dignidade e classe, sem ficar devendo nada as garotinhas malhadas.

– O que ela está fazendo aqui? – ele perguntou alto.

– Não posso visitar minha filha e minha neta? Você ia ser o próximo, mas já que está aqui, é bom reunir a família.

– O que aconteceu? – ele se virou para Tess, imaginando que para a mãe estar ali, algum problema grande estava rolando.

– Juro que ela veio socialmente – devolveu a irmã.

Candace Ward, mãe de Tess e Sean, aproximou-se, ainda em toda sua glória loira e dominou a situação de um jeito que só ela tinha a habilidade de fazer quando os filhos estavam envolvidos.

– Parem com isso. Sean, esse rapaz é decente, é um desses solteirões aqui da praia. Não comece a assustá-lo, Tess não vai encontrar coisa melhor.

– Mãe! – gritou a filha.

Sean olhou malignamente para o pobre Richard que não sabia se devia sair correndo ou permanecer e defender sua reputação.

– Ok, mas meu aviso sobre Tibby fica – era o máximo que Sean ia ceder.

– Eu adoro Tibby, ela é a garotinha mais esperta que conheço – Richard apressou-se a dizer, achando que estava agradando.

– Não, você não adora! – Tess lhe lançou um olhar bem significativo e Candace também fez um sinal para ele calar a boca.

– É, eu só a respeito. À distância... – ele completou, incapaz de ficar mudo, seu nervosismo soltava sua língua.

Tess pegou Tibby pela mão e foi voltando enquanto resmungava que ia morrer solteira porque não ia dar para um cara que se borrava quando via seu irmão.

Sean sacou seu celular e começou a digitar enquanto ia para a parte de trás da casa, ele logo recebeu uma resposta sobre o pedido que enviou a sua central de segurança. Guardou o aparelho e ficou de pé na varanda, admirando toda aquela extensão de mar à sua frente, fechou os olhos e sentiu o vento contra sua face e bagunçando as ondas escuras de seu cabelo.

– Onde ela está, Sean? – perguntou Candace, parando atrás do filho.

– Ao menos você não começou perguntando sobre o divórcio.

– Ela está em casa?

– Não – ele apoiou as mãos sobre a cerca de madeira e vidro que havia em volta da varanda.

– Você vai me dizer como isso aconteceu?

– Claro que não.

– Pelo amor de Deus, Sean. Ao menos alguma coisa na sua vida precisa acontecer fora do seu controle.

Ele apertou as mãos em volta da madeira onde se apoiava, seu corpo estava curvado e ele movia-se levemente, obrigando-se a não sair dali. Algo no fato de sua mãe pressioná-lo por informações lhe trazia um sentimento ruim. Candace se aproximou e parou ao lado dele, mas sem tocá-lo. Infelizmente ele não era mais o adolescente que ela podia abraçar. Mesmo naquela época ele já estava maior do que ela, mas ainda havia indícios do seu garoto nele. Agora ela só podia enxergar se forçasse muito o seu instinto maternal. Ainda o conhecia, era uma das poucas pessoas vivas que o viu no seu momento mais difícil, isso a fazia pensar que tinha algum acesso exclusivo.

– Você está enganada sobre mim. Eu não tenho controle sobre muitos aspectos da minha vida.

– Mãe... – ela completou a frase dele.

Sean apenas assentiu.

– Eu decidi ficar na cidade um tempo – comentou Candace, dando a volta no assunto.

– Aqui na praia?

– Claro que não, o que acontece nesse lugar? Vou pro meu apartamento em Manhattan, bem perto de você, querido – ela sorriu, vendo-o franzir o cenho.

– Isso é bom, mãe. Imagino se sente falta de casa, onde mora sua família.

– Ah, Sean. Você está mesmo me censurando por deixá-los abandonados aqui?

– Talvez, Tess ainda precisa de você por perto e Tibby mal a conhece.

– E você não precisa? Eu gosto de pensar que os filhos sempre precisam dos pais. E Tibby é um dos meus principais motivos para voltar.

Ele não respondeu nada, a justificativa dela parecia boa o suficiente.

– E você... – completou a mãe. – Por que estou sempre preocupada com você, Sean?

– Você precisa superar isso, mãe.

– Superarei quando eu puder ficar por aqui sem sentir que estou sufocando-o e você fugindo de mim cada vez com mais afinco.

Virando-se para ela, Sean encostou o quadril na cerca e cruzou os braços.

– Eu espero que dessa vez você fique um bom tempo – ele soltou e a fez sorrir.

Tess viu que eles estavam lá conversando e voltou para dentro sem fazer barulho. Ela sabia que a família deles precisava de mais tempo para se reaproximar. Gostaria que Sean e ela fossem desses irmãos que sabem tudo um do outro, mas as coisas ainda não haviam chegado a esse nível, mesmo ela tendo certeza que estava dividindo mais do que recebendo.

Mesmo estando longe, não só o fato de ser a mãe, algo no passado mantinha um laço entre Candace e Sean que Tess ainda não conseguia entender. Ela ainda era uma criança distraída quando tudo aconteceu, seu papel foi o de ser poupada e sentia que até hoje era assim. Seu problema com as drogas e a bebida só serviu para atrasar mais ainda sua chance de ser tratada como uma adulta capaz de enfrentar problemas sérios. Talvez agora fosse outra chance que eles deveriam aproveitar.

– E sua esposa – Candace aproveitou que o filho parecia mais calmo e fechou a volta ao assunto. – Eu vou conseguir vê-la?

Sean se virou novamente para o mar, Candace nem precisava de outra pista para saber o que o estava irritando tanto.

– Não sei, ligue para ela e marque um horário.

– Marcar horário com minha nora? Mas que maluquice é essa? Vocês por acaso estavam marcando horário para se ver? Por isso que estão à beira do divórcio?

– Não, nós nem isso marcávamos.

– Estão marcando agora? Eu pensei que já os encontraria divorciados. Seu pai e eu já fomos pelo mesmo caminho e quase nos separamos.

– Não vamos nos divorciar.

– Estão fazendo as pazes?
– Não sei.
– Como não sabe?
– Não faço a menor ideia do que estamos fazendo. Eu só sei que em pouco tempo ela vai me enlouquecer, já não sei se é saudável passarmos tanto tempo juntos. Começo a achar que não fomos feitos para isso. Mas eu não consigo tirá-la da minha vida.

Candace ficou olhando para o filho, imaginando que ele não lhe falava sobre um caso amoroso desde que tinha uns quinze anos. Ela havia entendido fazia um bom tempo o que Beatrice significava para ele. Não chegou a desvendar se eles se amavam, se Sean estava em uma relação platônica ou cada um tinha seus motivos, mas ela não os queria separados. O que ia manter seu filho no lugar e especialmente voltando para casa quando o elo fosse quebrado? Ele parecia muito mais com uma pessoa normal depois que se envolveu com a atual esposa. Candace vivia achando que ele estava há anos em rota de colisão e a qualquer momento ela ia receber um telefonema. Ela recebeu sim, mas de seu filho, dizendo que ia se casar.

– Você vai estragar tudo! – disse Tess, saindo do seu esconderijo.
– Eu não acredito que você estava escutando escondido! – exclamou Candace.

– Só o final. Sean vai estragar tudinho! – Tess foi andando rapidamente para perto deles. – Você vai abrir essa boca! Ou eu juro que agarro no seu cabelo e não solto! – ela ameaçou o irmão e a cena parecia familiar demais para os Ward.

– Nós definitivamente não servimos para isso – disse Sean, fechando os olhos e segurando a ponte de seu nariz com dois dedos e massageando para espantar a dor de cabeça.

– Dane-se! – reagiu Tess. – Abra logo essa boca! Nós vamos ajudá-lo a consertar essa sua última merda, você querendo ou não. Não foi isso que você me disse há um tempo?

Era terça-feira, três da tarde de um dia chuvoso. Sentada atrás de sua bela mesa feita em madeira e metal dourado, Beatrice tinha desenhos espalhados à sua frente, fotos de esculturas, o notebook aberto e uma caixa cheia de provas ao lado da mesa. Ela estava concentrada no projeto que fazia para o hall da Campanale quando escutou vozes do lado de fora. A porta estava aberta e Hartie estava na outra sala, estranhamente quieto, provavelmente porque estava preparando um projeto sozinho.

– E aí, cara! Quanto tempo! – ela escutou a voz de Hartie e imaginou que era o cara que entregava o lanche. Ele também dizia isso para eles quando ficava muito tempo sem pedir no mesmo lugar.

De repente Rico deu uma batidinha na porta da sala e foi entrando com seu andarzinho empertigado e o terno recatado. Hartie vinha atrás dele, com todo aquele cabelo loiro, o jeito despreocupado e o paletó com as mangas dobradas, criando um contraste gritante entre os dois.

– Madame Ward, que prazer vê-la outra vez – disse Rico, aproximando-se.

– Ah, corta essa, Rico! Diz logo o que se passa por baixo de todo esse gel no seu cabelo – implicou Hartie, parando ao lado de uma das cadeiras e apoiando-se displicentemente.

– Como vai, Rico? Sabe que até senti sua falta – Beatrice ficou de pé e foi cumprimentá-lo.

Rico agarrou-se à mão dela e ficou olhando-a de forma suplicante.

– Pelo amor de todos os santos! Eu imploro, não se divorcie. O que eu vou fazer da minha vida com Sean Ward divorciado? Ninguém vai conseguir suportar. Acho até que vamos à falência. E imagine o horror se ele arrumar uma vadia de quinta categoria que vai encher o triplex de coisas bregas e vai andar por aí sem roupa! Ai meu Deus! – ele estava até tremendo.

– Vocês fizeram aulas de drama no mesmo lugar, não foi? – ela tentou liberar a mão.

– Clemência, madame! – Rico continuou.

– Eu concordo com ele – comentou Hartie.

– Chega, os dois – ela colocou as mãos na cintura e olhou Rico. – Veio marcar algum compromisso pra mim?

Ela nunca diria, mas não ouvia nada sobre Sean desde o sábado quando ele a deixou em casa. Nem uma de suas mensagens de Whatsapp havia chegado. Estava imaginando se fora mesmo um fracasso, mas quando tentava se lembrar, tudo o que vinha à sua mente era o olhar dele, sua mão sobre seu peito, a voz dele e a forma como se sentiu, indo do receio ao gozo, rápido como um foguete. Então ela acabava ficando excitada lembrando-se de tudo isso e tinha vontade de sapatear no lugar.

O assessor recuperou sua compostura imediatamente e foi andando até a mesa, tirou do bolso aquela caixinha de som bem pequena e depositou sobre o tampo, então sacou seu celular e depois de umas mexidas na tela, o conectou com a caixa e a música começou.

– O chefe pediu para por isso pra você – disse Rico enquanto a música começava.

A música começou e Beatrice sabia que estava a ponto de receber o troco, mas não imaginava que receberia aquilo. O som da música nova do Justin Timberlake, Tunnel Vision, single do seu aguardado álbum de inéditas invadiu a sala. Aquela melodia sensual e lenta, com a voz suave e gostosa que ele tinha era o único som na sala.

Don't know why, but girl, I'm feeling close to you
Maybe is this ocean view, I'm so emotional
And all these stars been dancing on my head
Too long, too long, too long
I wrote a song for you, I wanna sing to you
Every time I'm close to you
Words wanna come out, but I forget
It's so strong, it's so strong, it's so strong
Didn't I seem like I'll get you something?
That's because it's true,
I can't deny it, I won't try it
But I think that you know
I look around and everything I see is beautiful

Cause all I see is you
And I can't deny it, and I stay by you
And I won't hide it anymore

“Não sei por que, mas garota, estou me sentindo mais próximo de você. Talvez seja essa vista do oceano, me sinto tão emotivo. E todas estas estrelas dançando sobre minha cabeça. Por muito tempo, muito tempo, muito tempo. Eu escrevi uma canção pra você, eu quero cantá-la pra você. Toda vez que eu estou perto de você. Palavras querem sair, mas eu as esqueço. É tão forte, É tão forte, É tão forte.

Não parece que eu vou conseguir algo pra você? Isso é porque é verdade. Eu não posso negar, eu nem vou tentar. Mas eu acho que você sabe. Eu olho ao redor e tudo que vejo é lindo. Porque tudo que vejo é você. E eu não posso negar isso, eu fico por você. E eu não vou mais esconder isso.”

– Eu acho que gozei – disse Hartie, sem conseguir controlar a língua.

– Ele voltou da praia com essa música na cabeça – explicou Rico, enquanto batia o pé discretamente acompanhando o ritmo.

Beatrice não sabia o que dizer, a música continuava dizendo o quanto o cara só enxergava aquela garota e que ele estava mudando e quebrando todas as suas regras por causa dela.

– É, acho que isso serve para substituir as mensagens – ela falou mais para si mesma sobre ele não ter nem enviado nenhum daqueles exemplos sobre olhar para ela. De acordo com a música ele estava olhando mais do que devia e enxergando só ela.

– Ah, para. To passado à vapor – Hartie sentou e ajeitou a roupa.
– Diz que você vai dar pra esse cara. Pelo amor de Deus. Se você não der eu mudo de sexo e dou.

– Não funciona assim, Hartie! – disse Beatrice, fuzilando-o com os olhos.

– Funciona como? Gente, é só perder a calcinha.

– E o que significa a música? – perguntou Rico, esperando uma explicação já que quando Beatrice enviou uma, Sean disse que era

porque ela iria tentar. E agora?

– Acho que ele quer continuar tentando – disse Beatrice, voltando para sua cadeira. A maldita música além de longa estava no repeat e recomeçou.

– Ai, gente... – Hartie tampou os olhos. – Gente rica é complicada demais pra mim. Se fosse lá na minha área você já estaria agarrada no telefone combinando que horas o bofe ia passar pra te pegar.

– Hartie, não piora – resmungou Beatrice.

Rico recolheu suas coisas, finalmente fazendo a música parar.

– Acho que a agenda dele está livre – ele começou.

– Vocês querem me deixar trabalhar! – Beatrice agitou as mãos no ar, querendo se livrar dos dois falando em sua mente.

Os dois saíram rapidamente, com Hartie dizendo que ia logar no Itunes dele agora e comprar o álbum todinho e Rico contando que as coisas estavam um caos e ele ia pirar. Obvio que os dois iam ficar lá fora trocando impressões e planos sobre a vida de Beatrice e Sean, que parecia afetar mais do que devia a vida de Rico e Hartie.

Já passava da meia-noite quando Sean deitou em sua cama kingsize, macia e com os travesseiros confortáveis. Vazia também, mas ele estava abstraindo isso, seus olhos estavam até pesando quando seu celular fez um barulho baixo e vibrou em cima do criado mudo. Ele franziu a testa imaginando quem estava importunando sua mente uma hora dessas. Aquele nem era o celular de trabalho, era o pessoal e muito restrito. Ele se virou na cama e capturou o aparelho, até piscou umas vezes após destravá-lo e puxar a janela de notificações.

BEA 00:14 Música interessante... Desde quando você escuta Justin Timberlake?

Ele ficou pensando que não tinha paz mesmo. Estava justamente abstraindo para conseguir dormir e ela fazia questão de lembrá-lo de sua existência em algum lugar longe dali.

SEAN 00:15 O álbum novo está ótimo. Já escutou?

BEA 00:15 Sim, acabei de escutar. Obrigada pela indicação.

SEAN 00:16 Gostou da música?

BEA 00:17 Surpreendente...

SEAN 00:18 Por que ainda está acordada?

BEA 00:18 Já estou na cama.

Claro que ele adorou ter sua mente invadida por uma imagem dela esparramada na cama, as ondas castanhas jogadas por cima do travesseiro e ao menos na sua mente, ela estava coberta apenas pelos lençóis. Adeus, paz.

SEAN 00:19 Eu também...

Beatrice revirou os olhos, sua mente traiçoeira imediatamente lhe mostrou uma imagem de Sean sobre aquele colchão enorme que ela conhecia tão bem, pernas longas esticadas, abdômen musculoso subindo e descendo levemente com sua respiração, as ondas escuras do cabelo despenteadas e aqueles olhos... Ah, ela odiava a própria mente! Chega de conversa!

BEA 00:20 Amanhã não acordo tão cedo, mas se o que andam dizendo pela internet for verdade, você está abrindo o prédio do GW.

SEAN 00:20 Exagero puro. 8 horas é o meu mínimo.

BEA 00:21 Então até depois.

SEAN 00:22 Boa noite, Beatrice.

Capítulo 12

Quando eu olhar pra você, ignore. Feche os olhos novamente, incline a cabeça e me ofereça sua boca. Se eu provocá-la, morda com vontade e exija aquele beijo cheio de fome que eu sei que você gosta.

Era quarta-feira, uma maldita quarta-feira em que o tempo ainda estava se firmando e Sean estava de péssimo humor. Rico entrou correndo com um remédio para dor de cabeça, esse bem mais forte. E ele não parava de falar sobre marcar uma consulta em algum médico especialista. Sean ia arrancar a língua dele se ouvisse falar em médico mais uma vez.

– Estella, ele está saindo. Socorro! – disse Rico ao telefone, enquanto Sean já passava em frente à mesa dela.

– Faço o quê? Jogo-me na frente?

– Tenta desmaiar!

– Isso não funciona mais com ele há uns cinco anos! – respondeu a secretária.

– Eu já disse que vocês dariam um ótimo casal – disse Sean, passando pela porta de vidro que separava a área posterior à sua sala e os acessos para as salas de reunião.

Havia um sorriso no rosto dele quando escutou ambos fazendo sons de desgosto. Estella já era casada e Rico provavelmente nunca ia se casar, mesmo assim ele continuaria achando que se não fossem almas gêmeas, aqueles dois deviam elevar o nível da amizade para melhores amigos eternos.

Quando o carro entrou no Clarence, Sean largou seu paletó no banco e saiu andando em direção à saída ao invés dos elevadores. Ele ia subir, realmente pretendia ir direto para o seu quarto, se enfiar na banheira de água quente, por os fones no ouvido e fingir que ao

fechar os olhos não ia começar a se torturar pelos dias que estava sem contato com Beatrice. E ela era uma... Claro, ele ainda estava na desvantagem, com a consciência culpada, seu passado o condenando, mas quando você tentava sozinho, o peso era duplo.

Kevin teve que dar uma corrida para acompanhá-lo à distância, a caminhada da Quinta Avenida até a Park Avenue não era longa, em poucos minutos Sean atravessou a quadra e entrou em outro prédio que pertencia a uma empresa comandada pelo grupo Ward, Hartie bem que dizia...

A porta abriu e Beatrice escutou apenas o "ai, meu Deus" de Hartie, ela parou de digitar e ficou imóvel, em poucos segundos Sean entrou em sua sala. Ele ainda estava quente da rápida caminhada, sua camisa estava com as mangas dobradas, o colete escuro delineava a forma do corpo masculino dando-lhe uma boa ideia do que havia por baixo. Sem nem parar ao entrar, Sean andou até a mesa dela e apoiou as duas mãos.

– Você quer me fazer desistir. Quer que eu continue sozinho e desista no meio do caminho – ele disse, encarando-a.

Ela nem conseguiu raciocinar o que ele estava dizendo a ponto de formar uma resposta.

– Não vai acontecer, não sei desistir. E você vai tratar de honrar nosso trato – ele avisou.

Beatrice se forçou a encarar a face séria e ameaçadora de Sean.

– Não estou fazendo nada disso – ela respondeu.

– Então como sou o único preocupado aqui? Isso não é tentar, Beatrice. Você realmente quer brincar de deixar seu trabalho tomar conta da sua vida e se esquecer da outra pessoa que faz parte dela? Logo comigo? Foi assim que arruinamos a droga do nosso casamento.

Ela se recostou na cadeira e soltou o ar. Estava mesmo deixando que o volume de trabalho guiasse seu tempo. Não sabia o que fazer, não tinha ideias, não sabia como agir ou sequer o que dizer a Sean. Estava até com medo de si mesma e daquela relação que estavam desenvolvendo. Estava aterrorizada pela constatação de que já começara a sentir falta dele. Era apenas quarta-feira, ela o vira no sábado e já estava lutando contra sua mente que teimava em voltar

para ele. Estava acostumada a passar meses sem realmente conversar com ele, além de umas poucas palavras, não podia estar sentindo isso.

– Eu não sei o que fazer, ok? – Beatrice ficou de pé e andou para longe da cadeira, passando em frente das janelas que clareavam o escritório. Seus passos não faziam barulho e ela estava com um casaco leve e longo que não chegou a distrair Sean de olhar bem para as reações dela. – Não faço a menor ideia de como seguir nisso. Eu... – ela abriu as mãos no ar e depois deixou uma delas passar por dentro do seu cabelo.

– Não quer se aproximar mais de mim – Sean tirou as mãos da mesa e ficou apenas olhando-a. – Estamos passando dos seus limites e você não quer isso.

– Não venha me falar dos meus limites!

– Seus limites, Beatrice. Eu estou aqui, ignorando qualquer droga de limite que eu tenha.

– Só porque ainda não chegamos aos seus!

– Já passamos dos meus há anos e continuamos passando por cima deles o tempo inteiro. Neste momento estou muito além dos meus antigos padrões de orgulho e dedicação unilateral. Não vai funcionar só com a minha ajuda, já que eu também não sei que merda estou fazendo.

Beatrice cruzou os braços e se virou para Sean, sinceramente não sabia nem o que lhe dizer. Até discussões eram um terreno pouco explorado.

– Essa semana está sendo bem difícil...

Sean disse um palavrão entre os dentes, virou-se e foi saindo da sala dela. Ele não sabia o que eram semanas fáceis, então isso não funcionava. Beatrice correu e agarrou o braço dele quando atravessava a sala seguinte onde ficava o espaço de Hartie que dessa vez estava lá mudo como uma múmia e bem quieto, sem querer interromper o assunto deles. Ele até se abaixou na mesa quando viu que a contenda tinha se estendido para a sua área. Mas ao menos agora ele estava entendendo melhor o que estava acontecendo entre eles.

– Mas eu vou encontrar tempo! – ela segurava o braço dele, nem podia acreditar que em um espaço de tempo tão curto as coisas haviam chegado a esse estágio. Saiu de casa, quis vê-lo morto, pediu o divórcio e agora estavam brigando para conseguir se tornar um casal. E ao invés de arrancar o coração dele, ela estava correndo para impedi-lo de jogar tudo para o alto porque claramente batera no seu limite.

– Você não está se empenhando. Eu não sei o que estou fazendo. É frustrante, acho que deveria ficar quieto, mas já estamos mantendo silêncio há tempo demais, não acha?

No momento Beatrice estava fascinada, nunca o vira ir do descontrole raivoso ao cansaço emocional. Podia ver em sua face que ele atravessava aquele problema, tanto quanto ela. Ele lhe dissera há pouco tempo que ela precisava enxergá-lo além da imagem que montara e Beatrice estava começando a ver. Sean era tudo aquilo que os outros gostavam de imaginar, mas era também um homem que ela podia afetar, mesmo quando não tinha intenção. E isso não servia para aliviá-la. Queria sair correndo para bem longe dele.

– Acho... Nós podíamos ir tomar um café. Qualquer coisa corriqueira que casais fazem juntos – sugeriu Beatrice, achando que um café em dupla era um avanço e tanto.

– Pra você me dar mais um bolo? – ele perguntou.

– Na boa, por que vocês não se pegam? – disse Hartie, finalmente se metendo, ele não conseguiu mais aguentar, a língua coçava. – Juro que vai ajudar, gente. No caso de vocês, eu tenho certeza. Sexo selvagem do tipo...

– Hart! – gritou Beatrice e ele ficou quieto por ela chamá-lo pelo nome e não pelo apelido.

Sean soltou o ar e dessa vez nem ele quis assimilar a ideia do sexo. Claro que adoraria, bem que os ajudaria e quem sabe eles ficassem menos tensos na presença um do outro sem toda aquela tensão sexual. Não podiam encostar um no outro que saíam soltando fogos de forma ilegal e perigosa.

– É a sua vez de convidar – Sean disse antes de continuar para a saída.

Beatrice soltou o ar, esse era um dos problemas. Ela não sabia o que programar para eles. O primeiro encontro foi legal, algo para começar a experiência com seus amigos. Mas acabou muito mal quando eles ficaram sozinhos. E era justamente o que precisavam fazer.

– Ei! – disse Hart chamando a atenção dela. Ele quase deslocou os olhos das órbitas tentando indicar que era para ela ir junto com Sean. Depois ele mexeu a cabeça também e parecia que estava dançando um ritmo muito louco, tipo a dança no pescoço. – Vai logo, filha da mãe! Eu te jogo aqui de cima se ficar aí! – ele a viu sair e ficou resmungando sobre as complicações que essa gente criava. Uma noite e ele já colocava os dois no rumo.

Sean estava recostado na quina do fundo do elevador, apoiando as duas mãos nas barras laterais e franzindo o cenho enquanto olhava a parede revestida de madeira. Ele apenas desviou o olhar quando Beatrice passou rapidamente pelo pequeno espaço das portas já se fechando, ela já estava dentro quando o sensor das portas apitou e elas tornaram a se abrir para aguardar os segundos de padrão.

– Eu acho que tive uma ideia... – ela disse, mentindo. Ia ter que puxar um encontro da manga ali mesmo.

Ele desencostou de onde estava e avançou para ela enquanto as portas começavam a se fechar. Hoje ela estava sem salto nenhum, o que o deixava uns quinze centímetros acima dela, mas ele não pretendia perder tempo com isso. Beatrice teve que pensar rápido, porque Sean levantou-a do chão, pegando-a por baixo do traseiro e ela só piscou antes de suas costas sentirem o baque contra o lugar onde ele esteve, bem na quina do elevador.

Beatrice sentia as barras de ferro se encontrando por baixo de seu traseiro, mas não eram suficientes para segurá-la. Ele se pressionou entre as pernas dela que passou os braços por cima dos ombros de Sean e sua cabeça foi empurrada para trás quando os lábios dele esmagaram os seus.

O elevador estava descendo, mas Sean imprensou-a mais com seu corpo, suas mãos ainda sustentavam o peso dela que estava muito mais seguro pela pressão contra ele. Os antebraços dela se

cruzaram atrás da nuca dele, sua cabeça estava pendida para o lado e se esforçava para seguir o ritmo do beijo dele, forte e possessivo, como se precisasse forçá-la a aceitá-lo, mas não era o que acontecia.

Os dedos de Beatrice procuraram o tecido da camisa e se enroscaram, porque ela precisava se segurar, sentir mais segurança de que continuaria ali e não se despedaçaria sob a paixão do beijo dele, estava deixando-a sem ar e a pele macia de seus lábios sentia bem o uso. Os dedos de Sean apertavam, empurrando-a mais para cima na parede e dando-lhe um ângulo ainda melhor.

O elevador emitiu um bipe e alcançou o solo, abrindo as portas imediatamente. Kevin olhou para dentro, sua feição não denunciou nenhuma alteração. Mas o porteiro, um senhor que trabalhava ali antes mesmo de Beatrice nascer, ficou parado em frente das portas, segurando dois envelopes e com seu queixo caído. Disfarçadamente Kevin colocou o pé no espaço das portas, o que impediria que elas se fechassem, depois ele colocou o dedo sobre os lábios quando o porteiro o olhou.

Apesar de não parecer, Sean sentiu o baque sob seus pés quando chegaram ao térreo. Ele a tirou de cima das barras e foi deixando-a escorregar para o chão, mas se inclinava e sua boca não perdeu contato com a dela. O beijo dele foi ficando mais lento, o toque ficou leve e Beatrice sentia a língua dele acariciando a sua, agora devagar e o contato entre os lábios ficou úmido, porque antes suas bocas estavam tão seladas uma contra a outra que nada passava. Ela se segurou no colete dele e teve que deitar completamente a cabeça para trás porque Sean parara de beijá-la e não estava mais tão inclinado e Beatrice não queria, continuava segurando-o no lugar, apesar das mãos dele agora estarem soltas.

O outro elevador apitou, o porteiro acordou e saiu correndo para lá. Kevin continuou ali na porta, fazendo cara de paisagem e olhando o saguão enquanto mantinha o sensor das portas sentindo sua presença.

Sean separou os seus lábios dos de Beatrice enquanto suas bocas ainda estavam abertas uma contra a outra, o que dava uma maldita sensação de o beijo não ter terminado apropriadamente. Ele

observou-a abrir os olhos e respirar em baforadas rápidas. Um sorriso leve apareceu no rosto dele que engoliu a saliva antes de dizer:

– Eu não sei, mas acho que eles vão precisar desse elevador.

Só então ela notou que não estava mais presa, na verdade ela quem estava mantendo-o no lugar, com as duas mãos prendendo seu colete. Beatrice soltou-o e encostou-se rapidamente na barra do elevador, tentando esconder seu constrangimento, mas falhando, porque não se sentia tão culpada quanto queria.

Afastando-se, Sean ajeitou o colete no lugar e passou uma das mãos pelo cabelo, mas antes de sair ele tornou a se virar para ela.

– Qual era a sua ideia?

– Esqueci. Vou repensar.

– Ainda quer tomar café comigo?

– Não! – ela cruzou os braços e retomou o tom neutro. – Tenho que terminar um projeto ainda hoje.

Os dois sabiam que ela não tomaria café com ele agora nem que fosse o único líquido no meio do deserto, mas para ele valia a pena perguntar só para ver a cara que ela fazia.

– Tudo bem. Vejo-a depois.

Kevin esperou Sean e o seguiu para fora do edifício. Beatrice deu dois passos rápidos para o painel do elevador e apertou o seu andar umas dez vezes. Quando ela passou em frente da mesa de Hartie, ele pulou do lugar.

– Já se pegaram? Já tomaram café? Quem vai ligar pra quem?

– Fica quieto, Hartie – ela entrou rapidamente em sua sala.

– Eu não acredito que vocês estão ficando!

– Não estamos ficando!

– Concordo. Já estão namorando mesmo. Tudo ao contrário. Vocês sabiam que já são casados?

– Infelizmente!

– Dá para pular o jantar e cinema e ir logo pra cama. Sério!

– Nós não fazemos isso – Beatrice soltou o corpo em sua cadeira e passou as duas mãos pelo cabelo, afastando tudo de perto do seu rosto.

– Não jantam, não vão ao cinema ou não transam?

– Hartie, você quer fazer o favor de... – ela pulou de pé. – É isso! Que ótima ideia você me deu!

– Sério? – Hartie correu para perto da mesa dela. – Então vamos sair para comprar mais lingerie?

– O quê?

– Minha ideia de vocês pularem pra parte boa! – ele bateu as mãos e as esfregou.

– Não! Um encontro, de verdade. Desses que pessoas normais têm.

– Vocês não são normais.

– Dane-se. Vamos sair em um encontro – Beatrice não sabia como ia ser, mas podia pensar ou pedir ajuda.

– Vocês já fizeram isso.

– Só nós dois. E que Deus me ajude.

– Vai dar merda... – avisou Hartie. – Meu método é mais seguro. Você já vai sabendo no que vai dar.

Sean preferiu retornar para casa andando, do jeito que veio. Kevin seguia de perto, usando óculos escuros apesar do tempo nublado, mas ele com certeza estava enxergando tudo.

– E aquele caso de Washington, confirmaram? – Sean perguntou ao segurança.

– Sim, patrão. Durang já está lá.

– Não sei se poderei ir se descobrirem algo.

– Os rapazes podem dar um jeito.

– Ok.

Eles entraram no Clarence como se nunca houvessem trocado uma palavra no caminho. Kevin meneou a cabeça e desceu no primeiro andar do triplex e Sean seguiu direto para o terceiro, onde pretendia trocar de roupa, correr um pouco na esteira e esquecer o resto.

Segundo as histórias de bastidores que vêm desde janeiro, o Grupo Ward está mesmo se preparando para adquirir a outra metade de uma das ferrovias europeias em que vem investindo. Assim como uma de suas subsidiárias está envolvida em um projeto

de outra grande obra pública na Califórnia. Essas notícias não parecem suficientes para ser o motivo de Sean Ward estar despachando diariamente de seu escritório no prédio do GW. Devemos continuar em suspense esperando mais uma bomba bilionária?

– Retirado da coluna de novidades da semana da revista Incmag.

Capítulo 13

Quando eu olhar pra você, lembre-se da última vez que beijei todo o seu corpo. Foi bom, não foi? O gosto ficou na minha boca. Estou livre quando você quiser mais.

Na sexta-feira, Sean já havia recebido algumas mensagens de Beatrice dizendo que tinha uma ideia, mas precisava estar não sei onde. Uma hora num projeto no Soho, outra em uma casa em Nova Jersey e depois numa reunião no TriBeCa. Nem estava mais irritado, estava achando a situação interessante, apesar de longe do ideal. Mas era um avanço, há bem pouco tempo, mesmo estando na cidade, ele não receberia nem um “olá” dela. Agora tinha mensagens no Whastsapp com ela dando detalhes do que tinha de terminar em seu trabalho e avisando que seu domingo estaria livre.

E ele nem precisou olhar a agenda para saber disso, era muito melhor, não era Rico lhe informando e nem o GPS mostrando o destino dela. Mas na tarde de sexta, Sean nem imaginava em que compromisso Beatrice estava. Aliás, nem mesmo ela.

Beatrice seguia para o elevador que a deixaria no segundo andar do hotel The Lowell. Sua sogra tinha ligado e a convocado para um chá da tarde. E só podia ser ali, primeiro porque era o melhor da cidade, segundo porque era bem pertinho de onde Candace morava e ela era do tipo que gostava de levar as pessoas até ela. E detalhe para o fato de Beatrice não ter sido convidada, ela foi informada da reserva e, no meio, Candace dizia o quanto queria revê-la e até incluiu que sentiu saudades.

Não, você definitivamente não recusava seu convite. Portanto, eram três e quarenta da tarde e Bea seguia em direção à sala Pembroke onde o chá era servido. Ela estava no seu melhor, cabelo preso e penteado, maquiagem completa e leve, no estilo bela e

chique, mas fingindo que não passou nada. Também se forçou a colocar um vestido Nicole Miller, comportado, com uma cor neutra quase salmão e terminando dois dedos acima de seu joelho. Os saltos das sandálias eram os mais altos que ela usava em dias.

Quando entrou na Pembroke, o lugar estava cheio, mas era uma sexta-feira e era o dia que muita gente que ela conhecia aparecia por lá. Candace já estava sentada na mesa ao fundo, a única ocupando aquele canto, onde havia um sofazinho e três cadeiras. Beatrice foi guiada até lá e enquanto passava por trás das cadeiras e cortava o meio do salão, tinha que dar alguns acenos discretos.

– Querida, que bom revê-la – Candace ficou de pé e deu-lhe um abraço leve e um beijo no rosto. – Venha, sente-se aqui ao meu lado.

Havia espaço para três cadeiras na mesa, mas Candace a levou a sentar ao seu lado no sofazinho que ficava de costas para o espelho que tomava todo o vão da parede atrás dela e de frente para o salão. Era dia, mas as cortinas claras e fechadas, a decoração e as luzes davam um ar de fim de tarde.

– Se você ficar mais bonita vai precisar ser presa, meu bem. Não sei como Sean lida com isso – Candace deu um sorrisinho para alguém que passava e descansou sua taça de champanhe.

– Imagina... – Beatrice deixou sua pequena bolsa ao seu lado. – Mas você está ótima, parece que não se passou um dia.

– Que elogio!

Elas sorriram e a o garçom terminou de servir a mesa com o suporte de três andares contendo inúmeros tipos de pequenos sanduíches ingleses, torradas, caviar, bolinhos, macarons, pãezinhos e outras fofuras pequeninas que Beatrice ficava extremamente tentada a comer um de cada.

Candace gostava de chá preto com um leve toque de frutas. Já Beatrice preferia o seu chá entre o preto e o verde, com aroma de baunilha. Assim que foram deixadas sozinhas e com muita ocupação para suas bocas, Candace se ajeitou no sofá e passou a falar mais baixo enquanto disfarçava tudo com uma feição agradável já que todos os conhecidos davam uma ou outra olhada para ela.

– Bom vê-la tão bem. Sean lhe disse que voltei à cidade?

– Não, ele não disse nada – respondeu Beatrice, enquanto esticava o braço e transferia um mini sanduíche de lagosta do Maine para seu prato. – Não que ele tenha tido muitas oportunidades... – e isso não parecia algo a ser dito via Whatsapp.

– Eu sabia! Ou você não teria ficado tão chocada quando liguei.

– É... – ela se ocupou em morder o pequeno sanduíche.

– Vou ficar um tempo por aqui. Estou com saudade dos meus filhos e da minha neta – Candace bebeu um gole de seu chá e adicionou um pouco de leite.

– Imagino que esteja.

– Eu não pensei que vocês me dariam um neto rapidamente, eu vi logo que você não era o tipo que engravidava rápido. Mas depois de quatro anos... – ela mordeu um mini sanduíche de salmão defumado da Escócia.

Beatrice achou que era melhor ela começar bebendo champanhe e não chá.

– Tenho andado bem ocupada...

– Não vejo a hora de ver como seria um bebê dos dois. Vai ser a coisa mais linda que já vi. Se puxar a cor dos seus olhos, com o formato dos de Sean... Minha nossa! Não consigo decidir se prefiro seu nariz ou o dele. Acho que uma menina com o nariz dele ficaria com traços muito fortes, mas seu belo rostinho oval também não daria um menino muito masculino. Acho que vocês precisam ter um casal de filhos e muito em...

– Estamos quase nos separando! – Beatrice exclamou, mas sua voz saiu como um sussurro. Ela pegou a taça de champanhe e bebeu metade em um grande gole.

Candace pegou um docinho coberto de chocolate e o mordeu calmamente.

– Fiquei imaginando quanto tempo você aguentaria. Pensei que eu teria que ir até a parte das roupinhas. Mas pelo jeito, o negócio está pior do que pensava.

– Sim, está! – Bea descansou a testa nas costas da mão e fingiu não ver uma conhecida enquanto Candace acenava. – Por que estamos aqui? Eu adoro o chá do Lowell, mas logo numa sexta?

– Eu precisava fazer minha primeira aparição oficial. Sou uma senhora, o que pode ser melhor do que tomar um maravilhoso chá da tarde, perto de casa e com minha nora adorada? – Candace levantou as sobrancelhas, provando seu ponto e terminou seu doce.

– Sean não vai aparecer daqui a pouco, não é?

– Pelo amor de Deus! Claro que não, que ideia mais horrível você faz de mim, mocinha. Se você não falou, então ele não faz ideia de que estamos juntas. A menos que olhe meu GPS do jeito que olha o seu.

– Ele não vigia o meu GPS, fica no carro por segurança.

– Você é mesmo uma graça, continua ingênua. Por essas e outras que vocês deveriam dar certo.

– Nós não damos certo. De jeito nenhum – Beatrice esqueceu e bebeu um gole do seu chá e não combinou bem com o gosto imediato do champanhe.

– Não faça drama comigo – Candace voltou sua atenção para a parte salgada do que estava à mesa. – Eu o encontrei na casa de praia. Eu sei o que estão fazendo.

Beatrice virou-se um pouco para ela e franziu bem o cenho.

– Ele está contando isso por aí?

– Não faça isso, dá rugas – ela apontou sutilmente para a testa muito franzida de Beatrice. – E ele não está contando nada. Eu sei que você sabe o marido que tem, se ele começar a contar coisas, interne-o.

– Eu não sei de nada... – ela experimentou o sanduíche de peru defumado com rúcula e mais alguma frescura, estava bom e devolveu o gosto à sua boca.

– Eu tive que usar meus artifícios de mãe para arrancar a informação. Estou usando os mesmos artifícios de mulher e sogra para notar que você está tão encrocada quanto.

– Ele puxou isso do seu marido?

– Claro que não. Deus que me livre. O pai dele era um homem prático nos negócios e na vida pessoal, ele vinha com tudo bem disposto numa página branca.

– Sean só é prático nos negócios.

– Ele é igualzinho ao pai. Ele era...

- Ele mudou no meio, não foi?
- Continua idêntico nos negócios, só que mais agressivo.
- E fora?
- Se você está novamente tentando me fazer falar do que aconteceu a ele depois... – Candace pegou novamente um doce, estragando sua usual mania de seguir o cardápio estritamente. – Bem, eu já não lhe disse uma vez que também não sei? Não há como explicar, não há psicólogo, terapeuta ou tratamento alternativo que me diga o que fizeram com o adolescente que eu tinha em casa. Mas ele seguiu a vida, continuou estudando, cometeu poucas loucuras, ele apenas... Mudou.
- Você nunca me disse nada disso – apontou Beatrice.
- Disse sim. Só que com outras palavras. Você sabe o quanto tudo aquilo afetou nossa família. Quase perder seu garoto foi demais para o coração do pai dele e ver o filho nunca mais ser aquela criança que nós criamos, acabou com a saúde que lhe restava. E Tess, pirou de vez, o irmão nunca voltou para ela. Não do jeito que uma criança de dez anos que tem o irmão mais velho como ídolo espera.
- Alguém tinha que segurar a barra, não é? – disse Beatrice, olhando-a. E pensando como deve ter sido difícil pra ela.
- Não mude o rumo, mocinha. Eu a convidei para analisar você e não o contrário.
- Seu marido sabia o que havia acontecido durante o sequestro, eu li as notícias, vi os artigos e os comentários. Ele contratou pessoas para procurar o filho, não foi a polícia que o encontrou.
- Eu não sabia que você era chegada a teorias de conspiração.
- Diga que não foi – desafiou Beatrice.
- Que diferença faz? Ninguém sabe exatamente o que aconteceu lá – Candace pausou e bebeu um longo gole de chá. – Trent tinha apenas uma ideia. E levou pro túmulo.
- As garotas... – disse Beatrice, até esquecer de todo o resto, era sua primeira chance de tocar naquele assunto com alguém. Desde que havia descoberto sobre o sequestro que morria de curiosidade, especialmente quando foi descobrindo o quanto Sean

havia mudado depois do acontecido e que toda aquela segurança em volta deles também era resultado disso.

– Só sobrou uma viva e eu não sei dela. Também espero que Sean não saiba – Candace voltou a tentar se concentrar no chá, procurando não imaginar o que havia acontecido à outra menina sequestrada e que assim como seu filho, conseguira sobreviver.

– Duvido.

– Eu também duvido, mas prefiro fingir. Agora me dou ao direito de um pouco de paz de espírito. Aliás, eu viveria muito menos preocupada e tomando bem menos calmante para dormir se vocês me fizessem o favor de aquietar seus traseiros.

– Seus filhos não são exatamente duas joias raras da calma, mas estão quietos nos últimos anos. Ao menos parece... – Beatrice capturou outro sanduíche e levantou o guardanapo para limpar os cantos da boca.

– Eu estou orgulhosa por eles estarem se reaproximando tão bem, é tão emocionante, Trent adoraria ver isso. Mas ele também precisaria de calmantes diários. Tess continua arrumando namorados toscos que ninguém sabe de onde saiu, o último depois de Tibby ter nascido, custou meio milhão e uma ameaça de morte.

– O quê?! – Beatrice exclamou alto e disfarçou rapidamente.

– Sim, o desgraçado estava falsificando a assinatura dela, quase conseguiu fazer uma hipoteca em uma das casas no nome de Tess e até vendeu algumas coisas. Também estava roubando peças da casa e Tess achava que havia encontrado um homem simples que sabia consertar coisas. Quando Sean descobriu, fez uma transferência e uma ameaça de morte que o cara deve ter levado a sério porque saiu do país no mesmo dia.

– Estou chocada.

– Tess não sabe disso, ela não fez nada errado dessa vez. Foi o primeiro namorado que ela teve depois de se recuperar.

– Não seria melhor ela morar mais perto?

– Nem pensar! Eu adoraria mandá-la para Marte, mas ainda não abriram um hotel por lá – ela pegou um dos bolinhos de limão. – Mas o que são os namorados de Tess com Sean saindo com vagabundas malucas, você não acha?

Beatrice engasgou e não conseguiu parar de tossir rápido, bebeu dois goles de champanhe e Candace começou a rir ao seu lado, fingindo que a nora engasgara de tanto rir de algo muito divertido que estavam conversando.

– Coma um macaron, estão ótimos. Sean disse que você os adora
– Candace ainda sorria fingidamente e apontava o docinho para Beatrice que o pegou e colocou no prato, ainda se recuperando.

– Não é algo legal de se dizer – Beatrice sussurrou.

– Uma mãe precisa aprender a lidar com um filho como Sean. Chamei Rico para jantar e o obriguei a me dar umas informações. Sinceramente, as cópias foram um novo ramo no cardápio. Eu já estava acostumada com tudo, mas isso me surpreendeu. Ele havia parado depois de conhecer você. Fico imaginando o que aconteceu no último ano para desencadear esse retrocesso. Achei interessantíssimo Rico ter dito que ele gosta de conversar e fazer refeições com elas. E eu achando que aconteciam orgias. Onde já se viu, recompensá-las tão bem por umas horas de companhia. Você quem deu a ideia para não ter de aguentá-lo?

Beatrice tampou o rosto e balançou a cabeça negativamente.

– Finja que está rindo, querida – disse Candace e a um sinal a garrafa de champanhe foi retirada do gelo e completaram as taças. Ela empurrou a xícara da nora para o lado e disfarçadamente puxou a taça para mais perto.

– Não estou pronta para falar sobre isso justamente com a minha sogra.

– Não rejeite a fonte de conhecimento que eu sou. Não vou dizer que o pai dele comeu cópias minhas, mas eu passei por poucas e boas antes de colocá-lo no eixo.

– Por que você se casou com ele?

– Ora essa, eu estava apaixonada, ele era lindo, carismático, sedutor, deixava minhas pernas mais bambas que bambu em vendaval, era sexy como o inferno...

Beatrice podia jurar que isso era uma descrição de Sean, pelo jeito ele tinha mesmo muito em comum com o pai.

– E rico?

– Eu lá sabia que ele era rico! Descobri quando ele foi pedir minha mão com um diamante maior que meu dedo – Candace esticou a mão, ela ainda tinha o anel, mas não o usava no momento.

– Isso por acaso é um padrão de família? – Beatrice passara por algo parecido, tiveram que lhe contar e ela precisou procurar no Google pra entender direito.

– Não faço ideia. Mas ao contrário de você, eu estava grávida com um ano de casamento, ele era bom demais de cama e há trinta anos, camisinha e anticoncepcionais não eram dever diário.

– Meus anticoncepcionais sempre resistiram ao furacão que você colocou no mundo. Felizmente.

– Não ouse me culpar. Eu a convoquei porque quero saber sobre suas intenções quanto ao meu filho.

– As minhas intenções? – exclamou Beatrice, achando ter escutado errado.

– Coma outro doce – ela depositou um bolinho de limão no prato da nora. – Afinal, você vai fazer esse negócio de tentar ou vai enrolá-lo e jogar para escanteio?

– Não sei.

– Não está tentando? – Candace levantou a sobrancelha esquerda.

– Estou – Beatrice admitiu.

– E vai largá-lo mesmo assim?

– Eu já tentei largá-lo de dois jeitos e não deu certo.

– Eu tentei largar meu marido três vezes. Nenhuma delas deu certo – Candace mordeu uma tortinha de chocolate e morango.

– Então ainda tenho mais uma tentativa.

– E nesse meio tempo ele faz o quê? Manda clonar você? Porque já vimos que ele também tentou largá-la e as cópias não deram certo.

Beatrice ficou olhando-a. Ela ainda não tinha pensado por esse lado. Sean não estava apenas obcecado por ela, não só precisava de tratamento, mas ele também havia tentado deixá-la. As cópias também eram uma chance de substituí-la e ainda ter o que ele mais queria. Ela.

Candace começou a rir de verdade e agora ela que pegou a taça de champanhe e bateu levemente na taça de Beatrice que estava sobre a mesa.

– Pelo jeito eu te peguei, não é?

– Mais ou menos...

– Você já tentou sair com outros?

– Não deu certo – essa foi justamente a primeira opção que ela tentou, mas todos pareciam babacas perto de Sean.

– Devia tentar de novo. Dessa vez, levando a sério.

– Está me dizendo para trair seu filho?

– Não, para sair com outro homem. Um jantar não é traição, afinal, pelo que Rico disse, o que Sean mais fez foi jantar com suas cópias. Escolha um atraente, masculino e que dê ideias sexuais na sua mente. Saia em um encontro.

– Você realmente está me dizendo isso? – ainda parecia surreal.

– Eu a vi há quatro anos. Vi meu filho também. Acho que Sean se apaixonou por você, sabe-se lá como. Mas estive desesperadamente tentando esquecê-la enquanto você preferia fingir que ele não existia. Deve ter recebido milhares de propostas e mesmo assim... Continua a mesma moça que conheci naquele dia. Quero ajudá-los a ajeitar tudo.

– Dizendo para eu sair com outro cara?

– Sim. Vá em frente e saia com outro, pela sua cara, tem alguém em mente tentando sair com você.

– E se eu gostar?

– Sean está em cima de você como uma abelha tomando conta da colmeia, não está? – Candace levantou uma das sobrancelhas claras, ela sabia que sim.

– Não sei se colocaria nesses termos... – Beatrice encarou a base da taça.

– Você não vai gostar – determinou a sogra.

– Não pode saber disso.

Candace moveu a mão no ar e examinou o que faltava experimentar, mas era notável como ela não parecia ter nenhuma dúvida sobre o que aconteceria.

– Não posso mesmo. Mas é um ponto sem retorno. Se você preferir outra experiência, pode dar logo o pé nele e deixá-lo enlouquecer sozinho, antes que piore.

– Você está falando como se eu fosse uma espécie de...

– Ponto fraco – adicionou Candace. – Isso que estou dizendo. Você está no nível da última superação dele. Algo que o assombra e perturba como nunca vi antes. Mas Sean conseguiu superar da última vez que lhe tiraram tudo. Se tiver que superar de novo, preciso estar viva para ajudar.

– acredite, tenho quatro anos de prova de que não funciona assim.

– Pense nisso. E leve em conta como sou a sogra mais legal que você já conheceu! Tenho certeza. Aliás, o chá é por minha conta. Tess vem me visitar, precisamos marcar algo.

– E as duas vão me metralhar!

– Jamais! Quando eu contar a ela sobre as cópias, vou ter meus filhos parecendo o que eram. Ela vai pular em cima dele e vão se engalfinhar pelo chão, estou louca para ver!

– Não sei se consigo lidar com toda a família Ward na cidade.

– Só um lado, querida. A família é bem grande. Agora me diga o que você tem feito. Estou pensando em contratá-la. Aquele meu apartamento precisa de umas mudanças, especialmente as áreas comuns.

Tudo que Beatrice não precisava na sua vida era trabalhar para a mãe do seu quase ex-marido que não era mais quase ex, mas o atual cara com quem ela estava saindo, ou seja, sua sogra que quase deixou de ser e agora estava em campanha para ajudá-los. É, complicado assim mesmo. Mas enquanto voltava para casa, seu Whatsapp mandou uma notificação de mensagem e não era Sean. Achou até que Candace estava por trás de mais essa com Dave Campanale se esforçando para manter a conversa ativa. Ela não duvidava de nada, tirando Tess, todos os Ward eram suspeitos.

Vocês não vão acreditar! Madame Ward MÃE (foto acima) está de volta à Nova York! Estão todos chocados, meus amigos blogueiros, os fofoqueiros, até os paparazzi... To passada e engomada. Será que

ela veio na trilha do filho? Gente, o casal Ward já causa drama suficiente nas notícias chatas de economia e nos blogs de moda e fofoca. Agora mamãe Ward voltou!! Vistam-se direito, crianças!

Coloquem os saltos de novo! ELA VOLTOU!

E adivinha onde foi sua primeira aparição? Chamou Mrs. BW para um chazinho básico no The Lowell, do ladinho da casa de mamãe. Bea-W foi nos trinquês ver a sogrinha, como é que faz pra ficar em cima daqueles saltos e sorrir pra madame Ward passar a inspeção?

GENTE! Esses Ward tão aprontando. Contando os dias para a irmã babado e barraqueira do Sean-W voltar pra cidade também!

(210 comentários)

No sábado, Beatrice colocou um vestido muito leve e alegre, um blazer claro, bastante filtro solar por baixo da maquiagem, deixou as ondas do seu cabelo livres e calçou uma sandália rasteira com uma tira atravessando o meio do seu pé e saiu com um sorriso de alegria por a festa ser num jardim. Ela se sentiu um pouco culpada por ser final de semana e não estar planejando seu encontro com Sean ou uma saída para tentar cativar as poucas amigas. Bem, ela veria outras conhecidas, um tipo que ela não sabia como classificar, algumas a odiavam, mas puxavam seu saco. Outras, como Nina, tentavam ser sinceras e criar uma amizade de verdade. No fim, ainda faziam parte de um dos grupos dela.

Enquanto o carro seguia no trajeto de cerca de uma hora e meia até Sands Point, Beatrice digitava sem parar. Nina não parava de perguntar quando ela chegaria, sua irmã mais velha, queria saber como estava "seu problema". Sean não estava respondendo e ela duvidava que estivesse dormindo. Se lembrasse bem, nesse horário ele deveria estar saindo de alguma seção de treinamento, no sábado de manhã sempre havia um instrutor por lá quando ele estava na cidade.

Quando o carro virou na Cedar Lane ela já havia desligado o celular, era muita gente infernizando sua mente em pleno final de semana. Don estacionou na vaga mais próxima que encontrou e a escoltou até lá. Como Maribel era uma desgraçada, louca para

aparecer, devia ter informado da festa para todos os blogs e paparazzis querendo uma foto de alguém na lista de convidados. Don fechou a cara e Beatrice colocou os óculos escuros, seguiu para a casa, mas lá também havia gente para perseguir todo mundo que fosse um pouquinho interessante.

– Pelo amor de Deus! – Nina veio correndo se abraçar a ela. – Maribel está louca!

– Isso desde sempre – respondeu Beatrice.

– Ela já ameaçou uma artista porque a mulher veio com um vestido curtíssimo!

– Ok, me deixa adivinhar. As pernas dela eram lindas?

– Sim! E ela batia com a descrição da amante!

– E agora tem descrição?

Nina começou a dar os detalhes, mas elas foram interrompidas quando Maribel apareceu no saguão branco e não tão espaçoso da casa, ao menos não havia nada no meio atrapalhando a passagem.

– Beatrice! Você resolveu nos agraciar com a sua concorrida presença!

Maribel deu dois beijinhos nela e logo depois a puxou para o lado de fora da casa, saíram no meio de mesas brancas com quatro cadeiras em volta delas. Nina seguiu-as de perto. Beatrice achou que a mulher queria lhe servir uma bebida, mas ela a puxou para perto e o fotógrafo quase a pegou despreparada, sua sorte era estar lidando com isso há uns anos.

– Você conhece minha sogra, Ofélia Petterson?

– Claro que sim, está caduca, Maribel?

Mesmo assim, a mulher a arrastou até onde a senhora estava, supervisionando o cardápio escolhido por ela.

– Sogrinha, olha quem chegou.

– Quem é essa? – perguntou a senhora, procurando os óculos.

Nina e Beatrice perceberam que ela enxergava muito bem as letrinhas pequenas no cardápio, mas não parecia vê-las direito.

– Ah, Beatrice Ward – Ofélia se aproximou, agora com os óculos e pegou suas mãos, para trocarem beijinhos. – Ao menos alguém com alguma classe nesse lugar. – Ofélia lançou um olhar atravessado para Maribel que torceu o nariz. Ela fazia de propósito.

– Como está a senhora? – Beatrice perguntou, observando seu rosto bronzeado.

– Bem. Diga-me, é verdade que Candace Ward está na cidade?

– Sim...

– Oh céus! Aquela megera! – ela exclamou, com uma expressão de preocupação.

– Ei! – disse Beatrice soltando as mãos dela. – Dá pra não insultar a minha sogra na minha frente?

– Não imagina o que passamos no passado – continuou Ofélia.

– Mas a senhora é pelo menos quinze anos mais velha do que ela.

– Não a impediu de me incluir em sua lista de maldades!

– Eu posso imaginar todos os segredos que ela sabe para gerar essa reação. Deve ser mais ou menos o que eu sei da sua nora – Beatrice virou o rosto para Maribel e deu um sorriso cínico. Ela sabia de todos os escândalos, vexames e puladas de cerca que a mulher deu. Além dos pecados de Justinho.

– Chega disso! – Maribel correu e separou-as antes que começassem a trocar figurinhas. – Vamos lá beber alguma coisa.

– Pensei que não ia oferecer – alfinetou Beatrice e Nina deu-lhe um cutucão.

Elas chegaram até a área coberta entre o jardim e a quadra de tênis, ali estavam as bebidas e parte do Buffet. Beatrice olhava em volta, notando quanta gente desconhecida havia ali e muitas mulheres diferentes, dessas que ela nunca vira em uma dessas festinhas.

– São as artistas – disse Nina, vendo que ela olhava em volta.

– Logo vi que estavam muito bonitas – Beatrice não conseguia parar de implicar.

– Pode parando, ok? Eu já estou uma pilha de nervos! – reclamou Maribel, enfiando um drink na mão dela.

– Tudo culpa sua. Onde está Justinho? Você devia vigiá-lo, com esse bando de possível amante por aí – Beatrice lançava olhares para os convidados.

– Ele não é tão burro, não vai dar um deslize aqui. Aliás, por que você não trouxe Sean? Ele está na cidade, não custava nada.

Garanto que eles devem ter algum assunto – Maribel usava seu irritante tom de reclamação.

– Eu não o faria passar por isso – respondeu Beatrice.

– Um dia... – disse Maribel fechando o punho, pois Beatrice era a única do grupo que conseguia dar nos seus nervos daquele jeito, já que ela não economizava na hora de falar das suas loucuras.

Beatrice bebeu um gole do drink colorido e foi com muito esforço que não cuspiu tudo na cara de Maribel.

– Mas que droga é essa? Você enlouqueceu? – ela largou o copo e correu até a água gelada e virou quase um copo inteiro.

– Ai meu Deus! – Maribel correu atrás dela. – Corre Nina, vão fotografar!

As duas correram para Beatrice, Nina lhe deu mais água e Maribel tentou esconder o desastre.

– Eu sabia que aquela velha maluca ia estragar tudo! – Maribel a abanava.

Beatrice abanou a boca e soltou o ar várias vezes.

– Você colocou pimenta na minha bebida? Sua...

– Foi a louca! – exclamou Maribel.

– Eu ia lhe dizer para não beber isso, mas... – Nina parecia em pleno sofrimento. – Tive esperança de esse estar bom.

– Duvido. Suas festas sempre foram famosas por ter uma comida horrível – reclamou Beatrice, ainda com a língua ardendo.

– O quê? – exclamou Maribel, profundamente insultada.

– Isso mesmo que você escutou. Assim como essa festa em homenagem à sua sogra e com esse bando de mulher desconhecida é ridícula. Ao invés de caçar a amante dele, por que não dá um jeito nele?

– Duvido que você faça isso! Você quer é estragar minha festa – acusou Maribel.

– A festa da sua sogra. E sim, eu faria – Beatrice cruzou os braços, não podia dizer que já tinha pedido o divórcio e até saído de casa.

– Ela está certa, Maribel. Justinho está lá agindo como o dono da festa e você aqui parecendo uma histérica – disse Nina, dando mais água a Beatrice que recusou.

– Ah, meu Deus! Eu não sei o que fazer com essa velha megera e um marido mala e traidor! – Maribel voltou correndo para dentro da casa, caprichando no drama.

Nina ficou com pena e suspirou antes de ir ver onde ela ia se meter e talvez impedir que se jogasse do segundo andar. Beatrice resolveu ir pegar um pouco de sorvete para ver se a queimação na boca passava. Serviram um negócio verde em uma casquinha e ela achou que era menta, mas se deu mal com o pistache salgado e misturado com sementes. Ela desistiu de comer ou beber, ao menos por enquanto e foi andando pelo jardim enorme da casa, observando a paisagem e a Baía de Manhasset abaixo.

– Beatrice!

Ela se virou e levou o maior susto ao ver Elis se aproximando dela com uma taça na mão e um enorme sorriso. Ela estava chique, raramente usava saltos, mas hoje escolhera uma Anabela bem alta e um conjunto leve de saia e blusa que balançavam a favor do vento. Como era uma figura bem magrinha, parecia delicada.

– Até você veio parar aqui? – Beatrice abraçou-a brevemente, contente em ver alguém com bom senso.

– Sim! Recebi o convite e pensei: Por que não?

– Realmente... – ela bateu os dedos ao lado do rosto, reparando que Elis cabia na descrição da tal amante e era uma artista. – Está gostando?

– Estou gostando mais dos contatos que estou fazendo. E divulgando minha exposição no mês que vem.

– Que ótimo... Isso que você está bebendo é bom?

Elis olhou a taça e se aproximou para falar mais baixo.

– Que bebidas horrorosas são essas? É sempre assim? Encontrei esse champanhe e dos três tipos que estão servindo, é o único bebível.

– Quase sempre, mas hoje está pior. Você está tão bonita, se a visse de costas acho que nem reconheceria.

Elis corou e ajustou sua saia.

– Eu queria usar algo diferente. Pelo menos hoje estou mais alta que você! – brincou.

– Meus pés estão descansando – ela olhou para baixo, dando uma checada em sua sandália aberta e confortável que se prendia ao seu tornozelo.

Justinho passeou por perto delas e foi chegando lentamente. Beatrice estava só o vigiando com o olhar, era um desses caras que havia sido bonito quando tinha lá seus vinte anos, mas agora, na casa dos quarenta, já mostrava o declínio precoce. A sorte era que ele se esforçava para manter a boa forma e apesar de estar ficando calvo, tinha a dignidade de simplesmente usar um corte bem rente. Não fazia o tipo de Beatrice, talvez por causa de Maribel, ela o achava ridículo e tinha um estilo de se vestir que chegava a ser cômico com todas aquelas roupas pastéis.

Mas apesar disso, algumas diriam que ele tinha um charme maduro. E até hoje todo mundo que o conhecia há anos não conseguia entender como foi que ele se meteu com a histérica Maribel. Bem que eles se mereciam, ela era uma louca, fanática por coisas caras e fama. Mas não tinha muitos fãs, as pessoas só a bajulavam porque algumas de suas festas eram muito concorridas, especialmente quando era uma empresa que cuidava da decoração e do Buffet, e não ela.

Ele veio dar as boas vindas, perguntou sobre Sean e sorriu para Elis que colocou o cabelo negro atrás da orelha e também devolveu o sorrisinho. Mesmo sem salto, Beatrice tinha a altura dele, em geral quando o encontrava em festas, ele evitava tirar fotos com ela e outras mulheres, porque saía “desfavorecido” na altura. Mas para Elis, era o par perfeito. Ele deixou-as rapidamente, dizendo que mandaria trazer uma bebida para Beatrice, já que também estava sofrendo com o cardápio escolhido pela mãe.

– Por que está me olhando desse jeito? – perguntou Elis, ao se virar e pegar Beatrice de braços cruzados e olhar estreito.

– Você está saindo com ele.

– O quê?! – Elis ficou vermelha como um tomate e bebeu um gole do champanhe que já devia estar quente.

– Por favor, diz que eu estou errada. Diz que você não está dormindo logo com o Justinho! – o tom de Beatrice era exasperado, mas ela estava sussurrando.

– Não estou...

– Ele é ridículo!

– Não é não. É normal.

– Não é! Uma pessoa que se casa com Maribel não pode ser normal. E se você abrir a boca para dizer que ele vai pedir o divórcio eu te joga na piscina aqui de cima mesmo!

– Eu não ia dizer isso. E não temos nada – Elis se virou. – Olha! Aquele dono da galeria que eu sonho expor! Vou lá puxar o saco, com ele eu posso até ter um caso.

Elis saiu quase corrida de perto de Beatrice que bateu o pé querendo ir atrás dela e puxá-la pelo cabelo. Não podia acreditar que agora era uma peça em comum dos dois lados. Se Elis estava mesmo dormindo com Justinho e Maribel descobrisse, com certeza o barraco ia chegar nela e ia ser o maior escândalo do ano até o momento.

Ao ficar sozinha, Beatrice pensou em para onde ia fugir para evitar conversas indesejadas. Subitamente seu humor não estava bom para inventar respostas agradáveis ou fingir que se lembrava de pessoas. Ela sentiu-se observada e se virou na direção da piscina. Dave Campanale estava lá com uma taça do único champanhe bebível na mão e seu olhar azul estava sobre ela, ela podia ver seus olhos como duas safiras brilhando sob a luz natural. E hoje seu cabelo castanho claro estava mais aceitável, ele cortara bem rente a cabeça, deixando o visual mais limpo e masculino. Ele se aproximou assim que ela o notou.

– Se livrou do topete – ela deixou escapar, foi mais forte do que ela. Assim que saiu ela cobriu os lábios com as pontas dos dedos. Ainda não podia explicar porque cismara com o corte de cabelo dele.

– Então era esse o problema – ele sorria, não parecia mesmo ser o tipo de cara que teria sua segurança abalada por um corte de cabelo.

– Problema? Não, eu só notei... – ela tentou, mas não ia dar para disfarçar essa.

– Rápido demais. Garanto que odiava o outro corte.

– De fato – ela admitiu, ainda sem graça.

– Ótimo, estou há meses querendo raspar. Minha última namorada que gostava daquilo.

– E cadê ela?

– Não sei, espero que em algum lugar da Austrália.

– Tão longe assim?

– Ela mora lá.

– Você vai muito lá?

– Vez ou outra.

– Ah...

Ela não podia mais olhar para cara dele sem lembrar-se de sua sogra lhe dizendo para sair com um cara bem atraente e que rendesse pensamentos sexuais. Bem, Dave era perfeito para o papel e agora o topete odiado que ela usava como desculpa para descartá-lo de cara havia sumido.

– Não tem problema, acabou amigavelmente. E o que você está fazendo aqui sozinha? – ele bebeu um gole do champanhe, mas seu olhar continuou nela.

– Passando o tempo – ela moveu o ombro, dando uma olhada em volta, sem compromisso.

– Nesta festa? Deve ter muita gente querendo falar com você.

– Estou fugindo delas.

– De mim também? – Dave perguntou num tom mais íntimo e ele estava flertando com ela, não dava nem para ela fingir que não.

– Ainda não precisei – Beatrice devolveu.

Ela foi obrigada a lembrar que o achara grudento no último almoço, não estava mais acostumada a dar abertura para as investidas de outros homens. Quando andou tentando olhar para outros caras, ela quem determinava quando ia aceitar um flerte. Até pouco tempo nem seu marido conseguia se aproximar, imagina um estranho. Mas desde que se aproximara dela, Dave não se detinha por isso.

– Ótimo, ainda vamos precisar nos encontrar um bocado. Social e profissionalmente.

– Sim... – ela assentiu levemente, imaginando se isso seria um problema.

– Você veio sozinha? – ele perguntou só para confirmar, mas sabia que Sean não estava por ali. Se estivesse já teria vindo espantá-lo.

Ele ficou sabendo que seu concorrente estava na cidade em tempo integral, o que era bem estranho e estragava seus planos de seduzir sua esposa. Dave sabia que Beatrice estava sempre sozinha, não precisava de muitas contas para concluir que o casamento não era exatamente um amorzinho, mas queria descobrir até que ponto ela estava disponível. Não era nada pessoal com Sean, mas era mesmo azar dele ter uma esposa tão deliciosa e deixá-la livre por aí.

– Geralmente não obrigo Sean a vir às festas das minhas amigas.

– Pensei que se dessem bem com Justinho – Dave comentou e terminou seu champanhe.

– Vai me dizer que você também tem negócios com ele.

– Comprei uma patente dele e junto com ela, a empresa.

– Interessante... Não sei como Maribel não está por aqui o bajulando.

– Falando no diabo... – Dave murmurou.

Maribel apareceu levando Justinho pelo braço e parou junto dos dois, olhou bem para eles, reparando na forma como conversavam; sozinhos e tão próximos, ao menos Dave estava invadindo o espaço pessoal de Beatrice.

– Que tal um café essa semana? – ele perguntou, antes que se afastassem.

– Claro – disse Beatrice. – Temos muito que discutir sobre o projeto da Campanale. – ela adicionou, antes que a língua grande de Maribel soltasse outra coisa.

Capítulo 14

Quando eu olhar pra você, feche os olhos e afaste mais as pernas. Vai ser bom. Você pode abri-los quando começar a gozar.

Em condições normais, Sean nunca sairia de sua casa em pleno sábado para ir a uma festa e logo de Maribel Petterson. Ele estava até com os músculos doloridos depois de um treinamento intenso com o instrutor e o saco de areia. Mais dez minutos na água quente teriam sido bem melhores, não, quem sabe uma massagem, isso sim melhoraria seu sábado. Mas ao invés disso, lá estava ele sentado no banco de trás do Escalade que procurava um bom lugar para estacionar em Sands Point.

Ele não havia recebido apenas um convite para festa, foram três. Dois pelos correios e um como entrega especial no escritório, além de uma notificação de Rico avisando que Beatrice iria à festa e isso causou sua ida. Ele gostava de surpreendê-la, assim ela não tinha tempo de levantar sua parede de vidro à prova de bala e agir mais livremente.

Era um dia abafado, então Sean optou pelo conforto e liberdade de movimentos que uma camisa azul de mangas dobradas lhe dava, casando com uma calça de tecido um pouco mais escuro e por cima apenas o colete de corte seco e justo. Ele ficava tão prático e bonito quando optava por essa combinação, os seus ombros largos ficavam em evidência, os braços livres de um paletó para escondê-los e todo aquele corpo longilíneo e forte que arrancava suspiros e causava pensamentos cheios de luxúria.

Afinal, alguém ali tinha o poder de causar mais burburinho que a própria Beatrice ou uma de suas conhecidas e famosas de tanto aparecer pelas revistas e blogs. E essa pessoa era Sean. Quem diria, ele nem se esforçou para corresponder às expectativas, tinha

passado a mão pelo cabelo úmido quando saiu do banho e calçou os primeiros sapatos diurnos que viu no closet. Nem se preocupou em refazer a barba que lhe dava um ar sexy de “por fazer”, estava mesmo deixando-a viver por uns dias, vez ou outra ele resolvia dar um descanso ao rosto liso.

Justinho quase teve um ataque de fã quando o viu, teve gente soltando suspiros femininos e se denunciando por aí. Uma das blogueiras que vivia dizendo sonhar com uma foto ao lado dele saiu correndo para o banheiro, revoltada por não estar com a roupa que deveria para a foto. Ele retirou os óculos escuros e vasculhou os arredores, procurando algum sinal de Beatrice. Acabou mesmo embaixo do espaço coberto, cumprimentando Ofélia que ao menos para ele nem abriu a boca para falar de Candace.

Maribel refez a maquiagem e apareceu exultante; pronta para a foto. Mas Sean viu Elis e escapou de todo mundo para ir cumprimentá-la, aproveitou também para perguntar sobre Beatrice, pois se tinha alguém que podia livrá-lo de toda aquela perturbação era sua esposa, já tinha mais um motivo para achá-la imediatamente.

Beatrice estava lá no final do jardim, abaixo do patamar da piscina e do lado esquerdo da quadra de tênis. A mesa que ela estava era a mais afastada e ficava em frente ao pequeno caramanchão. Já era quase uma da tarde, ela estava faminta e com sede. Passou os últimos dez minutos investigando os buffets espalhados e quase não encontrou nada que pudesse consumir. Estava ali justamente de costas para todo mundo, devorando seu segundo pote de gelatina, praticamente a única comida totalmente segura.

– O que está fazendo aí sozinha?

O pulo que ela deu na cadeira ao escutar a voz de Sean quase a fez cair, a colherada de gelatina que tinha acabado de colocar na boca desceu toda de uma vez pela sua garganta e ela teve que deixar o potinho sobre a mesa antes de se virar no lugar. Sean inclinou a cabeça e soltou uma gargalhada quando viu o que ela estava fazendo. Em cima da mesa havia um prato cheio de comida,

mas intocado, um pote com morangos e mais três cumbucas de gelatina.

– O que diabos você está fazendo aqui? – ela perguntou, ainda apertando a colher.

– Eu acho que deveria perguntar o que você está fazendo.

– Tentando comer.

Sean se aproximou, pegou o guardanapo de cima da mesa e limpou o canto da boca dela, depois se sentou na cadeira em frente e olhou o que havia ali.

– Isso é gelatina?

– Sim – ela pegou o pote que estava consumindo antes dele chegar.

– Está tão ruim assim?

– Você não faz ideia. Eu só comi uma fruta antes de sair, meu estômago está se revirando dos drinks horríveis e eu estou faminta!

– ela voltou a comer a gelatina. – Só dá para comer as frutas que estão sem creme e essa gelatina.

– Ainda bem que eu cheguei tarde.

– E já comeu, não é?

– Eu estava vindo para uma festa de Maribel. Tomei café da manhã.

– Maldito! – ela terminou a gelatina de pêssego e avaliou qual comeria.

– Quer que eu arranje um sal de frutas? – o sorriso dele que tentava não continuar a rir era impossível de não notar.

– Vai se ferrar! Estou muito bem com minha gelatina.

– Devia ter ficado na cidade e almoçado comigo.

Ela lhe lançou um olhar atravessado e comeu um morango, estava azedo demais e ela pegou uma colher de açúcar para despejar em cima. Já estava se preparando para comer a gelatina de framboesa quando viu Maribel e Ofélia se aproximando.

– Ai não, lá vem as duas! Pega o prato, rápido! – ela puxou o prato cheio de comida para o meio da mesa e remexeu nele com o garfo. – Anda, finge que está comendo algo!

– Nem pensar – disse Sean, olhando para o prato e se divertindo com a situação.

As duas chegaram até eles e Beatrice enfiou uma colherada de gelatina na boca, tinha acabado de esconder os outros dois potes na cadeira por baixo da mesa. Sean sentiu suas bochechas se estreitarem quando enfiou um morango azedíssimo na boca para fingir que mastigava a comida.

– O que estão fazendo aqui tão afastados? – perguntou Maribel, parando ao lado da mesa, bem mais para o lado de Sean do que de Beatrice.

– Já apresentou meu menu a ele, Beatrice? – Ofélia olhou o prato que estava na mesa. – Está gostando? Eu mesma fiz a seleção, baseado nos sabores exóticos que experimentei pelas minhas viagens ao redor do mundo. Então misturei todos os temperos com nossos pratos típicos de festa – explicava, como se eles estivessem muito interessados.

– Estou vendo seu gosto global... – comentou Sean que realmente pegou o garfo e arriscou morder um pedacinho do que parecia ser uma carne defumada no meio de um tempero estranho. Ele deu um sorriso amarelo e se levantou, procurando algo para beber que tirasse aquele gosto horrível. Isso que dava ser curioso.

– Já estou na sobremesa – comentou Beatrice, deixando a gelatina na mesa e pulando de pé, para impedir Sean de beber qualquer coisa.

– Você devia ter avisado que ele vinha – disse Maribel, enquanto Sean seguia na frente com Ofélia falando em seu ouvido. – Você realmente me odeia! Eu não o esperava, não coloquei uma roupa decente e nem Justinho sabia. Você sabe que o Grupo Ward é o maior investidor das empresas do meu marido e mesmo assim conseguir um encontro com seu marido é impossível.

– Você podia ter vindo nua, ué! – respondeu Beatrice, apertando o passo pelo caminho de pedras que levava de volta ao resto da festa.

– E quem era aquela com vocês dois? Aquela moreninha é uma das minhas suspeitas! Se eu souber que você está envolvida em mais essa...

– Sai do meu pé, Maribel! – exclamou Beatrice, fugindo dela.

Beatrice subiu os degraus que levavam da fonte sobre a piscina até a área coberta. Ela chegou bem a tempo de arrancar a taça da mão de Sean. Ofélia estava tentando convencê-lo a beber aquele drink amarelo que era tão cítrico que o estomago dele ia ferver por uma semana e precisar de lavagem para tirar toda a acidez.

– Você não curte nada amarelo, não é? – ela disse, se livrando da taça.

Ele franziu a testa para ela, mas voltou a olhar Ofélia, já dentro do jogo da esposa.

– Descobri há poucos meses que corante amarelo me dá... irritação estomacal – ele disse a Ofélia, usando sua melhor cara cínica.

– Então vai adorar essa delícia roxa! – disse a senhora, procurando outra taça.

– Nada colorido! Vamos ali... ao banheiro! – Beatrice puxou Sean pelo braço, afastando-o do perigo que eram as bebidas coloridas de Ofélia.

– Sério, Beatrice. Mal cheguei e você já quer me carregar pro banheiro? Você tem fetiche por me pegar em banheiros, não tem?

– Fica quieto! – ela apertou o braço dele. – Você nem devia estar aqui. Ali, pega aquele champanhe, aquele dá pra beber.

Ele alcançou uma taça e bebeu devagar, tentando se livrar do gosto da carne que experimentou. Ele mal tinha abaixado a taça quando um fotógrafo apareceu, quase pegando-os desprevenidos. Depois veio a garota do blog de fofocas da cidade, pediu uma foto com seu celular, mas ela queria três fotos. Uma com cada um e outra com o casal. Então veio o cara de outro site que vigiava a vida de todo mundo em Nova York e ele já tinha umas dez fotos com Beatrice, então se agarrou com Sean, falando de como era raro vê-lo solto por aí.

Mais alguém apareceu querendo saber de Sean sobre a compra da ferrovia. A blogueira queria saber a marca de tudo que Beatrice vestia e os dois fofoqueiros acabaram falando que os Ward estavam saindo juntos. Pouco depois tinha tanta gente na roda em volta da falação que a área coberta estava intransponível.

– Aquela mulher está me vigiando! – disse Elis, parando ao lado de Beatrice e olhando Maribel disfarçadamente. – Acho que vou embora antes que ela me pegue.

– Você só pode estar brincando! – disse Beatrice, puxando-a para longe daquele pessoal.

– Vou pegar uma carona com o cara da galeria que te falei.

– Vai largar Justinho?

– Eu não estou com ele!

– E essa cara de culpa?

– Foi um caso! – Elis acabou admitindo.

– Eu não acredito nisso. Ele é casado, se livra dessa bomba – Beatrice tampou o rosto e quando Elis foi se afastando, ela percebeu que Maribel estava de olho nelas. Seria bom mesmo que Elis despistasse saindo com o tal careca da galeria, ele era super pegável. Mais do que Justinho.

Ao ficar sozinha por um instante, Beatrice se virou e viu Nina tentando chamar sua atenção, também notou Dave virando-se para observá-la enquanto escutava Berry, seu sócio, falar sobre algo desinteressante para o momento. Ela mal tinha conectado o olhar ao dele quando Sean apareceu à sua frente, escondendo tanto Nina quanto Dave e olhando-a atentamente.

– Qual o problema? – ele perguntou, observando-a daquele jeito que parecia até que lia sua alma.

– Nenhum.

– Estava discutindo com a Elis – ele comentou, provando que esteve observando-a todo o tempo, mas ela ignorou isso.

– Não posso dizer aqui, tem muita gente em cima de você.

– De mim? – Sean levantou as sobrancelhas.

– Claro, até você chegar eu estava passando no sapatinho – ele apontou para o peito dele.

– Vamos embora então. Estou começando a ficar com fome.

– Você mal chegou – Beatrice levantou o pulso e olhou para o pequeno visor do seu relógio delicado que mais parecia uma joia.

– Não vim à festa, vim ver você – Sean continuava com aquele olhar fixo nela, a despeito de todo mundo falando em volta deles.

– Não diga isso alto, pode magoar alguém – ela respondeu mais baixo, mas não podia mentir que era bom escutar algo assim.

– Dane-se o que eles acham. Eu quero meu tempo semanal com você, mesmo que seja mastigando.

– Eu aceito ser levada para comer bem longe dessa confusão – ela imaginou se estava mesmo fazendo todo o charme que imaginava para dar essa resposta, esperava muito que não.

– Feito – Sean passou o braço em volta dela e levou-a direto até Ofélia, a suposta dona da casa e da festa, ambos se despediram, a desculpa do compromisso ficou por parte dele e seguiram o mais rápido que dava para a saída.

Don e Kevin ficaram aliviados quando os viram saindo, Sean entrou no Range Rover que Beatrice veio e Kevin os seguiu. Eles pegaram um caminho diferente e pararam numa Dunkin Donuts em Port Washington, antes de pegar a estrada de volta para Manhattan. A rua era bem calma e a lojinha da Dunkin chegava a ser fofa de tão pequena. Os dois não comiam numa Dunkin há um tempo, mas não era nada difícil. Dois chás gelados grandes, sanduíches de salada de frango e de atum no croissant e alguns donuts de chocolate, canela, limão e morango e estavam prontos para ir. Don e Kevin esperavam do lado de fora, devidamente servidos dos cafés de sua preferência.

Eles se sentaram num canto, não muito perto das janelas de vidro, mas o suficiente para Don e Kevin vê-los. Depois do show de horrores na festa de Maribel, os dois se deliciaram com o chá gelado que limpou seu paladar e depois os sanduíches e os donuts; Beatrice comeu um pedaço de dois, apenas para experimentar e deu a Sean, dizendo para dividir. Ela quem estava sem ser alimentada o dia todo e ele que deveria comer a maior parte? Já era a segunda vez que ela aprontava uma dessas para cima dele, pois o tal pudim que dividiram também sobrou mais para ele, mas começava a achar divertido.

Isso era muito melhor do que quando ela lhe deixava plantado. Ele fechou a caixinha dos donuts e eles voltaram para o carro, levando o que restava dos seus copos enormes de chá gelado.

– Sua família é inglesa, não é? A maior parte deles vive lá... – ela disse como se houvesse notado esse fato agora.

– Sim, por que você se lembrou disso? – ele segurou a porta para ela e Don já deu logo partida no carro.

– O chá me fez lembrar de quando saímos para tomar café pela primeira vez. Mas quando chegamos lá, você pediu chá, feito com folhas, não temperado e ainda citou umas marcas que preferia. Disse que pegou o gosto do chá quando passava férias com sua tia-avó em Birmingham. A atendente foi correndo perguntar ao chefe e a mãe dele que veio falar de chás.

Beatrice terminou de falar já sentada no seu lado do carro e percebeu que Sean estava apenas olhando-a com um sorriso no rosto e não dizia nada.

– É, ela me adorou – ele comentou, apenas para dizer alguma coisa, ainda estava aproveitando a sensação de ouvi-la falando da primeira vez que saíram para tomar café. Ele tinha mais em mente, mas naquela altura convencê-la para um café já não foi fácil.

– Sim e te deu um muffin de graça, dizendo que era receita inglesa da avó dela.

– Eu me lembro dela falando algo assim, eu estava distraído.

– Com o chá que era mesmo maravilhoso.

– Não, com seus olhos. Ainda era muito recente, eu não conseguia parar de me fascinar por eles e não parava de beber chá para manter minhas mãos ocupadas, porque eu estava louco para beijá-la e você parecia um filhote amedrontado, se afastando ao menor movimento que eu fazia.

Beatrice desviou o olhar, tentando se lembrar do que estava sentindo naquele encontro há mais de quatro anos. Tudo que vinha à sua mente era o fato de lhe dizerem para tomar cuidado com ele, como se ela precisasse ser avisada. Qualquer mulher que olhava Sean escutava seu íntimo lhe dizendo coisas como “não cabe no meu caminhãozinho”, “fora da minha jurisdição”, “perigoso demais pra minha vida”, “ele vai me usar, passar por cima com um trator e me largar arrasada”.

Ela estava justamente ponderando se valeria a pena ser extremamente bem usada por um cara como ele, algo do tipo: *nunca mais o verei, então os orgasmos com o Mr. Perigo valerão a pena*. E de repente ele veio com a história do café. Cianeto

quentinho e fumegante era mais seguro do que café com ele. O alarme da sua calcinha começou logo a apitar. E mesmo assim, ela foi se meter com ele. Olha onde estava agora, após o trator.

– Eu nunca me dei bem com encontros. E eu não fiquei parecendo um filhotinho amedrontado coisa nenhuma, só cauteloso. Agora eu não pareço mais nada disso, inventei a vacina contra você.

Sean riu da declaração e planejou testar até onde ia o efeito dessa tal vacina.

– Não parece, agora você virou um felino bem arredio.

– Pode ser, mas o filhote aqui fez seu traseiro baixar lá em Baltimore – ela alfinetou.

– Foi uma novidade e tanto – ele disse enquanto assentia.

– Baltimore?

– Tudo.

Beatrice virou o rosto para a janela, entrando em um daqueles momentos em que você não sabe o que dizer ao cara novo com quem está saindo e por quem está caidinha. E o tal cara era justamente o seu marido que você adoraria dar uma surra. Ela ficava imaginando se isso era por eles terem voltado no tempo e estarem refazendo a relação ou se casais apaixonados, mesmo depois de anos casados continuavam caindo em momentos como esse. Ela teria que perguntar a alguém que acreditasse estar em uma longa relação e realmente apaixonado.

Bem, ela não conhecia pessoas nessa situação, ia ligar para Rose, pois ela e Matt eram o único casal que ela acreditava nos sentimentos.

Enquanto a olhava, Sean pensava que ela podia ficar se protegendo contra ele o quanto quisesse, mas era ilusão. Ele nunca soube se estava agindo certo quando estava ao lado dela e continuava sem saber. Simplesmente seguia seus instintos, em geral medindo os desastres e tentando contorná-los.

Beatrice achava os instintos dele perigosos o suficiente para deixá-la alerta.

Sean deixou a caixa do lado da porta e tocou o braço dela, testando a teoria da qual estavam falando. Por puro costume, antes mesmo de olhá-lo, Beatrice se retesou e encolheu o braço junto ao

corpo, mas quando virou o rosto para olhá-lo, ela se arrependeu do movimento que sequer havia planejado. Não queria parecer que ficava assim tão nervosa perto dele.

Apesar do movimento dela, Sean não deixou de tocá-la, ele apertou seu braço e deixou sua mão escorregar até o cotovelo, ambos acompanhavam com o olhar. Ele deixou que a quentura de sua palma passasse para a pele dela e retomou o toque, subindo-o lentamente pelo seu braço, até seus dedos tocarem seu pescoço e a mão cobrir o lado esquerdo do rosto dela, onde o polegar acariciou levemente a maçã do rosto de Beatrice.

Ela inclinou a cabeça e quando levantou o olhar foi pega de surpresa pelo dele que olhava o que fazia fixamente, seu olhar era tão atento e penetrante que se alguém o chamasse agora, ela desconfiava que Sean não escutaria. Ele assustava-a quando fazia isso e ela imediatamente foi obrigada a lembrar de como ele a encarara no banheiro da casa de Ruth, de uma forma que não deveria ser permitida a ninguém, não era saudável dedicar esse tipo de atenção contínua a alguém. Ao menos não na mente de Beatrice que ainda não chegava perto de mergulhar na profundidade complexa dos sentimentos de Sean. Estava bem à frente dela, mas ela se negava a aceitar que algo assim pudesse ter sido forjado naqueles quatro anos que eles destruíram o casamento.

Para ele começou bem antes de pisarem naquele altar, mas quem lhe diria isso?

– Por que eu continuo louco para beijá-la?

Ela não sabia, só queria parar o carro e sair correndo. O olhar dele, a forma como a tocava, era tudo perturbador. Era uma sensação inexplicável da qual ela vinha correndo desde que o conheceu. No início ela se rendeu, mas quando ele a deixou se libertar, Beatrice não teve mais coragem de voltar. Seu coração acelerava, ela sentia o perigo se aproximando, notava que estava a ponto de ser dominada por algo forte demais para ela segurar, quando Sean a tomasse novamente, ela não conseguiria escapar e já fugira por tempo demais para descobrir como dominá-lo.

– Não sei.

– Pense bem, Beatrice.

Será que faltava muito para chegar? Será que ela seria covarde o suficiente para sair correndo do carro assim que ele parasse em frente ao seu prédio?

– Nós estamos voltando no tempo – ela comentou.

Sean se moveu no banco, aproximando-se mais e pegou o rosto dela com a outra mão também, trazendo-a para ainda mais perto e olhando diretamente para seus olhos. Beatrice podia ver as nuances verdes e azuis nos olhos dele, fixos e intensos, quase não piscavam para observá-la. Assim, tão de perto, eles pareciam sérios demais, seu formato encapsulado dava-lhe aquele ar grave e ameaçador, tão característico de Sean.

– Eu continuo fascinado pelos seus olhos. Eu pensei que havia me acostumado. Estava completamente errado, eles continuam mudando de cor, estavam dourados e agora parecem duas esferas alaranjadas. Olhos de gata. Eu já lhe disse isso, não foi?

– Assim que me conheceu... – ela murmurou, o assunto era os seus olhos, mas ela quem estava hipnotizada pelos dele.

– Sim. Eu acho que enlouqueci um pouco assim que você me encarou – Sean chegou ainda mais perto, seus cílios caíram sobre seus olhos quando ele abaixou o olhar para os lábios dela.

– Eu duvido um pouco disso, não ficamos exatamente melhores amigos naquele dia – ela levantou a sobrancelha direita, lembrando que havia sido implicante e provocadora. Ele devia ter se irritado, mas adorou.

– Por que eu fingiria querer ser seu amigo? Eu queria beijá-la, levá-la para cama e lhe arrancar alguns orgasmos, não camaradagem.

– Não podíamos ser amigos depois? – ela perguntou mais baixo, porque ele chegou tão perto que seu nariz estava tocando o dela.

– Gosto de deixar minha verdadeira intenção clara, depois podemos ser os melhores amigos. Prefiro pensar que começamos uma amizade e conseguimos estragá-la também.

– Não sei se começamos a ser amigos, Sean. Estávamos um pouco ocupados.

– Tentando sobreviver um ao outro?

– Sim... – Beatrice moveu-se, procurando por pelo menos um centímetro de espaço entre eles.

– Não fuja agora, eu só vou beijá-la até chegarmos ao maldito apartamento.

Ele beijou-a antes que ela pudesse protestar, mas ao contrário do que aconteceu no elevador que entraria para os recordes dos beijos mais fortes da história, Beatrice sentiu seus lábios serem beijados com suavidade. A boca de Sean pressionou-se contra a sua, ela podia seguir seus movimentos, intuiu quando a língua dele veio procurando a sua e sabia que precisava pender a cabeça para o beijo se aprofundar. Os dedos dele apertaram um pouco mais sua mandíbula, ambos trabalhavam no beijo, sabendo o que precisavam fazer. Ele deixava-a impor seu ritmo, dava-lhe tempo para aproveitar o sabor do beijo, permitia que seu corpo começasse a espalhar as sensações, aquecendo-a e excitando-a gradualmente, ao invés daquele furacão que a tomara na quarta.

Era exatamente disso que Beatrice fugia, quando ela esperava algo, ele vinha com um presente bem pior. Ela ainda estava bagunçada por aquele beijo violento no elevador e agora que retesara seu corpo, esperando que ele a esmagasse contra a porta, Sean atacava suas defesas, beijando-a com um desejo controlado de quem queria aproveitar cada movimento, experimentando-a sensualmente, com lábios macios e incisivos, sabendo o que queria, mas provocando-a a acompanhar se tivesse coragem de deixá-lo penetrar suas defesas.

Seu corpo já havia correspondido, relaxara ao toque dele, ao gosto bom de sua boca, uma mistura de chá gelado e o do sabor docinho dos donuts. Ela só queria continuar o beijo, pedir que a tocasse mais, deixá-lo acalmar seus nervos e se abraçar a ele para sentir aqueles braços fortes em volta dela enquanto se pressionava contra seu corpo grande e quente. Até o cheiro dele parecia envolvê-la gradualmente, uma mistura do xampu e da colônia masculina que ele usava, ficava marcado de uma forma que você só queria encostar o nariz na pele dele e inspirar mais.

Eles já estavam de volta a Manhattan e Sean seguia deliciando-se na boca dela, enroscando a língua à sua, depois a sugando como se

precisasse mantê-la atenta. O carro parou justamente quando ele tinha capturado o lábio inferior dela entre os seus. Ambos sentiram o carro parar, mas ele ainda depositou mais um beijo sobre os lábios dela que a essa altura já estavam muito bem usados, úmidos e protuberantes. Sean tinha uma semana de atraso no plano e quatro anos reprimidos para compensar. Então meia hora beijando-a num carro, numa posição não muito favorável e sem conseguir tocá-la direito parecia mais como tirar brinquedo de criança do que presenteá-lo. Ele ia chegar em casa duro de novo e ter que rumar para a banheira de água fria ou a ducha gelada, de um jeito ou de outro, ele ia bater um papo com sua mão.

– Você me deixou de molho uma semana, Beatrice – ele disse quando ela conseguiu quebrar o contato.

No momento ela estava segurando sua bolsa, forçando-se a não escapar do carro.

– Você quase me matou no elevador – ela devolveu.

– Se não tivesse a maldita câmera eu com certeza tinha atentado contra a sua vida.

– Já valeu por dois dias!

– Me dá dois dias sozinho com você, só nós dois, sem interrupções, nem precisa vir muito colaborativa. Eu dou um jeito nisso. Depois você me diz o que vale dois dias comigo.

Ela forçou a mente dela a não criar essas imagens.

– De qualquer forma, amanhã ainda é domingo – ela falou rápido.

– Amanhã já é domingo, de outra semana. Você quebrou sua tarefa da semana.

– Ainda dá tempo.

– No calendário a semana começa no domingo, ninguém disse que seguiríamos um personalizado.

– Mentira! Vai me dizer que sua semana não começa efetivamente na segunda?

– Não arranje desculpas, Beatrice. Nós não vamos mais fazer isso. Eu deveria puni-la por jogar fora uma semana e arranjar um programa que você teria que aceitar.

– Isso não é justo!

Sean deitou a cabeça contra o assento e ficou olhando o teto do carro.

– Uma semana. Se eu não houvesse invadido o seu escritório ia ficar por isso mesmo. E não tente negar.

Beatrice soltou o ar, amaldiçoando sua agenda. Ia ter que revê-la.

– A partir de agora, quem quebrar o ciclo vai ter que entrar sem reclamar na proposta do outro.

– Agora nada! Na próxima vez.

Ele desencostou a cabeça e olhou-a.

– Tanto faz, eu não vou perder a minha semana por nada. E você?

– Eu tenho uma ideia – ela olhou para a bolsa que apertava no colo.

– Ah, é mesmo? – Sean tornou a se virar um pouco no assento. – E qual seria?

– Um encontro.

Ele levantou a sobrancelha, calculando o que isso tinha de diferente e quais vantagens lhe trariam.

– Acho melhor você tirar algo muito bom da bolsa – ele avisou.

– Só nós dois – ela completou.

– Como um casal? – ele continuava com aquela feição descrente, apenas observando-a.

– Sim, um encontro como casais normais fazem. Sabe, quando saem para jantar e bem... Conversar.

Nem morta que ela ia admitir que casais normais saíam para jantar, namorar, beber uns drinks, conversar e em geral planejavam um “após”. A ideia dela era apenas um encontro, algo que eles não faziam há anos, ao menos não com o propósito de encontrar um ao outro, passar umas horas juntos, sem mais ninguém na mesa, sem fotos, sem coluna social ou pratos caríssimos para a caridade.

Sean abriu aquele sorriso sacana, meio de lado que causava uma leve cova do lado direito, algo para lá de sexy que só aparecia quando ele estava com esse sorrisinho sem vergonha.

– Casais normais, uh? – ele apoiou a mão no banco e foi para perto olhá-la, apenas porque sabia que ela ficaria danada da vida. – Saindo para jantar e tudo mais.

- Sim.
- Você está me convidando para um encontro romântico? – a voz dele já era pura provocação e motivo para ela desistir disso.
- Não precisa ser romântico!
- Não? Sério? Eu jurava que casais normais gostavam de romance. Posso estar enganado. Afinal, o que eu sei?
- Não foi isso que eu quis dizer.
- Claro que eu aceito sair com você para um jantar romântico, Beatrice. Vai ser muito divertido. E como você está convidando, dessa vez não vai me dar o bolo.
- Eu não estou... – ela parou e soltou o ar. Sim, ela tinha acabado de convidá-lo para sair em um encontro desse tipo, não adiantava teimar. – Mas só dá para ser na terça.
- Ele se endireitou no lugar e claramente não gostou da notícia.
- Por quê?
- Amanhã não abre. E nem na segunda.
- Todos os lugares de Nova York?
- Não pode ser qualquer lugar! Fiz Hartie escrever uma lista, escolher e ainda reservar.
- Troque – ele devolveu, nem um pouco impressionado.
- Não! Não pode ser em qualquer lugar.
- A resposta de Sean foi uma cruzada de braços bem lenta, aquela que no final você se ajeita no lugar e olha seriamente para o que causou o problema.
- É o nosso primeiro encontro. Digo... Oficial. Depois que resolvemos entrar nisso – ela argumentou.
- E você não é romântica. Imagina se fosse. Sabe, só para começar você podia ter me convidado para pelo menos sentar no seu sofá ao invés de me dispensar do carro.
- Uma coisa de cada vez!
- Ele continuou com os braços cruzados e apenas olhou para frente, lembrando a si mesmo de que era bem feito e quem estava com a ficha suja ali era ele. Ok, ela também era muito culpada pela merda que fizeram ao casamento, mas ele quem tinha colocado a cereja bem no topo do chantilly.
- Vai ser terça-feira – ela avisou.

- Que horas eu te pego?
- Sete e meia.
- Ótimo.
- Você está com a terça livre? – pessoais normais podiam já estar livres naquele horário, mas Sean não tinha nada de normal.
- Eu não sei se você notou, mas eu estou em casa. Estou lá diariamente, trabalho no horário comercial e volto para o nosso apartamento, tudo para ter a agenda livre para nossa tentativa. Não que esteja fazendo muita diferença.
- Beatrice esticou o braço e tocou a coxa dele, próximo ao joelho. Ela deu um leve aperto, como se quisesse ajudar o ânimo dele, mas se arrependeu porque era impossível tocar e não sentir os músculos por baixo dos seus dedos. Dava vontade de ficar apertando.
- Você vai acabar gostando da vida com tempo livre – ela declarou.
- Eu já começaria a gostar se você apertasse um pouco mais para cima e sem essa cara de amiga da onça – ele respondeu, lançando um olhar para o local “casto” onde estava a mão dela.
- Você não vale um centavo! – ela tirou a mão e empurrou a coxa dele.
- E o que você vai fazer na segunda? – Sean ainda não parecia nada satisfeito com essa arrumação dela.
- Trabalhar.
- Sério? Isso porque eu arruinei tudo especialmente por não parar de trabalhar e viver mais em aviões do que em casa – ele disse, soltando seu tom sarcástico.
- Mas aí eu terei a terça livre só pra você – Beatrice sabia que estava colocando a mão no fogo.
- A sobancelha direita de Sean levantou e ela percebeu que havia conseguido a atenção dele.
- Vou escolher um vestido, pentear o cabelo... – ela adicionou, provocando.
- E vai colocar uma lingerie e se perfumar só pra mim? Não vou conseguir dormir até lá.
- Pode ser... Acho que todo mundo faz isso quando sai em encontros, não é?

– Sim, Beatrice. Até pessoas como nós fazem isso quando se encontram. Você colocava umas calcinhas lindas quando namorávamos. Eu nem sempre conseguia tirá-las, mas...

Ela se virou e puxou a alavanca que abria a porta do carro e o escutou rindo. Ele se lembrou de lhe dar a caixinha com os donuts, antes que ela fugisse. Quando já estava do lado de fora, Beatrice se lembrou de algo e se virou. Não foi surpresa pegar Sean segurando a porta e esperando como se soubesse que ela ia falar mais alguma coisa.

– O que você vai fazer amanhã? – ela perguntou de supetão.

– Tenho um compromisso. Afinal, não é só você que pode estragar a agenda – a cara que ele fazia era tão cínica que dava vontade de socar.

Ela realmente tinha pensado em vê-lo amanhã, para que sua dívida na terça não estivesse tão grande e se espantou com sua vontade de saber que compromisso ele podia ter em um domingo. Mas controlou a vontade de investigar a vida dele e retomou o caminho para o seu prédio.

– Nem um beijo, Bea? – ele perguntou da porta.

Ela se virou rapidamente.

– Você me beijou pelos últimos quarenta minutos!

– Trinta.

– Meus lábios estão até... – ela passou os dedos sobre a boca, procurando a palavra para descrever.

– E o que você vai fazer quando eu passar a noite inteira a beijando?

Correr! Sim, fugir para as montanhas. Isso que ela ia fazer, ou começar o tratamento com calmante, quem sabe uns florais para já ir ficando calma.

Estou aqui eufórica, postando do meu celular só para mostrar minha foto com Sean Ward! Morram de inveja! Olha esse homem, alguém me diz em que chocadeira os Ward estão fabricando, porque MEU DEUS! Ele é enooorme, minha gente! Eu só fiquei danada da vida porque não estava com meu modelito pretinho. Mas não podia

perder a oportunidade. Sean–W passou lá na festinha louca da Maribel Petterson só para fazer uma social e buscar Bea–W. Aliás, tirei foto com os dois também! Fiquei parecendo a Betty, a Feia no meio deles, mas já tenho a minha foto. Preparem–se para o post completo sobre a festa, como sempre, muito babado para contar!
(397 comentários)

Capítulo 15

Quando eu olhar pra você, tenha certeza que estou fantasiando sobre tirar cada peça de roupa do seu corpo.

O domingo de Beatrice foi de puro descanso, ela tinha exagerado essa semana e precisava recarregar a bateria para aguentar a próxima. Estava se sentindo tensa e cansada além do seu normal, o longo banho de espuma não foi a mesma coisa naquela banheira do apartamento em Sutton Place. A sua banheira lá no triplex tinha jatos de massagem, controle de temperatura bem perto dos seus dedos, um lugar macio para por a cabeça e era enorme. Bem, ela saiu do banho sabendo que ia ter que se acostumar. Não ia voltar para o triplex, tinha tomado sua decisão e se estivesse lá nada disso seria possível. Saiu de sua zona de conforto, tanto física, quanto emocionalmente.

Seu adorado quarto que era também seu santuário, ficara lá. Estava nesse apartamento estranho, sem muita personalidade apesar dos seus esforços para dar uma cara de lar e decorar de acordo com seus próprios gostos. Mas aquele apartamento inteiro não a protegia tão bem de Sean quanto seu quarto lá no triplex. Era tudo território novo.

– Rose, tudo bem por aí? – Beatrice perguntou à irmã, após abrir conversa nela pelo Skype do seu tablet.

Rose a convidou para uma chamada de vídeo e assim que abriu a tela, ela viu que Beatrice estava na cama enquanto ela estava esparramada no sofá com o notebook no colo e cara de exausta.

– Estou esgotada. Levei as crianças para uma festa e eles aprontaram todas. Acho que estou ficando velha – reclamou Rose, fazendo cara de dor, porque suas costas estavam matando, o remédio ainda não fizera efeito.

- Aliás, vai ter aniversário esse ano? – perguntou Beatrice.
- Trinta e cinco anos é um marco! – disse Rose, mais animada. – Daqui a cinco eu entro pra casa dos quarenta.
- Só farei aniversário quando completar trinta – disse Beatrice.
- Fica quieta, sua fedelhinha! – reclamou Rose, tendo que ser lembrada de que era a irmã mais velha. – E sua saga com o maridão?
- Não consigo nem imaginar Sean sendo chamado de maridão.
- Fácil. Um homem daquele tamanho, sem roupa, na cama, pronto para o seu uso... Você se acostuma com o maridão rapidinho.
- Rose! Eu não fico sexualizando o Matt!
- Cada coisa no seu lugar. Seu marido é domínio público, não tem como olhar e não sexualizar aquilo. O meu é um pai de família que esconde o jogo e eu sou a única com o privilégio de saber como é sexualizá-lo inteirinho.
- Tira essa imagem da minha cabeça! Pelo amor de Deus!
- E essa história de a sogra ter voltado, como assim? – disse Rose, ainda rindo e mencionando a mensagem de Whatsapp que haviam trocado.
- Cara, o que eu faço com uma sogra como Candace? Ela me disse para sair com outro homem.
- Minha sogra não me diz essas coisas, acho que ela ameaçaria cortar fora o meu pescoço de novo. Quando dizem que gente rica é pirada, ficam achando preconceito. Por que ela disse isso? Tem algum cara correndo atrás de você?
- Não exatamente...
- Ah, para tudo! Quem é? – exclamou Rose, sem conter a animação.
- Não tem ninguém especial.
- Vou baixar aí em Nova York e dar na sua cara se estiver mentindo pra mim.
- Dave Campanale. Ele tem dado em cima de mim e recentemente me contratou. Mas acho que ele espera que eu esteja incluída no pacote de decoração.
- Que isso! Parece até premissa para aquelas histórias de romance erótico que o mocinho rico e gato contrata a mocinha e aí

começa uma trama de sedução e sexo!

– Rose! Qual é!

– A diferença é que você já tem um mocinho gato, seu quase ex-marido com quem você já está numa trama de intriga, sedução, traição, superação, perdão e tomara... Muito sexo! Gostei mais da história com o marido, hein.

– Não está acontecendo nada disso em nenhum dos lados.

– Você está em negação, Beatrice. Sua calcinha quase dançou no banheiro da casa de uma mulher que você não conhecia. Duas vezes! Dois banheiros diferentes! Você sabia que eu nunca dei em um banheiro sem ser o da minha casa e o do hotel da lua de mel?

– Eu nunca parei para pensar em quantos banheiros você tinha transado, Rose.

– E você já deve ter dado em pelo menos uns dez banheiros ao redor do mundo.

– Você quer parar!

– Paris, Londres, Bruxelas, Madri... Ah, Nova York conta. Onde mais?

– Roselyn, eu juro que nunca mais te conto nada!

– E isso porque o casamento sempre foi louco. Imagina se fosse direito. Vocês iam poder até escrever um livro sobre os melhores banheiros do mundo pra transar. Já pensou?!

– Eu vou começar a falar das suas perversões antes do Matt!

– Ok, parei. E você pretende dar uma saidinha com esse tal Dave? To pesquisando aqui no Google e olha... Gostosão! Sua sortuda descarada.

– Não vou dar nada com ele.

– Mas eu ainda prefiro o Sean, também dei um Google nele e vi as fotos novas. Wow, aquela barba dá uma arranhada, não dá? Vou pedir ao Matt para deixar por fazer por pelo menos um mês.

– Não sei... – disse Beatrice, lutando para não se lembrar da sensação da barba por fazer de Sean, tanto no seu rosto quando era beijada quanto em seu corpo.

– De qualquer forma, acho que seu experimento não ia rolar. Ele ia matar esse tal de Dave.

– Ele não tem que matar nada! Eu não matei as minhas covers!

- Talvez se você tivesse saído com esse Dave antes... Aqueles com quem você disse que saiu eram bem mais ou menos.
- Vou sair em um encontro com Sean na terça.
- Terça? E isso lá é dia de encontro? Vocês não são dois viciados em trabalho que no dia seguinte vão estar bem cedo no escritório?
- Sim.
- Você está de sacanagem, Beatrice? Assim não dá! Encontros não funcionam desse jeito. Vocês são bem crescidinhos. Você está com medo.
- Não estou nada! Estou sendo cautelosa, você sabe o que ele fez.
- Está com medo, porque quando perder a calcinha, perde a barreira emocional. E depois que ele ultrapassar, eu quero ver!
- Não é nada disso.
- Você está falando com uma expert em barreira, ou você não lembra como eu me comportava depois do que o meu ex-marido fez? Matt teve muita dificuldade comigo, mas ao invés de perdoá-lo, meu problema era me perdoar e vencer o medo de tentar outra vez.
- Eu lembro. Mas era outra situação.
- Nem tanto, espero que você esteja ciente de que se propôs a tentar. Ou seja, você abriu a possibilidade de perdoá-lo e se isso não acontecer, tudo isso é tempo perdido. É melhor desfazer e esperar o divórcio. Além disso, fedelhinha, você está com medo de quê? Teve peito pra casar com ele, mas aproveitou a primeira chance de fuga dos problemas matrimoniais. E agora? O que você vai fazer?
- Você fala como se a culpa fosse minha – murmurou Beatrice.
- Não, mas você é que me importa. Só você. Não estou nem aí pra ele. O que você decidir, eu defendo. E estou com saudades, você vem me ver no aniversário, não é?
- Claro que vou. Estou adiantando todos os meus projetos e vou tirar férias para voltar em casa!
- Na sua antiga casa.
- Baltimore sempre vai ser minha casa. Minha família está toda aí.
- Alguém tinha que levantar voo do ninho, não é? Cheryl que morre de ódio por não ter sido ela! – alfinetou Rose e as duas começaram a rir.

Minha diva voltou! Socorro! Vou ter um ataque do coração! Alguém por favor, coloca Heart Attack da Demi Lovato de fundo para minha performance. Madame Ward (a original, Bea-W ainda não tem cacife para esse título) VOLTOU! Sim, crianças, vocês estão lendo certo. Nossa diva da alta sociedade está de volta à Nova York. Postei que as fontes afirmaram tê-la visto num chá chiquérrimo com a nora. Mas agora tenho fotos! No domingo ela saiu linda e maravilhosa com sua cria dos céus. Olha essa foto, parece até editorial de revista. Tem como madame Ward ficar mais diva do que ao lado do Sean? Ela é uma das poucas pessoas no mundo que não parece uma baranga ao lado dele. A outra é a atual senhora Sean-W, aquela maldita.

Será que madame Ward vai gravar o programa aqui? Se for, já estou reservando a temporada inteira para assistir. Onde coloco meu nome? Preciso de uma foto com ela pra estampar minha vida!
(208 comentários)

Quando Sean emergiu dos elevadores do prédio do Grupo Ward ficou quase cego com os flashes. Junto com ele estavam seus dois advogados corporativos, os três representantes da ferrovia europeia e mais membros do conselho saindo do outro elevador, além de assessores e seu diretor de marketing. Ele ficou imaginando quem deixou aquela gente armada de câmeras entrar no seu prédio, ia mandar mudar a política de fotógrafos no hall dos elevadores. Eles podiam ao menos ficar depois da cabine de segurança e das catracas, afinal aquela parte era domínio público, todo mundo podia visitar a sede do grupo. E havia uma saída alternativa a partir do hall dos elevadores no segundo andar, ele ainda não sabia porque não haviam desembarcado ali.

Sim, ele estava um pouco irritadiço hoje, todo mundo tem direito, não é? Ele já tinha usado todo o seu fingimento e aberto todos os sorrisos amarelos que conseguia durante a reunião que durou uma hora e meia. Agora era se preparar para os sites, revistas e seções de economia falando de sua nova aquisição, teorias sobre dominar o mundo, os sites o acusando de capitalismo canibal. Já até tinham

deixado a palavra “agressivo” de lado. Ele nem podia mais comprar bala que já achavam que era algum investimento. E a culpa sempre caía nele, podia ser o atual presidente do GW, mas não comandava a máfia dos Ward no mundo todo.

Seu primo, vice-presidente, responsável pelo GW na Europa e segundo maior detentor de ações, que começara essa ideia, porque estava investindo nas ferrovias por lá. Mas quem tinha que fechar e assinar era Sean. Ele ia dar um telefonema para Jared Ward, seu parente mais chegado e parceiro de esqui e snowboard. Quem lidaria com as entrevistas e detalhes sobre como eles não iam simplesmente mandar explodir tudo e aumentar o valor das passagens seria seu primo. Até onde sabia, Jared desembarcaria em Nova York na semana que vem e o filho da mãe ainda disse que viria de férias. Sean não sabia o que era viajar de férias há anos. Ele ia matar o primo.

– Olha a foto, patrão – disse Rico, chamando atenção de Sean.

Ele se virou, os outros já haviam parado e todos os membros da reunião saíram com sorrisos discretos e as peles brilhosas ou com os olhos estreitos pelos flashes. Sean saiu na ponta da foto, sem sorrir e com o olhar fixo. Um bando de gente ia recortá-lo da foto para falar do seu terno Hardy Amies, do seu corte de cabelo, da barba rente que ele estava mantendo e lhe dando um ar selvagem e também de como até de mau humor ele ainda era o cara mais gato no Top 10 da Forbes.

– Você pode me comprar se quiser, Sean! – alguém gritou do meio dos fotógrafos e curiosos que observavam a saída.

Todos riram da tirada e ele foi andando na frente com Rico em seus calcanhares, lhe dizendo que agora tinham o almoço com aquele mesmo grupo e depois ele tinha uma hora livre antes da conferência com Jared e mais três membros do conselho, cada um ligando de um país.

– E depois? – Sean seguiu direto para o carro onde Kevin aguardava com a porta aberta.

– Duas horas para analisar e assinar uns documentos. O Sr. Milford estará a postos – seguia Rico, falando do advogado sênior. – Precisamos liberar esses documentos hoje. E tem uma reunião às

quatro com o pessoal do marketing, para apresentar as novas campanhas institucionais internas e os vídeos dos novos anúncios de cinco subsidiárias. Todos de bens de consumo. Os anúncios das companhias de seguro serão apresentados amanhã.

- Estou com dor de cabeça, Rico. Fecha a matraca.
- Aspirina?
- Amanhã eu só posso ir a uma reunião.
- Marco a massagista para hoje?

Sean procurou seu Ipod nos bolsos do paletó, Rico abriu a pasta de couro com os pertences pessoais de Sean e lhe deu o aparelhinho. Depois que ele colocou os fones e recostou a cabeça, o assessor se manteve digitando no notebook apoiado na mesa extensível do carro e falando com Estella para mudarem algumas coisas na agenda de amanhã e para ela já avisar a todo mundo que hoje era um daqueles dias. Enquanto isso o celular de Sean seguia se atualizando, recebendo e-mails e as mudanças de cronograma.

O engraçado eram as marcações de Rico para hoje à noite; às sete ele marcou "tempo livre com Mrs. Ward", às oito ele marcou "jantar" e a partir das nove colocou "leitura, relaxamento e sono". Rico sabia que quando Sean chegasse a ver isso ele não estaria ao seu alcance para ser esganado. Mas ele estava adorando essa fase do chefe em casa, assim podia participar mais e não ficava apenas seguindo e assessorando para que as decisões profissionais de Sean fluíssem bem.

O celular de Beatrice apitou, recebendo atualizações de cronograma. Pelo barulho ela já sabia que era Rico, ela estava almoçando sozinha então pegou o aparelho e teve vontade de ligar para ele querendo explicações sobre aquele cronograma. Para ela, Rico colocara: sete horas "receber mensagens de Mr. Ward", oito horas havia "relaxamento e jantar", às nove horas estava programado "uma hora para série do dia", levando em conta as séries que Beatrice gostava de assistir e às dez horas havia "sono de beleza". Alguém tinha que dar uns socos em Rico.

BEA 13:25 – Você deixou Rico tomar conta até dos horários pessoais?

SEAN 13:28 – Não, por quê?

SEAN 13:29 – Já vi. Mas ele programou a sua noite também?

BEA 13:30 – Sim... Tenho até sono de beleza às 22h. E segundo ele, receberei mensagens suas às 19h.

SEAN 13:31 – Nem sei se já terei chegado em casa às 19h.

BEA 13:32 – Você só me manda mensagens de casa?

SEAN 13:33 – Na maioria das vezes eu mando do carro.

BEA 13:35 – Você manda aquelas indecências do carro?

SEAN 13:36 – Hoje eu estava bem no meio da assinatura de um contrato quando lembrei.

BEA 13:38 – Por isso que chegou mais tarde? Mas, sério... um contrato?

SEAN 13:39 – Confessa que você fica esperando. Sim, eu precisava de algo pra me distrair.

BEA 13:40 – Já vi aqui no meu feed de notícias sobre algo mais que os Ward compraram. Mais trabalho? Sua imaginação me surpreende, por isso que fico lendo.

SEAN 13:42 – Põe mais essa na conta do Jared. O que posso fazer? Você me dá ideias.

BEA 13:44 – Jared? Seu primo bonito? Ah! Vi uma foto dele esses dias, saindo de algum bar em Milão.

SEAN 13:45 – Meu lado da família sempre foi mais bonito que o dele.

BEA 13:48 – Eu o vi da última vez que ele esteve na cidade.

SEAN 13:50 – Eu sei, ele esfregou o almoço divertido com você na minha cara.

BEA 13:52 – Se eu tivesse uma irmã livre e ele fosse menos mulherengo...

SEAN 13:53 – Escravizar um Ward já não é suficiente para você?

BEA 13:55 – É claro que eu tenho total controle sobre você, Sean... Claro!

SEAN 13:56 – Quer testar?

BEA 13:57 – Rico sabe sobre amanhã?

SEAN 13:58 – Pelo amor de Deus! Não! Só sabe que devo vê-la. Já imaginou o que ele colocaria na agenda?

BEA 13:59 – 18h: Banho, maquiagem, penteado e escolha de roupa para encontro com Mr. Ward! Carro às 19:30 HAHAHAHAHA

SEAN 14:00 – Pra mim seria, 18:30h: Banho e barba. Xampu novo na prateleira. Ternos noturnos à direita do closet e carro às 19:15h.

BEA 14:02 – Mentira que ele continua sugerindo xampus novos! Hahahahaha

SEAN 14:03 – O filho da mãe... Não desiste nem com ameaças.

Ao contrário de Rico, Hartie tinha planejado todo o encontro, então ele estava mais nervoso do que quem ia participar. Era como se fosse o evento dele. Havia escolhido o restaurante, o horário, feito a reserva e só faltava mesmo ir junto. Quando deu quatro da tarde, ele expulsou Beatrice do escritório, ela ainda parou para beber um café e ele quase teve uma síncope quando eram cinco horas e ligou para o celular, mas ela estava no mercado perto do apartamento comprando umas coisas.

Hartie continuava insistindo que ela precisava de alguém trabalhando em casa, mas Beatrice sabia se virar na cozinha e Don era sua cobaia. Ele ainda não havia reclamado de nenhum prato que ela preparara e nem desaparecera por estar passando mal. Além disso, eles pediam comida o tempo todo. Ela só não pretendia começar a quebrar suas unhas limpando o apartamento, já estava tendo problemas em organizar seu tempo livre sem as tarefas domésticas. Então Cristina havia dito que cuidaria de tudo e agora ela tinha que aguentar Lydia, sobrinha da governanta, limpando tudo e isso porque a moça também dava expediente lá no triplex.

Parecia um círculo vicioso, ela andava, andava e continuava se envolvendo com as mesmas pessoas. Pelo menos podia confiar na moça, desconfiava que Don ia criar problemas com alguém estranho entrando lá.

– Como assim você terminou tudo? – Beatrice dizia para o viva voz enquanto terminava de prender o cabelo em frente ao espelho do quarto.

Nesse momento ela estava sentindo falta do seu banheiro, onde tudo estava no lugar que esperava, a iluminação era perfeita e a cadeira também.

– Você me fez pensar! Aquilo não estava certo! – disse Elis, sua voz soando aguda enquanto saía do viva voz.

– Pera aí, você pulou a parte em que admite ter um caso com Justinho e já foi direto para o “terminei tudo”! – Beatrice se inclinou para o espelho e pegou o pincel para espalhar o batom que usaria, o vermelho “999” da linha Rouge da Dior que tinha ótima duração e ela conseguiria retocar sem estragar tudo.

– Sim, mas eu fiquei culpada depois do que você falou.

Beatrice levou um tempo para responder enquanto aplicava o batom, levantou e foi correndo até a cama olhar os três vestidos que tinha colocado lá e não sabia qual usar.

– Beatrice? – chamou Elis do telefone.

– Estou aqui. Eu não lembro bem o que eu disse...

– Disse que ele era um homem casado e isso não tinha futuro! Ele sequer prometeu que ia largar a esposa.

– Ah, Justinho não vai ter coragem de deixar Maribel. Ela quem teria de deixá-lo.

– Mas eu... – Elis parecia estar à beira das lágrimas. – Eu estava começando a gostar dele.

– Não estava não! – Beatrice largou o primeiro vestido e começou a se enfiar no segundo, mas quando se virou para o espelho, não gostou do resultado, seu quadril parecia muito largo sob aquele tecido vinho e aquele corte.

– Ele foi tão... Depois daquele meu namorado, ele foi o primeiro a se importar.

– Você só ficou impressionada porque seu ex era um patife! – Beatrice disse com a voz falhada por estar puxando o vestido preto e temendo não caber, mas deu certinho. Agora achava óbvio ir com aquele pretinho, esteve perdendo tempo. Um pretinho sempre era a resposta quando não sabia o que vestir. E aquele modelo nem era tão básico.

– Bem, ele era bom de cama...

– Não comece a contar detalhes sobre Justinho na cama, eu não posso sair de casa traumatizada – Beatrice puxou as mangas e ajeitou o decote sobre seu colo, subiu o fecho até em cima e

agradeceu as aulas de zumba por ele fechar de uma vez sem ela precisar encolher muito a barriga.

Hartie estava certo, ela precisava continuar indo dançar e sem faltar muito. Aquele jeans que estava apertado até havia voltado a fechar.

– Ele tem uns fetiches, sabe? Com dominação e tudo mais.

– Não sei! – Beatrice gritou, lutando para não imaginar Justinho de couro e chicote na mão. Ela não ia conseguir nem jantar. – Dá pra você pular isso?

Ela correu com seus chinelos de pano escorregando do pé e parou a frente dos pares de sapato que enfileirara a frente da cama, enfiou os pés em um modelo negro com saltos de doze centímetros e uma delicada presilha passando por seus tornozelos e terminando em um fecho que não garantia nada, abria fácil, mas era lindo e tinha uma meia pata interna e considerável que lhe dava conforto.

– Eu acho que ele tem algum tipo de trauma sexual. Tem necessidade de se afirmar na cama – continuou Elis, precisando desabafar com alguém.

– Quem não teria trauma dormindo com Maribel? – ela disse enquanto pegava o colar de pérolas e colocava em seu pescoço, parecia muito chique e calma com seu visual, não queria parecer que queria impressionar Sean. Mas agora, olhando-se, ela achou que podia ter ficado mais simples.

O telefone apitou avisando de uma segunda ligação, ela foi andando até lá e apertou o botão, deixando Elis em espera.

– Já está pronta? Você me prometeu uma foto! – era a voz de Hartie.

– Estou no meio de uma discussão com Elis e decidindo se preciso tirar mais coisa de cima de mim.

– Elis? Desliga essa louca! Eu dou um jeito nela. Não tira mais nada, cadê a foto? Se você se atrasar e perder a minha reserva eu mato você e essa baranga louca da Elis!

– Não fala assim dela, Hartie. Ela está passando por uma crise amorosa – Beatrice foi até o celular, tirou a maldita foto e deixou o aparelho na cama enviando para ele enquanto ia até o espelho aplicar o blush que havia esquecido.

– Minha nossa! Adorei esse cabelo preso! E esses olhos dramáticos! Tudo de bom! Bonitão não saberá o que o atingiu.

– Acho que vou soltar ou tirar um pouco desse delineador.

– Eu te mato! – Hartie gritou do telefone.

Don deu duas batidas na porta e avisou:

– O carro chegou – ele estava curioso também, todo mundo no triplex estava comentando que os dois sairiam juntos para um encontro de gente normal.

– Tenho que ir – ela avisou a Hartie, apertou o botão do telefone e avisou a mesma coisa à Elis.

Sean estava de pé ao lado do carro, Don lhe dera cinco minutos de espera. Sua irmã estava infernizando no seu Whatsapp, não parava de lhe dar dicas de encontro, como se ela fosse um ótimo exemplo de boas investidas. Seu primo Jared, para quem ele cometera o erro de explicar que não poderia conversar com ele pelo Skype mais tarde porque ia sair com Beatrice, baixou uma lista de coisas a se fazer em um encontro.

Ao menos Jared tinha mais crédito, ele devia sair em pelo menos dois encontros por semana e suas investidas tinham sucesso suficiente para alcançar os objetivos dele. E sua lista de ex-namoradas era mais extensa que a lista de funcionários de um andar inteiro do prédio do grupo Ward.

“Deixe que ela fale! Presta atenção, pode não te interessar, mas finge que estão discutindo como impedir a próxima guerra” – dissera Jared e Sean danado da vida, dizendo que ele sempre prestava atenção no que ela dizia, afinal era quando conseguia mais chances. Além disso, achava os assuntos de Beatrice interessantes, ao menos quando ela se dispunha a gastar seu tempo conversando com ele.

“Se você estivesse dando atenção direito, ela não estaria pedindo o divórcio!” – teimara Jared, que em questão de relacionamentos sérios e duradouros era a última pessoa que podia dar opinião. Custaram vários rangidos de mandíbula a Sean ter que explicar que Beatrice não esteve exatamente querendo sua atenção e no momento ele estava a ponto de se candidatar a uma ordem de

restrição se continuasse lhe dando toda a sua atenção como gostaria.

Ele olhou o relógio, havia passado os cinco minutos. A porta do prédio abriu e Don saiu, enorme e com sua melhor cara de mau, o porteiro segurou a porta e Beatrice ultrapassou os dois. Sean nem sentiu quando desligou e guardou o celular no bolso. Ela foi andando em sua direção sobre aqueles saltos sensuais e com os passos firmes, com seu corpo curvilíneo envolto no tecido fino do vestido negro e justo, todo o seu colo estava à mostra e seu pescoço estava adornado por pérolas brilhantes e delicadas. Era a única joia chamativa, os brincos eram minúsculos e usava um anel no mesmo dedo da aliança que ela não tirara pelas aparências.

Sean se endireitou, pensando que ela prendera o cabelo e se maquiara só para ele. Ela nem estava à sua frente ainda e ele sabia que imaginava, mas já podia sentir o cheiro do seu perfume. Sabia que estava encarando. Quando era garoto até tentaram lhe ensinar que era feio encarar, mas não era agora que aprenderia.

– Eu esqueci como você é um maldito pontual – ela disse, parando em frente a ele com um olhar divertido e sem precisar levantar tanto a cabeça, já que os saltos altíssimos a deixavam mais próxima a altura dele.

Agora sim ele estava sentindo seu perfume, mas sorriu e se inclinou para beijá-la no rosto, pensando como gostaria de estragar aquele batom vermelho passado tão perfeitamente. Ele ia precisar de muita força de vontade para encarar aqueles lábios rubros e deliciosos por todo o jantar e olhar para o seu pescoço desprotegido e à mostra para ele como se já esperasse pelo seu toque.

– Tem certeza que eu preciso dividi-la com um restaurante inteiro? – ele desceu os olhos por ela, transparecendo sua admiração e o desejo em seu olhar era muito claro.

– Pessoas normais conseguem, lembra? – ela juntou as lapelas do casaco que usava por cima do vestido e era uns cinco dedos mais longo e antes que ele fizesse, ela abriu a porta da Ferrari e entrou, deixando que ele fechasse.

Enquanto Sean dava a volta, Beatrice soltou o ar e se perguntou por que não tomou um calmantezinho sequer. Ela queria parecer que

não se esforçara, mas Sean estava decidido a se esforçar por ela, não que ele precisasse. Devia ter usado o xampu de sempre, porque ela reconhecia o cheiro, sua barba estava aparada e sexy, dava quase para imaginar a sensação do toque. Ao contrário do que ela imaginou, ele não simplesmente se barbeou, o que ao menos no imaginário dela seria mais fácil de encarar. Ela não pretendia lhe dizer nunca como se sentia ainda mais atraída por aquele seu visual meio rebelde, com a barba rente e nos locais certos.

Como se não fosse suficiente, ele saíra do básico e não ia poder reclamar das fotos sobre seu estilo por misturar muito bem as peças formais, colocando um blazer com botões duplos por cima de um colete mais claro e gravata azul escura sobre uma camisa imaculadamente branca. Ele não estava lindo, isso seria algo bobo de dizer. Estava totalmente comível, mortalmente sexy, pronto para ser desembrulhado, amarrotado, mordido, cheirado e ter aquele cabelo escuro e lustroso bagunçado em ondas que acabariam caindo para sua testa enquanto alguém se segurava à sua nuca.

Onde estava o botão de aumentar o ar condicionado?

Beatrice não queria se sentir assim tão loucamente atraída pelo marido, sentia que isso atrapalharia seu bom senso. Já sabia que a atração entre eles era inevitável, forte demais para conseguirem lidar, jogava-os num redemoinho contra o qual não podiam lutar, foi assim que acabaram fraquejando nesses anos; sempre que abaixavam a guarda eram tragados e terminavam juntos. Estiveram resistindo desde o aniversário de Candace, estava quase chegando mais um aniversário dela, era bom conseguirem resistir pelo menos até lá.

– Aliás, para onde nós vamos? – Sean perguntou, assim que deu partida no carro.

– O Grenouille.

– Sério? Hartie não podia ser menos óbvio? Não sei se vamos passar despercebidos por lá – ele digitou no GPS, pois já não lembrava o endereço exato.

– Ele disse que era o lugar perfeito, onde ele nos imaginava. E que na opinião dele é romântico, cheio de flores e a comida é divina.

Eu não vou lá há muito tempo. Queria o River Café, mas ainda está fechado.

– Quem gosta do Grenouille é minha mãe – Sean riu e pegou a Rua 61 porque pretendia descer pela Quinta Avenida, eles enfrentaram um pouco de trânsito, mas nada que os atrasasse.

– É a cara dela – opinou Beatrice, sabendo do gosto de Candace para tudo com ar antigo e chique.

Capítulo 16

*Quando eu olhar pra você, comece a tirar a calcinha. Devagar...
você sabe que eu gosto de ver.*

Eles chegaram num horário bom, a reserva lhes permitiu uma mesa no canto de uma das divisórias dos tradicionais sofás vermelhos do La Grenouille. O restaurante era lindo, romance puro, desses que vem logo a mente de alguém como o lugar perfeito para um pedido de casamento ou um encontro especial. Uma das características mais famosas do local eram seus lindos arranjos de flores espalhados por todo o salão de jantar e não se encontrava igual por aí. As luzes douradas davam um ar de importância e romance à moda antiga.

Todos falavam das mesas cobertas por toalhas imaculadamente brancas e a decoração sobre elas era delicada, cada mesa tinha uma dupla de pequenos abajures de luz dourada e um arranjo de rosas do tamanho deles. Só era preciso entrar e se acomodar para sentir-se imediatamente conquistado pelo clima. Hartie bem que acertara na escolha, não era óbvio já que nenhum dos dois havia pensado nesse lugar.

Beatrice estava esperando que eles conseguissem uma daquelas mesas bem no meio de outras, em que teriam que ficar um de cada lado da mesa. Ela no sofá e Sean na cadeira, ao menos assim pensara quando bateu os olhos no salão. Mas foram guiados até aquele canto, onde ambos ficariam no sofá, bem na virada e ele estaria ao seu lado, perto demais, nem precisavam do incômodo do braço ter que atravessar sobre a mesa para haver algum toque.

Se ela quisesse por a mão naquela mandíbula máscula, com a barba rente a cobrindo era só levantar o braço e esticá-lo um pouquinho, os outros nem notariam. Ela se ajeitou primeiro,

sentando-se de costas para a parede, com um quadro em moldura dourada acima de sua cabeça. Sean sentou-se no lado direito, com as costas para o outro lado do salão de jantar, havia pessoas de costas para eles do outro lado do sofá, era o que havia de mais cômodo e reservado ali.

Ela ia esganar Hartie se ele conhecesse alguém na reserva e tivesse pedido exatamente essa mesa. Se havia alguém que conhecia gente em todo lugar era seu assistente. Se ele ainda não dormira com a pessoa, conhecia alguém que já o fizera ou já ficara bêbado em algum lugar onde acabou encontrando todos.

Beatrice observou o arranjo bem à frente deles, era enorme e lindo. Um dos garçons, vestindo aquele uniforme branco com gravatinha negra apareceu para falar dos vinhos e da entrada. Nenhum dos dois era exatamente fácil de se decidir no que comer, especialmente num lugar que não era seu habitual. Então iam beber um pouco e pensar depois, até porque estavam ambos imaginando que num encontro você gasta certo tempo.

– Sabia que eu vou redecorar o apartamento onde você morava?
– disse Beatrice, iniciando logo um assunto para mantê-los entretidos e nenhum dos dois ter ideias antes de sequer começar a entrada.

– Mesmo? – Sean sentara-se o mais perto dela que dava, suas pernas longas estavam se encostando as dela e ele se inclinara em sua direção, com toda sua atenção concentrada nela. – Ela vai mudar tudo?

– Sim, segundo Candace, ela resolveu me escolher porque tem visto e lido por aí que sou um novo talento, já com a agenda cheia e projetos badalados demais para uma decoradora tão nova. Então ela acha que devo ser boa – Beatrice sorriu e foi forçada a olhar para cima.

Ela falava baixo, já que havia gente nas duas mesas que ficavam próximas. Ninguém estava falando alto, mais um ambiente repleto de gente conversando em tom normal e alguns conversando intimamente, obrigava a pessoa a se aproximar e prestar atenção. Ela descansara as mãos sobre a mesa e Sean não sabia onde por as

dele, porque o lugar onde ele queria por ainda parecia fora de alcance.

– Minha mãe é uma figura. Ela também me diz coisas bem parecidas sobre minha habilidade para investir o dinheiro dela. A última foi algo sobre eu merecer crédito já que consegui um aumento médio acima da porcentagem aceitável para o grupo. E ela ainda citou todas as porcentagens dos relatórios que recebe como acionista.

– E eu pensando que tudo isso era porque ela gostava de mim – disse Beatrice, ironicamente.

– Ela gosta muito de você. Acredite. Já teríamos problemas a essa altura se ela a odiasse.

O garçom que os atendia era prestativo, mas nada invasivo e não parecia com a menor pressa de vê-los comer e desaparecer. Ele trouxe o champanhe, falou dos pratos recomendados da noite e sobre o que seria ótimo para a transição dos vinhos que estavam disponíveis na adega.

– Minha irmã quer matá-lo – ela disse de repente e a cara que ele fez a forçou a rir.

– Rose me ligou – ele confessou.

– O quê? – ela cruzou os braços e ficou olhando-o com o cenho bem franzido. – Quando? Aquela vaca não me disse.

– Bem, não era para eu te contar. Mas já que estamos sendo sinceros... – o sorriso dele sobre a taça ia contra o tom inocente de sua alegação.

– O que ela disse? – demandou Beatrice.

– É pessoal – Sean se obrigou a tirar os olhos de cima dela enquanto bebia mais um gole.

– Eu te obrigo a falar se você não colaborar – ela ameaçou.

O olhar dele voltou imediatamente para ela.

– Eu adoraria saber como.

– Cócegas? – ela sugeriu.

– Você vai procurar onde eu sinto? – ele podia jurar que tentou parecer sem segundas intenções, mas falhou.

– Abdômen?

– Não... – ele negou levemente.

– Costas?

Sean apenas bebeu um gole do champanhe.

– Pés! – ela disse por fim, gostando de sair da “região perigosa”.

– Um tanto difícil, não acha?

Beatrice soltou o ar e ficou olhando enquanto prensava os lábios. Sean sabia que ela estava pensando sobre algo que devia fazer ou não, então ele deixou a taça, recostou-se e sustentou o olhar dela, aguardando calmamente.

– Você quer me beijar hoje? – ela perguntou baixo.

A testa dele se franziu imediatamente e ele moveu os lábios, havia o barulho e ela falara baixo, ele estava considerando se escutara certo.

– Não faz parte do encontro? – ele perguntou de onde estava, obrigando-a a prestar muita atenção também, pois estava jogando o jogo dela e usando o tom baixo.

Beatrice balançou a cabeça levemente, negando a pergunta e aproveitou para beber um gole do champanhe, ambos estavam ignorando a entrada.

– Eu quero – ele respondeu, acompanhando os movimentos dela com o olhar.

– Então você vai me contar o que ela disse.

A sobrancelha direita dele se levantou e um leve sorriso se desenhava em seus lábios.

– Você joga baixo – Sean continuava onde estava, apenas observando.

Como se concordasse ela levantou um pouco a taça em oferecimento a ele, bebeu outro gole e descansou-a na mesa.

– Mas eu falei com seu cunhado também. Ele é um cara divertido, você devia ter me dito. Eu não me lembrava disso.

Ela voltou a olhá-lo seriamente, louca para saber que história era essa de Rose e Matt estarem se aproximando de Sean.

– Está falando sério?

– Ele me adicionou no Facebook e no Skype. Seus sobrinhos deviam vir conhecer Tibby – ele dizia, sabendo que estava atizando a curiosidade dela.

– O que eles querem? – Beatrice demandou mais incisivamente.

Sean balançou a cabeça negativamente e voltou a prender o olhar nela.

– Meu beijo – ele lembrou.

– Eu concordo em te dar.

– Não, eu quero agora.

– Agora? – ela franziu a testa e deu uma olhadinha discreta em volta.

– Agora. A informação é boa, você quer muito e eu tenho vários detalhes. Meu pagamento é alto.

Ela mordeu o lábio e ficou olhando-o, ponderando se queria abrir mão e perder aquela espécie de jogo que havia se desenvolvido do nada e de algo que jamais esperaria.

– Tudo bem... – ela murmurou.

Sean ajeitou-se bem onde estava, ninguém ia poder crucificá-lo por já estar excitado, só de olhar para ela seu corpo correspondia, sua mente se enchia dos mais variados pensamentos eróticos. Mas quem o colocara nessa linha fora ela. Quando perguntou se ele queria beijá-la hoje, foi como ligá-lo na tomada, não ia mais parar, só ficar pior.

– Vem cá – ele lhe disse. – Eu quero aproveitar meu beijo do começo ao fim – Sean passou a ponta da língua pelos lábios, umedecendo-os como se já pudesse sentir o toque dela. Fazia tempo que ele não ficava tão excitado só por anteciper um beijo e logo num lugar onde não ia dar para levar a frente.

Percebendo que ia precisar pagar pela informação, Beatrice moveu-se no lugar, indo para o lado dele, assim conseguiria se inclinar. Mas quando estava mais perto da curva do sofá ela apoiou as mãos no assento e foi se inclinando para ele. Sean mordeu o lábio vendo-a fazer isso, os olhos presos nele, os lábios entreabertos e o decote bem a vista dele. Se alguém estivesse os observando ia se sentir bem intrusivo no momento, eles estavam completamente entretidos um no outro e o olhar dele devia ser algo reservado para um quarto.

Beatrice encostou a boca na dele que correspondeu selando o beijo e quando virou o rosto já afastou mais os lábios e usou a língua para que ela lhe desse espaço. Eles trocaram um beijo curto,

mas quente e com movimentos lentos com suas línguas se encontrando brevemente, como se prometessem algo para mais tarde.

Quando Beatrice afastou o rosto e o olhou, ela engoliu a saliva devagar e procurou um lenço de papel na bolsa, voltando para limpar os lábios dele do seu batom vermelho. Sean ficou bem quieto deixando que ela fizesse o trabalho, ele havia adorado estragar a perfeição do batom dela, estava doido para fazer isso desde que a vira na saída do prédio.

Em seguida ela pegou o espelho e olhou o estrago, limpou um pouco em volta e não retocou, ainda estava vermelho o suficiente para seguir o jantar. Agora ela não sabia como focar novamente na conversa, seu corpo a traía, sua mente estava evocando pensamentos que ela lutava contra. Podia sentir os seios mais pesados, os mamilos estavam eretos contra o sutiã, mas felizmente o fino bojo que ela usava não o deixaria perceber. Ela prensou os lábios e apertou as coxas.

Droga, ela o queria.

Só um beijo e ela já ameaçava perder o controle. Não conseguia se explicar para si mesma, estava indo bem, conseguiu resistir em situações muito mais íntimas e agora só conseguia pensar em pedir muito mais do que um beijo.

– Fica aqui – Sean impediu-a de se afastar novamente. – É mais fácil de escutar – e de tocar, mais isso estava bem óbvio.

– O que eles disseram? – ela conseguiu perguntar.

– Rose queria saber das cópias, me disse que se eu ainda estivesse metido com isso, ia lhe dizer para não tentar droga nenhuma. E também me receitou consultas com um psicólogo, porque isso não era normal.

– Eu não acredito... – ela murmurou.

– Ela me fez jurar – ele sorriu, realmente havia achado a conversa divertida e acreditara em cada palavra da irmã mais velha de Beatrice. Rose poderia acabar com seus planos se iniciasse uma campanha contra ele.

– Você jurou?

– Cada palavra. Não preciso de nada disso, não me acho normal, mas não preciso de cópia nenhuma. Eu só preciso que a original olhe pra mim – Sean tocou a mandíbula dela com os dedos e virou seu rosto para ele, encarou seus lábios e engoliu em seco, ele não estava conseguindo se conter hoje, estava estampado em sua face que não ia dar para fingir como nos outros dias.

Beatrice deu um aceno bem fraco para o garçom da mesa deles que veio anotar os pedidos, se ele não aparecesse agora ela mesma ia caçar o cara. Eles precisavam começar a comer para se distrair. Nenhum dos dois foi muito criterioso no que pedir, aceitaram sugestões, fizeram poucas perguntas e concordaram com toda a falação do homem sobre o que combinava com o vinho escolhido, qual prato era perfeito após a entrada que estava saindo da mesa intocada e já estava até falando da sobremesa.

– Só isso?

– Ela me manda mensagens perguntando como estou. Sempre digo que estou progredindo, acho que ela gosta porque responde “continue assim”.

– Ela não te pediu para fazer listas, não é?

– Não... deveria? – ele franziu a testa.

– Não! E o Matt?

– Ele gosta mais do Skype. Começou perguntando sobre o acordo pré-nupcial. Queria saber se eu não estava disposto a abrir mão.

– Sério que ele te procurou para isso? Ele é um amor – Beatrice juntou as mãos.

Ele passou o braço por trás dela, fazendo-a voltar sua atenção para ele, o que não era uma boa ideia no momento. Mas não gostou de vê-la tão encantada por alguém ter tentado ajudá-la a se livrar do casamento.

– Minha resposta foi não. Ele já sabia sobre minha proposta de ficarmos juntos – ele beijou os lábios dela levemente, ao menos para tentar se manter quieto ali e não carregá-la imediatamente para fora daquele restaurante.

– Vai sujar seus lábios de novo – Beatrice passou os dedos sobre a boca dele que dessa vez não ficara com resquícios. Mas ela estava

a um ponto de ceder e quando ele fechou os olhos e também beijou seus dedos, sua mão tremeu.

Sean abriu os olhos lentamente com o olhar já fixo nela, reparando em como ela estava se comportando. Ele franziu as sobrancelhas e pendeu levemente a cabeça, analisando-a abertamente. Beatrice rezava para trazerem logo a comida, ela precisava pensar em qualquer outra coisa e colocá-lo com as mãos e a boca ocupadas.

– Agora vocês se falam sempre? – ela perguntou, voltando ao assunto.

– Quando estamos ambos online. Ele me mostrou seus sobrinhos, eu só me lembrava deles bem pequenos. Matt é um homem agradável, ele tem ideias interessantes sobre como você e sua irmã são parecidas.

- Não me diga que ele está lhe dando conselhos via Skype.
- Nada muito íntimo, acho que ele é tímido.
- Ele é tímido com pessoas novas no círculo. Não o estrague!
- Não tenho pudor em também dar umas ideias a ele.
- Sean!
- Quem sabe sua irmã volta a gostar de mim...

O garçom enfeitou a mesa com os pratos bem arrumados e decorados, eles não estavam inovando muito em seus pedidos com salmão para Beatrice e cordeiro para Sean. Ela agradeceu aos céus quando se afastaram para comer, mas o vinho fez mais sucesso, eles não pareciam dispostos a mastigar muito, seu apetite não viera mesmo com aquele cheiro ótimo flutuando entre eles e em volta do salão vindo dos pratos de todos ali.

Beatrice estava contando, uma taça de vinho era tudo que podia. Sean estava no final de sua taça e não parecia animado para consumir outra. Poucos minutos depois os dois tinham consumido só metade do jantar e ela já sabia que precisava resolver seu problema com a sobremesa. Tinha que haver alguma coisa ali com muito chocolate para deixá-la feliz e calma, porque se sentia inquieta e sua mente insistia em lhe lembrar dos avisos que seu corpo lhe dava.

Esse negócio de ficar em estado de excitação constante e aguentar bem ou passar dias e dias nisso como todo mundo nos livros fazia, era tudo mentira. Estava assim há minutos e já queria se embebedar para dar um jeito de passar.

– Minha mãe me disse que tomou chá com você – disse Sean, se recostando e desistindo da comida, seu estomago já batera sua cota.

– Não viu nossa foto no meu Instagram? Postei ontem, tinha esquecido.

– Dessa vez eu não vi – ele bebeu mais um gole do vinho. – Ela lhe disse alguma coisa estranha?

Beatrice quase engasgou com a pergunta, mas manteve a pose, descansou o garfo e bebeu mais um gole de vinho para empurrar o que ficara em sua garganta.

– Nada demais, por quê? – só o fato de ela ter lhe dito para sair com outro homem, mas isso era o de menos, não é? Para que estragar o clima com... Estragar o clima! Era justamente isso que Beatrice precisava!

– Porque é minha mãe, eu a conheço. Ela me disse umas coisas estranhas no domingo, ela sempre tem conselhos controversos. Imaginei que ela ia querer lhe dar um pouco de sua experiência.

– Ela o instruiu a sair com outras? Você já passou dessa fase.

– Não... – ele tornou a se aproximar e ela rezou pela sobremesa, não ia aguentar muito mais tempo com o calor do corpo dele emanando para ela. Já tinha aquecimento demais sem ajuda dele. – Ela lhe instruiu a sair com outros?

– Não exatamente – ela disse baixo, começando a soltar devagar, para levar a atenção dele a outro assunto qualquer que não fosse tocar nela.

– Não exatamente – ele repetiu. – Então ela lhe disse exatamente o quê?

– Para pensar se havia mais alguém que me interessasse – ela tornou a pegar a taça e beber um gole minúsculo, apenas para manter suas mãos ocupadas.

– Minha mãe não diz para ninguém pensar. Ela dá uma ideia bem clara. Quem é?

– Ela não me mandou fazer nada. Ela me deu uma ideia, ela pensa que preciso me decidir sobre isso antes de ficar com você.

– Você já está comigo – Sean pegou a taça da mão dela e descansou na mesa, não queria que ela a derrubasse. Ele se inclinou e depositou um beijo em seu pescoço exposto. Aquele penteado de lado puxava a franja lateral e a prendia ao coque largo que havia atrás, bem acima da raiz. Era tentador demais. Ele já olhara para lá inúmeras vezes e conseguia sentir os lábios até formigarem para tocarem aquela pele toda à mostra. O próximo ponto que não escaparia dele era seu colo, até seus ombros estavam expostos, mas só dava para ver a curva dos seios quando ela se inclinava para ele, o que tornava tudo mais tentador. Sean ficava só imaginando o que não podia ver.

Não havia maneira de ela responder rápido, estava quase pendendo a cabeça, chegou a tocar o lado do rosto como se isso pudesse impedi-la. Ela engoliu a saliva duas vezes antes de se forçar a voltar ao assunto, aparentemente ele não estava levando a sério a ideia de sua mãe.

– Bem, estamos tentando, não é? – ela respondeu, obrigando seu cérebro a trabalhar.

O garçom veio perguntar como estavam e como ambos já haviam terminado, ele retirou os pratos e os deixou em paz, mas já podiam escolher a sobremesa caso quisessem.

Sean não deixou que Beatrice se dispersasse, porque ele estava sentindo que a tinha presa, se lhe desse abertura ela escaparia rapidamente. Ele podia não entender nada de encontros normais, apesar de este estar indo bem, mas sabia quando estava no caminho certo.

– Nós não vamos brincar disso, Beatrice – ele passou o braço pela cintura dela e trouxe-a para ainda mais perto dele ali na curva do sofá. Agora que só sobrava a sobremesa, ela não precisava ficar lá em frente ao prato dela obedientemente e usando a comida como desculpa para que ele se comportasse no seu cantinho. – Nada de participantes no nosso acordo – ele dizia baixo para ela, pois não queria ninguém escutando sobre suas questões pessoais. – Só nós dois. Ninguém mais.

– Eu não sei o que é passar um tempo com mais alguém – ela se moveu inquieta, não tinha como fugir da proximidade, o braço dele estava em volta de sua cintura, seu corpo estava recostado ao dele e conversavam bem baixo.

– E aqueles babacas com quem você jantou, uh? Não era um encontro pra você? Eu garanto que eles estavam com várias ideias.

– Você é ridículo! Eu não te espionava! – ela se moveu, mas ele a manteve exatamente onde estava. – Não eram encontros! – reagiu, sem acreditar que ele sabia disso. Ela nem considerava aquilo, foi tão sem química que fingia que não havia acontecido. Não era nenhuma experiência amorosa, bem diferente do que Candace havia lhe dito para tentar. Ela nunca quis dormir com aqueles caras com quem jantou quando estava tentando sentir atração por outros homens e, quem sabe, partir para outra.

– Na sua cabeça – ele respondeu.

– E eu não dormi com eles.

– Sorte a deles.

– O quê?

– Eu sei os nomes deles, sei onde eles moram, sei até quanto cada idiota está devendo ou sonogando. E sei até hoje o dia que você se encontrou com cada um deles. Teve um idiota que ficou ligando, quando eu voltei e fomos naquele baile, você tinha acabado de dizer a ele que não ia rolar. Mas ele não aceitou bem, não é?

– Me solta, Sean.

– Olha pra mim.

– Me solta – ela disse entre os dentes.

Ele soltou o corpo dela, mas pressionou a mão na sua nuca e falou ainda mais baixo.

– Fica olhando bem pra mim – ele disse, contendo ambos. – Um encontro e fim. Você estava tentando ver alguém mais e não gostou, por que gostaria agora?

– Foi o mesmo que aconteceu com você quando transou com aquela vadia louca? E seus jantares com minhas cópias?

– Não foi assim e parece que eu sou um pouco mais perturbado que você.

– Ou bem mais sem vergonha, descarado, desgraçado...

O garçom apareceu novamente e Beatrice lhe disse o que queria ali do menu, um doce francês de chocolate e laranja que no final era bem parecido com um bolinho com massa cremosa que tinha gosto do chocolate, até um pouco amargo, mas compensado pelo sabor da laranja em cima e especialmente pelo chantilly que colocavam para enfeitar. Sean pediu um expresso, ele adoraria a ajuda da cafeína.

Eles se afastaram um pouco para ela comer o doce, deu duas colheradas e já se sentiu satisfeita, se estivesse no seu normal comeria tudo e ainda desejaria poder se dar ao luxo de um segundo pedaço. Mas apreciou o gosto forte do chocolate em sua boca. Sean parecia muito calmo bebendo seu expresso com uma mão e mantendo-a perto com o outro braço.

– Eu não quero que você interfira se eu fizer isso – ela disse, depois de pensar por um minuto.

Sean deixou a xícara sobre o pires e ao mesmo tempo em que se inclinou, trouxe-a para ele pelo rosto, ela estava deixando-o fazer isso a noite toda, o que já era estranho. Em geral ela soltava o rosto e fugia da proximidade.

– E eu quero um beijo com gosto de chocolate – ele colou os lábios aos dela, deslizado bem sua língua pela de Beatrice. – Eu adoro sentir o gosto da sua boca depois de uma dessas suas sobremesas.

– Sua boca está com batom de novo – ela conseguiu responder, se recusando a entrar naquele assunto, pois teria de dizer o quanto ele a excitava quando fazia isso.

– Como você pretende me impedir de interferir? Vai se encontrar com o puto em Marte? – Sean perguntou, ainda mantendo o rosto dela no mesmo lugar.

Beatrice estreitou os olhos para ele e ao invés de responder, ela quem afastou os lábios e os juntou deixando um beijo bem provocativo e sonoro sobre os lábios dele. Sean chegou a soltá-la e ir para frente como se dessa vez ela tivesse batido no limite e ele fosse pegá-la para sabe-se lá o quê. Beatrice se afastou rapidamente e os dois ficaram imóveis por uns segundos, apenas se medindo. Quando o garçom apareceu, salvando-a de mais essa, ela pediu a conta.

– Eu convidei, eu vou pagar – ela disse, tirando o cartão de dentro de sua bolsa minúscula e pelo jeito não ia deixá-lo discutir isso.

Sean tinha se recostado novamente e seus ombros estavam tensos enquanto ele se obrigava a ficar bem parado.

– Oh, minha masculinidade estará eternamente insultada por você pagar a conta – ele zoou. – Não sofro de feminismo seletivo, Beatrice. Mas nós podíamos rachar. Não é assim que funciona? – ele sugeriu, pouco incomodado com a decisão dela, na verdade era a falta de costume, nunca pagavam seu jantar a não ser as cortesias feitas em jantares de negócios.

Passou pela cabeça dele que Beatrice não relera o contrato de casamento deles, que incluía o acordo pré-nupcial. Tudo que ele tinha era dela. Se o divórcio ocorresse, ela levava metade do seu patrimônio. Se ele morresse, ela ficava com tudo, com exceção do controle do GW, mas parte das suas ações ainda seria dela. Ela podia pagar quantas contas quisesse, ele só a queria de volta.

– Não, eu convidei e dessa vez eu pago. Ainda bem que você não sofre dessa síndrome louca de dominação sobre a conta e coisas afins. Casais normais fazem isso, você ficou com a gasolina e o estacionamento e eu com essa conta.

Sean levantou a sobrancelha direita imaginando como ela podia saber disso, mas não queria voltar até a parte que ela havia tido uns encontrinhos com uns babacas enquanto ele estava fora. Também não queria falar de como se comportou quando soube disso. Se ela não encarava como encontros, para ele estava ótimo. Podia parar de planejar a morte dos três putos.

– Não, eu tenho outros locais bem mais efetivos para exercer minha necessidade de dominação e meu machismo disfarçado. Na cama, em alguns minutos. Você fica bem confortável e me deixa ficar por cima fazendo tudo que eu quero com o seu corpo.

O outro garçom trouxe a máquina enquanto o primeiro que atendeu a mesa se livrava da xícara e do doce quase todo comido. Enquanto isso, Beatrice tinha certeza que estava mais vermelha do que o resquício de batom que ainda havia em seus lábios.

– Eu preciso ir ao banheiro – ela fugiu da mesa e foi retocar o batom, deixando Sean esperando, ele apenas olhou o relógio para saber quanto tempo levaram ali.

Quando estava voltando, Beatrice teve que tirar uma foto com uma garota. Nova York era tão grande, mas quase todo lugar para onde ia acabava encontrando alguém ou um desconhecido a reconhecia. Ela não tinha porquê ser famosa, não aceitava estampar capa de nada, só porque cismavam em fotografar o que ela vestia, como se penteava ou que maquiagem usava, cada dia tinha menos paz. Pelo menos tinha o lado bom, sua fama como decoradora lhe trouxera vários trabalhos novos.

Eles saíram do restaurante e esperaram o carro, Sean levava o casaco dela que seguiu na frente e só então a vendo de costas ele reparou na abertura que havia na parte de trás do vestido para liberar o movimento das pernas dela. Aquele vestido já estava no hall dos seus preferidos, deixava-o louco de olhar e parecia muito fácil de arrancar do corpo. Ele andou atrás dela e ao alcançá-la, virou-a para os seus braços, planejando pegá-la desprevenida.

– Por que você retocou o batom? Sabia que eu ia te beijar de novo.

– Talvez minha maquiagem perfeita o mantivesse à distância.

– Pelo contrário.

Ao beijá-la novamente, Sean pouco se importou com o batom que ia estragar e que com certeza deixaria seus lábios vermelhos novamente. Só que ele planejava um beijo rápido, mas ela passou os braços em volta do pescoço dele e esticou o corpo, soltando um gemido de contentamento contra seus lábios. Ele a envolveu, puxando-a contra ele, a ponto de apenas as pontas de seu salto tocarem o chão.

Eles foram interrompidos por um clarão e Sean virou um pouco o rosto, alguém disparara um flash, mas Don já parecia estar atrapalhando a visão de quem fosse. Ele era contratado para proteger, matar, caçar, esfolar e tudo mais que precisasse, mas felizmente estava apenas espantando um paparazzi que estava ali esperando um novo casal de atores que jantava lá dentro, mas imediatamente reconheceu os Ward.

Sem querer ele conseguira uma foto inédita, ninguém nunca conseguiu fotografá-los se beijando por aí, se eles nem saíam juntos, além dos eventos obrigatórios, imagina namorar em público. Aquela ia valer uma graninha para pagar as contas do próximo mês. Todo mundo adorava uma novidade sobre gente que fugia das câmeras ao invés de procurá-las.

Eles entraram no carro e o cara já estava ao telefone negociando a foto enquanto mantinha a vigilância para ver se o casal que esperava ou se mais alguém interessante saía dali. Sean atravessou a Quinta Avenida para fazer um retorno longe dali.

– Não são nem dez horas, não vou levá-la para casa ainda. Você me deixou uma semana de molho.

– Você ficava meses sem me tocar... – ela comentou e pelo seu tom não dava para saber se era uma constatação ou uma reclamação. Na mente de Beatrice foi uma acusação.

– Exato, já perdi tempo demais – respondeu Sean, preferindo acreditar que ela estava reclamando, mas sem se aprofundar na questão. Senão voltaria aquela eterna pergunta, se ela queria ser tocada então por que o desprezava?

Aquela noite quando pararam na frente do espelho, a última vez que ele invadira os domínios dela, ainda queimava em sua mente.

– E aonde você vai me levar?

– Qualquer lugar que você não saia correndo. É Nova York, o que não falta é lugar, mesmo numa terça-feira – ele esticou o braço e apertou o botão do som do carro que iluminou o painel e começou a tocar.

– Eu tenho um lugar que você vai achar legal – ela anunciou, surpreendendo-o.

– É mesmo? Onde é?

– Lado Oeste, pega a esquina da 100 com a Riverside. Eu lhe digo onde parar – ela mexeu no som dele, pulando as músicas e deixou tocar Everything I Wanted do Chet Faker porque tinha uma melodia leve.

– Ok... – Sean subiu pela Broadway, indo reto toda vida até a Rua 99 onde ele virou para conseguir pegar a mão da Rua 100. Quando viraram lá, Don e Kevin já estavam pensando em ligar para saber

onde os dois pretendiam se enfiar, mas ao olhar o lugar Don logo se tocou porque estivera ali na sexta, mas não sabia por que voltaram.

Capítulo 17

*Quando eu olhar pra você, escolha como quer ser fodida.
Faço o que quiser.*

Os dois desceram do carro e os seguranças se aproximaram, olhando em volta, a área residencial tinha pouco movimento essa hora, até os carros eram poucos e não havia nem moradores bisbilhoteiros para observá-los.

– Você conhece isso aqui, pode vir ou esperar no hall, Don – Beatrice disse ao seu segurança que trocou olhares com Kevin. A essa hora geralmente Vini já estava com eles, mas hoje estavam apenas os dois. Eles combinaram de um ficar no hall enquanto o outro esperava, dando uma olhada na rua.

Beatrice tirou a chave do seu chaveiro e abriu a porta, acendeu as luzes e foi entrando. Don os seguiu e gostou do cantinho onde parou, pois via a porta que dava no jardim traseiro. Sean ficou olhando em volta, reparou no candelabro lindo e no chão com cara de não ter sido muito pisado ainda. No primeiro andar ainda havia uma sala de jogos, pronta para uso e uma escadaria de mármore bem no canto dava boas vindas.

– Foi construída em 1900 – disse Beatrice. – O novo dono adquiriu para morar com a esposa e uma das filhas que acabou de casar. Tem quatro andares, dá para morar mais gente, mas vão ser só os quatro, pelo menos até terem netos.

– Você que fez tudo isso?

– Ele me deu liberdade completa. Simplesmente me deu a chave, me deixou conversar com a esposa e a filha dele e disse para tentar por o que elas gostavam. Bem, elas gostavam de tudo, mas a mãe sempre quis morar numa casa com estilo colonial, com muita madeira, mármore, camas enormes, lareiras duplas e tapetes persas.

A filha adora painéis grandes em cômodos claros. Foi fácil. Os dois andares de cima são para a filha e os dois de baixo para os pais. Mas tem ambientes de uso comum – ela foi subindo a escada com Sean atrás dela, percebendo que a partir do segundo andar a escadaria mudava de estilo.

– Essa é sua primeira casa completa?

– Urbana, sim. É bem diferente daquelas casas de campo e do projeto parcial da casa de praia lá perto de onde sua irmã mora. E essa foi toda minha, até o jardim e a fachada nova. Chamei uma conhecida da faculdade, os jardins que ela faz em pequenos espaços são incríveis.

Sean seguiu pela sala de jantar, toda em madeira, até metade das paredes e trabalhos no teto que eram entremeados por pintura vermelha Borgonha. Tudo harmonizava com o gigantesco tapete sobre a mesa para oito lugares; a lareira muito larga; o Buffet; o candelabro; as cortinas... Cada detalhe parecia muito bem pensado.

– Está fantástico, Bea – havia um sorriso orgulhoso no rosto dele enquanto passava para outro cômodo, esse parecia ser o quarto principal do segundo andar.

– Você acha? Eu queria que mais alguém visse...

– Se eu sou esse mais alguém, eu quero me mudar para cá amanhã.

– Você já mora numa casa parcialmente decorada por mim, Sean.

– Eu adoro o nosso andar, passo pouco tempo nos outros – ele disse, se referindo ao terceiro andar que ela fizera todo, mas os outros, ela havia encomendado a designers de quem era fã, pois gostaria de morar em algo feito por outra pessoa, senão onde ficava a graça?

– Seu puxa saco! – ela sorriu e subiu para o terceiro andar, explicando sobre o que fizera para dar uma transição suave do estilo da mãe para a filha, onde usou tudo que elas mais tinham em comum no hall que dava entrada à casa da segunda família.

– Minha mãe devia entrar na fila da sua agenda, para ela ser menos esnobe. Você foi aceitando o trabalho de cara? – ele abriu a porta do tolete que era todo em motivos chineses por causa do

marido da filha que morara lá por cinco anos e era apaixonado pelas pinturas, porcelanas e cores de lá.

– Bem... Como você quer que eu vá dizendo não? Ela ainda é minha sogra – Beatrice acendeu a luz do quarto de hóspedes que ela deu um ar mais moderno e não incluía detalhes pessoais, só o harmonizara ao estilo geral do casal que ocuparia aquele andar da casa.

– Tem como colocá-la na fila de espera? – Sean passou para a suíte máster e viu que o banheiro era esplendoroso, tinha um painel enorme no fundo, pintado à mão.

– Elis quem fez – Beatrice disse, tocando na obra de arte de sua amiga.

– Ela é talentosa demais para pintar algo assim num banheiro.

– Tem outros dela pela casa. Esse foi o mais rápido dela. Aquele lindo no hall é dela também. Ela é talentosa, mas precisa pagar as contas. Os quadros não têm saído muito, se ela se especializar nisso, vale a pena.

– Chame-a para pintar seu projeto lá na empresa daquele seu amigo novo.

– Campanale? Vou fazê-lo pagar uma fortuna a ela.

– Ótimo, vou adorar ver o dinheiro dele finalmente bem investido. Aliás, minha mãe merece a lista de espera por querer que você saia com ele.

Beatrice se virou rapidamente e o pegou a observando.

– Como você sabe? – ela indagou, num tom incisivo.

– Quando você acha que eu nasci? – Sean levantou as sobrancelhas, usava aquele irritante tom cínico.

– Há trinta anos.

– Um pouco mais do que você, não é?

– Isso não justifica a sua ideia de que...

– Ele quer te pegar? – Sean se aproximou dela e reparou nos detalhes do painel. – Acho que sei disso antes de você.

E mesmo que não soubesse, Hartie havia contado sem querer com aquela sua língua grande. Mas quando os encontrou no Village, Sean já desconfiava do interesse de Dave.

– Não sabe mesmo! Eu sei disso ó... – ela estalou os dedos.

Sean mordeu o lábio e puxou-a para perto, retirando mais do batom vermelho que ela ainda usava. Ele gostaria muito de continuar prestando atenção no maravilhoso trabalho dela, estava todo feliz por ela tê-lo convidado pela primeira vez a ver um dos seus projetos antes mesmo de entregá-lo, mas ela o distraía demais para resistir. O painel atrás deles era magnífico, colorido e detalhado, mas ele só conseguia olhar para ela, parada bem à sua frente com aqueles olhos dourados, a boca ainda vermelha lhe pedindo para ser beijada, seu colo exposto e brilhando sobre a luz amarelada.

– Nós tínhamos conseguido parar... – ela murmurou, mais para si mesma.

– É mesmo? – Sean perguntou, parando à frente dela e prendendo-a entre ele e o painel pintado na parede, havia uma espécie de verniz transparente e brilhante protegendo a pintura.

– Sim... – ela afirmou, mas não estava conseguindo evitar seus beijos.

Não havia parado nada, estava desde o restaurante olhando mais para ele do que para qualquer outra coisa. Ficou observando-o enquanto ele seguia com o rosto levantado e o olhar preso nos detalhes do seu trabalho, ele abriu o paletó e colocara as mãos nos bolsos, seu queixo com aquele atraente corte masculino apontava para cima e mesmo de longe ela podia ver resquícios do seu batom avermelhando os lábios dele. Isso lhe despertou o desejo de uma forma quase incontrolável.

– Eu continuo tão louco de tesão quanto na hora que a beijei no restaurante – ele murmurou e apoiou as mãos no painel, colando seu corpo ao dela e deixando-a senti-lo, assim como ele era torturado pelas curvas dela moldando-se a ele.

Beatrice reprimiu um gemido pela massagem que ele lhe dava com o próprio corpo e colocou as mãos por baixo do paletó dele, afagando suas costas. Ele colou a boca ao seu pescoço, deixando-a saber que havia gostado.

– Isso é bom, Bea. É muito bom – as mãos dele desceram pela parede até as coxas dela. Ele a segurou por trás e puxou-a contra ele, fazendo seus quadris se encaixarem sem que precisasse imprensá-la.

As mãos dela continuaram as carícias, indo até onde o paletó dele permitia. Sean procurou novamente a boca dela, agora sem ninguém olhando podia beijá-la tão descaradamente quanto quisesse, passando sua língua para a boca dela, sugando e fazendo todo aquele barulho de um beijo úmido e sexual. E ela estava tão responsiva que ele ia arrancar aquele vestido dela ali mesmo.

– Você vai ficar comigo essa noite, Beatrice.

– Não vou... – ela murmurou, lutando para resistir, seus lábios continuavam junto aos dele.

Ele colocou os dedos por dentro do cabelo dela, as pontas massageavam e ele queria mesmo soltar as ondas castanhas do penteado. Ela inclinou a cabeça e deixou escapar um suspiro de excitação antes de fechar os olhos e aproveitar a carícia.

– Eu não vou conseguir deixá-la e acho que você não quer.

– Faça um esforço.

– Eu preciso levá-la pra cama e colocar minha boca em você até senti-la gozar.

– Ah, droga – as mãos dela desceram pelas costas dela, passando por sua cintura, até descansar sobre seu traseiro.

– E se você continuar me tocando assim, vai ser aqui mesmo.

– Aham – ela assentiu levemente e procurou a boca dele, sentia seu cabelo ficando frouxo, seu quadril se movia contra o dele sem que ele precisasse segurá-la.

– Sim, Beatrice?

– Hum...

Ele foi sugando-a pelo pescoço, puxando sua pele, faminto pelo que tanto necessitava, quase fora de si por estar vislumbrando a chance de tê-la para ele novamente. Estava para completar um ano da última vez que estiveram juntos e deixaram a oportunidade de se reconciliarem escapar. Ela mordeu o lábio, prendendo um gemido de deleite enquanto a boca dele seguia sobre sua pele e as mãos se insinuavam por baixo do seu vestido, encontrando o que queria.

– Diga que sim, Bea. Faz tanto tempo.

– Sim... – ela murmurou.

Sean levantou a cabeça, muito atento a ela, suas mãos foram se encontrar pelo corpo dela, puxando-a para ele.

– Sim – ele assentiu e foi andando para trás, levando-a junto.

Beatrice abriu os olhos ao reparar que andavam, ela balançou a cabeça, tentando voltar a si, mas já era tarde demais até para ela. O desejo corria em suas veias, ela o queria e não estava pronta para voltar atrás, quando se deixava ir, era impossível impedir.

– Minha casa... – ela tentou parar.

Sean não sabia se ela estava desistindo, pedindo para ir embora ou dizendo que eles deveriam ir dormir no apartamento dela. Fosse o que fosse, ele não lhe deixaria voltar atrás, ia ficar maluco e precisar de tratamento médico imediato se a perdesse agora.

– Não, nós vamos para nossa casa.

– Acho melhor voltarmos... – ela murmurou, sabendo que ia estar perdida.

– Nada disso, você vem comigo.

Ele levou-a escada a baixo, quando passaram por Don, ela lhe disse para apagar as luzes e fechar tudo. O segurança correu escada acima e saiu apagando tudo, nesse meio tempo os dois entraram no carro que saiu a toda pela rua livre, cortando a Columbus, atravessando o Central Parque e Beatrice só viu quando entraram na garagem do Clarence. Sean fechou a porta assim que ela saiu e empurrou-a contra o carro, beijando-a com tanta paixão que ela derreteu contra ele. O que era exatamente o plano dele, pois iam ter que subir até a cobertura e ele não a queria desistindo no meio do caminho.

Cristina quase teve um troço quando o elevador abriu no terceiro andar do triplex e eles estavam dentro.

– Madame! – sobressaltou-se empregada.

– Cristina – Beatrice saiu do elevador e Sean puxou-a pela cintura.

– Pode ir dormir, Cristina – disse Sean, levando a esposa junto com ele em direção a parte frontal do andar, onde ficava o espaço dos seus quartos.

Mas a empregada ficou parada no lugar olhando-os e sem entender nada. Beatrice deu um passo para o lado, se afastando e olhando a porta do seu quarto onde ela não entrava desde que deixou o triplex.

– Nada disso – disse Sean, decidido a não deixá-la entrar naquele espaço que ela usava como proteção contra ele.

– Eu quero ir pra lá – ela disse, apontando seu quarto, um ponto onde se sentiria menos vulnerável.

– Não, dessa vez eu vou tê-la na minha cama. E hoje você não vai fugir.

Ele a levantou e levou sobre o ombro pelo resto do caminho até o seu quarto.

– Você é um homem das cavernas! – ela deu um tapa nas costas nele.

– Não era ogro? – ele perguntou, enquanto a carregava com passos largos.

Cristina correu até as portas que davam para a saleta entre o quarto deles, sem acreditar no que via. Seus patrões nunca fizeram isso! Pelo amor de Deus! Eles estavam falando sobre sexo bem no meio do apartamento?

– Eu devo me preocupar? Está tudo bem, madame? – ela perguntava, correndo até lá.

– Está! – gritou Beatrice, apesar de estar de cabeça para baixo, dobrada sobre o ombro de Sean.

– Vá descansar, Cristina – disse Sean antes de passar e deixar a porta do quarto fechar atrás deles.

Tudo que Cristina fez foi correr para o interfone e ligar para o primeiro andar do triplex, Kevin só lhe disse para não se meter e ir dormir. Don já estava pegando sua mochila e indo para casa, sua protegida estava no melhor lugar que podia, nem iam precisar trocar turno ou revezar.

Beatrice foi colocada sobre o tapete com um baque dos seus saltos. A luz do abajur perto da cama acendeu e ela se virou, vendo onde Sean estava. Ele abriu as cortinas também, deixando entrar a luz da cidade e da lua que ia e vinha por trás das nuvens. Ficou bem mais fácil de enxergar no quarto e ele se livrou do paletó antes de voltar até a esposa e pegá-la pelo rosto para devorar seus lábios e acreditar que ela viera com ele.

– Eu não vou mais tirar as minhas mãos de você essa noite – ele disse ao desgrudar os lábios dos dela.

– Você vai precisar... – ela colocou as mãos sobre o colete dele e começou a abrir.

– Não para você escapar.

Ela foi abrindo o colete dele até o final, mais sentindo os botões com os dedos do que vendo, felizmente não eram casas apertadas.

– Não tente escapar de mim hoje, Bea – ele disse, tentando conter a angústia que não podia controlar quando ela finalmente vinha para ele. Era estar realizado e desesperado num mesmo momento, porque a perdia assim que a tinha.

– Eu cheguei até aqui, não vou fugir agora – ela empurrou o colete pelos ombros dele, querendo ver menos peças de roupa sobre aquele corpo masculino, também estava em desvantagem, se tirasse aquele vestido só lhe sobraria a calcinha e um sutiã sem alças.

Sean a levantou e levou para mais perto da cama, ela parecia leve demais nos seus braços e ele não estava nem sentindo o peso, sua mente estava presa apenas a um propósito. Ele finalmente conseguiu soltar o cabelo dela e enfiou as mãos por dentro das ondas, bagunçando-as do jeito que gostava.

– Você é minha de novo. Só minha – ele a segurava pelo cabelo quando a beijou e Beatrice teve que se apoiar nele para não tombar.

– E você vai me fazer sentir que é meu? – ela soltou a gravata dele e jogou-a para o lado, mas impediu que ele conseguisse segurar o fecho do seu vestido.

– Eu vou ser preso se fizer tudo que eu quero com você.

Ela puxou a camisa dele para fora da calça, gostando de despi-lo, sabendo que fazia muito tempo que não acontecia, mas era como andar de bicicleta. Suas mãos simplesmente iam, assim como ele sabia exatamente onde abrir seu vestido e onde tocá-la enquanto o fazia para que ela parasse de impedi-lo.

– Não tenho medo de você, Sean.

Mas ele tinha medo dele mesmo, estava fora de si, seu coração batia tão rápido, ele queria pegá-la e rasgar toda aquela roupa, prendê-la na cama e não deixá-la sair dali até ambos se esgotarem.

– Eu tenho terror do que sinto por você. Não posso viver sem e não consigo controlar.

Sean soltou o ar várias vezes, deixando-a se livrar da camisa dele. Logo após, ela espalmou as mãos naquele peito largo, sentindo os músculos do peitoral, descendo pelas entradas em gomos no abdômen e abrindo o botão da calça dele, logo depois o zíper. Ele quase perdeu a linhazinha de sanidade que estava segurando, puxou-a para ele, virou e desceu o fecho do vestido de uma vez só, talvez o danificando, mas que se danasse. Sean enfiou as mãos por dentro, apertando-a enquanto puxava o tecido que a cobria, empurrando as mangas justas pelos braços dela.

– Não rasque o meu vestido! – ela tentou ajudá-lo, antes que o inevitável acontecesse. Depois que ela livrou os braços, a peça foi ao chão num segundo.

O olhar dele sobre ela pegava fogo, os olhos dela que eram dourados, mas eram os dele que estavam em chamas. Eram dois pontos claros e brilhantes na penumbra, fixos nela, quase sem piscar, ele nem tinha noção de suas mãos pegando-a de novo.

– Fique quieto – ela mandou, segurando as mãos dele longe do corpo dela, abaixou e o livrou das meias e dos sapatos. Beatrice nem precisava de muita luz, da posição que estava, quando olhou para cima viu aquele volume enorme na calça dele e ao subir apoiou as mãos nas coxas de Sean, apertando levemente e ficando novamente de pé.

Sean pegou-a no colo e depositou sobre a cama, ajoelhou-se à frente dela, colocando seu pé direito apoiado em seu peito enquanto abria o fecho da sandália e seu olhar subia pelas pernas dela, fez o mesmo com o pé esquerdo, deixando-a descalça. Ele levantou sua perna direita na altura do seu ombro e foi beijando-a a partir do tornozelo, depositando um beijo bem no osso interno e ela chegou a se arrepiar, mais ainda por aquele olhar faminto que não se desviava dela nem um segundo.

Ele foi subindo pela perna dela e Beatrice foi se afastando na cama, até ele precisar engatinhar sobre o colchão enquanto mantinha sua boca na nela. Sua pele estava sensível ao toque e os beijos dele eram quentes e úmidos, incendiando seu corpo todo e deixando-a mais molhada do que ela sabia que estava. Sean se apoiou nos braços, pairando sobre ela e se inclinou, capturando sua

boca em um beijo gentil que a surpreendeu, ela quis pará-lo, mas a sensação foi mais forte e ele continuou, sentiu-a tocar seu rosto enquanto compartilhavam o beijo repleto de sentimentos escondidos, certamente o mais apaixonado daquela noite.

Beatrice deixou a cabeça recostar no travesseiro enquanto o via se afastar e mantinha os olhos entreabertos, ainda sob o efeito dele.

– Não faça mais isso – ela pediu, porque, droga, não queria ser lembrada que ainda era tão apaixonada por ele, que juntos eles eram muito mais do que o desejo incontrolável que tomava conta de seus corpos quando se tocavam.

Ele se ajoelhou sobre ela, mantendo seu corpo entre seus joelhos.

– É tudo que eu vou fazer a noite inteira – ele lhe respondeu, pois era tudo que sabia fazer com ela e pretendia fazê-la acreditar.

A luz do abajur deixava-a vê-lo bem, seu corpo tão grande acima do dela, seu olhar fixo e desejoso, apesar de naquela penumbra as íris pareciam dois pontos claros e sobrenaturais. Ele olhou o que ela usava, mal sabia que aquele sutiã nem devia estar ali, ela podia ter abusado daquele vestido sem ele, mas sentia-se mais segura usando a peça sem alças, com aquele bojo tão fino, mas que a protegia do olhar de Sean. Bem, não mais. Ele apertou o fecho entre os seios dela, abrindo-o tão facilmente quanto um brinquedo e os dois lados se separaram, expondo-a ao olhar dele.

A peça foi jogada para um canto longe da cama e só pelo olhar de satisfação dele, dava para saber quantas vezes ele fantasiou com isso. Os seios de Beatrice eram redondos e volumosos, mas as mãos dele eram grandes e os cobriam muito bem, massageando e apertando-os para puro deleite dela. Como mal podia esperar, Sean desceu sobre ela, passou seu rosto sobre seu colo até o centro dos seios de Beatrice, então retirou uma das mãos e ela o sentiu brincando com a língua pela auréola e logo após sobre o mamilo, esfregando-o com a ponta e depois o abocanhando para chupá-lo gulosamente. Sua mão esquerda rodava o outro mamilo entre os dedos, friccionando, mas evitando puxar. Beatrice já estava gemendo de antecipação antes mesmo dele virar o rosto e ir lambe o outro seio.

Ele não cobriu o lugar de onde acabara de tirar a boca, deixando-a sentir a diferença do ar frio sobre a pele, levando-a a desejar que ele voltasse. Beatrice levou a própria mão ao mamilo, cobrindo-o daquela tortura, Sean colocou a mão sobre a dela e fez com que esfregasse os dedos. Ele pareceu gostar de ver a mão dela sobre o próprio corpo. Quando ele tornou a levantar a cabeça, Beatrice passou os braços sobre os seus ombros largos e moveu o tronco na cama, levantando-o e roçando aqueles pontos tão sensíveis, úmidos e superexcitados contra a rigidez do peitoral dele. Era tão bom quando fazia isso...

– Eu adoro isso, Beatrice. Mais forte – ele mandou, mantendo-se na mesma posição.

– Vem mais perto – ela pediu, porque Sean não estava colado a ela, estava acima, apoiando-se em seus braços dobrados e com os cotovelos para fora, o que o deixava próximo.

– Não. Segure-se em mim e esfregue os mamilos, eu sei que você gosta da sensação.

Ela obedeceu, porque realmente adorava fazer aquilo e queria mais e Sean subitamente parecia que não lhe daria se ela não fizesse. Como estímulo, ele abaixou a cabeça e lambeu sua boca, ela retribuiu e se agarrou mais a ele que aguentava bem o peso de ambos naquela posição. Beatrice o deixou escorregar sobre o corpo dela, fugindo gradualmente de seus braços e ela deixava suas unhas compridas e tão vermelhas quanto estiveram seus lábios arranharem levemente os ombros dele.

As mãos dele acompanhavam o caminho que fazia delineando o formato do corpo dela. Sean esfregou o rosto em sua barriga, descendo pelo seu ventre, Beatrice foi à loucura sentindo a aspereza deliciosa daquela barba rente contra sua pele. Suas pernas se afastaram mais e ela não conteve o gemido. Ele era um maldito filho da mãe, parecia que adivinhara ao deixar a barba por fazer. A sensação na sua pele era uma delícia. Ela queria apertar o rosto dele contra ela e Sean já não estava fazendo-o levemente, podia deixá-lo fazer aquilo pelo seu corpo inteiro.

– Você adora disso – ele disse, depositando um beijo sobre o umbigo dela e roçando o seu rosto até a beira da calcinha.

– Eu te odeio, Sean Ward. Odeio profundamente – ela respondeu entre um suspiro enquanto movia seu quadril na cama, incapaz de se conter.

– Continue me odiando assim, é mais gostoso.

Sean ficou novamente de joelhos e enquanto ia para trás, pegava-a pelas pernas e pelas coxas, acariciando-a e apertando-a tão bem com aquelas mãos fortes que Beatrice movia as pernas no ar, indicando-lhe novos lugares para tocar. Ele apoiava os calcanhares dela em seus ombros e suas mãos iam tocando até o traseiro dela, chegando a levantá-lo, então ele subia, abrindo novamente as coxas dela para o seu olhar.

Ela estava com o cabelo esparramado na cama, às vezes até fechava os olhos, entregando-se as mãos dele. Beatrice apoiou as pontas dos pés do peito e no abdômen dele, usando-o como apoio e vendo-o sorrir quando ela fez aquilo para acariciá-lo.

– Vire-se – ele disse, apoiando os pés dela na cama novamente.

Beatrice se virou de lado e foi apoiando as mãos na cama para sentar-se, ela olhou-o por um momento, admirando a visão e Sean desceu a mão, ajeitando aquela ereção enorme dentro do boxer.

Inspirada, Beatrice se apoiou, virou-se e colocou seus joelhos na cama, ficando de quatro. Imediatamente sentiu as mãos quentes em seu quadril e depois aquele volume duro encostando-se ao seu traseiro. Ele manteve-a parada e moveu-se contra ela, excitando-a pelo que lhe prometia, sua ereção esfregava-se diretamente na calcinha dela que já estava muito úmida. Sean subiu a mão desde a base da coluna dela até sua nuca, onde segurou e manteve-a, agora empurrando seu quadril como uma penetração lenta.

Os dedos dele foram entrando por dentro do cabelo dela e ele deixou que descessem novamente, trazendo as ondas castanhas até que o enrolou no punho e deu uma puxada. Beatrice sugou o ar entre os dentes e soltou um gemido, movendo o quadril contra o dele. Sean queria prendê-la, dominá-la e excitá-la loucamente até que ela entendesse que nunca mais devia sair de sua cama, muito menos de sua vida ou isolá-lo do lado de fora.

As mãos de Sean se apoiaram no colchão dos dois lados do corpo dela, afundando-o um pouco com seu peso, ele beijou seus ombros,

enfiou o nariz por dentro de seu cabelo e inspirou seu cheiro, deslizou a boca quente pela sua pele, lambeu por cima da tatuagem colorida de uma sereia sedutora, com feição perigosa e também tatuada que ela tinha logo atrás do ombro direito.

A primeira vez que viu aquele desenho ele havia se divertido muito, mas já fazia um ano que não colocava sua boca ali. Beatrice moveu-se por baixo dele, esticando o corpo como uma gata, sentindo a fome dele passar para ela. A boca dele era faminta sobre seu corpo o tempo todo, o barulho da forma como ele soltava o ar ao beijá-la, o ar quente, a umidade da sua boca, as mordidas leves, as mãos pegando-a numa mistura de força e carinho... Era demais para os seus sentidos.

Ao olhar por sobre o ombro, Beatrice moveu mais o quadril e foi para trás, colando-se a ele, estava muito além de qualquer pensamento fora dali, ela só o queria, tanto quanto ele. Sean colocou uma das mãos por dentro da calcinha dela, deslizando-a até sua coxa, o que esticou o tecido de sua lingerie fina. Ela tirou uma das mãos do colchão e empurrou o outro lado, a peça desceu facilmente por suas coxas e ficou presa sobre a dobra da sua perna. Ela voltou a apoiar-se no colchão e firmou-se, levantando um pouco enquanto Sean puxava a sua última barreira e jogava-a para o lado. Era isso, ele finalmente a tinha nua em sua cama outra vez.

– Ah, Beatrice... – ele balançou a cabeça e engoliu a saliva, suas mãos tinham vontade própria sobre ela. – Como eu senti sua falta.

Cerrando os olhos, ela pensou que podia até ser torturada, mas não iria confessar. A saudade era apenas sua, ela o queria como nunca, mas ele ainda não ia alcançar seu ponto fraco. Já estava desprotegida e entregue, nada a tiraria de perto dele nesse momento, mas precisava resguardar um pouco de si antes que Sean a dominasse por completo. Era muito para ela, não estava pronta para mais, mas ele queria tudo e ia começar tomando seu corpo de volta.

– Parece que você não sentiu minha falta – ele beijou suas costas e foi descendo, circundou aquele belo traseiro com as mãos e espalhou beijos em volta. – Vou ter que lembrá-la como é?

– Não...

Ele afastou os joelhos dela sobre a cama, conseguindo uma visão magnífica que fez seu pênis dar uma volta na Lua e vir pulsar de volta. Beatrice estava mortificada por ao invés de sentir uma pontinha de vergonha, ter ficado mais excitada. A boca de Sean encheu-se de saliva com a visão do que ele queria tanto provar outra vez. Ele passou dois dedos pela língua e esfregou-os levemente nela, começando a espalhar todo aquele líquido que se acumulara e ele adorava saber que era a causa. Beatrice gemeu e moveu o quadril, querendo mais daquele toque, todo o seu corpo estava retesado de tesão. Mas quando ela sentiu a língua dele substituindo os dedos, uma onda de calor atravessou-a e ela teve que apertar o lençol entre os dedos para manter a força nos braços.

Naquela posição, ela era torturada, ele brincava com a língua na entrada de seu sexo, espalhando e deliciando-se com o gosto. Mas o clitóris dela ficava mais escondido e era um suplício de prazer senti-lo implorar para ser lembrado, mesmo ela sabendo que ele não estava sendo tocado de propósito.

Quando Sean apenas sugou-a levemente, como um teste, ela perdeu a força nos braços e seu tronco foi para frente, acabou apoiada nos cotovelos, os antebraços esticados e seu traseiro ainda mais alto no ar. Ela mordeu o dedo indicador que estava dobrado e agarrado ao lençol, ia acabar perdendo a posição completamente se ele continuasse.

– Pare de conter os gemidos, Bea – Sean beijou-a exatamente onde sua língua esteve e usou dois dedos para afastar os grandes lábios e dar-lhe mais espaço.

Ela deixou escapar um gemido alto e torturado por prazer, cerrando seus olhos e deixando o peso da cabeça cair sobre seu antebraço. O som foi como sino batendo direto no pênis dele, mais duro do que ele jamais sentira e tudo porque ele era louco por tocá-la, quando ficasse dentro dela não duraria muito, mas pretendia passar horas na tarefa.

– Droga – ele disse, sem conseguir se conter tocando-a tão educadamente, ao menos na concepção dele.

Sean segurou-a pela cintura e virou-a; em um segundo Beatrice sentiu suas costas batendo contra a cama e o teto pouco iluminado

do quarto entrou novamente em seu campo de visão. Ela afastou o cabelo dos olhos, virou a cabeça e viu aqueles ombros largos se ajeitando no espaço entre suas pernas, seus joelhos estavam no ar, suas coxas afastadas ao máximo, seu corpo implorando pelo toque e ela podia ver a cabeça dele abaixando rapidamente. O rosto dele foi direto para o seu sexo, comprimindo-se contra ela, sua boca cobriu-a sem cerimônia. Sean ajeitou-se no lugar, esticando-se na cama, ocupando todo o espaço, mantendo-a acessível para sua boca e planejando gastar seu tempo ali, pois foram longos meses sonhando em estar exatamente onde estava agora.

Fora de controle e sentindo-se à beira do orgasmo, Beatrice movia o quadril de encontro à boca dele, suas mãos tentavam se agarrar em alguma coisa, qualquer uma que desse. Ela procurava alcançar os ombros dele, sabia que não estava mantendo seus joelhos no ar, ele quem apoiara seus pés em seus ombros. A língua dele invadia sua vulva, provocando espasmos em seus músculos internos e quando ela pensou que morreria ali, com a respiração presa nos pulmões, os lábios dele voltaram a se fechar em volta de seu clitóris sensível e ela não pôde conter o gritinho agudo que escapou bem do fundo de sua garganta.

Sean podia senti-la gozando em sua boca, a força como ela repuxava seu cabelo conseguia excitá-lo ainda mais. Mas o seu gosto... esse o levava à beira do próprio orgasmo.

Beatrice estava ofegante e ainda sentia tremores em seu ventre. Ela olhou Sean por entre seus olhos entreabertos e a despeito de ter acabado de gozar, ele se afastou rápido e ela ainda precisava de mais. Seu cabelo estava novamente em seu rosto e sua respiração rápida soprava as mechas. Ela apoiou as mãos na cama e sentou-se ao mesmo tempo em que ele ficou de joelhos. Não queria mais esperar. E Sean não podia mais. Só ao sentir o toque dela, o corpo dele estremeceu. Beatrice empurrou o boxer azul escuro e liberou a ereção dele. Estava inchada, rígida demais, a cabeça avermelhada, as veias pronunciadas e o líquido pré-ejaculatório brilhava na ponta. Ambos sabiam que ele não demoraria. Mas ele queria estar dentro dela.

Não havia um pensamento coerente na cabeça dele quando a derrubou na cama. Apoiou uma mão no colchão, terminou de empurrar a droga do boxer e também não queria saber para onde foi. Ele afastou as coxas, apoiando os joelhos, prendendo-a na cama, afastando suas pernas e ficando sobre ela. O movimento foi fluido, rápido demais, quase agressivo. Se fosse outro homem, Beatrice se assustaria. Mas não acontecia com Sean, pois só sentia seu desejo perder qualquer senso de limite. Agarrou-se aos braços dele, manteve seus joelhos afastados, prendeu uma das pernas na cintura dele e sentiu a pressão da cabeça macia do seu membro deslizando pelo seu sexo tão úmido e escorregadio. No segundo seguinte ele estava dentro dela.

Um gemido longo escapou de seus lábios e ela se agarrou mais a ele. Podia estar meio louca agora, mas o som que veio dele foi indescritível. Uma mistura de alívio com um rosnado doloroso e prazeroso ao mesmo tempo. Algo que não dava para disfarçar e nem forjar. Seus músculos estavam apertados demais em volta dele, mas também estava muito úmida. Sean moveu o quadril, ajeitando-se, penetrando até o fundo e ficando lá, ela o sentiu tremer e derramar-se dentro dela.

Escondendo o rosto no pescoço dela, Sean puxou o ar com força, inalando seu cheiro e tentando ser mais forte do que seus instintos sexuais. Ela não fazia ideia de como ele se sentia agora. De como estava sendo desde que ela entrara ali e se dispusera a deixá-lo tocá-la outra vez. Se ele pudesse pedir qualquer coisa no mundo, pediria ela só para ele e sem nunca mais colocar nenhuma barreira entre eles, física ou emocional. Desde que começara a se enganar com opções doentias, nunca mais a tocou. Seu corpo nunca mais soube o que era ter a mulher real que ele queria. Sean jamais poderia fazer aquilo de novo. Mesmo que ficasse mais um ano longe dela, não ia mais conseguir, já estava no limite do seu juízo. Achando-se doente e perturbado.

– Nunca mais se afaste de mim, Beatrice – ele disse ao apoiar as mãos no colchão, elevando o tronco sobre ela.

– Não me peça nada agora, Sean. Não é justo – ela espalmou seu peito, pressionando seus músculos com as pontas dos dedos como

se fosse empurrá-lo.

– Eu preciso de você – as mãos dele se fecharam no lençol quando começou a entrar e sair dela, o prazer que o consumia era tão intenso que ele não podia acreditar que alguma vez havia tentado replicar essa sensação com alguém mais. Devia estar muito mais desesperado do que pensava.

– Não! – ela respondeu, suas mãos agora apertavam seus ombros, suas pernas tinham se elevado mais, dando a ele todo o espaço que dispunha.

– Você não faz ideia... – ele disse, sua voz rouca, terminando num sussurro.

– Me beija – ela pediu, porque era mais tortura física e tinha a ilusão de que assim poderia resguardar seus sentimentos.

Mas não dava. Eles estavam em rota de colisão, transando exatamente como duas pessoas apaixonadas que não se tocavam há um ano. Iam rápido demais, com muita sede ao pote, mais desejo do que seus corpos podiam reter e cavalgando um orgasmo atrás do outro, mais descontrolados do que jamais perceberiam.

Os sons no quarto não eram baixos, eram os mais indecentes possíveis, chocantes o suficiente para um desavisado, mas não havia ninguém no cômodo embaixo ou dos lados. Os gritos de prazer ecoavam, a cama dava um show à parte e quanto mais ela se entregava e não se continha, mais Sean achava que estava em um mundo só deles.

As unhas dela afundaram em sua carne, as pernas se prenderam com força, travando em suas costas. Podia senti-la apertando-o, pulsando em volta dele como se quisesse impedi-lo de sair. Em resposta ele gozava tanto dentro dela que a cada novo jato de sêmen seu corpo inteiro tremia e seus urros de puro prazer masculino se elevavam acima daqueles sons que ela emitia e ele adorava ouvir.

O que ele faria agora que havia experimentado novamente um tempo no seu próprio paraíso? Não haveria existência longe dela. Beatrice só fazia sexo por sentimentos, só dormira com ele de novo por ainda estar apaixonada. Sean não se iludia tanto para esperar

amor, mas ela tinha que sentir algo para tê-lo aceitado e dessa vez ele tinha que dar um jeito de prendê-la a partir disso.

Ela era sua única realidade. E ele era como um preso confinado à cela no fundo da masmorra, vez ou outra alguém abria o buraco lá em cima e ele vislumbrava a luz do sol. Se encostasse bem o rosto na tela, até se cortar, podia ver um pouco mais de luz. Até que uma vez alguém o levou para fora e ele viu o sol real, brilhando sob sua cabeça, aquecendo sua pele. Sentia tudo isso quando olhava nos olhos dela. Só então soube que lá do buraco nunca havia visto nada, eram só lâmpadas que usaram para enganá-lo.

Muito úmido de suor e ainda ofegante, Sean apoiou os cotovelos na cama e deixou seu peso sobre ela enquanto se aproximava e a beijava longamente. Eles estavam tão sem reservas agora e o beijo era tão bom, tão íntimo e cru, sem nenhum senso de apropriado, era sexo continuado.

Beatrice enfiou os dedos por dentro do cabelo úmido dele e aceitou ir junto com seu corpo quando Sean virou na cama e puxou-a para continuar bem colada a ele. Ainda não estava pronto para perder o contato e para dizer a verdade, ela também não. Mesmo assim, forçou-se a levantar, seu corpo estava lânguido demais e suas pernas trêmulas, mas ela conseguiu chegar ao banheiro e se fechar lá, deixando Sean esparramado na cama.

O ar só cheirava a sexo, a cama estava uma bagunça, os lençóis estavam úmidos de suor e sêmen, mas não havia lugar melhor no mundo para estar. Ele virou a cabeça e puxou o travesseiro que ela esteve usando antes de eles empurrarem tudo. Este cheirava ao cabelo dela.

Quando Beatrice voltou, antes que ela pensasse em dizer algo ou começar a racionalizar, ele puxou-a de volta para a cama, derrubando-a ao seu lado. Não ia perder tempo e nem fingir que estava satisfeito. Começou a acariciar seu corpo novamente até reacender a paixão nela o que não demorou nada.

– Eu vou deixá-la dormir por breves intervalos antes de ficar dentro de você novamente – Sean murmurou para ela enquanto beijava seu pescoço. – Mas só para dormir.

Ela respondeu com um suspiro e deixou que ele a virasse de lado, porque dessa vez era assim que fariam. E era óbvio que seu intervalo para dormir seria depois.

Quando acordou de novo e dessa vez por conta própria, Beatrice notou que estava claro demais. Piscou algumas vezes, ainda presa naquele torpor sexual no qual esteve nas últimas horas. A última vez que Sean a acordou o dia estava nascendo e como ela ficou por cima, esteve o tempo todo de costas para a janela. Adormeceu em cima dele e não viu como estava o céu quando terminaram.

Mas agora, estava claro demais. Só que não aquela claridade amarelada do sol, era aquela luz muito branca e incomoda de um dia nublado, mas coberto por nuvens claras. Ela só mexeu os olhos e piscou lentamente. Por uns minutos não teve coragem nem de levantar o braço para retirar as mechas de cabelo da face. Seu corpo não estava apenas lânguido, estava cansado, dolorido em várias partes, muitas dela não podia nem citar que denunciavam logo o que esteve fazendo a noite toda.

Sinceramente, maratona sexual era uma coisa que as pessoas adoravam dizer que queriam participar, mas quando chegava na hora, se davam duas já estavam mortas no pós-orgasmo e dormiam como nunca. Isso quando havia um bom orgasmo, claro. Ela não tinha essa opção. Não havia escolha se estivesse na cama com Sean. Ainda mais depois de tanto tempo de seca. Você podia achar que depois da segunda não levantaria nem o dedo. Mas pode acreditar que ia acabar dando para ele várias vezes e claro que no meio da madrugada ia perder a conta, afinal, o desgraçado realmente sabia causar orgasmos tão bons que justificariam a desculpa da amnésia pela manhã.

Por essas e outras que ela lutou tanto para manter a calcinha.

Com essa realização, Beatrice pareceu finalmente sair do estado de confusão entre sonho e realidade e se moveu na cama. Abrindo bem os olhos.

Mas que merda! Ela perdera a calcinha com tanta vontade que não sabia nem se estava rasgada ou se fora jogada pela janela.

Assim que começou a se mover, ouviu o grunhido ao seu lado e Sean se moveu, apertando o braço que estava em sua cintura e movendo a perna que prendia a sua. Ele se aproximou, aninhando-se novamente a ela e respirando em seu pescoço. Sua mão acariciou sua barriga e ele soltou um suspiro bem perto de seu ouvido enquanto tentava cair em sono profundo novamente.

Ela sentiu um pânico momentâneo quando encarou aquela cena tão íntima e familiar. Desejo incontrollável era um dos problemas da humanidade. Certamente um problema que ela desenvolvera. Foi assim que acabou ali.

– Droga... – ela disse sob a respiração e se moveu na cama rapidamente ao lembrar que estavam em plena quarta-feira de manhã. Péssimo dia para ela acordar depois de ter passado a noite toda transando justamente com seu marido.

Beatrice pulou da cama e experimentou uns segundos de confusão assim que ficou de pé ali no quarto de Sean. Não conseguia nem lembrar a última vez que acordou ali.

– Volta pra cama, Bea – disse Sean, sem nem se dar ao trabalho de abrir os olhos.

Ela andou ao lado da cama, procurando sua roupa íntima. Como ela não respondeu e ele também não escutou sons no banheiro, tomou coragem e abriu os olhos. Teve que piscar várias vezes por causa da claridade, passou a mão pelo rosto, afastando o cabelo da testa e se apoiou no cotovelo, elevando o tronco.

– Beatrice...

– Droga, Sean! – ela disse quando percebeu que ele a olhava enquanto ela estava andando nua pelo quarto.

– Volta pra cá – ele disse, ignorando o embaraço dela.

– Não! – ela abaixou em frente à cama e resgatou a calcinha. Estava arruinada, se ela vestisse ia descer pelas suas pernas. – Você não precisava acabar com a minha calcinha! – ela disse, jogando a lingerie arruinada pra cima dele.

Sean se sobressaltou quando ela jogou a peça minúscula nele, mas a segurou e olhou, não estava nem um pouco arrependido e rasgaria, cortaria ou picotaria todas as calcinhas dela se precisasse.

– Beatrice, volta logo pra cá – ele virou a cabeça e olhou o relógio sobre o criado mudo. – Não são nem nove horas.

– Nove horas! De uma quarta-feira! Eu não acredito nisso.

Ela estava entrando em parafuso, ele podia ver isso.

– Dane-se o dia. Você ainda precisa dormir por mais cinco horas.

– Eu tenho coisas para fazer! – ela agarrou a camisa dele, se enfiou nela e abotoou rapidamente.

– Não me faça levantar daqui e ir buscá-la.

Beatrice agarrou seus saltos, escancarou a porta e foi atravessando para o seu quarto onde foi direto na gaveta e vestiu uma calcinha. Sean xingou algumas vezes, pulou da cama e vestiu o boxer rapidamente.

– Onde está a parte de que se sairmos do quarto, tudo acaba? – ele foi dizendo enquanto atravessava a saleta.

– Não se atreva a falar disso! – ela apontou a sandália para ele enquanto saía rapidamente e ia atravessando para a sala de estar do terceiro andar.

Agora que estava usando uma calcinha, Beatrice sentia-se mais no controle da maluquice que cometera. Ao menos o suficiente para fugir dela.

– Você está fugindo! Não pode se arrepender de ter estado comigo a noite inteira. É tarde demais.

– Quem disse? – ela esmagou o botão do elevador, desistiu e foi descendo a escada.

Sean soltou uns quinhentos palavrões e desceu atrás dela. Antes que ela fosse muito longe, ele a impediu; segurou-a e obrigou-a a parar e quem sabe raciocinar.

– Pare de fugir de mim, Beatrice. Não vai mudar nada do que aconteceu.

– Eu não posso lidar com isso. Nunca deveria ter dormido com você neste ponto da relação!

– Era justamente agora que precisávamos ficar juntos!

– Não era! Você não vê que ainda é recente demais?

– Estamos há um ano sem transar! E são três anos de encontros esporádicos! Você quer me enlouquecer?

– Eu estou há um ano sem dormir com você! Durante esses meses desde a última vez que ficamos juntos você andou por aí procurando substitutas pra mim.

– Cópias fajutas pra fingir que você não me desprezava! Como eu vou te substituir? Eu juro que se eu soubesse como, se pudesse aceitar outra eu a deixaria em paz.

– Você tem outras!

– Você estava certa. Eu comprei o tempo dessas mulheres, paguei com presentes, mas são compradas para fingirem que são você. O que mais eu preciso admitir? Não consigo deixá-la em paz! – ele se aproximou dela, sem nenhuma vontade de continuar aquela briga.

– Tire as mãos de mim! – ela disse, empurrando-o.

– Para com isso, Beatrice – ele avisou e era um aviso sério. Ele não ia lidar bem com a rejeição, muito menos agora.

– Não! Eu não posso lidar com o fato de que você esteve dormindo com outras! Dane-se se era porque você precisa tanto de mim que precisou de mulheres parecidas comigo para fingir que eu o queria. Não dá! – ela jogou as sandálias no chão. – Eu não consigo tirar da minha mente.

– E que merda eu vou fazer? Eu preciso de você. O último ano foi muito difícil. Estamos casados há quatro anos, mas depois da última vez que ficamos juntos... Eu não conseguia ficar longe e você não me suportava por perto. Não dava mais pra viver esse casamento de mentira. E eu não dormi com essas mulheres, não fiz nada diferente dos seus jantares. Mas eu cometi um erro. Eu fraquejei, mas não estive em quinhentas camas pelo mundo.

– O último ano também foi o mais difícil pra mim. Mas a pior parte foi vê-lo com outra! Eu não consigo aceitar. Você tinha que ser só meu! – ela disse, quase desmoronando nas últimas palavras, seus olhos ardiam com as lágrimas.

A visão de outra mulher nos braços dele queimava em sua mente. Não importava se era uma cópia dela, praticamente comprada para confortá-lo pela falta que ela fazia.

– E por que diabos você nunca me disse isso? Por que não me queria todo esse tempo? Eu estive aqui, eu sempre voltava como um idiota. Eu não consigo esquecer a última noite que eu tentei e você

agiu como se sentisse nojo. Eu só queria um casamento de verdade. Cansei do fingimento.

– Se você precisava tanto de mim, por que você nunca... – ela moveu os ombros, sua mente percorrendo tudo que podia ter acontecido, mas acabou no que ela menos queria tocar. – Disse que me amava?

Ela se arrependeu imediatamente da pergunta, isso a expunha demais.

– Eu disse... – ele falou mais baixo, abalado pela pergunta.

Sabia que poderia ter dito mais vezes, havia se apaixonado por ela de um jeito que não podia explicar nem para si mesmo. Foi rápido e arrebatador, ele precisou tomá-la para si de alguma forma. Perseguiu seu objetivo incansavelmente até tê-la num altar. Sua necessidade por ela era mais forte do que tudo que já sentira, ela se tornara tudo que lhe importava, mas como ele fazia para relacionar isso a algo que ele não sabia o que era? Nunca amou em sua vida adulta. Sua última namorada foi deixada quando ele tinha dezesseis anos.

O fato de ele precisar tê-la por perto de uma forma obsessiva lhe dizia que seus sentimentos eram fortes. Devia ser amor, ele certamente estava apaixonado, podia dizer isso a ela, queria dizer. Se houvessem realmente ficado juntos como um casal durante esse tempo, a essa altura ele estaria falando de amor como o homem normal que ele queria ser, com seu passado esquecido, ao menos superado. Ela poderia ajudá-lo nisso, poderia ensiná-lo novamente como era, mas não conseguiam manter um relacionamento saudável.

Como ele ia soltar suas amarras e falar sobre amor se temia o desprezo que ela lhe dirigia gratuitamente?

Beatrice balançou a cabeça negativamente. Não se lembrava de ter se sentido assegurada quanto ao amor dele. Nunca teve certeza, achou até que o queria por motivos puramente egoístas e que aceitaria o que ele lhe desse. Mas não foi assim, ela sempre quis mais, esperou por mais. Quando não conseguiu, se fechou tanto quanto ele. Ela só sabia que quando se casou estava apaixonada como sempre sonhou que um dia estaria e tão rápido que a

assustava. Mas era destemida e queria viver a aventura, se não desse certo e acabasse destruída, só lhe restaria voltar pra casa.

Mas nunca acabou. Nunca chegou a destruí-la, era um sentimento suspenso, uma situação indefinida que nenhum dos dois conseguia terminar porque não aguentavam o fato de abandonar um ao outro definitivamente. Talvez ainda vivessem por anos e anos desse jeito, esperando pela nova chance, perdendo todas que conseguiam. Até que Sean saiu da linha planejada e finalmente a destruiu.

Ele acabou com aquela situação indefinida e fria na qual viviam e criou esse caos no qual estavam agora. Ao menos era alguma reação. Mas Beatrice não podia lidar com isso. Ela ainda era apaixonada, sua mágoa a estava sufocando, havia doído muito mais do que pensava. E o que piorava seu pânico é que nunca machucaria tão profundamente se o seu amor por ele já houvesse acabado. A essa altura, ela não deveria sentir mais nada.

E ela também nunca disse que o amava.

– Me perdoa – ele disse por fim, não precisava especificar pelo quê. – Você é a única esposa que eu quis e a única que terei. Eu não mereço, mas, tenta me entender, Beatrice. Só um pouco.

Ele tentou alcançá-la, tocá-la, trazê-la para perto, qualquer coisa. Precisava dela perto dele novamente, ela havia escapado tão rapidamente de seus braços, era como se a noite passada houvesse acontecido há anos. Não teve tempo de realmente segurá-la junto a ele, o tempo que o fez enquanto ela dormia não foi suficiente. Só precisava dela agora, nesse momento para acalmar um pouco aquele pânico que ele começava a sentir, o mesmo que o levou a mascarar esse desespero com cópias dela.

– Não, não! Não me toca, para! – disse Beatrice, tentando se afastar.

Ainda era muito para ela. Recente demais, precisava ficar no seu canto e pensar, não só no que fez, mas no que ia acontecer agora. Precisava se entender, saber se conseguiria mesmo perdô-lo e também admitir seus próprios erros e conseguir superá-los para seguir em frente naquela tentativa. Mas não conseguia fazer tudo ao mesmo tempo. Estava confusa, assustada demais pela noite

passada, pelo que ainda sentia por ele ser muito mais forte do que podia suportar.

Ela fechava os olhos e a imagem de outra vinha a sua mente. Pensar que tudo que viveu com ele ontem podia ser replicado com uma cópia sua a deixava fora de si.

– Não! – ela o empurrou, impedindo o contato. – Você é sujo! Sujo! Esteve com suas mãos em outra mulher! Fazendo tudo que fez comigo! E eu não acredito que dormi com você sem proteção! Eu não o quero me tocando!

Sean parou abruptamente, como se houvesse levado um golpe físico. Seu olhar ficou sério, seu semblante não assumiu a frieza esperada, porque a dor foi forte. Seus braços caíram ao lado do corpo e ele permaneceu apenas olhando-a. Antes provavelmente não o teria afetado tanto, mas depois de tudo que aconteceu, de fazer amor com ela novamente, o golpe foi duro. Ele podia ser magoado, mesmo lhe dizendo isso, Beatrice ainda tinha dificuldade de acreditar, só enxergava quando acontecia.

Num misto de arrependimento e mágoa própria, Beatrice foi andando rapidamente para o elevador e começou a apertar o botão. Sean nem se moveu. De repente eles ouviram passos e uma mulher apareceu na sala, vindo do corredor que levava para os quartos no segundo andar do triplex. Beatrice se virou e parou em choque quando viu a visitante. Ela olhou-a de cima a baixo e franziu bem a testa. O que uma mulher alta, esguia, com uma linda pele morena tom de chocolate ao leite, usando jeans apertado e camiseta, com aquele cabelo acobreado e uma face delicada estava fazendo na casa deles? E com jeito de que acabou de sair da cama.

– Quem é essa mulher, Sean? – ela perguntou, cruzando os braços.

No fundo, ela não queria saber. Tinha medo de levar mais esse golpe. Seu coração já estava apertado só de pensar na possibilidade.

– É Gwen, minha amiga de infância. Está hospedada aqui no segundo andar.

– Amiga de infância? Você está de sacanagem? – reagiu Beatrice.

Percebendo que não havia chegado num bom momento, Gwen retrocedeu. Como eles não estiveram gritando no último minuto e

ela havia acabado de abrir a porta do quarto, não escutou nada. A mesa do café da manhã estava colocada na mesinha perto da janela e só agora Beatrice percebeu o fato, pois nunca havia mesa pronta ali naquele andar a menos que houvesse hóspedes. Porque Sean e ela sempre comiam no andar de cima.

O que Gwen via era quase inexplicável. Sean estava usando apenas um boxer e ela tinha certeza que ele nunca apareceria na frente dela usando tais trajes íntimos. Ao menos não agora, pois da última vez que o viu usando tão pouca roupa, os dois tinham dezesseis anos. E a mulher, que ela sabia ser Beatrice Ward, a esposa dele, estava com uma camisa que só podia pertencer a ele porque estava enorme nela, com os botões mal abotoados e não dava para ver se ela ao menos usava uma calcinha por baixo. E dois belos sapatos de salto estavam jogados no chão, perto dele.

Ou seja, eles haviam acabado de acordar e estavam brigando. Parecia ser feio e Gwen daria tudo no mundo para não ter interrompido. Por experiência própria sabia como era horrível que alguém chegasse justamente nesses momentos complicados de um casal em crise. Ela ouviu a pergunta de Beatrice, se estivesse no lugar dela também iria querer saber a mesma coisa. Mas foi a resposta de Sean que a surpreendeu.

– Ela é só minha amiga. É só olhar para ela, não se parece minimamente com você, eu não conseguiria fingir.

Essa resposta totalmente absurda pareceu convencer, mas Beatrice não estava contente com aquela mulher ali. Afinal, por que ela estava acordando no apartamento? E por que Sean era exatamente o tipo de cara que precisava ter uma amiga de infância mega gata que parecia uma modelo bonita? Era só futucar que Beatrice tinha certeza que eles tinham algum passado.

O elevador abriu as portas e sabe-se lá como, Don já estava dentro dele. Provavelmente Cristina avisou que estava havendo o inferno lá e Beatrice estava tentando ir embora e daria seu jeito de ir com ou sem segurança. E foi o que ela fez, entrou assim que as portas abriram. Ela e Sean não tinham mais o que dizer no momento, iriam piorar as coisas se continuassem.

E ele continuou parado no mesmo lugar, dessa vez não fez menção de impedi-la e continuava magoado, parecia abatido. Fato que deixou Beatrice menos satisfeita ainda por ele ter uma amiguinha de infância bem à mão para consolá-lo. E daí se a mulher não se parecia nada com ela. Obvio que não, a tal era alta e magrinha e Bea mal tinha um metro e setenta e com certeza não era magérrima. É exatamente nessas horas que a crise de autoestima resolve se instalar, nos momentos mais críticos e vulneráveis. Só para piorar.

MEU DEUS! Olha essa foto! To morto e passado. Os Wards são gente! Eles não apenas fazem dinheiro que nem água; trabalham 72 horas por dia e acordam perfeitos. Eles também beijam, minha gente! Dão amasso na rua que nem o povão! Morriiii! Esqueci até o nome do novo casal que estava lá no restaurante. Como é mesmo? Aquele cara do filme novo da Marvel está pegando aquela garotinha sem sal... Ai, não sei nome de ninguém. To Wardpasma pelo dia! Essa cidade tem as melhores máquinas de fofoca do mundo!
New York, New York, baby!
(346 comentários)

Capítulo 18

Quando eu olhar pra você, diga que nunca mais vai voltar. Faça-me odiá-la.

Mas se der errado, você é minha.

– Para onde ela foi usando só a sua camisa? – perguntou Gwen, depois de ver Beatrice partir. Ela tinha um olhar triste quando foi, não acreditou que realmente queria deixá-lo, mas parecia que já haviam acabado com sua cota por hoje.

– Não se preocupe, ela está segura – ele abaixou e pegou os sapatos da esposa. – Desculpe pelos meus trajes, vou tomar banho. Nos vemos depois – disse Sean, sem se preocupar em olhá-la e desapareceu na escada.

Gwen foi até a mesa ao lado da janela e se sentou, servindo-se de café. Ela esperava não ter piorado a situação, já bastava o seu casamento arruinado. Claro que no seu caso ela se deu bem ao se livrar daquele marido louco e que a perseguia. Mas sempre era ruim ver alguém passando por isso. Ela havia ido ali rever Sean porque eles realmente eram amigos de infância e também eram ex-namorados. Gwen foi a garota que ele deixou assim que se recuperou do sequestro, a namorada que ele teve desde os treze anos. Foi o último relacionamento sério dele até Beatrice entrar em sua vida.

Mas não sobravam sentimentos de nenhum dos lados. Só havia uma espécie de melancolia, porque os dois sabiam que o fim do namoro adolescente também representou o fim de uma vida para Sean. Foi o último laço que ele cortou com o que era antes do sequestro. E todos gostariam que nunca houvesse acontecido, talvez se houvessem continuado com sua ótima vida, sem conhecer o lado cruel, até houvessem se casado uns anos depois. Mas não havia

como mudar o passado e Gwen se apaixonou por outro homem que lhe deu muito mais dor de cabeça do que seu fim de namoro na adolescência.

A dor de cabeça foi tanta que ela estava até fugida, se mudara às pressas e estava esperando a ordem de restrição sair. Quando contou a Sean, ele lhe deu abrigo por esses dias, afinal, era o local mais protegido que ela encontraria e ninguém morava no segundo andar do triplex, especialmente com Beatrice fora de casa. Ele não contou que a esposa não estava lá, só lhe disse para ficar despreocupada porque era um andar livre. Agora Gwen não sabia se voltaria a ver Beatrice Ward ou não. Ela tinha curiosidade sobre a mulher que havia consertado Sean. Ao menos era assim que as pessoas do passado dele pensavam que havia acontecido.

Esperava rever a mulher, queria lhe dizer que ela e Sean não tinham nada. E ela realmente o conhecia desde os oito anos de idade.

Beatrice correu descalça pela garagem do Clarence e entrou no carro, não queria saber o que Don estava achando da situação. Ela tampou o rosto e só voltou a olhar pra cima quando chegaram ao seu prédio. Estava sem as chaves, sem nada, tinha deixado tudo lá, mas isso não foi problema para Don. Como sempre, ele agia como se nada fora do normal estivesse acontecendo. Ela foi direto para o quarto e se trancou lá.

- Madame está entregue – disse Don no rádio.
- Patrão tá zerado – respondeu Kevin, dizendo que Sean estava no quarto.
- E a visita?
- Zerada também. E agora?
- Aguarda. Já tem a descrição do marido dela?
- Vou enviar pro seu celular.
- Ótimo.

– Vamos continuar assim, não é? – perguntou Kevin, soando desesperançado.

– Ferrou tudo, cara – Don terminou de checar o apartamento e os dispositivos de segurança.

– O que eles arrumaram agora? Pensei que dessa vez você voltaria pra cá.

– Tive esperanças. Cristina tem informações?

– Ela só escutou os gritos. Acho que o plano está em perigo.

– Droga... – resmungou Don e desligou.

O celular de Sean não parava de tocar. Ontem, ele havia dito a Rico para ir trabalhar direto no GW e não especificou a hora que chegaria, mas como nem ele era tão otimista assim, imaginou que de manhã estaria por lá. E o pior é que ele escutava dois toques, porque Beatrice deixara a pequena bolsa no quarto dele e o celular dela era um bocado escandaloso.

– Merda – ele disse, completando a frase depois com mais palavrões enquanto abria a bolsa dela e apertava o botão de por no silencioso.

Ele largou a bolsa lá e foi andando pelo quarto, a raiva se avolumava em sua garganta, não conseguia deixar de pensar que podiam estar jogando mais uma chance fora. E dessa vez, muito mais arruinada do que a anterior. Com uma vida como a dele que se deixasse teria as vinte quatro horas de todos os seus dias completamente ocupadas, ele parou em frente ao espelho do banheiro, com as mãos espalmadas sobre o mármore frio e se perguntou o que faria agora.

A imagem que o encarava de volta não era aquele cara das capas de revistas de negócios, o novo nome do capitalismo canibal como os críticos diziam ou a face mais jovem dos grandes negócios como os fãs preferiam. Era um homem que não estava no seu momento mais determinado, confusão pura, um tipo bem humano e normal. Fracassado também. Sean estava enxergando uma droga no

espelho. Algo que ele odiava, um homem sem propósito não era nada. E justamente a única pessoa de quem ele realmente precisava para se sentir em seu juízo perfeito era quem mais o levava à beira da loucura.

Ele precisava esquecê-la, tinha que haver alguma forma de não ser dependente da existência dela em sua vida. Já tentara tudo. Se afastara, não ligara, não vira seu rosto por um longo tempo, tentara se interessar por outra, memorizara e enumerara todos os defeitos que ela tinha. Não adiantou, porque ele gostava deles também. Ele chegara a odiá-la, deixara-se alimentar pela mágoa a cada vez que a olhava e a cada recusa sua, a cada olhar frio, a cada rejeição. Chegava no dia seguinte e ele já queria vê-la novamente, mesmo sabendo que ela não ia deixá-lo chegar perto.

Agora devia ter sido o seu limite. Esta manhã devia ter colocado um ponto final em tudo, não havia jeito. Ele era o que era. Beatrice não ia mudar e não queria nem tentar perdoá-lo e Sean sabia que devia deixá-la em paz. Mas não conseguia aceitar a desistência. Não sabia para onde iria se ela simplesmente não fizesse mais parte de sua vida. Definitivamente.

Droga, ele até transara com outra. Passou o tempo com mulheres lindas que fariam tudo por ele e davam tudo de si para agradá-lo. Enquanto ele fechava os olhos e fingia que elas eram Beatrice e filho de uma puta como ele sabia que era, tinha certeza que chamara aquela mulher pelo nome de sua maldita esposa.

Ele já cometera erros que o fizeram perder milhões, já errara ao ponto de por o emprego de outras pessoas em jogo ao fazer aquisições erradas no GW. E não se arrependia. A vida era errar e acertar. Mas seu maior fracasso era seu casamento e seu maior arrependimento, o que ele fez com a relação.

Sean podia assistir o descontrole tomando conta dele, sua respiração se alterando, seu olhar se tornando cruel, seu rosto irreconhecível naquela máscara de ódio próprio. Numa explosão ele deu um soco no espelho quebrando-o em inúmeros estilhaços que se espalharam pela bancada e caíram na pia. Afastou-se dali e foi andando para o chuveiro com o punho pingando sangue no chão negro e lustroso do banheiro.

Uma hora depois de chegar a seu apartamento, Beatrice se levantou do canto do quarto onde tinha desabado e se encolhido em um ataque de pena de si mesma. Continuava com as lágrimas descendo pelo rosto, mas agora se odiava, porque não aceitava fraquejar tanto. Merecia uns tapas, uma bronca, algo que a fizesse acordar, mas não ficar chorando num canto, ao menos não por aqueles motivos.

Podia chorar porque se odiava por ainda estar apaixonada pelo mesmo cara. Por ter cometido a maior idiotice do último ano ao ceder e ir pra cama com ele. E nem usara proteção, como se fosse antes quando não sabia que ele havia andado com outra. E daí se ele sempre usava camisinha, se acabasse grávida logo agora ia enlouquecer. Ela estava uma bagunça completa, não servia para dirigir a própria vida pessoal, só conseguia fazer sua vida profissional funcionar cada vez melhor. E o resto só piorava.

Seu casamento estava arruinado, não dava atenção à própria família, mal conseguia manter uma amizade, sua vida social geralmente estava em torno de eventos que não tinham nada a ver com o que queria. E agora se metera a tentar consertar logo a parte mais complicada, o maldito relacionamento com Sean. Não dava. Tinham acabado de estragar tudo. Não serviam para ficar juntos muito tempo.

Ela arrancou a camisa dele de cima do seu corpo, sentindo vontade de rasgá-la em mil pedaços e tirar o cheiro dele de cima dela. Mas como ia rasgar suas memórias? Ia ficar meses remoendo cada minuto que passou com ele na noite passada, assim como aconteceu quando ficaram juntos lá na casa da praia há quase um ano. Só não ia imaginar que enquanto ela se fechava em uma concha ele saiu e procurou qualquer coisa que o permitisse fingir que estava vivendo momentos com ela.

Como ela fazia para passar por cima disso? Sentia ciúme, mágoa, revolta, raiva, possessividade e tristeza. Tudo misturado ou se

alternando. Nunca mais queria ver a cara dele, não conseguia aceitar que havia sido tão fraca e cedido dessa forma. Mas não conseguia esquecê-lo. Não era capaz de superar o que ele fez, mas tão pouco conseguia superá-lo. Que maldita paixão doentia era essa que havia desenvolvido? Precisava aceitar que era tão estranha quanto ele, nenhum dos dois tomou a iniciativa de se separar antes porque não conseguiam. E ela só o deixou após o choque de saber que ele conseguira se libertar mais do que ela.

O telefone não parava de tocar, continuava insistentemente e ela não atenderia nem o presidente agora. Sabia que devia ser Hartie ligando porque ela estava perdendo algum compromisso, mas o som dava nos seus nervos, piorava sua dor de cabeça. Ela andou até o aparelho sem fio e o arremessou do outro lado do quarto. O pequeno fone negro voou e bateu contra a porta do closet, quebrando e batendo no chão, com a bateria voando para um lado e os dois pedaços do fone sumindo embaixo da cama.

Passava da uma da tarde quando Sean saiu do elevador no último andar do GW. Estella não disse nada, só lhe deu boa tarde. Rico teve que segurar a borda da mesa em sua sala, de lá o via passar, era bem em frente, colada ao escritório de Sean. Kevin, um segurança abençoado, havia lhe dado um telefonema e dito que se eles quisessem viver era bom colarem a boca com super cola. Quando Kevin ligou, Rico já estava quase tendo uma síncope e piorou quando o segurança informou que estava numa clínica, esperando o patrão levar pontos na mão. Estella teve que levar um calmante para Rico que imaginou logo alguma desgraça. Mas Kevin resumiu como um "pequeno acidente com um espelho".

– Você acha que eu nasci ontem? – Rico falava com Kevin, aos sussurros na salinha de café do andar da presidência.

Estella entrou com uma bandeja e foi até a cafeteira fazer um expresso.

– O homem tá com humor de homicida e você vai dar cafeína pra ele? Enlouqueceu mulher?! – disse Rico, se virando para a secretária.

– E eu faço o quê? Não levo o que ele quer? Enlouqueceu?

– Diz que a cafeteira deu defeito! – ele abriu a caixinha de chá e procurou. – Aqui, faz esse! Pra acalmar a fera. Ele não vai ligar!

– Se ele me matar, eu volto pra puxar seu pé – disse Estella, pegando o saquinho de chá.

Rico tornou a se virar para o segurança que estava sentado à mesa comendo um sanduíche e tomando um café bem forte.

– Ele saiu com ela ontem – disse Rico, sem precisar especificar o *ela*.

– Ela quem? Ele arranjou uma amante? – Estella arregalou os olhos, ela não era tão familiarizada para sacar tudo.

– Com Madame Ward, sua lenta! Some daqui com esse chá! – disse Rico e olhou Kevin.

– Não sei de nada – respondeu o segurança.

– Para de segurar informação, desgraçado. Eu preciso trabalhar, pra isso preciso de informação atualizada.

Estella queria escutar, mas Rico a enxotou e olhou para ver se não tinha ninguém por perto antes de voltar a sussurrar com Kevin.

– Não deu certo. Só sei isso. Rolou o inferno lá no triplex hoje de manhã. Coisa nunca vista por lá. Cristina disse que é a primeira briga que ela vê lá dentro – disse Kevin, contando muito mais do que o “só sei isso”.

Rico ficou pálido.

– Por todos os deuses do Olimpo! Socorro! – Rico olhou em volta procurando algo para beber, óbvio que ali não tinha nada alcoólico, então ele começou a fazer um chá calmante.

Kevin continuou comendo e assentindo.

– Mas calma aí. Onde entra a mão machucada? Ele nunca faria isso! Ela bateu nele? Ai meu Deus, vou morrer!

– Isso foi depois. Aí não sei mesmo, minha função foi só dirigir até a clínica.

Na cabeça de Rico começaram a passar as cenas mais horripilantes. Tudo muito mais complicado do que um simples soco

no espelho.

Beatrice estava sentada à sua mesa em seu escritório na Park Avenue. Hartie tinha uma relação diferente com ela e tentara lhe animar, trazendo bolo e café da Starbucks. Ela lhe disse que o encontro foi ótimo e o agradeceu pelo restaurante, mas não falou do que aconteceu depois e também não saberia explicar porque acabou tão mal.

– Vieram entregar isso – disse Hartie deixando uma caixa em cima da mesa dela e um embrulho de lavanderia.

Ele estava se coçando para pressioná-la a falar, dava para ver que ela não estava bem, não tinha como esconder os olhos vermelhos e inchados e nem seu humor tão caído.

– Desculpe por não ter ido com você hoje cedo – ela disse, como se só houvesse se lembrado disso agora.

– Foi fácil, a perua me adorou. Quer saber minha opinião sobre toda a maluquice que ela armou para o clube. Eu disse que você tinha ido jantar ontem e estava com infecção alimentar – ele riu.

Ela sorriu levemente e abriu a caixa. Dentro estavam as sandálias que ela usou ontem e sua bolsa. E no interior da bolsa estava todo o conteúdo, incluindo seu celular que ainda estava no silencioso. E o embrulho da lavanderia era o seu vestido e o casaco que usou por cima.

Hartie não soube o que fazer quando a escutou fungando sobre as coisas que foram entregues, chorando baixinho e tentando não chamar atenção. Ele pensou sobre o que fazer, mas acabou levantando e arregaçando as mangas de sua camisa.

– Chega disso, vamos embora que não está rolando. E aqui tá muito perto da casa do danado.

– Não posso, tenho um bando de coisa... – ela disse, procurando um lenço.

– Pelo amor de Deus, mulher! Você é a chefe! Trabalha com o traseiro em casa! – ele juntou tudo, enfiou na pasta dela, fechou o

notebook, colocou na bolsa e partiu com ela pra porta.

Quando chegaram ao apartamento em Sutton Place, Hartie foi entrando junto e logo depois Elis apareceu.

– Ai até que enfim, baranga. Eu estava precisando de reforço. Não sei lidar – ele disse, indicando Beatrice, seu lenço de papel e o olhar triste.

– Ah, meu Deus. O que ele aprontou agora? Nunca te vi assim. Nem quando você resolveu fugir de casa – disse Elis, surpreendendo Beatrice e abraçando-a.

– Eu não fugi de casa... – murmurou Beatrice em protesto, a frase de Elis soou como se ela fosse uma adolescente fujona.

– Realmente, você deu a ninja. Se catapultou lá do triplex direto pra cá – implicou Hartie e levou um cutucão de Elis.

– Quer que eu chame a Terry? Ela é ótima nisso, afinal, ela já saiu de casa também.

– Ninguém aqui passou por mais relacionamentos fracassados do que você, Elis – disse Hartie. – Você serve. Essa hora Terry deve estar lá no Brooklin.

Ele levou outro cutucão.

– Agora conta pro tio Hart, abre logo essa matraca. Qual foi a merda?

– Apareceu alguma amante dele? – chutou Elis.

Beatrice assuou o nariz enquanto negava com a cabeça. Para piorar sua situação, esse negócio de chorar tinha ajudado a atacar sua alergia.

– Rolou barraco? – Hart deu de ombros.

– Vocês brigaram? – Perguntou Elis.

– Ele te insultou? – Hart cruzou os braços, já danado da vida.

– Você deu na cara dele? – Elis juntou as mãos, achando que ia acertar nessa.

– Não, cacete. Antes fosse – reagiu Beatrice, procurando seu remédio de alergia na bolsa.

– Então que diabos! – disse Hartie.

– Eu dormi com ele.

– O quê?! – os dois gritaram juntos.

– Pois é...

Elis e Hart estavam chocados e permaneceram assim só por uns dois segundos.

– Mas por que diabos você está na merda? Finalmente! – disse Hart.

– Vai me dizer que ele broxou no meio? – chutou Elis.

– Vou morrer! – disse Hartie.

– Vocês não estão ajudando... – murmurou Beatrice.

– Gente, não sei o que pode dar errado na vida de uma pessoa que passa a noite dando pra Sean Ward! – disse Hartie.

Beatrice começou a rir, ao menos com os absurdos que saíam da boca de Hartie a pessoa conseguia levar a situação um pouco menos a sério.

– Eu não quero explicar. Aliás, eu não sei como. Eu não devia ter feito, agora eu acho que... Não sei o que vai acontecer. Não quero falar sobre isso.

– Tudo bem... – disse Elis, acariciando o braço dela em apoio.

Hart ficou apenas olhando para ela sem saber como ajudar. Ele não conseguia entender e ela não tinha o hábito de se abrir, então, além de não saber explicar o que estava acontecendo, não sabia como começar a se expor tanto para eles. Pelo jeito essa questão com Sean ia muito mais fundo do que eles podiam ver e parecia ser sua ferida mais aberta, ela não queria mostrar.

– Que tal então se pedirmos aquela comida árabe maravilhosa e calórica com direito a sorvete? Tem coisa melhor que isso pra curar fossa? Além disso, você não almoçou hoje – sugeriu Hart, sentindo a própria barriga roncar.

– To dentro. Pergunta ao Don o que ele quer do cardápio também, eu sei que ele também não almoçou direito – disse Beatrice, aceitando a distração proporcionada por eles.

No triplex, a menos que quisessem, os donos da casa não precisavam encontrar seus hóspedes já que os andares eram independentes. Mas na hora do jantar, Sean desceu ao segundo andar e sentou à mesa com Gwen. Ele estava quieto, mas comeu direito e perguntou como foi o encontro dela com o advogado que ele lhe indicara. Gwen podia não conviver com Sean há muitos anos,

mas ela o viu na época mais crítica, durante seu pior período. Agora ele parecia recuperado, mas não era difícil se lembrar de como lidar com seu humor.

– O que você arranhou na mão? – ela indicou a mão enfaixada dele.

– O espelho quebrou – ele respondeu, enquanto separava o peixe ao molho de licor de laranja que estavam comendo.

– Você quis dizer que seu punho quebrou o espelho – ela não parecia intimidada por ele, mas Sean também não estava com humor para intimidar ninguém. Ao menos não propositalmente.

– Exato.

– E você costuma quebrar muitos espelhos depois que vocês brigam?

– Nós não brigamos.

– E hoje de manhã foi ensaio de peça?

Ele terminou de mastigar e a encarou.

– Não, é sério. Nós não brigamos. Essa desse ter sido a segunda briga que temos no casamento.

– Impossível.

– Não...

– Qual é o problema?

– Nenhum.

– Pelo amor de Deus, Sean. Não te conheci ontem.

– Nós dois somos o problema. Simples assim.

Ela passou o guardanapo sobre a boca.

– Bem, ao menos vocês não estão precisando de ordem de restrição um contra o outro – ela disse, referindo-se ao seu problema.

– Ah não, nós cuidamos disso sem precisar de advogados. Nós mesmos nos restringimos.

– Ela vai voltar ou já voltou?

– Não vai. Ela não está aqui no momento.

– Se refugiou na casa de alguma amiga?

– Você notou que desde que chegou aqui na segunda, só a viu hoje de manhã?

– Sim, mas... Você disse que ela é ocupada.

- Mas não é mal educada. Se estivesse em casa você a teria visto.
- Ok, agora eu entendi – disse Gwen, finalmente sacando que Beatrice não estava morando ali no momento. Não que isso explicasse porque ela estava lá hoje de manhã, discutindo com Sean após estar claro que dormiram juntos.

Eles terminaram de comer, Cristina trouxe a sobremesa e eles continuaram em silêncio, até que Gwen não conseguiu mais conter a língua.

- Vocês estão se separando?
- Sim – disse Sean, odiando a resposta, até agora não tinha admitido isso para ninguém.
- Eu lamento muito. Há um tempo você disse que havia se apaixonado.
- O que eu sinto não mudou.
- Ela não estava com cara de que não sente nada.

Sean deu de ombros. Ele também não sabia ir soltando tudo, mesmo para Gwen. Se fosse outra pessoa ele não teria dito metade do que expos para ela. Mas havia uma ligação entre eles, ela fazia parte da sua vida, esteve presente tanto na vida anterior quanto na vida que ele construiu quando tudo mudou. E ela o apoiou, foi ele quem a decepcionou ao mudar o status da relação deles. Mesmo assim, ela aceitou e foi em frente. Ela era o que ele podia chamar de amigo verdadeiro. Daqueles que não precisava ver o tempo inteiro e nem falar todo dia, mas ao encontrar, não precisava fingir nada e nem mentir. E o que ela precisasse, ele faria.

- Quando assinei o meu divórcio, depois de muita briga, me senti livre e feliz. Ele não queria me dar a liberdade, você sabe.
- Você devia ter me dito isso quando nos vimos em Bruxelas.
- Eu não queria envolvê-lo nisso.
- Que droga, Gwen. Teria te poupado meses de fuga desse puto.
- Fato é que... eu me senti ótima. Mas não é isso que vai acontecer com você.
- Nós não vamos nos divorciar.
- Está se contradizendo.
- Não, eu disse que estamos nos separando. Na verdade, já estamos separados há muito tempo. Mas não divorciados.

- Faz diferença?
- Em nossa relação louca, faz.

Ele subiu logo depois para ficar sozinho, pegou um livro de suspense do Harlan Coben e tentou esquecer sua vida e viver o momento dos personagens. Geralmente funcionava, mas estava difícil. E isso por que faziam apenas horas que Beatrice e ele tinham estragado tudo mais uma vez. Ele estava magoado com o que ela lhe disse e a forma como se comportou por causa de algo que ele havia feito antes. Mas não fazia diferença, ele já estava sofrendo as consequências dos seus atos, não diminuía a magoa pelo golpe dado apenas agora.

Eles se deram um tempo longe um do outro. Mesmo com os dias do acordo rolando, até porque um não sabia se a outra parte continuaria. Beatrice ainda olhava o celular, repreendendo-se, mas incapaz de parar. Sean estava completamente imerso em trabalho outra vez. E para se obrigar a ficar pelo menos uns dias sem ir atrás dela, ele saiu de Nova York e foi até Washington na filial do Grupo Ward resolver umas questões e participar de reuniões por lá. Tinham acabado de ganhar uma grande obra pública e era bom ele dar as caras. E no fim ele acabou podendo se envolver com o trabalho que seus garotos da segurança tinham lá, isso realmente conseguia fazê-lo esquecer dos problemas pessoais por umas horas.

– Às vezes eu sinto falta de nossas missões – disse Don, enquanto arrumava suas coisas lá no triplex, Vini já tinha ido substituí-lo.

Kevin mexeu em sua arma, vendo se estava carregada e colocou na bolsa preta que levaria na viagem. O resto da bagagem estava lacrada e pronta para ser dispensada. Eles iam ficar um tanto ocupados lá em Washington.

– Só da adrenalina – disse Kevin, parando para observá-lo. – Agora você é um cara comportado, casado e pai de duas fedelhinhas – ele sorriu.

– É... Só da adrenalina. Fiquei sabendo que o Alvez vai sair também.

– A mulher engravidou – esclareceu Kevin. – Sabe que essa é a regra. Acho que o Vini vai voltar e Alvez vai passar a revezar com você pra cuidar da Madame.

– Vini está recuperado? – Don franziu a testa.

– Passou nos testes. Tem estado bem. Passou até no psicológico.

– Eu não vi o que o deixou tão perturbado, mas... Quando eu ia, tem coisas que foram bem difíceis – admitiu Don.

– Parece que foi algo parecido com o que o patrão passou – Kevin disse mais baixo. – Só que com crianças mais novas.

Don já nem gostava mais de imaginar. Até um cara barra pesada como ele ficava mais sensível depois dos filhos e ele era do tipo que carregava suas duas garotinhas desde que nasceram. Sinceramente, ia pirar se alguém as pegasse. Por motivos como esses que os seguranças que “evoluíam na vida” como eles gostavam de descrever, eram mandados para outros setores. Ficar com Sean era perigoso demais, especialmente nas viagens extras.

Beatrice foi com Hartie até Nova Jersey para ver um projeto de um clube privativo que iriam pegar inteiro para decorar e passaram a quinta por lá, retornando apenas sexta de tarde. Sean retornou a Nova York na segunda-feira de manhã, a única coisa que o segurava era o que lhe restava de orgulho e amor próprio.

– Por que diabos você não está me atendendo no Skype? – disse Rose, falando bem alto no telefone de Beatrice.

Ela já havia comprado um novo para repor aquele que havia espatifado. Assim como já haviam cuidado para repor o espelho do banheiro de Sean.

– Não estava com ele conectado.

– Para de onda. Você está fugindo de mim.

– Não estou.

– O que aconteceu, Beatrice?

Ela levou um tempo para responder, remoendo a informação e pensando se queria mesmo falar. Estava guardando isso há tanto tempo e tudo só ficava pior.

– Bea? Ainda está aí? – perguntou Rose.

– Eu não sei se estraguei tudo ou se apenas reagi ao que já estava estragado.

– O plano não está dando certo?

– Nem um pouco. Eu dormi com ele e depois tudo foi horrível.

– Você não gostou?

– Eu gosto dele. E apesar dele não acreditar eu dormiria com ele todos os dias. Mas isso foi antes. Muito antes do pior ano do casamento, antes de saber que ele me traiu e antes de eu me tornar essa mulher que eu odeio no momento! E também foi antes de eu sair da negação e aceitar que eu não me reconheço na pessoa que fui nesse casamento e ainda sou apaixonada por um homem que eu nunca mais deveria ver na minha vida!

– Tá, calma. Isso foi muita coisa. Não, não começa a chorar ainda. Espera! Nós vamos resolver isso por partes.

– Não vamos. Nós vamos desistir e eu vou me mudar dessa cidade e por Deus, dessa vez eu esqueço o meu maldito marido!

– Não vai fazer nada disso! – gritou Rose. – Fica quieta, eu falo. Não, cancela. Eu vou aí para conversarmos.

– Não. Você não mora do outro lado da rua.

– Dane-se! Amanhã cedo estou aí! Baltimore não é tão longe assim! Em no máximo quatro horas estou aí!

– Liga o Skype que é mais rápido.

– Skypé é o cacete. Você e essas modernidades. Quero olhar pra sua cara, porque eu sei quando você está mentindo pra mim e eu consigo arrancar tudinho quando estou na sua frente, pronta pra te dar uns tabefes.

– Rose...

– A irmã mais velha aqui sou eu. E eu te pego se você não abrir a porta pra mim!

– Você é a melhor irmã do mundo – Beatrice murmurou. Afinal, nunca teria pedido a irmã para largar tudo e simplesmente ir vê-la. E ela não merecia, porque fazia tempo que não largava tudo e ia em casa.

– Diga isso depois que eu terminar de espancar o seu traseiro! – devolveu Rose com um sorriso que Beatrice não podia ver.

Roselyn tinha um jeito simples de lidar com situações como essa. Alguém precisava dar o braço a torcer e começar a consertar o problema. Ela já era adulta há tempo demais e madura o suficiente para não agir como uma boba despeitada que deixaria sua irmã caçula na mão porque estava chatadinha que ela não vinha visitar sua antiga cidade. Isso era ridículo demais. Se ela quem podia dar o primeiro passo para que sua relação com a irmã voltasse ao que era, ia agir como uma adolescente cheia de vontades por quê? Não ia parecer melhor, mais forte ou mais poderosa sendo assim. E sua irmã parecia estar encarando algo similar.

No sábado de manhã, Roselyn foi anunciada no interfone e quando chegou ao décimo primeiro andar, Beatrice estava na porta a esperando.

– Você é mesmo impossível! Não são nem dez da manhã! – disse Beatrice, agarrada a irmã que a apertava muito forte.

– Quando eu saio em resgate aos meus, ninguém me segura! – respondeu Rose, apertando mais a irmã.

– Eu estou tão mal para precisar de resgate? – Beatrice puxou a mão dela para entrarem.

– Claro que sim, já estava até delirando. Além disso, você convenientemente mora em Nova York, eu preciso comprar umas coisinhas! – ela abriu um sorriso e passou o braço em volta da irmã.

Rose deixou a mala que trouxe ao lado do sofá fofo e grande de três lugares que havia na sala. A mala era grande e estava quase vazia, ela queria era espaço para o que levaria.

– Que bom você estar animada. Não estou com ânimo para cozinha, que tal eu levá-la para almoçar.

– Ótimo, me leva num desses lugares que você me conta. Mas a noite eu vou fazer aquele macarrão que você ama!

– Com a sua salada também? – os olhos de Beatrice brilharam.

– Tem mercado aqui perto?

– Tem um logo na rua em frente.

– Vamos lá depois. Agora corta a encenação e abre o bico. Eu já dormi muito no avião, estou muito descansada.

Beatrice sentou em cima de uma perna, bem ao lado da irmã. Rose tinha o cabelo bem escuro, um tom de castanho profundo, sem muitas interferências de outros tons e que ela mantinha dessa forma. Assim como o da irmã mais nova, era repleto de ondas grandes e naturais. Seus traços eram mais fortes, bem similares aos do pai com notável ascendência grega, pois os bisavos delas imigraram de lá. Beatrice tinha os traços mais leves por influência da mãe, mas isso não as impediu de serem parecidas. Os olhos de Rose também eram castanhos, da cor do mel.

Rose era uns poucos centímetros mais baixa do que a irmã, mas isso não a incomodava, havia se conformado com o fato na adolescência de Beatrice. Já Cherry, irmã do meio, chegava a ser dez centímetros mais baixa que a caçula e isso a irritava profundamente, porque ela não aceitava ser nada “menos” do que as irmãs.

Dez minutos depois, Beatrice estava encolhida junto à irmã, contando absolutamente tudo que aconteceu nos últimos quatro anos e ela vinha guardando só para ela. E todas as inseguranças que escondia por trás daquela imagem de mulher bem sucedida, sempre na moda e ainda por cima casada com um Ward. Chorou até não poder mais. Rose estava até se lembrando do primeiro namorado que Bea teve e que a trocou por outra menina do colégio e não quis levá-la ao baile de inverno. A irmã chorou por dias e se trancou no quarto, se recusando a sair. Ela quem teve que consolar, porque a mãe precisava trabalhar e Cherry só piorava as coisas.

– Aquela cópia está para todo lado. E ainda por cima instalada aqui em Nova York. Era a última coisa que me faltava. Eu sinceramente achava que sei lá... Havia outras já que nós não ficávamos juntos. Mas eu não queria enxergar, não sabia como lidar. Eu até pensei que existiam desde o início, mas o fato de ele jurar que esse surto foi nesse último ano, não muda o fato de ele ter procurado outras pra me substituírem!

– Meu bem, você era possessiva até com bichinho de pelúcia. Quando Cherry sumia com eles era o inferno lá em casa. Se pegassem uma boneca então, você dava um troço. Imagina com um marido!

– É diferente, ele é uma pessoa!

– Dane-se, amigo. Nesse caso não tem essa de viva e deixe viver. Isso é coisa de conto erótico ou romance de gente perturbada. Serve também pra quem quer trair e prefere deixar que o outro traia. Certas pessoas não servem para esse tipo de vida. Aceitar e viver feliz como casais que gostam de swing é diferente de duas pessoas ciumentas e possessivas. Não adianta criticar, é cada um na sua.

Beatrice assimilou o que ela disse por um minuto, mas acabou perguntando:

– Quando foi que swing entrou na conversa, Rose?

– É que eu aconselhei um casal e eles estavam nesse dilema. E a esposa não queria, mas o marido tinha fugido e participado de um clube desses sem convidá-la e eles estavam em crise. Enfim. Fato é que, vocês dois não dão pro negócio.

– Ele é um filho da mãe!

– Ok, vamos fingir que você é menos bobinha e nesses encontrinhos que você teve com esses caras do jantar, você, carente e se sentindo abandonada pelo seu marido de mentira, tivesse ido pra cama com um deles. Mas, você não sente nada por eles e a situação com seu marido pode ser consertada. Caso isso aconteça, você nunca mais pretende ficar com outra pessoa, só com o marido. Lembre-se que apesar do que aconteceu, você é apaixonada pelo seu marido e cometeu um erro. Não adianta vir com essa história de que não acontece, porque acontece. Você ia ou não ia tentar consertar o casamento?

– Pessoas num casamento não devem fazer isso.

– Não devem, é errado. Mas acontece. Não julgue os outros do seu pedestal. Supondo que tenha acontecido com você e ambos querem salvar a relação e seguir em frente. Você tentaria?

– Acho que sim...

– Muda a situação de lado.

– Roselyn! Ele procurou cópias minhas, no plural! E por mais que eu tenha jantado com uns caras e ele diga que também só saiu com elas... Ele foi além com uma delas! E eu conheci justamente aquela que eu acho que foi, eu não consigo lidar com isso. Ataca meus

princípios, meu ciúme, meu amor próprio, meu orgulho e minha autoestima. Você precisava ver a mulher!

– Bea, ela é uma cópia por um motivo. Isso devia era levantar sua autoestima. Porra, o cara praticamente só levanta pra você. Você sabe que meu trabalho é consertar casamentos e fazer a advogada do diabo, mas se você quer acabar com o seu, tem que fazer imediatamente. E chega desse casamento de aparências. Ou acaba agora, ou vocês o tornam realidade. E aí sim eu quero ver como farão.

Beatrice balançou a cabeça negativamente, ela realmente estava tentando. Sinceramente, sua experiência com relacionamentos não era extensa. Ela estava com Sean há quatro anos. Ele a fisgou quando ela ainda estava na faculdade e mal tinha começado a se liberar sexualmente. Ela não foi uma garota cheia de namorados no colégio, teve alguns, sem grandes problemas e com decepções típicas da idade. Não construiu uma grande carga para já começar a olhar para os relacionamentos como uma pessoa entendida. E em quatro anos de casamento... Bem, ela já tinha contado a irmã como havia sido.

Sean também não ajudava na questão. Ele entendia de mulheres que ele comia e dava tchau. Ele não era tão mais velho do que Beatrice, eram só quatro anos de diferença. Antes dela só existiu um comprometimento sério em sua vida e que acabou por outras circunstâncias. Depois foram anos de tanta mulher passando que na boa, não dava para lembrar todas as situações que esteve com elas. Ele namorou e casou com ela em tempo recorde. Depois entraram as cópias. Não eram relacionamentos. Eles precisavam se entender, fazer funcionar em dupla.

– Tudo bem, vamos continuar falando sobre você – disse Rose.

– Você está me tratando como uma de suas pacientes.

– De certa forma, preciso ver o negócio direito e não como a irmãzona mais velha que chegaria e só daria uma surra nesse seu marido por se atrever a tentar esquecê-la com essas cópias baratas! Aliás, vamos lá atrás dele que eu ainda quero dar um socão naquele nariz pra ver se fica feio!

Beatrice sorriu para a irmã.

– Não! Tenho uma ideia melhor! – Rose pulou de pé.
– Qual?
– Terapia de choque!
– O quê? – Beatrice olhava de forma desconfiada.
– Você sabe onde encontrar a cópia aqui da cidade?
– Ah não, Rose!
– Nós não vamos dar uma surra nela! Relaxa! Vamos olhar e falar mal. Depois vamos fazer o mesmo com seu marido sacana. E aí vou olhar suas listas enquanto fazemos compras, porque você vai me levar para repor meu estoque de bolsas, sapatos, maquiagem e me deixar chique que nem você. Vou matar Cherry de inveja. E então vamos beber umas, ficar meio bêbadas, falar besteiras e você vai acabar com um ótimo plano para dar um jeito nessa merda toda. E tudo isso até segunda de manhã que à tarde eu tenho que trabalhar!

Esse fim de semana foi o pesadelo das colunas de fofoca. Não aconteceu nada interessante, parece até que estamos na cidade errada. Acho que todos os playboys e artistas foram viajar ou estão doentes. Nem as socialites saíram para causar na noite. Alguém sabe onde Betina foi parar? E aquele marido horrendo dela? Só tenho uma novidade, Gwen Devaus está de volta à Nova York e agora ao invés das colunas europeias, a bonita vai ter que nos aguentar.

E é obvio que ela foi procurar asilo com os Ward. Agora, momento fofoca da antiiga: Quem mais aí acha que se Beatrice Ward não tivesse dominado Sean-W, Gwen voltaria correndo para ele? Ainda mais agora que ela está voltando a usar o sobrenome de solteira.

Dizem que aquele suíço dela é meio ruim das ideias. Alguém mais aí é do tempo que Sean-W e Gwen eram praticamente prometidos em casamento? Se forem, vocês estão ficando velhos! Botox resolve!
(388 comentários)

Capítulo 19

Quando eu olhar pra você, feche a porta e não ouse fugir. Deixe as roupas no chão, também. Vai ser mais fácil.

Na terça-feira, ou seja, uma semana depois do dia em que se encontraram, Beatrice atravessou o hall do prédio do Grupo Ward, pronta para enfrentar as fotos. Carregava uma bolsa grande e branca do Michael Kors, usava um conjunto em marfim de blusa e saia da Carolina Herrera, um belo colar e saltos poderosos e altíssimos. Não parecia que ela jamais havia passado um final de semana se consolando nos braços da irmã e chorando em alguns momentos. Além dos cremes calmantes para pele que eliminavam qualquer vermelhidão e do pepino que usara sobre os olhos, sua maquiagem estava impecável.

Lá no começo do casamento, Sean havia lhe dado um cartão do grupo GW que vinha preso em um crachá e servia para passar nas catracas eletrônicas que liberavam o acesso para entrar no prédio. Beatrice gastou a manhã inteira procurando o maldito cartão e por sorte o encontrou em uma carteira antiga que havia vindo dentro de uma mala que o próprio Sean levava para o seu apartamento com itens que ela deixou para trás.

Ela lembrava que ele havia lhe dito para ir lá quando quisesse. Ela só foi duas vezes, uma foi com ele que lhe mostrou onde trabalhava e outra porque estava esperando-o para um evento e como ele ia demorar, ela foi esperar lá em cima. Apesar de casada com ele, era como a maioria das pessoas que não trabalhava no GW e morria de curiosidade sobre como funcionava tudo por trás das paredes daquele prédio gigante no coração de Manhattan. A segurança no prédio era tão boa que provavelmente o único que passava facilmente sem mostrar nem identidade era Sean.

As pessoas por quem ela passava ficavam olhando para ela, não só porque ela chamava atenção, mas quem iria trabalhar no GW e não a conheceria? Era quase um pré-requisito. Quando ela entrou no elevador as pessoas atrás dela faziam movimentos discretos, indicando para quem não havia notado. Olhar os detalhes da esposa do chefe era sempre interessantíssimo, ainda mais quando ela nunca ia lá.

– Olá, posso esperar aqui?

Estella levou um baita susto com aquela voz e pulou na cadeira. Olhou a porta de vidro que Don estava fechando, ele vinha trazendo um embrulho e uma bandeja com três copos de café da Starbucks. Então ela reparou em Beatrice de pé a sua frente e piscou algumas vezes até sua mente lhe dizer quem era ela.

– Cla-claro. Por favor! – ela pulou de pé. – Quer um café ou água, suco, refrigerante, chá?

Rico saiu correndo da sala dele e se adiantou.

– Nada disso, Estella! Depois – ele parou a frente de Beatrice, já com um sorriso enorme. – Madame Ward, que prazer vê-la por aqui.

– Corta essa, Rico. Não vou te dar minha mão pra beijar, você já faz isso com a minha sogra. E a hora disponível, arranjou?

– O que madame pede que eu não faço? Não tinha não, mas eu troquei os compromissos da tarde, ele nem percebeu. Ainda.

Beatrice foi atrás de Rico enquanto amaldiçoava sua irmã mentalmente, não sabia como havia sido convencida a ter essa ideia enquanto elas tomavam sorvete e andavam pela Macy's procurando lingerie nova para Rose.

– Você é o máximo, Rico. Vou te comprar um presente por isso – prometeu Beatrice.

Rico ficou todo bobo e estava com um sorriso enorme quando bateu na porta de Sean e entrou. Ele não estava mais com receio de entrar ali, Sean não estava de péssimo humor, até que viajar para Washington o ajudou a relaxar. Só que Rico preferia o chefe em seu costumeiro humor dinâmico e muitas vezes azedo. Assim como estava, quieto e introspectivo, sem sequer alfinetá-lo ou reclamar de suas interferências, era muito estranho. Ele viu logo que algo havia dado errado.

Então do nada, num acontecimento inédito, Beatrice ligou e perguntou se por acaso Sean não teria uns minutos livres. Claro que não! Em plena terça-feira de tarde, no meio do expediente? Mas Rico criou uma tarde sem interferência e ia ficar lá fora tomando conta, quem chegasse ele daria um tiro. Ele queria seu chefe do jeito que era. Odiava quando ele tinha essas quedas de humor que antes costumavam acontecer assim que chegava ou partia de Nova York.

– Chefe, tem visita.

– Minha conferência atrasou, Rico. E o meu expresso?

– Só um minuto.

Quando Beatrice passou pela porta, Sean já havia retirado os óculos e estava novamente recostado em sua cadeira muito confortável e grande e olhando a tela da TV por onde fazia suas conferências quando estava em sua mesa.

– Rico disse que você tinha uns minutos.

Sabe-se lá por qual milagre ele conseguiu controlar muito bem a reação de choque por vê-la ali. Sinceramente, se ela não estivesse com uma feição tão normal e carregando café, ele acharia que havia acontecido uma desgraça.

– Eu acho que sim – ele apertou uma tecla no notebook que mostrava sua agenda em tempo real e viu que estava com a hora seguinte livre. Juraria que aquilo não estava ali hoje cedo.

– Nada de expresso hoje. Você ainda gosta de macchiato de caramelo?

– Sim, bem gelado?

– Claro.

Havia uma mesa no lado direito da sala dele onde Sean almoçou muitas vezes, mas ela colocou os copos sobre a mesa de trabalho dele e jogou a bandeja no lixo. Depois tirou também um jornal, marcado numa página de uma matéria grande sobre um sequestro e colocou os saquinhos pardos onde havia um rolo de canela e um croissant de espinafre. Ela tinha um pedaço de bolo de limão e um copo com frappuccino de morango. Então deu a volta e se recostou, cruzando as pernas nos tornozelos.

– O que aconteceu? – ele perguntou, olhando bem para ela.

– Não está com fome? – ela perguntou, puxando o copo para mais perto dele. Não sabia exatamente o que dizer para começar. – Rico disse que não almoçou direito.

– Rico é um bocado fofoqueiro – Sean respondeu, resolvendo olhar o que ela lhe trouxera. – Canela, espinafre e até meu café gelado preferido? Andou olhando alguma Fan Page sobre mim?

Ela sabia que merecia a alfinetada, mas agora ia mesmo olhar para ver o que colocavam lá, devia ser pelo menos divertido de ver.

– Você já deu entrevista falando dos seus gostos? – ela perguntou.

– Bem, eles perguntam.

– Elas...

– Também.

A tal conferência atrasada de Sean entrou no meio do assunto e ele voltou a olhar a tela, como a câmera focalizava sua mesa, eles viram Beatrice.

– Estamos um pouco fora de hora – disse Sean em francês.

– Mas que bela! Por que não disse que sua nova assistente era essa beleza. Eu não teria atrasado – disse Jared Ward, seu rosto bonito aparecendo na tela de alta definição.

Por pelo menos uns dois minutos todos ficaram muito mais interessados em cumprimentar Beatrice, alguns em línguas diferentes e ela sorria e respondia, sentindo-se até famosa por causa do entusiasmo deles. Depois se afastou e sentou na poltrona em frente enquanto via Sean distribuir tarefas e receber informações como ninguém, quanto mais pedia e mais tarefas delegava, mais rápido conseguia se livrar deles.

– Ah, droga. Agora estou com fome – ele tirou o fone do ouvido e mordeu o croissant de espinafre.

Ela estava sugando sua bebida pelo canudo e voltou para perto dele, cruzando as pernas ao sentar na beira da mesa. Sua saia deixava um pedaço das coxas à mostra e ela deu uma boa visão a Sean, mas podia jurar que não foi proposital.

– Soaria estranho se eu perguntasse o que fazemos agora?

– Hum... – Sean apenas assentiu enquanto mastigava. – Ambíguo também.

Soltando o ar, Beatrice deixou o copo ao lado de sua coxa e juntou as mãos. Sean continuava comendo, ele terminou o croissant, bebeu um bom gole do macchiato e pegou um guardanapo para comer o rolo de canela.

– Eu quero continuar nosso acordo – ela declarou, depois que tomou coragem.

Sean largou o rolo de canela sobre o pacote e se levantou, levando sua bebida gelada até o bar onde desistiu de melhorá-la.

– O que me assusta é porque eu quero continuar – respondeu Sean.

Ela se virou um pouco no lugar para vê-lo.

– Talvez você sinta algo por mim além de obsessão e paixão irrefreável – ela não sabia exatamente o que Sean sentia, mas no momento parecia mais seguro se aventurar na análise sobre ele do que dos seus próprios sentimentos.

– O que eu sinto por você é inexplicável e eu devia esquecer – ele respondeu.

– Já se indagou sobre os motivos? – ela perguntou. – Sempre me pergunto, por quê?

Ele virou o rosto e olhou bem pra ela por um momento.

– E você, já parou para perguntar isso a si mesma? Porque até onde eu sei você apareceu e me tirou do fundo do poço para me jogar num buraco mais escuro e sem paz – Sean falou amargamente, encarando seu café, mas antes de continuar ele ergueu a mão no ar como se fosse enumerar. – Abalou minha confiança, desprezou meus sentimentos e ignorou minha existência. E eu ainda não sei por que a amo tanto.

A respiração dela parou, simplesmente cessou. Não ficou presa, deixou de existir. Ela havia lutado tanto, por tanto tempo e vinha brigando com si mesma nessas semanas que eles estavam juntos que já pareciam durar meses. E de tudo que poderia imaginar que haveria entre eles, nunca pensou que um copo de machiatto e uns poucos minutos seriam a companhia para o momento mais aflitivo de sua vida.

O que ela fazia agora? Nem lembrava mais de tudo que havia ensaiado para dizer quando chegasse ali. Seu coração estava

batendo em sua garganta. Ela tinha memorizado tudo que achava razoável incluir para que esse teste deles funcionasse mais racionalmente, mas agora parecia ridículo e não lembrava metade. Só queria que ele ficasse só com ela. Não era esse o grande ponto, afinal?

Sean bebeu o resto do seu café, engolindo até os pequenos pedaços de gelo que sobraram. Ele odiava esse sentimento que seguia após dizer algo tão íntimo sobre o que sentia, era como se momentaneamente ele abaixasse o escudo que o protegia. Mas ele ia terminar de dizer o que vinha o corroendo tanto.

– Você acabou com o que eu ainda tinha de vergonha na cara e eu assisti. Em algum momento nesse maldito casamento você roubou qualquer amor próprio que havia em mim e eu aplaudi. Um dia você grita de paixão e no outro é tão fria quanto o gelo desse copo. Num momento está aqui e amanhã desaparece. Você é a mulher mais incontrolável que já tive. Eu não sei lidar com isso.

Ela ficou em silêncio por um tempo, não conseguia parar de engolir a saliva. Sua primeira reação seria sair correndo e se esconder dele e do que sentia. Especialmente do seu coração acelerado que ela tinha medo de ele escutar.

– Eu não sabia que você se sentia assim – ela conseguiu murmurar. – Você nunca disse – ela chegou a gaguejar e se odiou por isso.

– Estou dizendo agora. Se isso fizer alguma diferença pra você.

– Não sei por que você me enxerga assim, eu não... Não sou assim! – ela ficou de pé, sem conseguir permanecer ali, parada e passiva naquele momento. Não podia ter feito tudo isso. – Eu até vim aqui só pra dizer que apesar do que aconteceu da última vez que nos vimos, eu quero continuar.

– Sorte a sua. Assim eu vou poder te deixar de calcinha na porta de casa no próximo encontro. O sentimento é indescritível – o sarcasmo dele foi tão carregado que saiu cortante.

Ela já havia levado tantas alfinetadas que devia estar vazando.

– Eu não te deixei na por... – ela soltou o ar e se interrompeu. – Quer saber, eu só vou continuar isso se for nos termos certos. Eu vou inclusive fazer uma lista e colar no seu nariz!

Sean jogou o copo na lixeira com mais força do que o plástico leve precisava, então andou de volta para sua mesa e a encarou.

– Dane-se o que você quer arrancar de mim agora. É minha vez e eu quero mais acesso – ele demandou.

– Como?

– Como quando eu resolver tocá-la, você não vai se retrair como se tivesse nojo ou medo. E quando eu disser que vou começar a fodê-la, vai ser verdade. E você não vai fugir. Nossa última noite está entalada na minha garganta e você vai me ajudar a engolir.

Beatrice estreitou os olhos, recusando-se a se deixar intimidar, pois ele também precisava de uns ajustes.

– Nunca mais ouse me trocar por uma cópia! Eu não quero que você nunca mais se relacione com elas. Isso me faz sentir como se competisse para ser a melhor versão de mim mesma.

– Entre o nada e o fingimento, o que você escolhe? – Sean perguntou, sem se alterar, algo que ele não se lembrava de ter se perguntado antes de obedecer a compulsão. – Já ouviu falar que com competição no mercado o consumidor sempre sai ganhando?

Ela não podia acreditar que ele estava falando isso como se ela o tivesse colocado numa situação de escolha.

– Você é um... – ela prensou os lábios, mas ainda o fuzilava com o olhar.

– Diz, Beatrice. Eu sei do que você quer me chamar – ele estava com um sorriso revoltantemente sacana.

– Seu cínico! Se você sair da linha de novo, eu nunca mais olho pra você.

– Eu já disse o que eu quero e não vou mais aceitar uma vida de mentira. Nem com você e nem com imitações. Eu cansei, Beatrice. A única linha que estou vendo é o meu limite.

– Dane-se o seu limite! Teste o meu e eu mato você e a próxima vagabunda!

Sean sorriu, divertindo-se com a revolta dela. Era bom sentir o que ele sentia, não é? Ela bem que podia experimentar o gostinho amargo, só pra saber.

– Olha só quem está mostrando as garras agora – ele cruzou os braços e pela sua postura, estava gostando do show.

– Eu odeio o descontrole que você causa! – Beatrice se afastou dele, com pisadas decididas a levando e os seus saltos fazendo barulho quando saiu do tapete.

– Ao menos seria crime passional – comentou Sean.

Ela agarrou sua bolsa e marchou em direção a porta de forma intempestiva.

– Você não comeu seu bolo – ele a lembrou.

– Fique com ele!

– E os outros ainda dizem que eu sou a encrenca! – Sean disse mais alto enquanto ela escancarava a porta e passava por ela.

Ela atravessou a sala que antecedia o escritório de Sean, agora seus saltos faziam um baita estardalhaço sobre o piso lustroso. Estella levantou a cabeça, pronta para saldá-la em sua partida, mas viu que ela parecia pronta para matar alguém. Rico estava ao telefone e começou a dispensar a pessoa. Beatrice estacou a frente da mesa da secretária, mas seu olhar ainda estava na porta a poucos passos de distância.

– Desgraçado, filho de uma...

Ela girou sobre as sandálias e andou de volta para a sala dele, passando pela porta que deixara escancarada. Sean já estava novamente em sua cadeira, com um papel na mão, mas lhe lançou um olhar sombrio através de seus óculos negros e sob suas sobrancelhas escuras e franzidas. Beatrice largou a bolsa na cadeira à frente da mesa dele e rodeou o móvel, segurou a beira de sua saia e subiu sobre ele, apoiando os dois joelhos dos seus lados.

– Eu não vim aqui brigar – ela segurou o rosto dele, tirou seus óculos, jogou na mesa e o beijou.

Sean segurou-a pelo traseiro e puxou para ele, deixando-a bem em cima dele e desceu um pouco na cadeira, dando mais espaço a ambos.

Rico saiu correndo de sua sala e rodou em frente à mesa de Estella.

– Cadê ela?! – ele olhava em volta.

– Voltou... – Estella deu uma apontada discreta na direção da sala de Sean.

Rico deu uma corridinha com Estella se esticando para ver e ao chegar à porta, tudo que ele fez foi soltar um gritinho ultrajado. Da porta ele assistiu Beatrice sobre o marido, com os braços em volta de seu pescoço e as mãos dele perdidas por dentro da blusa dela. Não queria nem imaginar onde estavam pegando.

– Ah meu Deus! Ah meu Deus! – ele agarrou a maçaneta e fechou a porta rapidamente e sem fazer barulho. – Estella! – ele voltou até a mesa dela. – Tranca aquela porta! – ele apontou para as portas de vidro. – Ninguém entra aqui até madame partir! Socorro!

– O que aconteceu lá?

– Nada, mulher curiosa. Pode barrar todo mundo. Filtra as ligações também, vou lá para minha mesa, me passa só o que for importante, hein. Vou tomar meus calmantes! E aconteça o que acontecer, não entre lá!

– Não vou fazer isso aqui – Beatrice disse, segurando-se no pescoço de Sean. – Pare de abrir minha blusa.

Ele levantou a cabeça, capturando seus lábios novamente. Depois de explodir daquela forma, colocando para fora tudo que não queria, precisava do contato. Estava com muita coisa atravessada em sua garganta, tinha que cuspir alguma parte. Não escolheu, simplesmente saiu.

– Como vou fechar seu sutiã com a blusa fechada?

Ela enfiou os dedos por dentro do seu cabelo, deixando o beijo íntimo novamente, entrelaçando sua língua a dele, sentindo o leve gosto doce de caramelo e café até seus lábios ficarem muito úmidos. Beatrice gemeu baixinho quando ele sugou sua língua e soltou com um barulho baixo antes de lambe seus lábios.

– Droga, Beatrice. Se você tivesse ido eu juro que poderia odiá-la. Dessa vez eu conseguiria.

– Você teve quatro anos para me odiar.

– Eu a odiei tantas vezes... Mas essa seria a última.

– Eu o odeio agora, acho que o odeio o tempo todo desde que soube o que fez. Eu o odiei muitas vezes antes!

Ele xingou baixo, quanto mais ela falava, mais duro ele ficava dentro da calça e do boxer que já o apertava desconfortavelmente. Era bom saber que a senhora pedra de gelo tinha passado por momentos como os dele. Ele levantou e imediatamente a depositou na mesa. Aquela cadeira era ótima, mas não podia com eles, ia tombar.

– E nada disso nos fez esquecer, não é? – Sean colocou as mãos por dentro do cabelo dela, sentindo os fios nos seus dedos, ele adorava quando eles se enrolavam em volta e deixavam o perfume daquelas ondas para ele sentir.

Beatrice segurou-se a ele, movendo as pernas enquanto ele se mantinha entre elas. Suas sandálias eram muito bem presas e os saltos deslizavam pela calça do terno dele. Eles não tinham muito tempo e a porta não estava trancada, nem sabiam que Rico estava do lado de fora pronto para impedir qualquer um de entrar.

– É sua maior frustração, pode dizer – ela devolveu.

Ele beijou-a demoradamente, enfiou as mãos por dentro da saia leve que ela usava e capturou sua calcinha. Beatrice se moveu sobre a mesa, agarrando os pulsos dele enquanto ele puxava a lingerie azul pelas suas coxas.

– Essa sala tem pelo menos duas câmeras! – ela tentou impedi-lo e derrubou o telefone ao lado deles.

– Não se preocupe – ele a inclinou pra trás e se livrou da calcinha, deixando-a cair aos seus pés. – Eu não curto pornô.

– Mentiroso... – ela o empurrou pelo peito, mas Sean a estava segurando pelo quadril, com suas mãos bem espalmadas em sua pele macia, apertando-a com vontade, puxando-a para ele.

– Sou seletivo – ele deu um sorriso sacana antes de grudá-la ao seu corpo.

– Não vim aqui para transar na sua mesa! – ela disse, apertando os joelhos dos lados do quadril dele.

Ele se inclinou sobre ela, beijando-a nos lábios, no pescoço e por dentro da blusa, puxou o sutiã já aberto e a manteve naquela posição para capturar seu mamilo e sugá-lo repetidas vezes em sua

boca, deixando-o úmido e mais excitado. Beatrice sentiu aquela sensação deliciosa se espalhar pelo seu corpo, chegou a se arrepiar e teve noção do quanto a umidade aumentava entre suas pernas.

– Eu adoro o seu gosto, sinto vontade de chupá-la inteira – sua voz saiu sôfrega entre as respirações enquanto ele sugava sua pele até capturar novamente os seus lábios.

Ela ainda o odiava, especialmente quando a fazia sentir-se assim, sem noção do perigo, sem vergonha, sem pudor, louca por ele. Só conseguia reagir e buscar a vontade que ele despertava em seu corpo e em sua mente. Beatrice abriu o cinto dele, o botão e o fecho de sua calça, segurou aquela enorme ereção sobre o boxer, seus dedos apertando e soltando e a outra mão percorrendo a extensão do membro tão bem delineado pelo tecido.

– Me toca. Agora. Eu preciso sentir.

Ela o libertou do boxer e gemeu de antecipação quando segurou aquele membro tão duro nas mãos, começando a masturbá-lo num ritmo lento, de pura tortura. Sean xingou entre os dentes e puxou o ar, fechando os olhos por um momento, seu corpo inteiro correspondia ao toque dela.

– Mais rápido? – ela sussurrou pra ele, lançando-lhe um olhar sedutor, mas ela quem estava seduzida por ver o prazer estampado em seu rosto.

– Você me mata – ele chupou dois dedos e começou a tocá-la, dessa vez ele quem gemeu ao senti-la. – Tão úmida pra mim. – ele lhe disse baixo e não aguentou mais.

Sean segurou as coxas dela, empurrando-a para trás, para ter mais apoio da mesa e moveu o quadril, ficando na melhor posição para penetrá-la. Pela primeira vez ele percebeu como aquela sua antiga mesa de madeira tinha a altura perfeita para uma ótima transa.

– Não para ainda – ele pediu e abriu a gaveta, encontrando uma carteira e pegando uma camisinha.

– Por que diabos você tem uma camisinha aqui?

– Ainda bem que eu tenho – ele deu a ela. – Coloca.

Ela olhou-o com estranhamento, mas abriu o pacote e deslizou o preservativo rapidamente no membro rijo. Mal tinha terminado e ele

já estava a penetrando.

– Sean... – ela pretendeu uma exclamação, mas a sensação maravilhosa dele deslizando para dentro dela até o final a impediu e o nome saiu num tom prazeroso e doce.

– Tudo para tê-la... – ele começou a entrar e sair do corpo dela. – Me diz agora que sou sujo.

– Imundo.

– Só isso? – ele afastou mais as coxas dela e aumentou um pouco o ritmo das arremetidas, mas naquela posição, o ritmo controlado era tão mais gostoso do que ir rápido.

– Não...

– Quão sujo, Beatrice?

– Muito.

– Mais?

– Mais! – ela se agarrou aos braços dele e arqueou o corpo, sem conseguir pensar em mais nada, só querendo que ele continuasse indo bem fundo em seu corpo e sem parar até ela perder a noção de tudo.

Ele fechou os olhos por um momento, dominado pelo prazer e pela surpresa de estar com ela. Sempre que rolava entre eles, Sean se pegava assombrado. E dessa vez foi tão rápido e inesperado que não teve tempo de mais nada, só sabia que queria isso todos os dias de sua vida. Queria a possibilidade de Beatrice ser sua, como agora.

Ela não demorou a gozar em volta dele, seus gemidos ficaram mais rápidos, ela o apertava dentro de seu corpo, seus músculos se contraindo sem parar e o clímax dele veio tão inesperadamente quanto esse encontro, não deu para controlar. Ela segurou seu rosto e o beijou, Sean devolveu sem conseguir parar de se mover dentro dela.

– Você quer mesmo continuar tentando? – ele perguntou, entre os beijos que eles trocavam.

– Quero... – ela apertou o queixo dele, impedindo-o de parar os beijos, porque eram tão bons.

– Você vai negar isso depois – ele respondeu apoiando as mãos na mesa.

– Vou... Droga, eu vou.

Ele empurrou tudo que tinha atrás dela e mal saiu do seu corpo antes de deitá-la sobre a mesa. O maior barulho foi do porta lápis de pedra que tombou direto sobre o chão de madeira.

– Eu preciso de mais – disse Sean, insatisfeito por ter tido só um pouco dela e sabia que sempre ficava tempo demais sem tocá-la, quando conseguia era tomado por necessidade e desespero de não perder novamente.

Sean subiu sobre a mesa, elevando os joelhos dela no ar antes de bater as mãos no tampo e ficar sobre ela. A camisinha usada foi para algum lado e era bom ele achá-la depois. Ele ficou dentro dela novamente e moveu o quadril circularmente, excitando-a e causando gemidos mais altos. Beatrice não diria que se sentia tão insatisfeita quanto ele, mas afastou mais as pernas, dando-lhe espaço. A beira da mesa estava logo atrás da cabeça dela, ele segurou ali para manter as estocadas tão fortes quanto queria. Tudo que ela conseguiu fazer foi fechar os olhos e inclinar a cabeça enquanto ele ia e voltava sem parar, cravando seu corpo no lugar.

Os gemidos dela saíam altos, longos, torturados de prazer e felizmente a sala era feita para conter sons. As estocadas dele estavam indo bem naquele ponto maravilhoso que a levava à loucura. Ele estava quase lá, metendo sem parar, tão livremente como se estivessem novamente em sua cama. Beatrice soltou gritinhos e o mordeu, tentando conter-se em vão. Ele começou a gozar um pouco antes dela, mas a sensação dele se liberando dentro dela a levou ao orgasmo.

Inconscientemente ela apertava as coxas no quadril dele, arqueando-se de prazer e suas unhas afundavam no tecido da camisa e na pele dele. Por segundos de liberação, eles não pensaram em nada.

Aquela mesa nunca seria trocada – foi o primeiro pensamento coerente de Sean.

O móvel devia ser realmente muito bom para não ter desmontado sob todo aquele sexo rápido e forte. Ele precisou de um minuto bem parado, apenas com o rosto escondido na dobra do pescoço de Beatrice.

– É tão bom ficar com você – ele beijou seus lábios lentamente e saiu de cima da mesa.

Beatrice se sentia mole, daquele jeito que alguém fica depois de um sexo muito bom, mesmo que em cima de uma mesa e sem tempo para gastar nas preliminares. Ela o retribuiu e suspirou, tentando não pensar que estava sobre a mesa dele, com a saia embolada na cintura e a blusa aberta.

– Isso que você chama de mais acesso? – ela se sentou e soltou o ar quando apoiou as mãos na mesa.

– Não, isso é sexo pós-briga. Selvagem e rápido, direto ao ponto. O acesso vem depois.

Ela não queria nem saber o que ele pensava que era acesso, na concepção dela isso já era acesso demais. Beatrice finalmente conseguiu obrigar seu corpo a sentar-se direito e precisou tirar a blusa, para conseguir colocar o sutiã no lugar. Sean ficou apenas admirando-a, desejando que eles tivessem intimidade para ele ficar acariciando-a enquanto ela recolocava as roupas calmamente e não como fazia agora, envergonhada e insegura por ele vê-la tão descomposta.

– Aqui – ele disse, lhe devolvendo a calcinha que ele mesmo desenrolara. – Vai ficar um pouco larga agora.

– Isso não muda nada! – ela tomou a calcinha, pulou da mesa e rumou para o banheiro dele, mas no caminho pegou sua bolsa.

– Pelo menos eu não rasguei – Sean sorriu, sabendo como estava sendo sujo agora ao pensar que ela ia precisar de um tempinho no banheiro se limpando do sêmen dele. Ele queria vê-la negar que gozou assim que o sentiu começar.

Beatrice ficou dez minutos lá trancada, não apenas se limpando e xingando baixo, como se recuperando. Não conseguia acreditar que tinha ido lá na melhor das intenções para desfazer aquela briga e dizer que queria continuar trabalhando para tentarem ser um casal. E onde ela acabou? Embaixo dele e em cima de sua mesa de trabalho. Uma vez não era suficiente, teve que cometer a burrada de dar para ele duas vezes seguidas. Onde estava o cérebro dela? Ah, ela sabia bem onde, mas não queria citar.

Quando ela finalmente achou que a maquiagem estava bem retocada e seu cabelo parecia novamente penteado, deixou o banheiro. Sua blusa estava um bocado amarrotada, por sorte o tecido da saia era leve e fluído, não notariam o que a pobre peça sofreu.

– Quando é que vamos terminar de transar e ser um casal normal? Sei lá, me chame de piegas e antiquado, mas eu curto uns beijos e um pouco de carinho no pós.

– Com todas?

– Só com você. Mas que merda, Beatrice! Não dá para fingir tudo. Não essa parte.

Ela devia ter ido embora naquela hora que saiu da sala. Tinha mais medo de encará-lo agora do que de transar com ele e demonstrar todo o sentimento que queria esconder.

– Tivemos um pouco de pós-sexo na sua cama... – ela disse, como se pudesse remediar o problema. Afinal, tinha ido ali resolver a questão com ele.

– Me desculpe se os acontecimentos da manhã seguinte me fizeram esquecer que você esteve me beijando na madrugada – ele disse sarcasticamente e foi ao banheiro, aproveitando para descartar a camisinha usada.

Quando ele voltou, Beatrice estava comendo seu bolo de limão, atacada por uma necessidade de algo doce e embasbacada por o bolo ter sobrevivido. Sean arrumou sua mesa novamente, mas teve que limpá-la com papel úmido antes do notebook voltar pro lugar. Agora nem seu escritório seria um local neutro, nunca mais ia sentar à frente daquela mesa sem pensar nela. Que maldição. Nem ele merecia isso.

– Preciso ir – ela disse, vendo que ficara ali o dobro de tempo planejado. – Essa semana é sua. – ela se levantou e colocou a bolsa no ombro.

– Esse lugar onde você fez curso de frieza, aceita homens? – ele perguntou, ignorando o que ela disse.

– Quer parar de me alfinetar! – reagiu Beatrice.

– Eu já passei da fase do alfinete há um tempo.

– Posso te beijar então? – o olhar dela dizia que era provocação.

– Não, não pode – ele disse, surpreendendo-a. – Beijo é mais íntimo que sexo na mesa e você não suporta intimidade demais.

– Era só um beijo de despedida! – ela foi andando para porta.

– Nosso encontro dessa semana será no aniversário da minha mãe. É meu único dia livre, porque ela já solicitou o dia todo – Sean avisou.

Ah, droga! Ela havia esquecido que a festa já era essa semana. Iam fazer aniversário de um ano da última grande chance que tiveram e desperdiçaram.

– Tudo bem.

– Você vai também, reserve o dia – disse Sean, naquele tom irritante de ordem.

– Ela não me quer o dia todo no aniversário dela, quer os filhos – cortou Beatrice.

– Ela quer. Acredite.

– Seu tom está cortante e muito grosseiro enquanto tem a cara de pau de me acusar de frieza! – ela reclamou, já com a mão na maçaneta.

– Desculpe se rachou seu gelo, é minha ferramenta de defesa.

Ela murmurou um palavrão antes de sair e largar a porta aberta.

Do lado de fora tudo parecia normal. Estella não escutou nada mesmo, imaginou se eles estavam tendo uma discussão séria ou falando sobre negócios. A relação do patrão com a esposa era uma incógnita para ela, só os achava muito distantes. Rico já estava imaginando mil e uma coisas, até porque ele viu muito bem o que eles estavam fazendo na cadeira antes dele fechar a porta.

Capítulo 20

Quando eu olhar pra você, esqueça todo o resto. Pense em como é quando estamos sozinhos. Só isso importa. É tudo que eu tenho.

Beatrice já estava longe da influência de Sean há um dia, mas continuava com a mente prejudicada, ao menos era assim que ela mesma descrevia. Ontem não serviu para nada depois de sair do escritório dele. Ligou para a irmã e contou que fez algo pela primeira vez na vida, sexo no escritório. Nem ela podia acreditar que havia cedido assim, mas isso era uma maldição. Bem que havia avisado a si mesma, depois que cedesse uma vez, estaria perdida. Agora o odiava, se odiava e não conseguia deixar de gostar dele e nem de estar magoada por ele ter tentado substituí-la por cópias. Alias, cópias muito fajutas.

Para piorar sua situação, ela havia acabado de encontrar com sua cópia local. Ela havia ido a uma festa da Swarovski da pré-temporada de moda de Nova York e entre um drink e outro, viu aquela mulher circulando com uma loira. Ainda não sabia que era a prima dela, mas também não queria saber. Ela percebeu que sua cópia já a havia visto e lançava olhares furtivos, até perceber que estava sendo observada também.

– Hartie, olha pra sua direita. Devagar – ela disse baixo, se inclinando pro amigo.

– Onde? Quem? – Hartie virou a cabeça rapidamente.

– Disfarçadamente!

– O quê?

– Minha cópia.

– Onde? – ele exclamou, excitadíssimo.

Beatrice chegou mais perto dele e disfarçou, bebendo um gole do seu drink, então encontrou novamente a mulher e indicou. Hartie

ficou olhando, mas não se aguentou, levantou de repente e disse que ia ao banheiro só para passar bem perto e olhar em detalhes e até alta definição. Quando ele voltou, Beatrice já queria matá-lo.

– Minha nossa! Mas você é muito mais bonita. Meu amor... a coloração do cabelo dela deve ter desbotado. E que peruca lisa é aquela. Você nunca usou aquela franja.

– Ela usa para não se parecer tanto comigo. Ao menos eu acho.

– Mas ela não parece sua gêmea. E queridinha, aquela boca é comprada. Eu reconheço um lábio com enchimento quando vejo, já beijei muitos deles por aí.

– Bem, ela lembra...

– Magricela. Nem fazendo zumba todo dia por um ano você fica com aqueles cambitos.

– Obrigada por me chamar de gorda! Saiba que eu voltei a entrar no jeans do ano passado.

– Foi um elogio. Se não fôssemos como irmãos, eu já teria tarado suas pernas e o chefe teria me comido vivo, mas bem...

– Eu não quero encontrar minha cópia por aí. Isso é embaraçoso.

– Lamento, meu amorzinho. Ela está caçando o seu marido, precisa frequentar os locais aonde você vai para conseguir copiá-la direito.

– Não posso ficar olhando para ela, estou tentando não me divorciar.

– Eu posso – disse Hartie, virando no banco do bar. – Odiei o vestido, aquele modelo só fica bem em gente que veio ao mundo com traseiro ou comprou um. E sério, aquela franja cobrindo toda a testa, ela tinha isso antes?

– Hartie... – Beatrice apoiou o cotovelo e colocou a mão sobre a testa. – Preciso de mais álcool para lidar com isso.

– Você já tomou dois drinks, hein. Seu limite.

Ela o ignorou e pediu outro, mais forte.

– Vou mandar uma mensagem pro Don preparar nossa saída estratégica.

– Não to bêbada.

– To com medo da cópia ver você bêbada e vir roubar sua calcinha, vai que ela faz alguma magia.

– Que coisa horrorosa! – ela disse, pegando o drink recém-servido.

O aniversário de Candace cairia numa sexta-feira e ela não era do tipo que mudava seus planos para o sábado porque fulano e cicrano não poderiam ir num dia de semana. Ela pensava: *Azar o deles*. E havia decidido que queria toda a família para passar o dia ao seu lado, como não faziam desde... bem, ela não lembrava a última vez, talvez antes da morte do seu marido. No ano passado ela conseguiu colocar boa parte do Ward na mansão da praia para uma festa. Hoje, queria fingir que era uma senhora de família, com seus dois anjinhos, sua neta e sua adorável nora que um dia ela esperava que fosse mãe de mais um neto. Ou seja, tinha que manter todos sobre controle.

Don levou Beatrice no seu carro para encontrá-los no apartamento de Candace. Ela achou que estava num horário bom, afinal, no recado da própria aniversariante estava dizendo para chegar em torno de onze horas. Mas quando Aroldo, o mordomo, abriu a porta e fez uma mesura tirada direto do século XVIII, ela percebeu que havia sido a última a chegar. Tibby estava no fundo fazendo bagunça, dava para ouvir a voz de Tess dizendo a filha para não subir na mesa de centro e Candace falava ao telefone.

Aroldo a conduziu do hall de entrada direto para a sala de estar, como se ela nunca houvesse estado ali. Beatrice levava uma tela embrulhada. Era muito difícil dar presentes a alguém como Candace, dessa vez havia arranjado uma saída melhor do que o ano passado, mas já imaginava o que inventaria para o ano que vem. Se ela ainda fosse uma Ward no próximo aniversário dela.

– Beatrice, que bom ter chegado! Fiquei com medo de algo prendê-la – Candace desligou o telefone e se levantou.

– Eu jamais faria isso – ela se aproximou e a abraçou, desejando-lhe feliz aniversário. – Eu trouxe para você e sua nova decoração.

Candace desembrulhou a tela e sentou-se com ela apoiada em seus joelhos para apreciar o trabalho. Sua avó era austríaca e na infância ela morou lá por seis anos antes de voltarem definitivamente. Sabendo disso, Beatrice encomendou uma pintura a Elis, mas como ela tinha esquecido que o aniversário da sogra já era nesta sexta-feira, ligou pra amiga e além de implorar, ofereceu o dobro do que ela cobrava pelo stress de passar sua encomenda na frente e impedir seu "processo criativo" como chamava a artista. Era um incentivo e tanto, além de salvar uma amiga, Elis ainda receberia dinheiro suficiente para pagar alguns meses do seu aluguel.

– Ah, mas que atencioso da sua parte! – exclamou Candace. – Minha antiga casa, que beleza. Você importou de lá?

A pintura capturava um lindo momento de por do sol a partir de uma margem de um rio no parque nacional de Donauauen.

– Não, encomendei a uma amiga.

– Você é maravilhosa, querida. Acredito cada vez mais no seu talento para decoração. Imagino que isso é para por na galeria que você pretende montar no novo corredor que fará aqui em casa.

– Sim.

– Que beleza, preciso conhecer essa sua amiga. Estou pensando em dar férias a esses meus quadros antigos ou mudar minha coleção por temporada. Na festa de inauguração posso expor quadros dos lugares que morei.

– Elis é muito talentosa, ela faria jus ao seu gosto – disse Beatrice, pronta para dar uma de vendedora em nome da amiga e ajudar no orçamento dela.

– Sean, venha ver o que Beatrice me deu!

Beatrice franziu a testa, ela estava cega? Não o havia visto ali e seu radar de perigo não havia começado a apitar assim que entrou, onde estava a armadilha?

– Quem diria, seu melhor presente – ele disse, aparecendo na sala e de lá podia ver a tela.

Ele estava parado na saída do corredor que dava para o interior do apartamento, segurava uma xícara de onde bebia goles regulares de algo fumegante. Ela levantou os olhos para ele e pulou de pé imediatamente.

– O que foi que você arrumou? – ela soltou de forma acusadora e contornou o sofá, marchando para perto dele.

– Titio se machucou – disse Tibby, inocentemente.

Ele estava com uma espécie de corte atravessando a ponte de seu nariz, parecia até uma rachadura num local específico. Como estava usando uma camisa simples, dava para ver as marcas em seu pescoço e um hematoma no lado direito de sua mandíbula. Ela nem queria começar a pensar se havia mais.

– Você se meteu numa briga? – o tom de Beatrice estava tão ultrajado que Tess não conseguiu segurar a risada. – Por que você fez isso?

Ela estava irritadíssima, havia cruzado os braços e parado bem a frente de Sean enquanto o interrogava.

– Não me meti em briga nenhuma – ele bebeu mais um gole e de perto Beatrice sentia o cheiro de chá, mas não sabia de qual aroma.

– Não me diga que caiu na banheira! – ela tocou o arroxeadado no rosto dele que afastou o rosto. – E isso! – ela bateu com a ponta do dedo no nariz dele.

– Isso dói – ele avisou, mas só franziu a testa e bebeu mais um gole.

Ela tomou a caneca dele e bebeu um golinho pra ver o que era, se fosse algo alcoólico ia dar outro soco nele.

– Ele disse que fez isso treinando – esclareceu Tess.

– Treinando? – ela devolveu a caneca a ele e falou mais baixo. – Acho bom me dizer logo o que você fez.

Sean virou o rosto para ela e sussurrou.

– Você me estressa. Sabe muito bem que eu sou ex-fumante, não adianta chicletinho ou merda de adesivo pinicando a pele. Lutar é melhor.

– Você voltou a fumar e ainda se meteu numa briga?

– Treino. Faço isso faz tempo, todos os caras lutam há anos. E todo mundo se diverte. Devia ter visto a cara dos outros. E eu não fumo mais.

– E aí, vocês, bando de glutões, se quebram.

– Alivia o estresse que é uma beleza, ninguém nunca precisou ser internado. Geralmente não quebra nada. Até Kevin e Don

participam.

– Além do nariz. E eles são seguranças! Eles supostamente fazem essas coisas!

– Não está quebrado. Se não vivêssemos em mundos tão separados, você teria notado os hematomas outras vezes – ele comentou, mas era óbvio que não ia citar porque exatamente os machucados apareciam esporadicamente.

Ele não costumava precisar entrar em lutas físicas quando ia a um daqueles seus “passeios” misteriosos que envolviam parte da sua equipe de segurança. Mas vez ou outra...

Aliás, a história do treino era verdade. Ele e seus amigos glutões.

– Você nunca apareceu com o nariz rachado! – ela disse, saindo do tom baixo.

– Você teria notado? – ele levantou uma sobrancelha e bebeu um gole do chá.

– O seu nariz? Pelo amor de Deus, Sean! – ela exclamou, com ultraje no tom. Mas se parasse para pensar, veria que antes de entrarem nessa onda de tentar ser um casal, a menos que eles tivessem algum encontro social para irem juntos, talvez ela não olhasse para ele e notasse hematomas de longe.

Tess estava assistindo sem o menor pudor, no meio tempo Candace atendeu outra ligação de algum amigo mandando felicidades, mas assim que desligou, se virou para olhá-los.

– Eu adoro esse clima familiar – ela disse, interrompendo. – É tão mais saudável ter minha filha aqui, minha neta quebrando coisas enquanto meu filho e minha nora tem uma discussão discreta atrás do sofá. Estou até me sentindo gente normal com dramas familiares divertidos e corriqueiros.

– Eu também estou adorando isso, mãe! – disse Tess, animadamente. – Para onde vamos hoje?

– Ah! – Candace exclamou, tirando seu celular da bolsa e mexendo na tela até encontrar seu bloco. – Eu preparei um dia de família normal. Vamos comer juntos como aqueles grupos familiares que pulam num carro e vão pro restaurante de sempre, pedir a mesma coisa.

– Mamãe anda vendo muito seriado familiar... – Tess disse baixo.

Sean foi se sentar no sofá livre, ocupado apenas pela bolsa de Beatrice. Ela soltou o ar e foi se sentar lá também, tirando a bolsa do meio deles e se sentando perto demais para o normal dela. Então chamou Tibby e a colocou no seu colo, começou a conversar com ela sobre suas cores preferidas e o que mais gostava, afinal precisava criar um quarto pra ela ali no apartamento da avó. Ela a fazia ter mais saudade de seus sobrinhos, apesar de que, ela também era tia de Tibby. Não sabia se devia melhorar sua relação com a menina agora ou esperar para ver se ia mesmo continuar sendo tia dela.

– Não implica, Theresa. Eu estou velha, quero minhas vontades atendidas.

– Você podia começar as ameaças no aniversário de sessenta anos, mãe – disse Sean, finalmente deixando sua xícara na mesinha de centro.

Tibby pulou do colo de Beatrice e foi buscar algo em sua bolsinha de sair.

– Tá doendo? – Bea perguntou baixinho para Sean.

– Eu não sou um robô, não é?

– Quer um analgésico?

– Acabei de tomar um diluído no chá.

– Por isso que você estava bebendo tudo tão concentrado e estava com um gosto horrível.

– E você achou que estava batizado.

– Claro que sim.

Tibby resolveu trazer sua bolsinha e mostrar o que carregava, um bando de bugiganga de criança, um batonzinho, um caderninho, um pacote de giz de cera, um celular de mentira e duas balas mastigáveis.

– Aqui, tia, eu uso assim – ela botou a bolsinha no ombro e desfilou na frente do sofá.

– Fica linda! – Beatrice ajeitou o cabelo escuro da menina e olhou para a saia do seu vestido, onde Tibby tinha deixado todo o conteúdo da bolsa.

Eles saíram para almoçar pouco antes de uma da tarde. Candace foi com a filha e a sobrinha em seu carro e Sean foi com Beatrice no Maserati Gran Cabrio que pertencia a ela. O carro geralmente ficava na garagem já que Don costumava levá-la por aí no Range Rover negro que ele preferia dirigir. Quando ela estava ao volante gostava mais do seu carro, menor e mais rápido na aceleração, mas também não tinha uma cara feminina. Era cinza escuro com uma camada dourada de acabamento que dava um brilho lindo no sol.

– Acho muito sexy quando você resolve dirigir – disse Sean, recostado no assento do passageiro. – Don está no carro atrás com Kevin?

– Sim e ele já não gostou de dirigir esse carro hoje. Mas eu quero dispensá-lo mais cedo, amanhã é aniversário da esposa dele.

– É mesmo, no dia seguinte à minha mãe. Ano passado ele não a levou para viajar no final de semana?

– Sim, foram para algum lugar romântico. Até o Don tem seus dias – Beatrice fez o contorno, ultrapassando dois lerdos na virada, ela não tinha muita paciência ao volante quando estava no tráfego pesado.

– Don é o romantismo em pessoa – comentou Sean.

– Eu consigo enxergá-lo como um grandão muito amável.

– Me explica como você enxerga o Don, aquele armário de cara fechada como um ursão romântico e me acha um ogro saído do inferno? – ele até ajeitou os óculos escuros para olhá-la.

– Don não é meu. É fácil – ela estacionou no local mais próximo.

– Não dá pra te entender, Beatrice.

– Hoje vai ser nosso único encontro da semana?

– Terça-feira não aconteceu pra você?

– Aquilo não foi um encontro.

Foi sexo, puro, louco, rápido, ilegal, em local inapropriado, quente, delicioso e que eu não quero ficar lembrando para não pedir por mais.

– Realmente, você tem um talento absurdo para estragar tudo depois de uma ótima transa – disse Sean, preferindo não olhá-la, pois sentia aquele aperto do peito que lhe dava quando ela fazia de tudo para tratar uma relação entre eles com distanciamento.

– E você tem talento para estragar tudo! Afinal o que você vai fazer no final de semana?

– Isso não importa. Eu to livre, é só dizer ou dar um sinal de que quer ficar comigo e eu sou seu.

Pode ser agora?

– Essa é a sua semana, Sean – Beatrice respondeu depois de engolir a declaração dele por uns segundos. Desligou o carro e saiu.

Ele bateu a porta no lado do passageiro e deu a volta, acompanhando-a pela calçada.

– E por isso eu tenho de fazer tudo? Eu pensei que estávamos tentando em dupla. Como um time procurando sair do buraco.

– Não sei se conseguiríamos ser uma dupla.

– Conseguíamos antes...

Eles continuaram seguindo pela calçada até o número um do Central Park, onde no térreo ficava o restaurante que Candace escolhera. Nougatine and Terrace era a versão mais informal do Jean Georges, um chef de cozinha famoso no mundo inteiro que dava nome ao restaurante. Ambos ficavam no prédio do Hotel Trump, de frente para o Central Park. Contrariando tudo, Candace tinha reservado uma mesa do lado de fora, no terraço, sob um enorme guarda-sol e escondida pela parede de arbustos. Felizmente era um dia fresco e o sol ia e voltava por trás das nuvens cinzentas.

O lugar era muito frequentado por socialites, empresários, celebridades e turistas querendo um gostinho daquele estilo de vida. Mas o terraço dava todo um ar mais simples, realmente alcançando o lado informal e por incrível que pareça, proporcionava mais privacidade do que o interior moderno do Nougatine.

– Aqui estamos – disse Candace, sentando no lado da mesa que também era protegido pela sombra das árvores colocadas ali. – Vamos comemorar! – ela pediu o champanhe e um suco para Tibby.

– Acho que nunca almoçamos assim, ao menos não com Tibby presente.

E como a menina já tinha quatro anos, isso dizia um bocado sobre eles. Antes dela nascer também não houve reuniões familiares por muito tempo, ao menos não só deles. Havia uma festa aqui e ali

dentro do enorme círculo dos Ward quando alguém casava ou dava uma grande festa de aniversário.

Era um dos motivos de Candace ter feito questão de passar um dia diferente com sua família, estava de volta à cidade e decidida a não apenas retomar os laços entre eles, mas estreitá-los a um ponto de não saberem mais levar a vida sem que o outro ente querido fosse levado em questão. Aquele era o seu ramo dos Ward e estava enfraquecido, precisando de alguém para ajudar a fechar os portões.

De que adiantava todo o poder deles nos negócios se aquela interação não existia? Todas as relações dentro daquele círculo estavam estremecidas. Entre seus filhos que estavam lutando para serem os irmãos que foram um dia. Entre ela e a nora, de quem gostava, mas deixara de prestar atenção. Entre seu filho e a esposa, que estavam num péssimo momento. Ela e a própria filha e até com a neta. Candace achava que havia levado tempo demais fugindo do problema. Por mais que fosse viver, estava beirando os sessenta, tinham que ajeitar isso.

– Sabe, eu tenho aquele livro. Cozinhando em casa com Jean-Georges – comentou Candace. – Qualquer dia desses, vou pegá-lo e preparar nosso jantar.

– Mal posso esperar para ver isso – disse Sean, naquele seu tom.

– Ela fez um bolo quando estava lá na praia... – disse Tess, hesitante.

– O que há com vocês dois para duvidarem dos meus dotes? Eu cozinhei e alimentei essas boquinhas famintas por anos! Esqueceram-se disso?

– Você cozinhava quando eles eram crianças? – perguntou Beatrice, entre curiosa e surpresa. Era difícil imaginar Candace, com aquela pose toda, na frente de um fogão fazendo comida para os dois filhos.

– O que Sean andou falando sobre mim? Claro que sim, não os deixei para babás criarem e não tinha um batalhão de empregados só para fazer mamadeiras. Eu fui uma mãe de verdade e gostei da experiência – ela lançou aquele olhar típico de mãe para cima dos dois filhos, agora criados e saudáveis.

Não foi e não era nada fácil ser mãe daqueles dois.

– Ele nunca falou muito sobre isso – disse Bea, olhando Sean de rabo de olho.

– Pois devia – Candace esperou o garçom servir o champanhe.

– Eu a vejo cozinhar em seu programa na TV – disse Beatrice.

– O chef cozinha mais do que ela – Tess assistia a todos os programas da mãe, mas não confessava.

– Um brinde à maldita família! Nós bem que tentamos não nos alfinetar, mas não dá! – disse Candace levantando a taça e brindando com os outros.

Eles decidiram que fariam do almoço de final de semana ali no terraço uma tradição, sempre que todos estivessem na cidade, dariam um jeito de almoçar ou jantar ali. Depois de almoçar, eles saíram sob flashes de alguns fotógrafos que queriam registrar a família reunida, talvez pela primeira vez num encontro informal de fim de semana.

Vocês viram isso? A máfia Ward do ramo de Nova York toda reunida! Socorro! Cadê o FBI que ainda não foi conferir isso. Todos os Ward juntos? Isso é reunião mortal! Até a mini Wardzinha foi, gente! E no colo do tio, morri branca de inveja. Me pega no colo e

me chama de baby, Sean! Faço o que você quiser!

Falando nisso, SeanW estava com óculos escuros enorme, mas o que é aquilo no nariz dele?

Tem mais fotos lá no site.

(255 comentários)

Capítulo 21

*Quando eu olhar pra você, dê aquele sorriso sincero e fale
comigo.*

Eu preciso da verdade tanto quanto preciso de você.

Beatrice saiu do banho, fez outra maquiagem e colocou o vestido que viera do triplex para o jantar que Candace ia oferecer. Hoje usaria algo completamente diferente daquele modelo leve e sensual do último aniversário da sogra. Provavelmente nunca usaria aquela roupa de novo, pois trazia muitas memórias daquela noite. Algo que misturava amor e decepção. Ela não estava pronta para enfrentar tão descaradamente o fracasso emocional que evocava.

O vestido dessa noite tinha um rico tom de roxo, como uma pedra preciosa, fazia parte de seu guarda roupa de primavera. Era um modelo Oscar de La Renta, justo, mas confortável, com um leve franzido na cintura, sem mangas, elegante, mas com um sutil toque de sensualidade na parte superior, pois o chiffon era levemente transparente. Beatrice continuava com suas neuras com o próprio corpo, mas sentia-se confiante quando encontrava uma roupa que a valorizava. Tinha vontade de comprar uns dez vestidos iguais quando achava algo assim, mas seria um massacre fashion nos blogs de moda que não a deixavam em paz.

A roupa que ela usava havia sido trazida do triplex, porque ela não levava aqueles itens na mala, não faziam parte de sua política de "roupas essenciais" que Sean já tinha estragado quando apareceu lá com quatro malas enormes de coisas que ela fingia que não, mas precisaria. O que mais a irritava era que ele estava certo e ela ficava irada com o fato de ele a conhecer melhor do que ela imaginava. Afinal, o vestido que usava agora, ele mesmo tirara do closet dela que continuava exatamente como ela deixara.

E quando chegou, ele deixou tudo em seu antigo quarto. Beatrice empurrou a porta e entrou, estacando ao surpreender Sean trocando de roupa. Ele estava à frente da cama, ainda com a toalha do banho em volta da cintura, aparentemente não havia roupões ali que coubessem em sua versão adulta. Ela ficou paralisada onde estava, olhando as costas dele, não só admirando seus ombros largos ou os músculos que construía o corpo dele, mas as tatuagens. Ela nunca soube o que significavam, não as via há um tempo, mesmo quando dormiram juntos, ele estava tão dominador e ocupando-a tanto que ela não viu suas costas.

Do lado direito de suas costas, mais próximo ao ombro, quase sobre sua escápula, ficava o número dezesseis em formato limpo, com leves serifas, sem nenhum adorno, apenas aquele número. Não era pequeno, qualquer um a uns passos de distância entenderia. E mais embaixo, no meio das costas dele ficavam alguns riscos, como se alguém houvesse marcado os dias na pele dele. Eram três conjuntos, os dois primeiros tinham cinco marcas com um risco cortando-os e completando seis, sendo que o último tinha apenas três riscos e não havia uma linha transversal o cortando.

Não eram o tipo de tatuagem que chamavam atenção ou embelezavam o corpo, eram daquelas com um significado muito pessoal, feita para o dono da pele marcada e sem passar nenhuma mensagem.

Sean olhou por cima do outro quando escutou o barulho da porta, não pareceu se importar, se livrou da toalha e vestiu o boxer.

– Feche a porta, por favor – ele disse, enquanto se inclinava sobre a cama e pegava a calça que usaria.

Ela fechou a porta e seguiu pelo quarto, ainda estava descalça, pois seus saltos foram deixados ali. O quarto mostrava a ela um passado que ele nunca fez questão de lhe apresentar. Era ali que Sean havia morado quando era adolescente, antes de sair de casa para a faculdade e nunca mais voltar a morar com a mãe e a irmã. E foi para aquele quarto que ele voltou após o sequestro. Beatrice não tinha ideia do que ele havia passado; se havia se escondido ali, chorado naquela cama e se houve crises de pânico e depressão. As paredes não falavam, muito menos os móveis. Ainda havia pôsteres

colados, curiosamente, todos em locais bem altos. O tempo parecia ter parado ali.

– Por que dezesseis? – ela perguntou, depois de tomar coragem por todo o tempo que ele levou para vestir e abotoar a camisa.

– Você já perguntou isso – ele continuava de costas, apesar de já ter terminado de se vestir.

– E você disse que não era nada. Eu nunca acreditei.

– Você pesquisou sobre mim no Google, não foi? Assim que ligou o nome à pessoa...

– E eu encontraria isso lá?

– Não exatamente.

Ela foi até a cama e remexeu na bolsa, pegou seu estojo de maquiagem, tinha se esquecido de aplicar o blush. Beatrice aplicou um leve tom de bronze no côncavo de suas bochechas enquanto aguardava. Sean andou até as janelas do seu quarto e apoiou as mãos na mesa, olhando a vista dali. Não havia nada espetacular, era a Park Avenue e todo o trânsito ali embaixo, mas ele não se inclinava para aquela janela há muito tempo. Já haviam até retirado as grades que seu pai mandou instalar, com medo que ele se jogasse dali. Fazia catorze anos desde que voltara para casa e doze desde que se mudara, mas quando estava ali dentro, parecia que nem um dia havia se passado.

Era verdade que muito do que havia no seu quarto fora doado, jogado no lixo ou destruído. Mas a essência continuava; sua cama no mesmo lugar, os criados mudos, abajures, a mesa de estudo, a estante de livros, as portas do closet...

– Foi o número de dias que fiquei preso. Na internet é fácil de encontrar reportagens antigas sobre minhas duas semanas de sumiço. Mas foram dezesseis dias, não catorze. E dois dias a mais no inferno são como a eternidade.

Ela ficou na dúvida se deveria forçar mais e perguntar sobre a outra tatuagem, podia perder essa chance e não encontrar outro dia em que ele estivesse disposto a falar.

– E os pauzinhos contando os dias. Só tem quinze.

– Você contou?

– Algumas vezes... Quando você estava dormindo de bruços.

Ele soltou o ar como se fosse um indício de diversão, mas ela sabia que não era nada disso.

– Esses são só números... – ele disse de forma vaga.

Beatrice sabia que não eram, mas Sean não estava disposto a tocar no que esses riscos significavam. Ela já tinha pensado em muitas teorias e agora tinha outras, mas desconfiava que só ele poderia esclarecer e seria algo que talvez ela preferisse não saber.

– Sua mãe convidou muita gente? – ela perguntou, propositalmente mudando de assunto.

– Creio que não – Sean sentou-se na cama para calçar suas meias e sapatos.

– Na última festa estava a família quase toda.

– É, ela gosta de alternar. Garanto que ano que vem, nos sessenta anos, ela vai parar Nova York.

– Já posso imaginar! Essa cidade vai ficar pequena para tantos Ward no mesmo CEP.

Ele se endireitou e virou o rosto, observando-a por um tempo.

– Nosso tempo acaba um pouco antes do próximo aniversário dela.

Aquilo foi como um tapa na cara. Beatrice vinha esquecendo que essa nova relação deles, era a última tentativa. Agora tinham menos de doze meses para estragar todas as chances que criassem. E pouco antes de Candace fazer sessenta anos, eles se separariam para sempre ou se entenderiam, perdoariam e embarcariam na chance de ser um casal de verdade.

Às vezes o que estavam fazendo não parecia tão sério, eles até brincavam porque se levassem tudo ao pé da letra, a pressão seria tanta que atrapalharia o que estavam tentando fazer. Mas era a última chance. Naquele mesmo dia, há um ano, eles mergulharam o casamento no escuro do fundo do poço onde ele já estivera quase se afogando.

Ela ficou tão fria que não conseguia enxergá-lo há um palmo do seu rosto, quem dirá senti-lo. E tentou se encantar com outros homens. Foi péssimo, mal conseguia aturá-los por um jantar, não estava apta a amar ninguém e por pouco não chegou ao grau de

autodestruição que a jogaria nos braços de qualquer outro que a fizesse esquecer quem realmente queria.

E ele começou a usar mulheres de uma forma doentia, revelando uma obsessão que ele ignorava até então. Alimentando os problemas de mulheres que deviam estar com uma falha muito grande na própria vida para buscar tanto se igualar a imagem de outra pessoa. E ele usava isso, porque precisava mais do que elas.

Sean a amava, mas odiava o sentimento que não podia e nem conseguia abrir mão. A forma como precisava que ela existisse em sua vida de qualquer jeito era destrutiva, não fizera bem a nenhum dos dois. Ele deu sinais, por anos, toda vez que voltava, estava escrito na cara dele que precisava que ela o enxergasse. E não sabia como contornar o ponto que haviam chegado. Não sabia se ela era cruel ou tão problemática quanto ele. Certamente mais incapaz de se ligar aos próprios sentimentos, porque ele sabia que amava. Doía demais para ser pouco amor ou paixão passageira. Conformismo não machucava assim, não corroía dessa forma e não tinha força para alimentar obsessões tão poderosas que levavam a buscar por qualquer alívio.

Era amor. Do tipo feio e mal resolvido. Sem coraçõezinhos e fotos românticas. Aquele que em filmes, sempre tem um personagem dizendo que na vida, nem sempre só o amor basta. Não bastou para eles e não ia ser suficiente quando dali a um ano, eles decidissem que caminho seguiriam.

Beatrice não sabia se o amava como deveria ou do jeito certo.

Tudo que ela sabia era instinto. Não tinha como afirmar ou comparar. Por isso, nesse último ano, buscou tanto conhecer alguém mais, para saber se o que sentia por Sean era tão diferente assim. Tinha concluído que devia ser ou ele a estragara para qualquer outro. Quando se lembrava daquela noite na praia, do que sentiu quando ficaram juntos como se tudo fosse mudar, sabia que o amava loucamente. Quase um amor de livro que ninguém acredita, a história nem é tão boa, os personagens são insanos, mas amam com tanta força que você acaba lendo até o final e depois fica perdido, mas apaixonado por eles.

Em outros momentos, de pura decepção e mágoa, quando seu ego não aceitava ser traído, achava que o que sentia era errado e ela podia se livrar daquilo. Fosse o que fosse, não era certo, não fazia bem, ela estava presa em um casamento de quatro anos que a machucou demais. Mas era escrava dos momentos como a noite na praia, tão bons, tão fortes, tão necessários que alimentavam sua esperança por tempo indefinido.

No fundo, Beatrice morria de medo de amá-lo demais e não ter entendido isso até hoje. Só isso podia explicar o motivo para ela ter aceitado tentar.

– Eu sei... – ela murmurou em resposta.

Eles ficaram em silêncio por um tempo, ambos ruminando a situação do seu ponto de vista.

– Esse vestido é uma versão mais cara e de alta costura daquele outro? – Sean levantou-se e pegou seu paletó.

– Me diga você, pois foi quem o escolheu.

– Eu trouxe três opções. Você preferiu esta.

– Você sabia que eu escolheria este – ela descruzou as pernas e alisou a saia.

– Tinha esperança...

Ele pegou as sandálias de tiras da frente da cama e colocou na frente dela.

– Saltos sexy... – Sean se afastou em direção à porta enquanto vestia o paletó. – Minha oferta de hoje cedo ainda está de pé.

Ele saiu e ela recapitulou o que eles disseram o dia todo, mas só a frase dita na saída do carro entrava na categoria “proposta”. Logo depois ela saiu do quarto e o alcançou na saída do corredor, parando ao seu lado abruptamente.

– Eu acho que deveria ter dito algo lá dentro quando você me contou do... Bem, do que aconteceu. Qualquer coisa ou talvez te tocado...

– Não force a barra. Você continua péssima nessas coisas, eu sei disso.

Ela o abraçou repentinamente, porque realmente era horrível nessas situações. Especialmente com ele, ficava sem saber o que dizer, muito menos o que fazer. Mas já que as palavras não

funcionavam, ela resolveu só abraçá-lo e fingir que isso ajudaria de alguma forma a aliviar aquele trauma que ele ainda escondia. Depois de tantos anos ele não conseguia tocar naquela história, estava muito mais marcado do que ela imaginava.

– Ora essa, titia, você não me disse que eles estavam em guerra e era ótimo eu chegar com a bandeira branca? Aquilo ali não parece guerra pra mim. Só se for de outro tipo.

Sean sorriu ainda com o rosto abaixado e pressionado contra o cabelo dela. Não era todo dia que recebia uma oferta de carinho da parte dela, tinha que aproveitar. Mas sentiu vontade de rir ao ouvir o tom do primo, ele tinha esse poder. Ainda mais fazendo insinuações de segundas intenções para a própria tia. O bom era que Candace era apaixonada pelo sobrinho como se ele fosse seu.

– Eles já devem ter começado a beber – comentou Candace, lançando um olhar rápido.

Beatrice soltou Sean e entrou na sala, foi rápido para os braços abertos e escandalosos de Jared Ward. Ele era praticamente seu cunhado, por mais que fosse primo de Sean. Ele também era mais alto do que ela, mas seu cabelo era realmente negro e com um corte mais longo que cobria seu pescoço. Seus olhos eram uma mistura de mel e verde, um belo tom mesclado. E ele era um ano mais velho do que Sean, o que colaborava para muita gente ter achado que eles eram irmãos quando estudavam juntos.

E apesar de nele a característica ser um pouco menos marcante, seus olhos também eram encapsulados e levemente puxados, mas com um formato próprio. Pareciam mais sacanas e faziam pensar em algo ilícito, ar livre, fogueiras e aventuras. Basicamente as semelhanças acabavam aí, apesar de ao envelhecer elas terem ficado menos gritantes. Eles não poderiam ter sido adolescentes mais diferentes. Mas um nunca deixava o outro na mão.

Aquele apartamento trazia muitas lembranças aos dois, pois Jared morou ali durante o tempo que ficaram no colégio até ambos partirem para a faculdade. Beatrice não sabia, mas houve um tempo, assim que Sean foi resgatado, que Jared armou uma cama de colchão de ar e edredom ao lado da cama do primo. Ele se recusava a sair de lá. Assim como por meses após o retorno, onde

Sean estivesse, Jared estava. Sem ele, Sean não teria se reconstruído bem, talvez tivesse sucumbido e nem as grades da janela do seu quarto seriam suficientes.

– Fala que você morreu de saudade! – disse Jared para Sean, por cima da cabeça de Beatrice.

– Quase enfartei sentindo sua falta – Sean se aproximava. – Agora pode soltar, tira as mãos dela – ele os afastou e abraçou o primo também.

– Ta vendo como ele é ciumento! Morre de ciúmes de mim. Não pode ver outra pessoa me tocando por muito tempo que já fica doido – declarou Jared, invertendo a situação.

A campainha tocou e um casal de convidados entrou, depois a porta praticamente não fechou com todos chegando na hora marcada. Sean e Jared ficaram num canto perto da janela, conversando baixo, mas cumprimentando todos que passavam e paravam por um minuto para saber como estavam.

Beatrice levantou do sofá e olhou em volta. Ela esteve conversando com duas convidadas que a crivaram de perguntas sobre seu trabalho e sua agenda. Aparentemente ela estava na moda e não estava falando de seus vestidos. Mas Candace já havia dito no seu primeiro programa gravado em Nova York que ela quem iria redecorar seu maravilhoso apartamento em Manhattan. Obvio que o círculo dela ficou mais do que interessado em dar uma folga àqueles conhecidos e antigos designers e dar uma oportunidade a alguém novo no mercado.

E ainda havia a competição. Se Candace Ward podia bancar uma reforma no apartamento inteiro feito por Beatrice, que passava longe de ter o orçamento mais em conta da cidade, ela estava oficialmente abrindo a temporada de reformas para a sociedade. Para eles sempre havia um lugar aqui e ali que precisava de uma mudança.

Tess passou praticamente correndo pelo canto da sala e era ela mesma que Beatrice estava procurando. Ela a seguiu e estranhou ao entrar pelo corredor e não vê-la logo. Foi encontrá-la na sala de estar do outro lado do apartamento, Tess estava nervosa e olhando

pela janela enquanto estragava sua manicure, roendo o canto da unha.

– Tess, onde você estava? Fiquei sozinha com aquelas matronas.

Theresa se virou rapidamente e correu para ela, pegando suas mãos.

– Estou em apuros!

Beatrice franziu bem a testa e apertou as mãos dela, tentando reassigura-la.

– Calma, em apuros por quê?

– Meu ex-namorado!

– O quê? Aquele drogado?

– Não! O outro!

– Tinha outro?

Tess soltou as mãos dela e começou a andar de um lado para o outro. Beatrice foi até a porta e a fechou. Ela e a cunhada não eram exatamente as melhores amigas, mas ela sabia que Tess também não tinha outra pessoa para falar. Todos naquela família eram estranhamente solitários. E fazia tempo que ela escondia certas coisas daquela época nebulosa em que estudou em Florença, morou com aquele namorado que era uma mistura de ladrão com traficante e depois acabou grávida de Tibby.

– Theresa, não comece a agir como o seu irmão. Já me graduei em Wards problemáticos.

Ela parou e apertou as mãos.

– Sabe quando eu estava em Florença e o Sean me trouxe de volta... E eu fiquei naquela clínica um tempo.

– Sim, eu sei disso tudo.

– Então, eu voltei para terminar o curso. E numa festa eu conheci um italiano. Ele estava lá fazendo um curso também. E bem, meu ex-namorado conseguiu me encontrar e foi lá e esse cara viu que eu estava sendo importunada. Então ele se livrou do meu ex.

– Prossiga – pressionou Beatrice, sabendo que era a primeira vez que Theresa contava isso.

– E eu não sei exatamente como, mas eu acabei na cama dele o final de semana todo.

Beatrice foi obrigada a rir.

– Todinho?

– Ai, não dificulte! – Tess tampou o rosto e voltou para perto da janela. – Ele tinha aquele sex appeal irresistível e eu estava carente e tinha sido muito mal tratada por aquele lixo que eu achava que era um homem. Eu precisava passar um tempo com um homem de verdade. E ele era muito verdadeiro. E me fazia sentir que tinha valor como mulher.

Beatrice ficou apenas piscando por uns segundos ao ouvir aquela declaração de Tess, especialmente o final. Ela sabia muitas coisas sobre a cunhada, mas não como ela se sentia como mulher e a maneira como foi afetada por aquele seu tempo tortuoso. Mas estava tendo uma ideia agora.

– Deixe-me adivinhar... – ela decidiu levar aquilo de um jeito leve e sorriu ao ouvir a típica história de aventura de Tess. – Esse homem era alto, provavelmente moreno, com uma bela cabeleira escura e olhos azuis ou podem ser verdes também.

– Sim! Azuis! – exclamou Tess. – Azuis como o mar mediterrâneo, a mesma coloração típica. Eu até procurei aquela cor de tinta, mas só se alcança aquele tom misturando três tons de azul e um toque de verde e finalizando com prata já misturada e diluída... Ai, o que estou dizendo?

Mas Beatrice estava assentindo, sabendo exatamente como Tess se sentia. Ela não era uma pintora, mas lidava com cores o tempo inteiro, tinha gavetas recheadas só de provas e os mais diferentes tons. E já havia tentado alcançar a cor dos olhos de Sean para pintar uma parede no seu escritório.

– Ele é o pai de Tibby – declarou Beatrice, sem nem exclamar. – E tem o biótipo parecido com os Ward, por isso sua filha pode ser parecida com Sean, com seu primo... ou com o pai dela.

– Ai meu Deus! – Tess tampou a boca com as duas mãos.

– E eu nem preciso pensar muito para saber que ele não sabe disso.

– Não pode nem sonhar com isso!

– Pelo amor de Deus, Tess. Eu já li essa história umas trinta vezes em livros.

– Isso não deixa a situação mais fácil. Eu continuo sendo uma ex-drogada, com uma filha sem pai e tentando fingir que meu passado não existiu.

– Mas eu ainda não entendi porque você está nervosa com isso.

– Ele está aqui, em Nova York! – ela exclamou.

– Pense pelo lado bom, talvez seja sua chance de dizer a verdade.

Tibby merece um pai.

– Não! – ela gritou.

Jared estava falando para Sean sobre como iam as obras da ferrovia, mas eles não estavam lá essa noite para falar de trabalho. Logo voltaram a falar sobre o último problema de Sean e como Jared achava que ele não estava lidando direito com a situação.

– Mas que papagaiada é essa? Pra virar uma merda total só falta você voltar a fumar – disse Jared, dando um gole do seu suco.

– Fala baixo – disse Sean, virando-se para ver se Beatrice estava por perto.

Ela fora o motivo dele largar o cigarro, porque ela odiava o cheiro e fazia longos discursos sobre a saúde dele. Em uma semana ao lado dela, ele já estava com um maldito adesivo colado na pele e o bolso cheio de chicletes antitabaco.

– Eu vou deixar escapar a informação – ameaçou Jared.

– E você por acaso largou?

– Não tenho esposa pegando no meu pé. Mas, sim. Você sabe que não tenho mais vícios sérios. Você se certificou disso.

– E seu vício em mulheres? – Sean levantou a sobrancelha de forma irônica.

Eles estavam de costas quando foram interrompidos por uma voz feminina.

– Vocês estão parecendo dois adolescentes aprontando algo no canto.

Eles se viraram ao mesmo tempo e Gwen pensou que se ela já não estivesse acostumada, quase ia cair para trás. Os dois juntos

eram uma visão e tanto. Ah, para, ela até recuou um passo quando ambos fixaram o olhar nela. Era Ward demais para uma mulher.

E olha que sua entrada foi planejada, ela havia cumprimentado Candace e lhe dado o presente que trouxera, ia ser mais um belo item para a coleção de arte dela, dessa vez uma pequena escultura. Depois pegou uma taça de champanhe e imaginou que precisava encontrar alguém com quem se enturmar. Afinal, declinar o convite de Candace seria algo que ela não faria.

Então ela viu Sean e respirou fundo quando reconheceu Jared. Ia ser mais uma viagem aos velhos tempos.

– Jared, você com certeza se lembra da... – começou Sean.

– Gwen Hendrik – ele abriu seu sorriso de um bilhão de dólares. – Quanto tempo – ele se adiantou e a envolveu em um abraço.

– Bom ver você também, Jared – ela murmurou, retribuindo ao abraço inesperado.

Levando em conta que eles haviam se visto há uns meses enquanto ela estava morando em Bruxelas, já fugindo do seu maldito marido, ele a havia surpreendido ao fingir tão bem que não a via há anos.

– Acertei seu nome de solteira, não é? – ele ainda a olhava, segurando sua mão.

– Sim, é esse mesmo.

Sean ficou olhando de um para o outro.

– É quase uma reunião de colégio – ele comentou.

– Sim... – murmurou Gwen, ainda sem graça e sem saber como levar a situação. Ela também não dissera a Sean que Jared a ajudara.

– Quase – Jared concordou, mantendo o olhar divertido sobre Gwen.

Beatrice retornou à festa enquanto Tess foi dar uma olhada em Tibby. Ela ficou olhando e imaginando com qual grupo de matronas ia se meter agora quando bateu o olhar em Jared, Gwen e Sean com quem seu olhar se conectou. Ele moveu a cabeça, lhe dizendo para ir lá e ficou olhando para ter certeza que ela iria.

– Tem certeza que não foi você que deu uns tabefes nele? – Jared perguntou, assim que ela se juntou a eles.

– Eu ainda não consegui entender como ele conseguiu rachar o nariz – disse Gwen.

– Nem eu – respondeu Beatrice, olhando novamente para o nariz de Sean com aquele corte atravessado sobre a ponte.

– Não está rachado e nem quebrado – ele disse, tocando com a ponta dos dedos. – Acontece.

– Isso não simplesmente “acontece”, Sean! – retrucou Gwen.

– Que ótimo, alguém que concorda comigo – Beatrice alfinetou o marido.

Elas estavam a ponto de obrigá-lo a dar detalhes sobre como exatamente ele quase se matava com seus amigos, quando Candace apareceu perto deles.

– Tem alguém que eu quero que vocês conheçam – ela disse.

Sean e Jared imediatamente franziram o cenho e a seguiram. Beatrice e Gwen foram junto, agora confabulando sobre como homens eram toscos e sem entender como podia ser normal ficar batendo uns nos outros. Gwen estava inclusive contando a ela que na época do colégio, Jared era mais briguento do que o primo. Agora ela já acreditava no que Sean havia dito sobre Gwen, até porque Tess confirmara tudo, sem saber da situação de como as duas se conheceram.

Quando elas se deram conta, Sean e Jared estavam medindo o cinquentão mais atraente que elas viam desde que Richard Gere fez “A Noiva em Fuga”. O cabelo do homem era menos grisalho, mas ele era o tipo que fazia até mulheres jovens como elas pensarem se vale a pena investir em algo mais maduro. Felizmente, ele era tão alto quanto os Ward e vinha acompanhado de autoconfiança e calma. Ou já teria saído correndo do apartamento.

– É como se eu tivesse dois filhos adultos, protetores e com talento para intimidação de suspeitos – dizia Candace, pela primeira vez parecendo sem graça enquanto apresentava o seu novo pretendente à família.

– Olha só, mãe... escolheu bem, hein – disse Tess, contornando e dando uma boa avaliada no suposto namorado da mãe.

– E uma filha sem filtro entre o cérebro e a boca – ela deu uma risada para disfarçar.

Beatrice nunca vira Candace Ward ficar em maus lençóis e acusar o embaraço como agora. Ela sempre contornava tudo como um dom natural. Pelo jeito, alguém ali estava muito interessada no bonito.

– Oi, como vai? Sou Beatrice Ward, é um prazer conhecê-lo – ela também abriu seu sorriso brilhante quando passou entre Sean e Jared e parecia feliz demais cumprimentando o provável novo membro do bando.

– Ah! Essa é minha nora, esposa do meu filho Sean e ela felizmente é muito mais bem educada – disse Candace.

– Victor Prescott, o prazer é todo meu – ele respondeu, revelando uma voz sedutora que combinava muito com o visual e devia estar há mais de quatro décadas seduzindo mulheres por aí.

Candace também apresentou Gwen, falando que estava na família há anos e completando com o comentário da boa educação que ela recebeu. As moças pareciam muito animadas em conversar com o convidado especial de Candace e em poucos minutos descobriram que ele tinha cinquenta e oito, que era um dos executivos do canal onde Candace trabalhava e que eles estavam “saindo” desde antes de ela voltar aos Estados Unidos. E ele decidiu passar mais tempo no país exatamente por ela.

Os Ward não estavam antagonizando Victor, eles estavam eram surpreendidos e desconfiados. Candace não tinha namorados, ao menos não que ela se interessasse em apresentar à família. Nenhum deles era ingênuo para pensar que ela não podia ter seus relacionamentos, mas era novidade no seio da família. Jared estava olhando para Victor, analisando-o abertamente, porque ele era bom nisso. Podia descobrir um bando de coisas sobre alguém com um pouco de conversa e atenção aos detalhes.

Sean já dera o nome dele via celular para os seus “garotos da segurança” e em breve eles saberiam até a marca da cueca de Victor. Tess ainda estava com cara de riso, sem acreditar que a mãe estava de namorado e havia se juntado às outras para fazer muitas perguntas a ele.

– Você está... apaixonada? – Sean perguntou à mãe.

Os dois estavam a uns passos de distância do grupo e falavam baixo.

– Isso é pergunta que se faça na cara da sua mãe? – respondeu Candace, como se Sean tivesse novamente cinco anos e houvesse dito algo indevido.

– Ora essa, você está me apresentando um cara pela primeira vez. Não espere que eu pergunte se é sexo casual ou relacionamento sério.

– Sean Ward, trate de se comportar – ralhou a mãe.

– Afinal... é serio?

– Eu não tenho casinhos. Não tenho mais idade e nem paciência para isso.

– Mãe, você está desconversando.

– E você está novamente me chamando de mãe – ela sorriu.

– Nunca te chamei de outra coisa.

– Não, você simplesmente reprimia meu nome nas frases e utilizada pronomes de tratamento embutidos no meio para não ter que citar a palavra mãe.

– Eu nunca fiz isso.

– Não vamos discutir. Você não vai admitir.

– Eu vou ou não vou chegar aqui e encontrar o Sr. Galã Cinquentão de roupão e tomando café da manhã com você?

– Talvez – ela concedeu.

– Eu vou precisar sumir com o corpo dele em algum momento?

– Você quer fazer o favor de não assustá-lo? Essa família já não tem boa fama.

Jared se inclinou para perto deles e disse baixo:

– Se ele trocá-la por duas de vinte eu quebro as duas pernas dele e o que tem entre elas – avisou Jared.

– Escute aqui, os dois. Victor não gosta de meninashas, eu sei o histórico dele. Estão pensando que só vocês investigam até as calcinhas de todo mundo que se aproxima? Além disso, também sei contratar meus próprios capangas. Se ele sumir, não façam perguntas e neguem tudo.

Os dois concordaram; isso eles podiam entender. Estava bom para eles.

A festa não demorou muito, serviram o jantar e tomaram drinks, mas à meia-noite e meia os convidados estavam aos poucos indo embora. Candace estava se despedindo, mas passava boa parte do tempo em uma conversa repleta de sorrisos com Victor. Tess estava bocejando e dizendo que hoje ia dormir cedo, porque Tibby com certeza ia acordar antes das oito já que a colocaram na cama tão cedo.

Beatrice tinha descoberto que Gwen era interessante e uma ótima fonte de informações em sua busca para entender melhor como Sean foi na adolescência. Mas percebeu que ela não falava nada que houvesse acontecido muito perto daquele final de outono que acabou intervindo tanto na vida deles.

– Eles não se desgrudavam! E viviam correndo por aí com o cachorro! – Gwen comentou, sobre Jared e Sean.

– Sean? Um cachorro? – ela olhou-a, surpresa. Nunca soube disso. Até achava que ele não levava jeito para bichos de estimação. Mas então percebeu que o antigo Sean levava jeito para isso, esse que sobrevivera, não.

– Sim! Um Akira negro! Era apaixonado por ele, mas... – Gwen parou e sua expressão mudou. Ela percebeu que não devia ter tocado nesse assunto. – O cachorro ficou muito triste quando ele sumiu de repente. Já era velho e... Bem, acontece – ela olhou para as próprias mãos.

Com um comentário perdido aqui e ali, Beatrice também descobriu que Gwen estava divorciada e que era um assunto no qual ela não queria falar agora e que era complicado. É, Beatrice podia entender isso, porque também não queria falar nada sobre seu relacionamento com Sean.

Antes de sumir no corredor do apartamento, Tess passou uns minutos cochichando com Beatrice que ora concordava, ora gesticulava e negava veementemente, em um momento parecia até estar dando um ultimato a cunhada que fez bico e foi lá para dentro.

Depois ela passou uns minutos conversando com Sean, ele havia passado o braço pela frente de seu colo, envolvendo seus ombros e falava baixo, perto de seu ouvido esquerdo enquanto ela assentia

levemente. Gwen olhava para eles disfarçadamente, sem conseguir entender.

– Não adianta, não vai fazer sentido pra você – disse Jared, surpreendendo-a.

Ela se virou, sem graça por ter sido pega espionando. Ele sentou ao lado dela no sofá; agora estavam no fim de festa onde sobravam os familiares espalhados pelos cantos e os amigos próximos da aniversariante, terminando as conversas antes de partir.

– Quando eu estava me separando, não queria ver meu marido nem pintado de ouro e com um diamante no lugar da cabeça. Tinha terror dele – ela disse baixo, ainda estava muito intrigada pela relação deles. A imagem dos dois seminus, discutindo no hall do segundo andar era surpreendente demais para ela esquecer.

– Seu marido era um porco violento e perturbado que já deveria estar morto – disse Jared, num tom agressivo.

Ela voltou a olhá-lo e aproveitou que estavam sozinhos.

– Afinal, por que você está me perguntando coisas que já sabe, como se realmente não nos víssemos há três anos?

– Não é isso que você quer? Afinal, não contou a Sean tudo que aconteceu antes de chegar aqui e se refugiar embaixo das asas dele.

Gwen franziu o cenho e o observou por um momento, ele por acaso estava irritado por ela ter procurado Sean?

Um pouco depois, eles estavam no Maserati de Beatrice com Jared divertindo-se muito por ela dirigir na linha tênue da legalidade. A Quinta Avenida era um borrão belo e luminoso pelas janelas do carro rápido e compacto. Radioactive de Marina and the Diamonds tocava no som do carro, animando-os a acompanhar Jared em uma sexta à noite. Afinal, era só uma da manhã e ele não os deixaria ir para a cama ainda. As luzes da cidade ficavam com ar mais animado ao som contagiante da música.

Esticar a noite foi uma ótima ideia de Jared. Caso contrário Beatrice já teria fugido para o seu apartamento, deixando Sean para “por o papo em dia com o primo” como ela havia dito. E Gwen estaria de volta ao triplex, com seu pijama, os óculos de leitura e um suspense sobre o colo. Sean ia acabar junto com o primo, bebendo

na Penthouse do Clarence enquanto conversavam sobre todas as merdas que faziam.

Mas Sean dissera “eu falo com ele todo santo dia pelo Skype” e acabou convencendo Beatrice e por tabela, Gwen. Eles terminaram no melhor bar de Chelsea, o Raines Law Room tinha ótimos coquetéis e um dos ambientes mais singulares que Nova York podia proporcionar. Novatos perderiam a entrada escondida na Rua 17, entre a Sexta e a Sétima Avenida, mas o lugar estava na lista de “indicados por Hartie” assim como a host também era recomendada pelas experiências dele.

E estavam com sorte, porque conseguiram um espaço para sentar no Parlor, naqueles sofás escuros, dentro de um cubículo que podia ser escondido por cortinas levemente transparentes.

– Como assim você não pode ir a Londres redecorar meu apartamento inteirinho? Faço questão de ser seu anfitrião – dizia Jared, devidamente servido de um coquetel leve.

– Que tal aquele seu chalé de esqui na França? Esse eu adoraria passar semanas redecorando – Beatrice lhe deu uma piscada.

– Você tem certeza que quer ir pro meu chalé? – ele perguntou, fingindo um tom sério e sedutor. Se ela já não o conhecesse, ia acreditar.

– Absoluta – ela devolveu o fingimento.

– Eu vou ser assassinado! – ele riu e ambos recostaram, divertindo-se.

Jared era o único que podia flertar ou pelo menos fingir que flertava com Beatrice sem que Sean começasse a ver tudo vermelho.

– Ele não leva garotas lá... – Sean comentou antes de beber mais um gole do seu coquetel American Trilogy.

– Ei! – disse Jared.

– Que romântico, está esperando alguém, Jared? – perguntou Beatrice.

Ele estreitou os olhos, dando-lhe aquele seu ar felino pela cor ficar parecida com o coquetel amarelado que Gwen bebia. A verdade é que não ia tocar nisso, especialmente não agora.

– Esperando você tomar vergonha e perceber que meu lado dos Ward é muito mais interessante.

– Um Ward já é demais na minha vida – ela resmungou e cruzou as pernas, olhando pela leve translucência da cortina que estava parcialmente fechada.

Sean descansou a mão sobre a perna que ela havia cruzado em sua direção e olhou para o primo, levantando a sobrancelha direita de um jeito divertido. Jared inclinou a cabeça e riu. Os dois sabiam muito bem como um Ward já era suficiente.

Gwen apenas sorria, observando-os. Ela era a menos falante, mas talvez fosse quem estava se sentindo melhor. Aquilo fazia com que se sentisse de volta a uma época de sua vida que pensou que nunca mais encontraria. O sentimento ficara no passado, como uma lembrança dos melhores tempos.

A época do colégio nunca mais voltaria, mas não se sentia assim há tanto tempo que gostaria de abraçar e beijar todos ali. Tudo vinha dando errado e subitamente, podia voltar a dar certo. Ao menos se sentia bem, devia ter voltado para casa antes. Sua vida profissional lá na Europa não esteve tão boa assim, teve que se mudar muito nos últimos anos.

O interessante de pessoas que tinham tantos assuntos nos quais não queriam tocar era que arranjavam muitos outros e se divertiam com os tópicos mais comuns.

Capítulo 22

Quando eu olhar pra você, deite a cabeça no travesseiro e se aninhe ao meu corpo. Eu adoro dormir com você.

Antes de ir embora, Beatrice e Sean foram olhar o tal jardim iluminado por luz de velas, deixando Jared e Gwen rindo de histórias antigas. Sean levantou o rosto e enfiou as mãos nos bolsos para reprimir a vontade de agarrar Beatrice e imprensá-la ao lado da porta. Estavam há pouco tempo seguindo essa história de “tentar ser um casal” e ele já estava mal acostumado. Afinal, para quem estava habituado a ser tratado como um acompanhante estranho e incômodo, nas últimas vezes que saíram, estavam sempre se tocando. E é fácil se acostumar com o que é bom.

Beatrice ainda tinha dificuldade para tomar a iniciativa de se aproximar dele. Era muito tempo evitando isso, aliás, o pensamento geralmente a fazia se retrair. Pior ainda porque ao se lembrar da última vez que ela começou, acabou em cima da mesa dele. E até onde sabia, quando deixara o escritório dele, os dois estavam desejando a morte um do outro.

Ainda assim, ela se virou e se aconchegou a ele. Sean tirou as mãos dos bolsos e escorregou os braços em volta dela, colando-a mais ao seu corpo. Beatrice levantou o rosto e o beijou lentamente, deixando-o aproveitar o momento. Havia um leve gostinho adocicado e picante no beijo por cortesia dos coquetéis que haviam acabado de tomar. Beatrice espalmou as mãos nas costas dele, amarrotando o tecido da camisa.

O paletó havia ficado no carro, as mangas da camisa estavam dobradas e os botões de cima abertos. Sean delineou a cintura dela com as mãos, insatisfeito em não tocar seu corpo inteiro, pouco se

importando que os outros o vissem acariciando aquelas curvas femininas, como um prelúdio para o que podiam fazer depois.

– Eu estava te dando mais dois minutos pra resolver me beijar – ele disse quando ela abaixou o rosto.

– E ia me ameaçar? – ela passou os dedos pela gola dele, ajeitando-a.

– Não, ia levá-la ao banheiro. Você viu o papel de parede? Imagens bem indecentes, já pensou em pedir um painel assim pra Elis?

– Não – ela riu. – Mas ela é boa em arte erótica.

– Pede a ela pra me ligar. Tenho ideias pro banheiro...

– Nem pensar.

Beatrice se afastou em direção a porta porque já eram duas e meia da manhã e Sean a seguiu, mas parou antes de voltarem para dentro, capturando-a e puxando para o lado.

– Essa era a minha semana e eu não sei se um encontro familiar foi suficiente – ele disse. – Mal ficamos sozinhos.

– E a terça-feira?

Sean levantou a sobrancelha direita enquanto a olhava.

– A terça voltou a existir? Você disse que não havia acontecido nada. Acho que sonhei no meio do dia com uma transa que quase quebrou minha mesa.

Beatrice soltou o ar e não precisava nem admitir.

– Seu tarado pervertido, não sei de terça nenhuma – ela disse.

– Eu quero dormir com você.

Beatrice franziu o cenho e soltou uma leve risada antes de olhá-lo.

– Você está sendo sutil, Sean? Que fofura.

– Não. Droga. Eu também quero muito te foder, mas... caramba – ele parou, como se não soubesse como proceder dali.

Ela piorou a situação quando riu dele.

– Eu ainda quero dormir com você e deitar a cabeça perto do seu cabelo, envolver sua cintura com o braço, passar a perna por cima da sua e me aninhar ao seu corpo para na manhã seguinte acordar em qualquer outra posição sem saber quando nos movemos. Claro que isso tudo é mais gostoso depois de fazer amor, mas eu

realmente quero dormir com você. Porque a última vez que conseguimos fazer isso foi há um ano. Trezentos e sessenta e cinco dias malditos que eu gostaria de esquecer.

Beatrice ficou olhando-o, pensando que talvez se fossem só os três anos do casamento fracassado eles conseguissem se resolver de um jeito melhor, ela também gostaria de esquecer o último ano.

A porta para o jardim abriu, os sobressaltando e uma mulher com feição muito jovem arregalou os olhos e ela estava com o rosto todo vermelho de vergonha. Seus grandes olhos os focalizaram e um sorriso nervoso apareceu em seu rosto. Ela havia escutado a conversa, ao menos parte dela. Ela foi rapidamente chamar duas pessoas que estavam no banquinho do jardim.

– Eu bebi champanhe e agora esse coquetel, não sei se devia dirigir – Bea entrou novamente no bar.

Beatrice seguiu na frente, com as memórias do último aniversário de Candace a assombrando. Por que eles tiveram que acabar de estragar tudo? Dali em diante também não teria sido fácil, já estavam arruinados, mas ambos gostavam de fantasiar com um momento em que teria dado para voltar atrás e consertar.

– Todos nós bebemos – ele comentou, indo atrás dela.

– Mas só eu estou levemente tonta.

Ela também podia estar tonta pelo que ele acabara de lhe dizer, mas era mais fácil atribuir ao álcool que estava consumindo nas últimas horas.

Os dois chegaram ao sofá e encontraram Jared e Gwen numa conversa que não parecia mais ter aquele tom leve e engraçado de antes. Mas estavam ocupados demais com seu próprio drama para notar qualquer coisa. Eles foram embora e dessa vez Sean dirigiu o Maseratti de Beatrice, obedecendo os sinais e tomando cuidado com os cruzamentos enquanto Vini e Alvez seguiam de perto no carro de trás. Eles deixaram Jared e Gwen no Clarence. Os dois se despediram e entraram no prédio.

– Eu dormiria com você, Sean – disse Beatrice, parada na porta do Range Rover que a levaria para casa. – Eu... adoraria. – ela completou.

Ele segurou a porta do carro e abriu a outra mão no ar antes mesmo de perguntar.

- Então por que você está indo embora? Dorme comigo.
- Nós não damos pra isso – ela balançou a cabeça levemente.
- Droga, eu durmo. Não sou controlado pelo meu pênis.

Ela olhou para cima e depois tornou a olhá-lo, não precisava nem dizer qual era o problema. Sean suspirou, odiando aquela promessa que ela fizera de não voltar ao triplex.

- Por que você não volta? – ele perguntou, sem nem pensar.
- Não, Sean. Você sabe que é precipitado e que não estamos nem um pouco prontos pra isso. Parece que passou muito tempo, mas na verdade não passou. Nós simplesmente vivemos tão absortos nos dias ocupados e agora nesse nosso drama que o tempo às vezes parece confuso.

Ele assentiu e soltou a porta do carro.

– Eu sei. E também não sou bem-vindo lá no apartamento porque é seu novo refúgio emocional para me manter isolado – ele disse, recusando-se a dizer “seu apartamento” ou qualquer frase similar, porque pra ele, Beatrice só tinha uma casa e era o triplex onde eles moravam.

- Nós não damos certo. E ainda não mudamos isso.
- Pelo contrário. Somos ótimos juntos, mas péssimas escolhas de relacionamento. Estragamos tudo o tempo todo. Não sabemos o que fazer, nem o que dizer, não paramos de nos magoar e no fundo ainda queremos machucar um ao outro por tudo que passamos nos últimos anos. É destrutivo. Mas eu já abri mão da minha parte da vingança emocional. Eu só quero tentar.

Ela olhou o relógio em seu pulso e depois o encarou.

– São três e meia da madrugada. Você tem alguma cama neutra em vista?

Sean pegou a mão dela e saiu andando para a direita, subindo a Quinta Avenida.

- Tem hotéis na Rua 76 – Sean falava da rua que ficava na próxima quadra.
- O primeiro que passarmos – ela dava passadas mais longas para acompanhá-lo.

– Feito.

Vini e Alvez se entreolharam muito rápido e até erraram a passada quando tiveram que se mover para segui-los. Eles atravessaram a Rua 75, venceram a quadra seguinte a passos rápidos e entraram na Rua 76. O primeiro hotel era o The Surrey onde eles entraram e foram direto na recepção conseguir um quarto. Não haviam planejado, mas bem que podiam já que ali naquela área acabariam mesmo em um hotel dos sonhos, onde muita gente passava um tempo economizando para ir se hospedar para lua de mel na cidade.

Eles não queriam nenhum dos luxos que o hotel tinha, eles só queriam um quarto. Qualquer um com uma cama confortável e grande. A bela vista do Central Park, o quarto de escandalosos metros quadrados, sala acoplada, cozinha ou o que mais houvesse, eles já tinham lá no triplex. Só precisavam da cama, neutra e macia.

O The Surrey não tinha nada tão simples quanto a mente deles conjurara, quando chegaram à suíte Studio, com um pequeno terraço, ainda era mais do que queriam. Mas ao menos era só o quarto, com uma lareira, poltronas, mesas, uma boa banheira e outras amenidades que eles não iam usar. Eles sabiam o que pareciam, um casal aparecendo às três da manhã na recepção, sem bagagem, sem reserva e só querendo um quarto para uma diária. Era o típico sexo de uma noite.

A recepcionista da madrugada nem piscou, já devia ter visto isso, casais querendo uma cama. Muito comum. A diária não era barata, mas eles pareciam ainda mais suspeitos porque pediram só uma suíte simples.

– Não é muito fácil te seguir em cima desses saltos – disse Beatrice, deixando os sapatos perto dos degraus do terraço.

– Eu não sei porque não entramos no carro – ele respondeu enquanto começava a desabotoar a camisa.

– Você queria andar.

– Pensando bem, no carro você podia voltar atrás.

– Eu tive muito mais tempo para fazer isso enquanto corríamos pela calçada! – ela passou as mãos pelo cabelo e o prendeu em um coque no alto da cabeça.

Sean tirou tudo dos bolsos e deixou na mesa de centro em frente à lareira, aproveitou e desligou o celular. Beatrice deixou a pequena bolsa de mão ali também, mas pegou o celular e o desligou, dentro do acessório só cabia o aparelho, a chave, um batom, seu cartão e umas poucas notas bem dobradas. Sean trouxe menos ainda, dos bolsos saíram o celular, a carteira e o cartão de acesso ao quarto.

Os dois se olharam, desviaram o olhar para a cama e para a porta do banheiro. E agora?

– Pode ir – ela disse.

– Não, vai você. Eu prometo que espero.

Ela aceitou e foi para o banheiro.

– Você iria pra onde? – ela perguntou.

Sean apenas sorriu e sentou na poltrona de costas para o terraço, completamente escuro a essa hora.

– Tranque a porta – ele avisou.

Beatrice entrou no chuveiro e enquanto se esfregava, ainda rindo por estar usando a touca do hotel, ela não queria pensar no que estava fazendo. Mas realmente, o que ela fazia num quarto “neutro” com Sean? Nada com ele era neutro. Quando voltou para o quarto, Beatrice respirou fundo e foi até a cama.

– Sabe, eles só tem um roupão... – ela comentou, sentando-se na cama.

– Eu coloco uma toalha pra impedi-la de ficar tentada a me atacar – ele disse enquanto entrava no banheiro usando só o boxer.

Os dois não tinham nada ali, só as roupas de seus corpos. E ambos estavam achando engraçado. Quando ouviu o chuveiro fechar, Beatrice espiou pela porta e entrou quando Sean prendeu a toalha na cintura.

– Você quer? – ela ofereceu o kit de toalete do hotel que era realmente bom e começou a escovar os dentes com o cotonete.

Sean parou ao lado dela e testou escovar com um cotonete, mas acabou fazendo com o dedo indicador mesmo.

– Isso é ridículo – ele riu e abriu a torneira.

– É melhor do que nada – ela fechou a outra torneira e voltou pro quarto.

Quando chegou lá, ele apagou o abajur e rodeou a cama.

– Quando você ia pras farras da faculdade, sempre se lembrava de escovar os dentes antes de apagar? – ele perguntou.

– Eu não era de farras.

– Qual é, Bea. Eu te resgatei meio tonta de uma festa...

– Você não me resgatou! Eu estava perfeitamente bem. Só tinha bebido dois drinks.

– E esquecido que eu ia lá naquele final de semana. E dois são o suficiente pra você.

– Era aniversário de uma amiga.

Ela puxou as cobertas da cama e entrou, mas dormir de roupão não era exatamente confortável. Sean levantou as cobertas do outro lado da cama, tirou a toalha e entrou.

– Você dormiu comigo naquele dia. E acordou me olhando como se não lembrasse exatamente como eu fui parar ali e depois olhou o quarto do meu hotel, imaginando onde estava.

– Juro que me lembrarei de você de manhã – ela prometeu.

Eles recostaram nos travesseiros fofos e olharam o teto. A cama era uma king size, havia um espaço enorme entre eles já que cada um entrou por um lado. Sean arremessou a toalha úmida lá na poltrona e acompanhou até cair no lugar certo.

– Isso não é legal, Sean.

– Fala sério, eu não deixo toalha molhada na cama nem em casa.

– Minha irmã me contou que um dos casais dela ia se divorciar por causa disso.

– Eu sou ótimo, abaixo a tampa do vaso, recoloco o papel higiênico, tiro a toalha molhada e até lavo os copos que uso – ele declarou, sem humildade nenhuma e ajeitou-se na cama.

– Mas deixa o roupão úmido na poltrona do quarto. Eu sei.

– Você larga esses saltos pelo quarto e quem acordar de noite pra ir ao banheiro sempre tropeça.

– Não faço mais isso, coloquei lá no canto.

– Que bom... ainda deixo o roupão na poltrona. Mas é você quem está com ele na cama.

Ela se mexeu e escorregou embaixo das cobertas, soltou o roupão levemente úmido e prendeu o lençol por baixo dos braços, então fez uma bola com o tecido do mesmo jeito que ele fizera com a toalha e

arremessou também. Mas o roupão abriu no caminho e caiu no chão em frente à cama. Sean começou a rir.

– Eu não vou pegar – ela avisou.

– De manhã você vai acabar pegando.

Eles voltaram ao silêncio, Beatrice tomou a iniciativa e chegou para o lado até o meio da cama e se virou, deitando de lado. Sean também foi para o meio da cama e se aconchegou ao corpo dela, passou o braço por cima de sua cabeça e mexeu em seu cabelo no travesseiro. Depois passou o outro braço em volta dela e se ajeitou. Estava tarde, eles estavam cansados e iam dormir rápido. Mas não iam acordar naquela posição.

– Esse é o teste de autocontrole mais difícil que já encarei – ele murmurou.

– Diga isso quando acordar.

O sábado não amanheceu nada bonito, estava branco, nublado num tom melancólico que ameaçava estragar o final de semana a qualquer momento. Sean acordou quando sentiu Beatrice se movendo. Ele ainda estava de lado, mas se esparramara e ela virara de bruços em algum momento. Sean também sabia que fora dormir excitado, não tinha ideia do que acontecera durante o sono, mas definitivamente acordou duro. Dormir sem roupas com Beatrice era muito difícil para ele. Aliás, dormir com Beatrice era difícil. Ponto.

– Que horas são? – ela perguntou baixo.

– Não sei, tanto faz.

Ela começou a se virar, mas deixou a cabeça pender no travesseiro, dominada pela preguiça.

– Se você disser que vai trabalhar no sábado, eu te tranco no banheiro – ele avisou.

– Hoje não...

Como havia se virado, Beatrice estava junto a ele novamente, Sean se aproximou mais e a envolveu com o braço. Ela abriu os olhos assim que sentiu a ereção dele pressionada contra seu traseiro, então moveu o quadril, só pra ter certeza.

– Pare de se mover, Bea. Eu prometi que ia só dormir, mas não sou de ferro.

Ela sorriu, sim, com certeza. E moveu mais o quadril contra o dele, devagar e provocativamente. Sean suspirou e virou de barriga para cima, sentindo o peso quente de sua ereção descansar sobre seu umbigo. Beatrice virou na cama e o olhou, ele deixou a cabeça pender para o lado e também a encarou. Pelo olhar dele, estava conjurando todo o repertório de posições nas quais gostaria de colocá-la agora.

Apoiando-se nos braços ela se elevou na cama, o olhar dele desceu para seus seios e sua boca ficou seca. Aproveitando que eles estavam dividindo as cobertas, Beatrice passou uma perna por ele, ficando por cima e o surpreendendo tanto que por uns segundos Sean só piscou.

– Você não é o único que pode acordar excitado – ela disse, empurrando a coberta e olhando para ele.

Beatrice foi um pouco para trás, levando o edredom branco com ela e ficou de joelhos, olhando-o de cima. Sean se espreguiçou e seu olhar acariciou o corpo dela, parando em seus seios enquanto ele engolia a saliva.

– Você nunca foi muito de olhar, Bea. Um cara inseguro poderia achar que não te agrada.

O olhar dela passou pelo seu peito, percorreu os músculos do abdômen, passou pelo membro duro descansando em seu ventre e foi para suas coxas que descansavam na cama. Ele era mesmo descarado. Um cara inseguro também ficaria sem graça nesse momento.

– Você também dorme. Às vezes eu acordava antes... – ela disse em tom de sugestão.

– Pensar em você me desejando enquanto eu durmo, me deixa louco de tesão. Acho melhor começarmos a falar de ogros.

Ela tocou as coxas dele. Sempre gostou delas, eram firmes e fortes, ótimas para dar colo a uma mulher. Quando ele as retesava, como fazia agora ao sentir o toque dela, Beatrice gostava de apertar os músculos com as pontas dos dedos. Ela continuou subindo, suas mãos passaram pelo seu quadril, uma de cada lado da ereção dele. Dessa vez ela conseguiu deixá-lo inquieto, Sean não estava mais

com aquela expressão calma e sacana. Apenas acompanhava atentamente o que ela fazia.

Enquanto se inclinava um pouco, Beatrice pensou se teria coragem. Sean se remexeu e fechou a mão em punho, observá-la tocando-o assim o perturbava, ele podia sentir as pontadas na cabeça do seu pênis. E quando ela tocou sua ereção, ele soltou o ar num arquejo.

– Acho que quem não está preparado para isso sou eu – ele admitiu. – Faz muito tempo, Bea. Não sei se estou pronto para largar as lembranças pela realidade.

Ela levantou o olhar, encarando-o por um momento. Ele estava falando sério. E ela se odiou por isso. Fazia um ano que não o tocava assim, com o único propósito de lhe dar prazer. E a última vez estava nebulosa em sua mente, parecia ter sido rápido, quando estavam dominados por um daqueles frenesis de excitação. Exatamente naquela noite na casa de praia.

Ela abaixou a cabeça e passou a língua por toda a extensão do membro até a glândula que repousava junto ao seu umbigo, onde ela brincou com o dedo. Sean deixou escapar um som breve e rouco, de surpresa e excitação.

– Isso é demais pra mim, Beatrice. Você...

Ela o segurou e antes que continuasse hesitando, o colocou em sua boca úmida e quente, fazendo-o perder a voz. Concentrando-se, Beatrice desceu a mão por ele e começou a chupá-lo lentamente, adquirindo um ritmo lento e provocante. Sean fez de tudo para não mover o quadril, mas virou a cabeça e a olhou, registrando na mente a visão que poderia não ter novamente. Era o costume de alguém que vivia alimentado só pelas memórias e precisava delas para viver.

Quando tomou mais coragem, ela o tocou com a outra mão e levantou o olhar, encontrando o dele. Sean pressionou a cabeça no travesseiro, soltando um gemido gutural, bem do fundo de sua garganta. O som saiu torturado de prazer, mas curto, porque ele estava se contendo. Sinceramente, tinha receio até de tocá-la agora e fazê-la retroceder.

Beatrice o colocou mais fundo em sua boca e deslizou a mão esquerda pela barriga dele, até seu peito, como se lhe desse conforto para aguentar a tortura. Ele segurou a mão dela no lugar e ela sentiu as batidas aceleradas do seu coração. Seu quadril rodou na cama, porque não podia mais conter. Mas ela continuou a lhe proporcionar prazer com sua boca, levando-o à loucura porque parecia estar gostando do que fazia.

Ele apertou seu antebraço, agarrando-se a ela e a realidade. Os olhos dele se fecharam e dessa vez, quando ele gozou, o gemido saiu alto, rouco e longo. Um som masculino de uma libertação muito prazerosa.

Apoiando as mãos no corpo dele, Beatrice foi subindo até olhar seu rosto. Sean ainda estava com os olhos fechados e seus lábios estavam marcados pelos seus dentes. Ele piscou algumas vezes e a focalizou.

– Faz amor comigo, até o fim – ele pediu.

Sean a segurou pelo quadril e moveu o dele, esfregando-se contra ela que estava bem no lugar certo. Beatrice devolveu o movimento e apoiou o corpo no dele para beijá-lo, sem deixar de mover-se para excitar-se mais. A glândula do pênis dele deslizava por ela que sabia o que queria, descendo sobre ele até que acariciasse o seu clitóris.

– Isso é bom, Bea. Muito bom – ele disse baixo, roucamente, passando os braços em volta da cintura dela. – Continua.

Excitada, úmida e pronta pra conseguir um pouco de alívio, Beatrice o fez deslizar para dentro dela, parando no meio e se movendo antes de deixá-lo penetrar mais. Sean gemeu e rodou o quadril embaixo do dela que apoiou as mãos nos ombros dele, elevando o tronco para controlar melhor, então o deixou ir até o fim.

Ela moveu o quadril devagar algumas vezes, apenas fazendo-o entrar e sair completamente, sentindo a cada vez o prazer da penetração enquanto o beijava. Seus movimentos aumentaram de ritmo do mesmo jeito que seus beijos ficaram mais molhados, íntimos e sensuais. Beatrice parou de beijá-lo e apoiou os cotovelos no colchão, segurando seu cabelo e afastando mais os joelhos do corpo dele. Sean apoiou os pés e ajudou-a, mantendo o quadril dela

na direção certa, enquanto a penetração ficava mais curta e repetida, ele a escutava dizer para continuar ali, naquele ponto.

– Sim, Sean. Bem aí... Mais... – então ela gemia, soltava um barulhinho agudo e retomava os movimentos por conta própria.

– Não tem nada melhor do que fazer amor com você – ele sussurrou e apertou a cintura dela, caprichando nas investidas, fazendo seu quadril encontrar os movimentos dela, do jeito que ela queria. – E eu adoro quando você pede mais.

Ela gozou primeiro, conseguindo tudo o que queria da relação e continuando até fazê-lo chegar lá também. Demorou mais do que nas vezes anteriores, para ambos. Ainda precisavam de muito para retomar o tempo que perderam, mas era cedo, numa cama neutra e macia, estavam sonolentos e daquele jeito foi tão bom. Mais lento, como se não estivessem precisando tanto, ainda sofrendo de abstinência mútua.

Eles se viraram na cama, os braços dela em volta do pescoço dele, suas bocas coladas, trocando beijos muito íntimos que deixavam seus lábios úmidos. Seus corpos ainda se satisfaziam do orgasmo que não os tomara de assalto, era o tipo que se espalhava pelo corpo deixando uma sensação de prazer lento que ficava na memória por dias.

– Isso é até romântico, Sean... – ela murmurou para ele, seus lábios ainda roçando os dele.

– Sim – ele beijou-a novamente e virou-se mais, descansando o corpo sobre o dela. – Diz que isso ajuda a diminuir um mês de separação – ele voltou a beijá-la.

– Hum... – ela apenas continuou beijando-o.

– Só diga que diminui e me engane, eu prefiro acreditar.

– Diminui sim – ela respondeu e passou as pernas pelas dele, logo depois prendendo os calcanhares por trás de suas coxas e movendo-se embaixo dele.

Sean ajeitou-se sobre ela, puxando uma de suas pernas mais para cima.

– Nós vamos ficar mais um pouco aqui – ele avisou.

Quando Beatrice chegou novamente ao seu apartamento, ela andou até seu quarto e se soltou na cama, ainda sem saber o que realmente andou fazendo. No fim, eles saíram com a mesma roupa que chegaram e acabaram mesmo sendo um daqueles casais com os quais a recepcionista da noite estava tão acostumada. Sendo realista, Beatrice sabia o que fazia. Ela estava deitada ali e inconscientemente mordera o lábio lembrando-se dele, como se já houvesse passado dias e sua memória quisesse um revival. Ela era uma mulher com desejos bem saudáveis e apreciava o sexo. Depois que começou a sair com Sean, percebeu que precisava de mais do que admitia.

E dormir contra o corpo dele, era um suplício. Uma péssima ideia, sua mente borbulara com os pensamentos mais sujos. Mas ficar indo muito para cama com ele ia complicar aquela situação na qual estavam metidos. Iam confundir tudo e achar que a proximidade física era uma solução quando na verdade era só parte dela, mas mascarava os problemas. Assim que saíam da cama, a realidade voltava. E eles ainda estavam a um passo do divórcio, morando em casas separadas e tentando perdoar e superar a mágoa.

SEAN 00:48 Adorei dormir com você. Estou sentindo muito sua falta na minha cama agora.

BEA 00:55 Não deixa o meu sono sem vergonha, Sean.

SEAN 01:00 Volta pra minha cama.

BEA 01:08 Talvez. Se acabarmos na rua de madrugada, perto de uma cama neutra...

SEAN 01:09 Dou um jeito nisso.

Na segunda-feira no final da tarde, Sean estava terminando seu trabalho do dia. Talvez até fosse para casa mais cedo. Rico estava todo contente e ativo por ter notado que o humor do chefe estava de volta e ele já chegara lhe dando quinhentas tarefas e os foras costumeiros que já tinham virado rotina.

Jared havia estado por lá na parte da manhã, mas agora Sean não sabia onde ele se metera, segundo ele, estava parcialmente de férias. Quando chegasse em casa, não sabia se encontraria o primo ou se Gwen estaria por lá para jantar com ele. Ela ainda estava procurando um lugar para montar seu escritório e estava mais segura para sair pela cidade.

Mas ainda era segunda-feira e Sean já queria ver Beatrice outra vez. Eles podiam não ser muito bons em manter uma relação, mas o tempo que passavam juntos era viciante. Se eles não fossem tão problemáticos e ela estivesse no triplex, ele ia poder dormir com ela hoje. Mas duvidava que se ligasse e convidasse, ela ia largar sua agenda para só dormir junto com ele. Tinha mantido a promessa naquele dia, fora difícil, mas por incrível que pareça, ela quem começou.

– Patrão – chamou Don, depois de dar duas batidas na porta.

– Entre – ele olhou o relógio de pulso e franziu a testa. – Você mudou de turno?

Don fechou a porta e andou até perto da mesa, hoje ele estava menos formal, com uma camisa de botões e calças escuras. Eles não eram realmente obrigados a usar terno, só manter seu código de vestimenta e Beatrice o obrigara parar de segui-la o tempo todo usando gravata. Mas dependendo da agenda dela, ele voltava para seu uniforme. Quando estavam lá no primeiro andar do triplex relaxando entre turnos, os seguranças gostavam de comentar que as garotas adoravam o visual sério e perigoso.

– Só essa semana, pra ver se o Alvez se acostuma a trabalhar com ela.

– Você acha que ele vai servir pro trabalho? – Sean tirou os óculos e deixou sobre a mesa.

– Sim, você sabe como ele é. Vai se soltando. A outra opção seria Kevin, mas você não pode ficar sem ele na equipe se já perdeu o Alvez.

– Sim... – Sean assentiu, pensando nas viagens que eles faziam.

– E o Vini vai pegar o lugar do Alvez com vocês.

– Vamos ver. Mas eu duvido que você tenha vindo aqui falar disso.

– Não, eu tenho notícias de Washington.

Sean abaixou a tampa do notebook e ficou olhando-o, achou melhor recostar na cadeira.

– Kevin me avisou – Don não era de enrolar, pelo contrário, mas senti necessidade de dizer algo antes da frase seguinte. – A menina não sobreviveu.

Os punhos de Sean se fecharam e um tremor rápido se espalhou dali pelo seu braço e ele sentiu vontade de se encolher. Essas palavras eram como uma chibatada. Ele já as ouvira antes. Há catorze anos, assim que abriu os olhos inchados no hospital, foi a primeira pergunta que ele fez. E seu pai que estava de vigília ao lado da cama e não podia nem segurar sua mão porque ia machucá-lo, suspirou e disse: A menina não sobreviveu.

Escutar essas palavras ainda o fazia se sentir destruído. E ele ainda sentia vontade de quebrar coisas e só ficar sozinho por um tempo. Mesmo assim, Kevin teria lhe ligado e dado a informação por telefone.

– Sinto muito, patrão. Ela morreu esta manhã.

Sean se forçou a encará-lo enquanto suas mãos apertavam os braços da cadeira. Ele havia visto a garota, ela parecia ter chances.

– Vocês andam tão sentimentais comigo que elegeram você para vir até aqui me dar a notícia?

– Não – Don chegou ainda mais perto da mesa, se quisesse sentar ele já teria feito, não precisava que oferecessem, mas ele estava na sua posição habitual de passar relatórios. – É sobre o meu trabalho.

– Pelo amor de Deus, Don. Você vai sair e me deixar só com o Alvez?

Don negou com a cabeça, essa era toda a sutileza que ele podia ter. Porque estava dando péssimas notícias e se alguém precisasse segurar Sean, dos seguranças ele era o melhor indicado, porque tinha a tarefa mais importante.

– A madame – esse era o codinome de Beatrice nas comunicações dos seguranças. Todo mundo no triplex usava. – Está sendo seguida.

Sean pulou de pé imediatamente. Don sabia que era bom continuar falando.

– Não acho que seja paparazzi e nem nada do tipo. Não sei, patrão – ele moveu a cabeça levemente, falando naquele tom de quem iria dar um lembrete. – Mas essa última em Washington foi feia. Melhor checar se ainda é unilateral.

Quando não almoçava, Beatrice costumava ir ao Via Quadronno comer alguma coisa, era perto do triplex e do seu escritório. Era um restaurante e paninoteca italiana que atraía todo tipo de gosto, desde famosos com paparazzis os seguindo, turistas voltando dos museus da área aos fiéis moradores e trabalhadores locais. Jantar ali era bom, mas ela gostava mesmo dos paninis. Toda vez ela ficava numa duvida eterna sobre qual comeria. Mas escolheu um dos seus preferidos, o Desiree e foi pra um canto com seu cappuccino.

Alvez ainda não sabia bem como lidar com ela e ficou lá no balcão tomando goles de cappuccino e reparando no ambiente, porque estava como teste. Tinha que começar a se acostumar com os lugares que ela ia para saber o que fazer em casos de necessidade. Ele ficou um pouco em dúvida do que fazer quando uma mulher pegou um café e foi direto até a cadeira da mesa ao lado de Beatrice e se sentou. Ao contrário de Don, ele não conhecia o rosto de todos com quem ela se relacionava.

– É muita cara de pau da sua parte – disse Beatrice, recostando-se na cadeira e perdendo o apetite. Ela só tinha comido uma das metades cortadas do panini. – Veio saber se mudei de xampu?

Chloe inclinou a cabeça e riu. Hoje ela estava usando um rabo de cavalo com aquela sua franja sobre a testa parecendo ter sido recém-cortada. E usava jeans, saltos e uma blusa que poderia ter saído do armário de Beatrice, era um tipo de tecido e corte que ela apreciava.

– Você é tão previsível. E pelo jeito continua evitando as dietas.

– Eu pensei que você seguisse só o meu marido – disse Beatrice, ignorando a insinuação dela.

– Ah, agora ele é “seu marido”, né? Eu não sigo você, mas hoje eu te esperei. Esse lugar é tão óbvio. Bem a sua cara e pertinho de casa. Moro do outro lado do Central Park sabia?

– Por mim você podia morar no inferno. O que você quer?

Alvez apareceu na frente delas e deu uma boa olhada em Chloe.

– Tudo bem aqui, madame?

– Sim, Alvez. É só uma fã – Beatrice sorriu pra ele.

Chloe voltou a rir e Alvez retornou para o seu café, mas mandou uma mensagem pra Don pelo celular. Aquilo não estava cheirando bem, ele podia não estar acostumado com Beatrice, mas tinha seus instintos. Sean não o contratara à toa.

– Madame? – ela riu, sem saber do codinome dos seguranças. Alvez ainda não a chamava pelo nome como Don. – Cadê aquele negro bonito que vive te escoltando?

– Foi pro inferno te esperar, o que você quer?

– Nós temos um assunto bem sério.

– Duvido – retrucou Beatrice. – Não vou te passar minhas medidas pra sua próxima cirurgia.

Chloe botou a bolsa na cadeira ao lado e tirou de lá um envelope um pouco maior que sua mão e o jogou sobre a mesa de Beatrice, fazendo a xícara de cappuccino dela dançar e quase derramar.

– Mas que mer... – Beatrice ajeitou a xícara, afastou a comida e abriu logo o envelope, já sabendo que aquilo não ia prestar.

Ela encontrou duas fotos. Uma era de Sean saindo de um café muito parecido com aquele no qual estavam agora. Dava para ver Kevin e mais dois homens e uma mulher de negro bem atrás. O cabelo dela era lindo, mas os cachos tinham cara de terem sido feitos no salão para ficar daquele jeito. Estava parecendo com o de Beatrice. E a segunda foto era a saída ou entrada de um restaurante, não dava para saber. Sean estava de lado, usando um dos seus usuais ternos de trabalho e a foto fora ampliada. Havia uma mulher num vestido escuro com gola clara, ela parecia esperar para entrarem.

– Eu acho que você já sabe para o que está olhando – disse Chloe.

Beatrice abaixou o envelope e a olhou.

– Você tem noção de quantas mulheres vivem em torno dele? Inclusive aquelas que trabalham com ele ou estão lá por motivos profissionais. Sem contar as vadias como você, sempre esperando uma sobra.

– E você já pensou se essa história cair na boca dos blogs de fofoca – respondeu Chloe.

Aborrecida, Beatrice pegou a bolsa e levantou, mas parou e olhou bem pra ela:

– Prove. Eu quero ver você provar que sequer existiu.

Ela foi andando pelo espaço estreito do Via Quadronno que nem uma desaforada e soltando desculpas entre os dentes enquanto sua bolsa batia nas costas de pessoas que estavam de pé no balcão esperando seus cafés. Chloe levantou e foi atrás dela, quando passaram pela saída também estreita, ela segurou o braço de Beatrice que parou num safanão.

– Até pouco tempo você não queria saber se ele estava vivo ou morto. Para quem não dava a mínima, você está bem agressiva – disse Chloe. – O que foi que mudou? Ele vai lhe tirar algo? Resolveu finalmente deixá-la?

– E você está desesperada por isso, não é? – devolveu Beatrice, estreitando os olhos.

– Não, você se enganou. Não vim brigar com você, pelo contrário. Eu já vi muito disso. Você casou com ele, mas não quer saber dele. Também não quer perder o controle que tem sobre ele. E nem do dinheiro e status. Mas eu estou cansada de esperar e de ver você brincar com ele. Afinal, eu também tenho as minhas necessidades.

Alvez já tinha mandado umas cinco mensagens para Don que disse que estava ocupado. Mas ele se aproximou quando viu o olhar que Beatrice lançou para a sua suposta “fã”. Elas não estavam gritando, pelo contrário, estavam jogando ódio e repulsa uma para outra, mas tudo num tom contido e concentrado nos olhares. Só que sempre havia gente circulando na frente do Via Quadronno.

– Eu não a matei quando te vi naquele restaurante, não me tente a mudar de ideia – disse Beatrice.

– Eu quero um acordo. E você não tem muita escolha. Você continua a esposa perfeita nas aparências e o deixa em paz, do jeito que fazia antes. Eu tenho o que ele quer. E assim você fica livre dele. E eu não conto nada disso pra ninguém. Duvido que os Wards queiram...

Beatrice foi até ela e lhe deu um tapa que a fez tropeçar para o lado, seu salto virou e Chloe perdeu o equilíbrio. Alvez não sabia se a levantava para situação não piorar ou se tirava "madame" dali. Ele era especialista em contenção com armas, mas não naquele tipo de guerra.

Aguarde o próximo capítulo da saga dos Wards. Em "Quando Eu Beijar Você (título provisório)", Beatrice e Sean terão muito que resolver antes de tomar a decisão final.

Saiba mais sobre os Wards e receba novidades dos próximos livros na Fan Page da autora: [facebook.com/lucyvargas](https://www.facebook.com/lucyvargas)

Conheça Outro Romance da Autora

Cartas do Passado

Prólogo

Minha bela feiticeira da floresta, a mulher mais corajosa que conheci, mantenha as portas de nosso castelo fechadas. Guarde nosso maior tesouro. E saiba que estará escrito para sempre nas páginas da história o quanto eu a amei.

Jamais deixe que o brilho de seus olhos se apague.

*Para sempre seu.
J. D. Warrington.*

Capítulo 1

Norte da Inglaterra, 2012

Depois de passar horas viajando, começando por um táxi, passando por um avião, um ônibus e outro táxi, era compreensível que a pessoa estivesse cansada e irritadiça. O melhor remédio para isso era uma boa noite de sono em uma cama confortável e quente. Mas ao olhar em volta, Luiza achou que não encontraria nada disso tão cedo. Se não estivesse sentindo o peso da mala na mão esquerda, acharia que era tudo uma ilusão. Examinou o cômodo onde havia acabado de entrar e viu que era imenso.

A impressão visual era de profundidade, mas o sentimento era de puro vazio. Entrava muita luz natural e estava tão limpo que ela

ficou com a sensação de que estava faltando alguma coisa, talvez mais mobília e itens decorativos. As paredes de pedra também não ajudavam a dar um ar de conforto.

Ela se assustou quando uma porta bateu do seu lado direito e duas pessoas vieram andando em sua direção.

– Aí está você! Não leu o aviso do lado de fora? Mandei que todos entrassem pela porta lateral. Aquela é a porta principal! – disse a mulher, em um tom alto demais para um local tão silencioso.

– Boa tarde, você deve ser a nova estagiária – cumprimentou o homem que a acompanhava. – Sou Marcel Fulton, antigo administrador do castelo. Também chefo a pesquisa, gerencio o inventário, entre outras coisas.

Luiza apertou a mão que ele lhe estendeu. O homem que acabava de se apresentar aparentava ter uns de sessenta e poucos anos, o cabelo estava bem grisalho, mas ainda era abundante e ele o penteava de forma reservada. Sua pele era morena como se passasse tempo demais ao sol e vestia-se de forma simples e confortável. Tanto a calça como o suéter e o sapato eram em tons de marrom e bege.

– Sou Luiza Campbell e não sou a estagiária nova, mas sou a nova digitalizadora e restauradora de documentos e pelo que me disseram ainda terei uma seção para tomar conta e outras responsabilidades.

Assim que se apresentou, Luiza sentiu-se analisada. Mas não se importou, estava trajada de acordo com alguém que acabara de passar horas viajando. Mudou de um clima que considerava ameno para um bem mais frio. Usava calça jeans escura, botas, blusa reta e seca, casaco de grandes lapelas e um cachecol lilás. Mas não podia acreditar muito na maquiagem que não havia retocado durante o trajeto e prendera o cabelo no avião.

– É, aqui todos nós temos milhões de tarefas – respondeu a mulher, um pouco menos azeda. – Já que você não é a estagiária então não está atrasada – consultou sua agenda. – Está aqui, Campbell, marcada para chegar às seis da noite – estendeu a mão. – Sou Betty Tremain, a administradora geral. Isso inclui várias tarefas.

Luiza olhou discretamente para o relógio em seu pulso, eram cinco e cinquenta e quatro. Estava no horário. Betty devia estar na casa dos quarenta e poucos e tinha cara de poucos amigos. Era sua chefe. Com o cabelo negro e liso preso em um coque frouxo, parecia tentar fugir de uma imagem severa demais. Estava com uma calça de tecido cor de roxo escuro, bota de cano curto e um casaco volumoso de lã. Dava a entender que era uma mulher prática, porém, mal humorada e exigente. Ainda bem que Luiza não torrou seu cartão de crédito comprando roupas novas, pelo que estava vendo, suas calças informais e casacos quentes, mas já um tanto usados, iam servir para o local de trabalho.

– Deixe-me ajudá-la – disse o Sr. Fulton e Luiza preferiu lhe estender a menor mala com rodinhas que dava para puxar por uma alça extensível.

– Sou velho, mas aguento mais peso do que parece – ele disse, pegando uma mala grande e puxando-a também.

Betty deixou-os sem nem se despedir, disse apenas que amanhã cedo teria uma reunião com os recém-chegados para passar-lhes suas tarefas. Luiza foi puxando sua bagagem, como havia se mudado para lá de mala e cuia, tinha muita coisa. Com dificuldade, tentou ir arrastando tudo, mas acabou distraída pelo lugar.

– É bonito, não é? – disse Fulton, olhando-a do meio da escadaria. – Tive essa mesma reação ao entrar aqui pela primeira vez, há mais de trinta anos.

– Trinta anos? – ela o olhou, surpresa.

– Sim, foi a primeira vez que entrei. E acredite, esse lugar já foi magnífico. Um dos castelos mais belos de toda a Inglaterra. Uma verdadeira fortaleza que amedrontava os escoceses e os fazia voltar para casa. Nunca foi invadido. Nem pelos piores inimigos dos Warrington.

Luiza parou e olhou aquele salão enorme. Agora era um pouco difícil de visualizar toda essa grandeza. O castelo de Havenford ficava próximo à fronteira noroeste da Escócia. Quando o taxi foi subindo a colina, ela não acreditou que realmente iria trabalhar ali. Era inacreditável que tivesse atravessado meia Inglaterra para

chegar aquele lugar. As muralhas permaneciam intactas, uma reforma em certos pontos seria bem vinda, mas estavam lá.

O caminho para o castelo era uma estrada larga, encravada na colina e coberta de pedrinhas que fazia uma curva aberta para a direita. Da janela do táxi ela já pôde ver toda a área em volta, calculava que do alto do castelo a visão seria ainda melhor. Luiza não imaginava o que esperar, sabia que ia trabalhar em um castelo antigo, mas tinha algo diferente em mente.

E não havia aviso nenhum para entrar pela porta lateral. Quando desceu do táxi, bem no meio do pátio, o motorista ajudou-a com a bagagem que quase não coube no carro e teve que ir na mala e apertada no banco de trás. Ele estava muito contente que o castelo fosse enfim reabrir as portas, pois ia alavancar o turismo da região. O lugar parecia inabitado. Se não fossem por alguns carros parados no pátio e um pequeno caminhão com a caçamba aberta e itens que pareciam estar sendo descarregados, Luiza pensaria estar no local errado. Como se existissem muitos castelos medievais em cima de uma colina numa mesma cidade para ela errar assim. Com dificuldade, ela empurrou a porta principal. Eram portas duplas e altas, de madeira forte e escura com muitos detalhes entalhados e pedaços de vidro cor de terra molhada e brilhante, enfeitando-a de cima a baixo.

Luiza abriu apenas a porta direita. Foi quando parou, olhando aquele salão iluminado pela luz de final de tarde, havia caixas empilhadas nos cantos, tapeçarias velhas penduradas nas paredes e algumas enroladas no chão, mostrando que seriam substituídas. Poucos móveis completavam o ambiente e por tudo que já estudara sobre aquele tipo de castelo, sabia que deveria haver mesas, cavaletes, cadeiras, bancos, poltronas, arcas, entre outros adornos. Mas o local estava claramente em más condições.

Não havia um belo e enorme lustre de cristal pendurado bem ali no meio como o ambiente sugeria, o chão estava precisando ser refeito, estava sem brilho, mas os buracos foram cobertos. Dava para notar que aquele salão estivera pior e que recentemente fora limpo e restaurado. Várias janelas altas e grandes deixavam

qualquer um perceber que foram construídas com o intuito de prover luz solar até o pôr do sol.

– Deve ter sido um belo local em seus tempos de glória – ela comentou enquanto ainda olhava maravilhada, procurando enxergar a beleza escondida do castelo.

– Sim, só que foi há séculos. A era de glória dessa família foi encerrada com a morte prematura do último conde de Havenford, suserano de toda essa região – contou Marcel. – Você vai conhecer melhor os personagens da família quando iniciar seu trabalho. Espero que goste deles, eu sou um assumido fã do último conde.

A escadaria estava com um tapete novo, mas a pedra do mármore estava manchada pela má conservação. O corrimão de madeira havia sido polido recentemente, ainda dava para sentir o cheiro de cera e óleo, mas também não tinha adquirido um brilho muito significativo, os anos de descaso obviamente cobraram seu preço.

– As acomodações dos empregados que trabalham na parte administrativa do museu serão aqui no castelo. Todos os outros, da limpeza e parte técnica, são locais e moram pelas redondezas. A antiga ala dos criados ainda está em reforma – Marcel informava enquanto seguia pelo corredor, fazendo barulho com as malas de rodinhas. – Vai ficar confortável e é para lá que vamos quando terminar a reforma. Os criados modernos! – brincou. – Cada um terá seu pequeno espaço, como um apartamento pessoal.

Luiza olhava tudo em volta, depois que saíram do corredor principal, notou como o castelo ainda estava precisando de reparos. Dava para ver que a água, provavelmente de chuva, havia arruinado parte do chão da área por onde passavam agora. Havia ferramentas e materiais que comprovavam que todo aquele corredor estava sendo reformado. As paredes estavam com marcas de quadros que estiveram ali por anos, mas foram retirados. Alguns itens perdidos pelo corredor mostravam que sobreviveram a duras penas, como estátuas, vasos e duas mesas finas e compridas, feitas de madeira pura, daquele jeito que atualmente não se encontra mais. O cheiro também era de tinta fresca, madeira recém-polida, carpete novo e

cola quente. Mas os locais sem tratamento tinham odor de umidade e mofo.

– Chegamos – Marcel entrou em um quarto bem no final do corredor. – Estamos todos instalados nessa ala. É a ultima a receber a reforma total, o resto do castelo onde ficarão os quartos de hospedagem, já está até sendo mobiliado – ele parou e falou mais baixo. – Ouvi dizer que já colocaram água quente! – disse em tom de brincadeira. Afinal, até pra eles, meros criados modernos, era difícil tomar banho frio naquele clima.

Após entrar no quarto e colocar suas malas num canto, Luiza achou que encontraria algo pior. Era um cômodo grande, mas estava praticamente puro. A cortina destoava completamente do ambiente, era um item novo e mal planejado. A cama era madeira tinha vigas altas, mas o dossel não estava pendurado nela. O colchão obviamente não fora feito para o móvel, pois estava pequeno. Devia ser novo e as camas atuais não eram como as daquele castelo, mesmo que ela duvidasse que aquela peça ainda fosse uma das originais. Não teria resistido ao tempo em um lugar tão mal conservado. Mas ele era macio e o quarto estava com cheiro de lavanda, provando ter sido limpo recentemente.

No canto direito ela encontrou a porta para o banheiro que ainda não tinha chuveiro. Teria de banhar-se em uma banheira grande em um cômodo onde também ficava o espaço para guardar suas roupas. Uma espécie de quarto de vestir adaptado, como ainda era possível encontrar em algumas casas antigas.

Um pouco mais tarde enquanto ainda desarrumava as malas, ela foi chamada por Marcel que disse ser hora de jantar. Pelo menos aquele emprego incluía comida e acomodação por um desconto simbólico no salário. Foi mais um dos motivos para ela aceitar, afinal, após a viagem, sua conta estava tão zerada que o saldo nem aparecia mais na página inicial do banco online. Todo o dinheiro que tinha estava na sua carteira e mal dava para uns sanduíches.

No jantar, encontrou mais duas pessoas, Afonso e Peggy Gentry. Eram irmãos e haviam vindo de Birmingham para trabalhar ali, Peggy era mais velha e já trabalhara em museus, Afonso estava

formado há cinco anos e com ajuda da irmã estava tentando se firmar na profissão.

– E você, Campbell, vai ficar com a biblioteca, que também foi um escritório e onde está todo o material escrito e recuperado desde a construção deste castelo. Todos os livros, pergaminhos, documentos, cartas antigas, livros de contabilidade e a história da família e região. Seu trabalho é arrumar tudo isso na mais perfeita ordem para o arquivo, recuperar os textos e digitalizá-los. Aquela é a sua seção. O acervo de livros do castelo também precisa de nova organização, Afonso a ajudará nessa tarefa – Betty apontou para ele com a prancheta.

Luiza viu Afonso se encolher e fingir ter um calafrio, mas Betty já estava olhando para ela novamente.

– Você também precisa escrever breves textos sobre os antepassados dessa família para colocar no corredor da galeria de quadros e criar os textos para o site do castelo. E rápido, pois precisam passar pela minha supervisão para serem gravados em placas apropriadas e para serem colocados online – Betty seguiu, como se estivesse simplesmente lhe dizendo para escrever uma receita de bolo de liquidificador.

Ou seja, pensou Luiza, o trabalho de uma vida. Ela nem sabia se estava qualificada para todos os pormenores daquelas tarefas, sua experiência também não era longa, ia ter que aplicar tudo o que aprendeu nas aulas. Se todas as caixas que ela olhara de relance ao passar pela porta fossem para o seu trabalho, ela podia ficar ali o resto da vida que talvez ao completar uns quarenta anos houvesse acabado de ler e digitalizar tudo. E isso porque o tal “acervo de livros” que começava lá na seção de Afonso, precisava ser reorganizado junto com os volumes da biblioteca.

Betty, que agora Luiza já sabia que era chamada de General Tremain pelas costas e Sra. Tremain em sua presença, continuou especificando o que ela deveria fazer. E seguiu o cronograma com todos. Era muito cedo, fazia um frio desgraçado e eles estavam sonolentos. Mas a voz estridente de Betty era um despertador dos mais incômodos.

– Estamos com pressa! Temos prazo para abrir este castelo! Portanto, precisam trabalhar! E muito! – ela disse, dando a reunião como encerrada como um verdadeiro ditador e quase esperou aplausos no final, mas obviamente saiu decepcionada.

Bem, tirando o fato que estava no fim do mundo, em um local desconhecido, em um castelo mal conservado e sinistro, aquele era o emprego dos sonhos de alguém. Não de Luiza. Mas e daí? Não podia se dar ao luxo de escolher, era formada em museologia, já estava com sorte por ter permanecido em sua área. Era recém-formada, bem, não tão recém, já fazia quase dois anos. Estava sem dinheiro para continuar pagando o aluguel caríssimo de Londres, para onde foi assim que saiu de Oxford, então o que faria?

Seus planos não deram certo, seu contrato de trainee acabara há cinco meses e o dinheiro logo depois. Vinha se sustentando de bicos e tirando folgas de conhecidos com trabalhos decentes. Não podia dizer que havia passado necessidade, mas podia afirmar que era uma boa coisa a água ser de graça e ela gostar de sanduíches.

Luiza tinha vinte e cinco anos, já batendo na porta dos vinte e seis, não conhecia ninguém em especial em Londres e sua mãe estava na Austrália, morando com o seu padrasto que havia sido transferido para lá. Ela era sua única ligação, pois seu pai estava morto há doze anos e a família havia se deteriorado, alguns ramos acabaram e o dela estava a ponto de ir pro ralo, pois era filha única. Então, por que não? Pagava bem, tinha cama e comida. E eles estavam tendo dificuldade em encontrar jovens recém-formados que se dispusessem a ir morar ali. Por que será, não é? Havia conseguido o emprego por indicação de um ex-professor que achou que ela se encaixava no perfil procurado.

– Bem, está melhor do que eu esperava – ela disse quando entrou em “sua seção”.

A biblioteca era comprida e larga, toda a lateral esquerda era dominada por três grandes janelas de vidro e ferro com detalhes em madeira. No espaço entre elas havia estantes baixas e com poucos livros. Na parede que ficava bem ao lado da porta de entrada havia uma estante embutida e gigante que tocava o teto extremamente alto do castelo. Tinha prateleiras para cima e portas embaixo. Logo a

frente ficava uma mesa de madeira forte e uma cadeira de espaldar alto. Aqueles itens sim pareciam ser originais. Eram verdadeiras raridades. Todo o cômodo estava tomado por caixas de madeira e papelão, tudo espalhado, principalmente perto da mesa.

“Encare como um desafio” – ela ficou repetindo mentalmente enquanto olhava todo aquele material.

Sem saber por onde começar, Luiza deixou o notebook em cima da mesa e foi ler as identificações das caixas. Interessou-se particularmente por uma pilha de quatro caixas que estava no canto direito, eram embaladas em plástico transparente, presas com fita adesiva larga e especial para vedar e dizia: Manusear com luvas. Mas o que lhe chamou atenção foi o que estava escrito na etiqueta de identificação do lote: *Doado por colecionador anônimo. Conteúdo pessoal de J.D. Warrington. Conde de Havenford (1394 – 1426).*

Embalada em plástico bolha e lacrada com o mesmo tipo de fita adesiva, havia uma arca em madeira, com laterais de ferro e detalhes fortes que estavam nítidos demais para ser uma peça original. Mas Luiza encontrou uma etiqueta que dizia: *Restaurada. Conteúdo original. 12/320 – 04/2012 – 15 kg.* Ela levantou e passou os olhos por toda a sua seção. Seria um trabalho interminável e havia pouquíssimas pessoas para organizar um castelo daquele tamanho. Com tudo que havia dentro daquela biblioteca, que mais parecia um salão, pelo menos cinco pessoas podiam trabalhar ali e ficar atarefadas o dia inteiro, por até anos. Mas ela faria isso tudo sozinha. Como? Era uma boa pergunta.

– Pois é conde... Já que estamos na sua casa acho que você vai fazer as honras – Luiza abaixou e pegou a arca, era muito pesada e ela quase tombou para frente. – Vamos ver o que tem aqui – disse com dificuldade, se esforçou mais e foi levando-a para perto da mesa.

Ela gostaria de olhar tudo que havia ali e traçar uma estratégia de trabalho para começar, mas seu plano foi simplesmente começar pelo último conde de Havenford. Fazia sentido, já que ele era a figura mais famosa da família e da região. Colocaria em ordem tudo que encontrasse sobre ele, depois traçaria outra estratégia.

– Como está indo aqui, gatinha? – indagou Afonso ao entrar na seção de Luiza. Hoje ele estava com um lenço no pescoço que era mais colorido que o de ontem. – Já desencavou o passado pecaminoso da família?

– Não, não... – ela sorriu, olhando para a arca que estava a ponto de desbravar. – Nem sei por onde começar a procurar os pecados. Confesso que não sei nada sobre esse lugar, a família e tudo mais.

– Fala isso baixo, hein! Não deixa a General escutar seu pouco caso – ele olhou em volta e assobiou. – Parece que você vai passar longos dias por aqui, hein? – ele foi andando até uma das paredes que devia estar repleta de livros, mas estava cheia de espaços vazios porque os livros que permaneciam precisavam de restauração e os outros estavam em caixas. Uma hora os dois teriam que tocar ali.

– Eu sei... – ela disse, imaginando quantas cartas e documentos teria de copiar, pois o texto contido precisava ser arquivado.

Depois que digitasse tudo, precisava ler os documentos para escrever breves textos sobre o castelo e a família. Então arquivar e guardar de forma que ficassem conservados. Todas aquelas caixas com etiquetas já haviam passado por uma equipe especializada em restauração de documentos antigos e que tinham material para isso. Mas eles só restauravam fisicamente, o conteúdo ficaria por conta dela. Começava a entender porque precisava se mudar para lá, o motivo de um salário bom e das regalias disfarçadas.

Depois de dobrar as mangas e colocar as luvas, Luiza abriu a arca. Estava repleta de documentos escritos a mão. Todos tinham data e ela se ocupou em arrumá-los cronologicamente. Gastou todo o seu primeiro dia de trabalho nessa tarefa, depois precisava separar em lotes e guardar tudo, não podia deixar nada exposto. Encontrou uma nota dos restauradores, dizendo que o local não era apropriado para aqueles documentos. Depois de abertos, deviam ser guardados nas portas na base da estante, o único local adaptado para recebê-los, mas não havia espaço para tudo. Para isso seria levado um móvel especial que obviamente ainda não fora entregue.

Na verdade a situação em todos os setores estava instável, para não dizer precária. Museus e associações especializadas haviam inclusive tentado impedir que o castelo fosse reaberto sem os

devidos cuidados e recursos, pois consideravam aquilo um crime contra uma parte da história da Inglaterra. Depois que documentos foram encontrados e devolvidos para o castelo, a briga judicial se intensificou. Mas os Warrington eram donos do castelo de Havenford e de tudo que havia dentro dele.

A família na verdade não existia mais, o nome morreu com o conde em 1426. Ele não deixou herdeiros e seus parentes mais próximos adotaram o sobrenome apenas para usufruir do prestígio que este trazia. Mas haviam abandonado seu patrimônio há séculos e não tinham dinheiro para mantê-lo. Por isso, concordaram em transformar o castelo em um museu e hotel. Historiadores renomados e especialistas em tal transição sequer foram consultados e apenas equipes técnicas entraram em contato com todo o material encontrado ali e com a enorme estrutura do castelo.

A maior parte das raridades estava em poder de Rachel Warrington, a única que parecia se importar com a história de uma das famílias mais antigas da Inglaterra. Ela não tinha condições financeiras de cuidar do castelo e muito menos de viver lá. Mas morava em uma casa de campo a duzentos quilômetros dali e guardou tudo que pôde mandar buscar, espalhando por quartos da casa, pelo porão e cômodos que não eram mais usados. Agora ela estava morta e os herdeiros brigavam com unhas e dentes pela tal casa de campo e queriam se livrar o mais rápido possível daquela “velharia” que era o castelo. Assinaram o contrato e saíram nos jornais dizendo frases falsas sobre como tinham orgulho de enfim recuperar a história da família ao transformar o andar térreo do castelo em um museu e permitir a visitação do público.

Nos tribunais, os Warrington que sobraram e envergonhavam seus ancestrais, foram assessorados por advogados pagos pela empresa que abriria o hotel e investidores que aprovavam o museu, interessados em lucros e pouco se importando com o material histórico. Mas o museu era principalmente da família, pois eles ainda mantinham parte do castelo. Por isso, foi a área que recebeu menos investimento inicial. A família ganhou o caso, pois segundo a lei, tinham direito sobre a extensão de terras que sobrara porque já

havam vendido tudo em volta, com exceção do terreno do castelo, o que basicamente significava ser dono de uma colina inteira.

As associações históricas ainda tentaram recorrer, alegando que parte dos itens originais não se encontrava no castelo e sim na casa de Rachel Warrington. Mas perderam a apelação, a casa agora pertencia a Alfie Henley, filho mais velho de Rachel que não morava na Inglaterra e estava pouco se importando se aquilo era uma agressão a história. Ele queria era sua parte nos lucros. O resultado disso era a degradação para a qual Luiza olhava agora. Mas os herdeiros atuais não podiam ser os únicos culpados, eram séculos de pouco caso, haviam abandonado aquele castelo no século XVIII e só permaneceram ali por tanto tempo porque era o único teto que tinham.

Ao longo do tempo os herdeiros venderam vários itens para pagar as contas e quando enfim conseguiram se mudar, deixaram o resto para trás e trancaram tudo. Extraoficialmente, o governo local se encarregou de garantir que o castelo permaneceria em segurança, porque mesmo sem poder entrar, apenas tirando fotos do lado de fora e nos pátios, os turistas que visitavam a região ainda queriam conhecer Havenford e as lendas sobre ele atraíam muita gente. O enorme castelo, notável de qualquer parte até da cidade vizinha era o maior elefante branco do norte e que todos fingiam não ver há tempo demais. Ao menos a magia em volta da existência do castelo naquela colina não havia morrido, pois isso nem o tempo e a degradação podiam eliminar.

E após tantas derrotas, as associações apelaram para a Suprema Corte do Reino Unido que decidiu que como um patrimônio histórico, mudanças estruturais estavam proibidas no castelo e que todos os itens referentes à história dele deveriam ser devolvidos ao seu lugar de origem. Isso fez com que alguns itens que estavam com os supostos herdeiros fossem confiscados e levados de volta para onde nunca deveriam ter saído, pois não havia documentos que provassem herança, venda ou doação daquelas peças e documentos. Tudo poderia ser considerado furto e apropriação. Os advogados exploraram todo tipo de brecha e interpretação para conseguir ao

menos devolver ao castelo seus pertences e manter a estrutura externa.

A empresa que fazia a reforma comprometeu-se a contratar especialistas que já haviam acompanhado a modernização de castelos ingleses e franceses para garantir que Havenford permaneceria em seu estado original após as obras. Atualmente as partes estavam em um período de trégua, provavelmente porque não sabiam que a família estava contratando jovens recém-formados para lidar com itens que datavam do século XII.

Além disso, os chefes desses garotos eram profissionais anônimos que não viviam dando declarações para veículos midiáticos, aparecendo em documentários e nem em palestras por universidades. Mas a briga havia sido tão feia que para firmar um acordo, a família concordou em parar de contestar documentos e “aposentar” o Warrington, já que na verdade os que estavam vivos eram Henley, Reed e Maywood. Ao menos o nome dos Warrington, de descendência dos condes, estava descansando em paz, como constava há séculos em documentos históricos que aquela família acabara em 1426. Atualmente a família nem conseguia se decidir sobre quem era o herdeiro do título de barão de Riverfront e nem lembravam em qual antepassado o título de conde de Havenford foi extinto.

Após tratar tudo com uma frieza profissional, Luiza parou para realmente olhar com o que estava lidando. Depois de tediosas cartas comerciais, páginas perdidas de contabilidade e mensagens recebidas de outros lordes, o conteúdo daquela página chamou sua atenção. O conde registrava muitos dos acontecimentos de Havenford, mas aquilo não era apenas uma das páginas de seus registros da propriedade. Era uma carta que ele escrevera, mas que se encontrava fora dos seus pertences pessoais, estava no meio dos documentos da família.

*Ao lorde de Bealton,
Lamento informar que sua filha está morta. Atirou-se da torre
mais alta do castelo.*

A criança a qual ela deu a luz pertence à lorde Aventhold, ela confessou.

Ele virá buscá-la.

Venha buscar o corpo, pois não posso enterrá-la junto a meus entes queridos.

Pegue a estrada ao amanhecer, não há como esconder que ela tirou a própria vida.

Esse pecado eu não poderei encobrir.

A despeito do que diz a lei, dê um enterro humano a minha prima.

Eu lhe disponibilizarei os recursos.

Havenford.

Segundo a sua arrumação e a data na carta, Luiza sabia que o ano era 1419. O conde devia estar com vinte e cinco anos e era casado com sua prima de primeiro grau, Tylda. A união havia sido realizada em 1414, quando ele tinha vinte anos e a esposa dezessete. Foi antes que o conde partisse para a guerra na França e a esperança era de que ele já deixasse um herdeiro antes de partir. Ele só retornou a Havenford no início de 1416 com a tarefa de controlar a região, ou seja, saiu de uma guerra para a outra e encontrou a esposa sem nenhum filho e com a notícia de que o primeiro nem chegara a cinco meses de gestação, mas esse detalhe não constava em nenhum lugar.

De acordo com documentos da época, ele havia morrido em 1426, logo após completar trinta e dois anos. E sua esposa se suicidou quando tinha em torno de vinte e dois anos, pois era pouco mais nova que o primo que acabou tornando-se seu marido.

– Sr. Fulton! Por que a esposa do conde se matou? – Luiza entrou correndo na salinha de trabalho do historiador, sua curiosidade era tanta que ela nem bateu e deu um susto em Marcel.

– Menina! Já tenho o coração fraco. Não me dê sustos – ele virou mais a cadeira de rodinhas e levantou os óculos, apoiando-os na testa. – De onde tirou isso?

– Estou lendo... Digo... Copiando os documentos. O conde escreveu uma carta para o tio, informando da morte – ela explicou

rapidamente, querendo logo a resposta para sua pergunta.

– Ah sim... Ele escrevia muito, algo raríssimo em sua época. Foi um homem culto apesar da vida de cavaleiro que levou. Mas era assim que ele passava o tempo. Por que acha que estão brigando tanto pelo material que tem aqui? É algo que não pode ser comprado – ele pausou, tinha prazer em falar sobre sua personalidade preferida da história. – Bem, não sei por que você imagina que eu vá saber uma coisa dessas. Eu não tive a oportunidade de ler tudo que você lerá. É o único buraco em minhas pesquisas, os escritos pessoais do conde. Não sabe como fiquei feliz ao ser informado que eles foram devolvidos. Só que você é a primeira a ter contato com eles.

– Mas... – ela disse, sabendo que não acabava aí.

– Ela foi uma mulher infiel. Tinha acabado de dar a luz à filha de outro homem, visto que todos sabiam que o conde estava em um torneio no período que supostamente deveria tê-la engravidado, não havia como esconder seu pecado. Ele sabia – disse Marcel, sua última frase soando como uma sentença.

– E por que eles não tiveram filhos? – Luiza franzia a testa, pensando o quanto os casamentos naquela época tinham como um dos principais objetivos produzir herdeiros. Era estranho terem ficado casados por cinco anos e sem filhos, mesmo que ele tenha se ausentado por um período.

– Eles tiveram. Pelas informações que tenho, acredito que tiveram três filhos antes que ela o traísse. Morriam nos primeiros meses de vida.

O semblante curioso de Luiza desmontou em uma feição triste enquanto lamentava aquela nova informação.

– Além de todas as dificuldades de conceber naquela época, esse é um dos problemas de casamentos consanguíneos. Primos em primeiro grau que também eram filhos de primos. Muito comum naquela época. Famílias fechadas – disse Fulton, recolocando os óculos.

– Ele sofreu por amor, então? – ela já estava até sensibilizada com a possibilidade.

– Você precisa continuar lendo para vir me contar – ele lhe enviou um leve sorriso. – Amor não era algo comum nos casamentos nobres, sei que sabe disso. Mas era possível comodidade e satisfação – Marcel disse num tom de quem sabia que não era uma vida que nenhum dos dois ali, tão acostumados à vida moderna, desejaria.

A torre, antes uma das mais belas visões de Havenford, é agora amaldiçoada. Passei dias admirando a extensão desses campos. Talvez fosse meu local preferido.

E creio que por isso ela o escolheu.

Uma semana depois, Betty foi ao setor de Luiza dizer-lhe, de forma grosseira, que ela estava muito lenta. E era para largar aquele bando de folhas e escrever as informações para as placas da galeria, pois haviam acabado de conseguir mais um quadro. Dessa vez de Josephine Warrington, mãe do conde. Estava em restauração, chegaria em uma semana, junto com quadros mais recentes de outros membros sem importância.

Uma das vilas ao sul foi saqueada. Lorde Aventhold deveria manter aquele lado da fronteira. Mas é difícil o contato agora que ele mantém em sua casa a filha de Tylda e teme me irritar. Não creio que eu pareça um viúvo vingativo, mas ainda assim, o povo pensa que ele cometeu um sério delito contra seu suserano e eu deveria puni-lo mais severamente do que corta-lo da lista de favorecidos.

Tal ato não cabe a mim, Tylda se entregou a ele por vontade própria e receio que morreu pela culpa, castigando-o também. Apenas Deus pode julgá-los. O que me incomoda é que a filha de Tylda é também minha prima. Espero que ele olhe por ela. Mas sinto por sua esposa. Uma criatura frágil e condescendente como uma roseira no inverno.

Agora Luiza já sabia classificar os personagens da vida do conde e dizer até de que lado da família eles eram. Diante de seu interesse, Marcel retirou de sua estante, um livro no qual colaborou como

pesquisador local. Este foi feito por um famoso historiador especializado nas famílias da nobreza inglesa. Eram três volumes, o primeiro ia do século X ao XIII e também falava de clãs e suas ligações. O segundo retomava o século XIV e ia até o XVII. O último começava no século XVIII e vinha até os tempos atuais com o pouco que ainda restava de tais famílias. Os volumes juntavam tudo que era possível saber, os nomes, as árvores genealógicas, os filhos bastardos, as tragédias, as glórias, enlaces, assassinatos e tudo mais que fosse considerado interessante para entreter um leitor a enxergar nos volumes mais do que apenas livros de registro histórico.

Baseado neles, Luiza sabia que após a morte do conde que até hoje levantava suspeitas, seu primo Rodney herdou o castelo e o título de barão, mas não o de conde já que esse fora concedido como honraria ao avô dele e só podia ser passado através de seus filhos. E seu posto como suserano da região deixou de ser respeitado, já que ele não inspirava nenhuma lealdade aos outros lordes. Então logo perdeu o posto também. Na verdade, os lordes leais ao conde o acusaram de assassinato e disseram que se ele passasse por suas terras correria o risco de não voltar. O regente do rei decidiu não interferir na questão, mas deixou claro que não aceitaria o assassinato do novo barão já que não podiam provar seu envolvimento na morte de Jordan.

Rodney Woodart instalou-se em Havenford com a família e nos primeiros anos até conseguiu se manter porque Warrington deixou as contas na mais perfeita ordem e rendendo muito bem. Quando a notícia de que o conde havia morrido chegou aos ouvidos de alguns antigos inimigos, eles acharam que enfim iam ultrapassar as muralhas do castelo. Mas o exército e seus principais cavaleiros ainda estavam lá para impedir e agiram por conta própria, já que Rodney não tinha o menor talento para guerras e estratégias e também não conhecia o castelo e suas defesas.

Uns cinco anos após a morte do conde a situação começou a decair. Os lucros diminuíram, o povo já não era tratado como antes, a família de Rodney era muito esbanjadora e não foi mudando com o passar do tempo até que se tornou insustentável e para piorar

começou a perder cavaleiros que se mudaram para propriedades vizinhas ou simplesmente iam embora e desapareciam.

– Na verdade, em 1615, Havenford passou para as mãos de William Woodart. Deve ter sido mesmo o sangue ruim da corja de Rodney que estragou esse lugar. Porque William era bastardo, mas foi durante sua vida que o castelo recebeu os cuidados que ainda eram possíveis fazer com o pouco rendimento e as dívidas acumuladas – contou Marcel, que também adorava mostrar seus conhecimentos sobre os pormenores da família. – Garanto que se ele fosse filho legítimo como aqueles outros, teria apenas piorado a situação.

Luiza não conseguia mais trabalhar sem que Betty aparecesse para perturbá-la. Só conseguiu se livrar dela por dois dias quando as malditas placas chegaram. “Grande coisa” – pensou Luiza ao olhar a placa prateada ao lado do quadro de Rodney Woodart e família. Passou por Tylda Warrington e também a olhou com desdém, já estava completamente contaminada pela história, como se fosse fã de uma série de livros e não admitisse que defendessem algum personagem odiado.

Segundo a história, Tylda foi uma bela loira, apesar de o estilo do pintor não ser o mais detalhista e ela estar usando aquele chapéu horroroso, um véu e o estilo de cabelo que deixava as mulheres parecendo bruxas. Em trajes ricos da moda do século XV, ela foi retratada no solar do castelo junto com outras mulheres. Luiza acabou lhe escrevendo um texto curto, dando a entender que ela não fez muita diferença para a história de Havenford, pois seu período lá foi recheado de tristezas e os dados sobre os filhos não eram concretos. Teve que incluir que ela se jogou da torre. Gostaria muito de contar sobre a traição, mas Betty provavelmente iria despedi-la aos gritos enquanto balançava a prancheta que sempre carregava. Então simplesmente escreveu a verdade e colocou todos os dados relevantes de sua curta e triste vida.

Mais a frente, Luiza admirou Josephine Warrington, tão bela e etérea nos jardins do castelo que sua pele clara como leite praticamente confundia-se com o ambiente. Não parecia de verdade, mas era bela mesmo assim. O espaço perto delas estava

disfarçado, mas o buraco era gritante. O quadro do último conde, pintado assim que ele assumiu a herança, foi vendido há séculos, estava em alguma coleção particular e eles precisariam de uma fortuna para tentar recuperá-lo. Algo que definitivamente não tinham. Pelo menos, devia estar muito mais bem conservado que os outros.

Havia uma miniatura dele no livro das famílias. Não estava sozinho, era mais jovem, mas deu para imaginar um homem alto, esguio e de cabelo claro e abundante. Não fazia ideia de que cor eram seus olhos. Imaginou que pudessem ser castanhos como mel, mas talvez verdes como folhas de hortelã também combinassem. Aliás, se ele se parecesse com a mãe, eles seriam cinzentos, mas parece que o pai tinha olhos azuis como o mar. É, era melhor Luiza voltar ao trabalho e parar de imaginar os olhos do antigo dono do castelo. Ele já parecia bem sinistro sem a contribuição dela.

*Meu estimado amigo e suserano,
É uma verdadeira tristeza saber que não poderá comparecer.
Espero que a situação aí perto da fronteira tenha se estabilizado.
Desejo-lhe um bom inverno.*

Braydon

– Queridinha, eu acho que você está se envolvendo muito com seu trabalho – disse Afonso, sentado no sofá vitoriano que havia sido trazido para o castelo junto com outros móveis para os quartos. – Afinal, hoje é sexiiiiista-feira! – ele disse e riu. Sabia muito bem que ali isso não fazia a menor diferença.

– E você deve ser mais rápido que o Super Homem! Nunca vi passear tanto. Tem que me contar o segredo – ela respondeu, enquanto embalava mais um conjunto de livros de contabilidade e pensava como o conde era viciado em trabalho.

– Já fiz tudo que eu tinha que fazer hoje. Cruz credo! Estou lidando demais com mortos para o meu gosto. Você viu a quantidade de livros que chegou hoje? Eu vou morrer trabalhando. Até os ETs devem estar doando livros galácticos para cá!

Ela riu e o acompanhou na saída, foram conversando pelo corredor que agora já estava recebendo piso novo. Aos domingos eles podiam fazer o que quisessem, mas tinham tanto trabalho que geralmente davam uma passada em suas seções.

Luiza andou dormindo naquele sofá novo da biblioteca, não podia acender a lareira, mas não estava tão frio assim. À noite parecia que estava em casa. Podia vagar para todos os lados enrolada em seu edredom, metida em um pijama de flanela e calçando suas pantufas velhas. Sempre ia até a cozinha, o primeiro lugar do castelo a ser completamente reformado e modernizado, fazia chá ou chocolate quente e voltava para sua seção. Era como se aquele cômodo tivesse se tornado sua nova casa. Gostava muito mais dali do que daquele quarto sombrio lá no final da ala leste.

É estranho não ter pensado neste local antes. Passo grande parte de meu tempo aqui quando a situação está calma. E a visão também é bela e as janelas bem maiores. A propósito, lorde Regis fará uma visita. Imagino que trará sua filha mais nova. Só espero que não tenha sido uma sugestão do duque.

Em sua leitura, Luiza chegou a 1423, agora Jordan tinha vinte e nove anos e estava sofrendo grande pressão para se casar novamente. Mantinha-se um viúvo desde a morte de Tylda, não tinha herdeiros e os tempos eram incertos demais para deixar tal patrimônio e um nome tão importante sem continuação. O duque de Gloucester mal assumira como regente da Inglaterra e já sofria com os pais de damas casaduras apontando para todos os malditos nobres solteiros que não colaboravam. Então ele queria que o conde se casasse e tinha muitas indicações de esposas se ele demonstrasse algum interesse. O que mantinha Jordan livre, de certa forma, era a vantagem de viver tão longe de Londres e após ter enviuvado fazia de tudo para não por seus pés lá.

Seu povo também esperava que ele escolhesse logo uma jovem para dar continuidade à linhagem dos Warrington. Todos temiam que seu lorde morresse sem deixar ninguém. Era como se pressentissem que isso não seria bom. Mas também não queriam

vê-lo casando-se com uma mulher que o desgraçaria novamente. O povo tinha esperanças que dentre essas damas que queriam tanto casar-se com ele, alguma fosse boa o suficiente para acordar seu coração. Era como diziam os trovadores que visitavam o castelo espalhando ilusões para todo lado, o conde não poderia ser conquistado se nunca foi despertado para o amor.

Mas o que chamou atenção de Luiza foi o fato de ele estar escrevendo sobre a biblioteca onde ela estava agora. Sabia que naquela época não devia estar configurada como hoje, talvez nem houvesse aquele monte de prateleiras. Mas era o mesmo local.

Ela notou que a cada dia ele escrevia mais sobre tudo a sua volta e incluía detalhes sobre sua vida. Também guardava toda a correspondência e fazia mais contas, calculando absolutamente tudo sobre sua propriedade, talvez como um passatempo que no final estava deixando os seus cofres cada vez mais abarrotados. Jordan também mantinha correspondência constante com outros nobres, padres, estudiosos e comerciantes que não conhecia direito ou nunca sequer encontrou. Luiza sabia perfeitamente o que era isso, chamava-se solidão.

O castelo precisa de algumas restaurações, espero que haja tempo suficiente para terminar a nova torre antes do próximo inverno. Lorde Regis ainda se aproveita de minha estranha hospitalidade e lady Lavine é uma dama que aprecia muito travar conversas sem propósito. Toma-me tempo demais.

Luiza estava lendo cada pequeno pedaço como um livro que a cativava, com capítulos pelos quais esperava ansiosamente. Mas precisava voltar, ainda estava copiando as cartas de 1421. Aliás, estava muito adiantada naquela tarefa. Mas tinha caixas e mais caixas de documentos empilhados, esperando que ela parasse de acompanhar a vida de um homem que estava morto há mais de quinhentos anos.

Era sábado de tarde, havia deixado de lado aquela mesa cheia de histórias para arrumar pelo menos mais um século de arquivo. Só há poucos dias havia descoberto que não estava arquivando apenas

documentos sobre a família, aquela parte do museu continha documentos de outros castelos da região. Ela ignorava como eles haviam ido parar ali, afinal, houve briga judicial pela maior parte daqueles bens. Devia ter notado antes que era coisa demais para uma família só. Ou seja, era muito mais trabalho do que pensava. Eram arquivos e documentos que provavelmente muitos estudiosos e curiosos estavam ansiosos para que fossem disponibilizados, mas nem a culpa por ela estar os impedindo conseguia afastá-la da história de vida do conde.

Ela é parecida com Tylda em aspectos que ignorava antes. Atualmente é mais um detalhe de todos os defeitos que encontro em tudo e todos a minha volta. Mas creio ser realista o suficiente para admitir que na verdade o defeito está apenas em mim.

Meus campos ainda estão verdes e frutíferos e os ataques rareando. Não vejo fogo em minhas terras há semanas. Tenho podido permanecer tempo demais em meu castelo.

Espero que a solidão não me permita cometer o mesmo erro.

Uma semana se passou após a primeira reclamação sobre a língua solta de lady Lavine, mas Jordan continuava escrevendo sobre isso. A sensação de quem lia era de impotência, porque ele não podia cometer esse erro. Para falar a verdade, Fulton não lhe disse se o conde havia se casado novamente. Mas se ele não tinha herdeiros, Luiza concluiu que não. E nada naquele livro que ele lhe emprestara dizia que houvesse. A tal lady Lavine nunca foi citada relacionada a ele.

Luiza interpretou a última frase dele e sabia que ainda dizia respeito à mulher. Entendia como ele estava se sentindo só. Até o momento não fora tão explícito, mas a frequência da escrita, os detalhes pessoais e as cartas guardadas indicavam isso, estava exposto em cada palavra que ele escrevia com sua letra cursiva e forte. Luiza teve vontade de ir pegar o livro, talvez encontrasse Lavine na árvore de outra família. Mas não o fez, simplesmente voltou a digitar. Para o trabalho dela ainda era 1421. Mais tarde, ela foi novamente aos arquivos de 1423 para ler aqueles pedaços. Os

dias seguintes ainda estavam embalados e guardados nos armários com ambiente esterilizado e em temperatura ideal.

Para tentar aplacar um pouco da sensação de impotência e de quase dor pelo que ela sentia a cada vez que lia as palavras solitárias do conde, Luiza pegou a caneta que usava para anotações e escreveu uma resposta a ele em seu bloco. Era apenas algo que ela gostaria de ter escrito a ele, uma fantasia.

Meu estimado suserano,

Milorde deveria ir passear pelos tais campos verdes. Deixe a lady de lado e procure um cavalo para exercitar. Se os defeitos são assim tão aparentes, que dúvida ainda pode haver? Por aqui também não há fogo há semanas, aliás, se me permite dizer, não há nada. Nem frutas.

Simplesmente não cometa o mesmo erro.

L. C.

Luiza divertiu-se com sua resposta. Provavelmente se dissesse isso ao seu suserano correria grande risco de levar uma surra. Enfiou o papel na gaveta da mesa onde ela guardava seu material pessoal de trabalho, terminou de digitar mais um dia e foi dormir. Dessa vez, na cama.

– Minha nossa! Não cai uma tempestade como essa por aqui há anos! – disse Fulton, olhando pela janela.

O céu estava escuro como se já estivesse de noite e ainda era início da tarde, mal haviam acabado de almoçar.

– Odeio tempestades! Odeio tempestades! – dizia Afonso, antes de sair atrás da irmã e do Sr. Fulton.

Luiza estava de pé à frente da última janela da biblioteca, olhava para o lado de fora, o vento balançava tanto as árvores que parecia que iria derrubá-las. Às vezes uma rajada vinha tão forte contra a janela que ela a escutava balançar no lugar. Foi andando de volta

para sua mesa, tempestades na verdade não a abalavam muito. Ela passou pelas outras duas janelas, na última as gotas de chuva começaram a ser empurradas contra o vidro.

Mas apesar de todo aquele rebuliço, eram gotas leves que nem faziam barulho. As trovoadas roncavam altas e ao longe parecia que a chuva já estava caindo com toda força. Luiza viu o céu clarear e começou a contar os segundos até escutar o som do trovão. Se lembrava bem, podia multiplicar isso por trezentos e quarenta e três e descobrir a quantos metros o raio caiu. Porque a tempestade já estava em cima do castelo. Ela afastou tudo de metal, podia escutar Afonso gritando a cada trovoadada e não conseguia se concentrar com aquela ventania.

Parando a vários passos da janela do meio, Luiza olhou a situação do lado de fora, na verdade estava distraída. Sua visão era um borrão, como se tudo lá fora fosse apenas o verde das árvores, dançando para lá e para cá enquanto o vento as desafiava. Mas era estranho, pois pela visão que tinha da janela, não parecia chover. Ela piscou para clarear a vista e escutou o barulho, não parecia tão perto, só que sem nenhum aviso a descarga elétrica do raio caiu bem à frente da janela, causando um estrondo ensurdecedor.

Ao mesmo tempo outra rajada violenta de vento bateu contra o castelo com tanto furor que a janela do meio foi escancarada. O susto, o raio praticamente em cima da janela e a ventania que tomou conta da biblioteca em segundos, jogaram Luiza para trás. Ela perdeu o equilíbrio e caiu de costas, mas não perdeu a consciência. Levantou gritando e correu para a janela. O vento varreu a sua mesa, os papéis voavam para todos os lados e ela temia que voassem para fora.

Com aquele barulho e o grito que ela soltou ao cair, os outros entraram correndo. As portas haviam sido escancaradas e não havia mesmo como eles não notarem. Peggy e Marcel lançaram-se contra a janela assim como Luiza enquanto Betty, Afonso e mais os outros empregados que estavam presos no castelo, pulavam e se jogavam no chão para salvar as folhas.

Eles fecharam a janela e desceram o trinco, não sabiam como ele se soltara da pedra. Dois homens vieram correndo com vigas de

madeira exatamente da largura das janelas, elas estiveram ali antes que o castelo fosse reaberto. Prenderam nas três para garantir que não fossem abrir.

– Ah, meu Deus... Ah, meu Deus! – Luiza pegou as folhas, ainda estava com as luvas e tocava em todas com cuidado, temendo que houvessem se danificado irreversivelmente.

– O que foi que você fez? – Betty gritou completamente alterada ao ver tudo jogado pelo chão. O vento foi tão forte que várias caixas tombaram.

Luiza estava atordoada, o barulho do raio ainda zunia nos seus ouvidos e o susto mantinha seu coração completamente fora de compasso. Mas ela apenas catava tudo e levava para a mesa enquanto os olhos vasculhavam o cômodo. Marcel estava colado à janela, ignorando o perigo, tentava ver se havia alguma folha perdida do lado de fora, mas mesmo que houvesse, seria inútil. O vento já teria carregado e assim que eles trancaram a janela novamente, a chuva despencou com força, como uma represa rompendo as comportas que a prendiam indevidamente.

– Acho que está tudo aqui... – Luiza murmurou, sua garganta estava seca. Parecia estar engolindo uma massa arenosa e não saliva.

– Por que você abriu a janela? – Betty já havia gritado isso três vezes, mas Luiza só escutou agora.

– O que? Eu não abri nada! – ela respondeu, atordoada pela acusação inesperada.

– Sua garota idiota! Você sabe quanto vale tudo que tem aqui? Mais do que você conseguiria estipular em uma vida de contas! – Betty tornou a gritar.

– Eu não abri a janela! Eu não estou louca! – reagiu Luiza, tentando que sua voz soasse mais alto apesar da garganta não estar ajudando.

– Você é uma irresponsável! Nunca viu uma tempestade? Se algum dano foi causado você vai ter que arranjar um jeito de pagar! – Betty continuava a toda, com uma veia saltando perigosamente em sua testa.

– Pagar como, mulher? Nenhum dinheiro recupera nada que tem aqui. E pare de gritar – disse Marcel, num tom calmo demais para competir com os gritos de Betty.

– Cale a boca! – Betty gritou, surda ao que os outros diziam. – Eu sabia que não ia dar certo contratar esses moleques mal saídos da faculdade! Como é que você foi abrir essa janela, sua incompetente! Não basta ser lenta, também é louca! – Ela continuava, seus olhos cravados em Luiza, a veia em sua testa ficando mais assustadora e seu pescoço vermelho como o de um peru.

– Você que é louca! Está gritando como uma histérica! Eu não abri a droga da janela! – respondeu Luiza, começando a recuperar sua voz. Mas sua mente não conseguia sair dos papéis, não queria discutir com Betty, queria revisar tudo.

Betty gritou de raiva, completamente descontrolada.

– Você não tem ideia! Não tem ideia do que é tudo isso aqui! – ela gritava.

– Ela não pode ter aberto e você sabe disso – disse Marcel que ainda tentava bancar o calmo da situação.

Afonso cansou dos gritos histéricos, marchou em direção a Betty e deu dois tapas na cara dela, um para cada lado.

– Cala boca, mocréia. Você está histérica! – ele ficou olhando-a, esperando fazer efeito.

Betty arregalou os olhos e o susto dos tapas fez com que ela ficasse quieta. Respirou fundo e engoliu a saliva. Fitou Luiza que estava ainda mais atordoada por Afonso ter literalmente metido a mão na cara da própria chefe. Só que os outros agora estavam usando todo o seu autocontrole para não se dobrar de gargalhar.

– Eu não abri a janela – Luiza repetiu, mas falava com Marcel, como se precisasse se explicar a ele e não a Betty. – Eu estava longe... Caí de costas ali – apontou o lugar.

– Ah é? – perguntou Betty, agora estava falando em seu tom normal, ou seja, azedo. – Então como é que você me explica o fato de esse castelo ter enfrentado inúmeras tempestades e essa janela nunca ter aberto? Hein?

– Como você sabe que... – começou Luiza.

– Um dos fatos mais conhecidos da história desse castelo é que em 1419 um raio atingiu essa parede, bem em cima da janela. E inexplicavelmente ela nunca mais abriu! Até os vidros novos foram colocados com ela fechada, assim como a restauração da parede. Exatamente, para preservar a história. Então você chega e dá um jeito de desfazer séculos de história! Trate de descobrir se está tudo aí e me faça um relatório completo. Para hoje! – ela foi saindo, fingindo que não havia dado um ataque a frente de todos os empregados do castelo.

Luiza ficou olhando para o nada, só agora sentindo a dor de ter sido jogada no chão e enfim seu coração se recuperava do susto. Sentiu um toque leve em seu ombro.

– Eu sei que você não abriu... – disse Marcel, tentando confortá-la.

Um dos rapazes da manutenção foi até as portas e espiou, ele tornou a fechá-las e só então todo mundo ali dentro caiu na gargalhada, lembrando-se da cena de Afonso enfiando a mão com vontade na cara da general e a feição assustada que ela fez depois.

– Aquela mulher é desequilibrada. Ela quer te desmerecer, mas para ela achar que você conseguiu abrir uma janela que está fechada há séculos então é para acreditar que você é a mamãe natureza em pessoa. Me dá um autógrafo, baby? Sempre fui seu fã! – disse Afonso, revirando os olhos e contribuindo para a risadaria.

Depois de se recuperarem dos minutos de gargalhada, os outros foram saindo. Marcel foi checar as outras janelas junto com os rapazes da manutenção e Afonso foi jogar xadrez com a irmã. Luiza juntou tudo e tornou a separar como estava antes, sorte que na mesa havia apenas o lote que ela esteve trabalhando ontem e retomara hoje cedo. Ela sentiu até vontade de chorar, só por pensar que um dos valiosos escritos do conde pudesse estar perdido.

No meio das cartas, ela encontrou uma fora de ordem. Organizada como era, havia registrado no computador todos os dias desde o primeiro ao último ano que estava arquivando. Separou uma parte para o conde e marcava lá quantas cartas e anotações ele fizera por dia. Aquela estava sobrando.

Luiza olhou a data, podia estar trabalhando prioritariamente com o material escrito por Jordan, mas já checara outras caixas e sabia que tudo daquela data e feito por ele estava com ela. Então de onde saía aquela carta?

*Minha estimada lady,
Com todo respeito, não a conheço o suficiente para lhe enviar minhas anotações pessoais. Em todo caso, agradeço a preocupação. Se me disser de onde enviou esta missiva, posso mandar entregar-lhe algumas frutas como sinal de cortesia.
E eu não cometo o mesmo erro duas vezes.*

J. D. Warrington.

Luiza arregalou os olhos e sua respiração falhou, assim como seu coração. Era simplesmente impossível.

***Cartas do Passado** está disponível na Amazon, Kobo, iBooks e outras lojas online.*

Sobre a Autora

Lucy Vargas é uma jornalista e escritora que mora no Rio de Janeiro com a mãe e a cachorra mais louca do bairro. Sua paixão pela escrita começou aos 10 anos quando permitiram que assistisse novela e, insatisfeita com o andamento, ela resolveu reescrever o que viu. Desde então nunca mais parou e escreveu todo tipo de história que lhe agradasse. Os romances entraram em sua vida aos 13 anos e é até hoje seu gênero preferido.

Seu livro de estreia, Segunda Chance Para Amar, chegou aos mais vendidos da Amazon Brasil e da iBooks.

Cartas do Passado estreou na Amazon Brasil no Top 100 e como 2º romance mais vendido.

Conecte-se a autora para saber sobre seus outros livros, próximos lançamentos e sobre as continuações da série dos Warrington e dos Wards!

Onde encontrar a autora e saber novidades:

Site: www.lucyvargas.net

Fan Page: www.facebook.com/lucyvargasbr

Você também pode enviar um email para: lucy.vargas@outlook.com e ela ficará feliz em responder.

As versões impressas dos livros podem ser encontradas na Amazon.com ou através da loja no site da autora